Facebook Twitter Imprimir Mais...

pedagogia de projetos

Educomunicação e diversidade: integrando práticas

intervenção

produção midiática

experiência

processos educativos

empoderamento

TIC

educomunicação

organização
Claudemir Viana
Rosane Rosa
Sátira Machado

EDUCOMUNICAÇÃO E DIVERSIDADE :
integrando práticas

organização
Claudemir Edson Viana
Rosane Rosa
Sátira Pereira Machado

ABPEducom
São Paulo – SP

Coordenação editorial: Claudemir Edson Viana

Conselho editorial: Antônia Alves Pereira
Carmen Lúcia Melges Elias Gattás
Claudemir Edson Viana
Daniele Próspero
Débora Menezes
Filomena Maria Avelina Bomfim
Ismar de Oliveira Soares
Jurema Brasil Xavier
Maria Célia Giudicissi Rehder
Maria Salete Prado Soares
Marciel A. Consani
Paola Diniz Prandini
Richard Romancini
Rosane Rosa
Rose Mara Pinheiro
Sátira Pereira Machado
Vania Beatriz Vasconcelos de Oliveira
Wagner da Silveira Bezerra

Capa: Maurício Lavarda do Nascimento

Projeto Gráfico e Diagramação: Andrei R. Lopes; Raquel Scremin

© **Todos os direitos reservados.** A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei9. 610/98).

E37 EEducomunicação e diversidade [recurso eletrônico] : integrando práticas / organização Claudemir Edson Viana, Rosane Rosa, Sátira Pereira Machado. – São Paulo, SP : ABPEducon, 2016.
1 e-book

ISBN 978-85-68365-03-8

1. Educomunicação 2. Sociologia da comunicação 3. Educação 4. Ensino 5. Alfabetização midiática I. Viana, Claudemir Edson II. Rosa, Rosane III. Machado, Sátira Pereira IV. Encontro Brasileiro de Educomunicação (6. : 2015 : Porto Alegre, RS) V. Educom Sul (3. : 2015 : Porto Alegre, RS)

CDU: 316.77:37

Ficha catalográfica elaborada por Maristela Eckhardt CRB-10/737

Sumário

8 Prefácio
Educomunicação e diversidade: integrando práticas
Claudemir Edson Viana

21 Educomunicação nos processos educativos
Claudemir Edson Viana

PARTE I
EDUCOMUNICAÇÃO E DIVERSIDADE
NOS PROCESSOS EDUCATIVOS DO ENSINO BÁSICO

36 Escolas das Águas no Pantanal: uma experiência de valorização da diversidade cultural e ambiental por meio da educomunicação
Patrícia Honorato Zerlotti

50 A Educomunicação na perspectiva do ensino híbrido: um relato de experimentação e inovação na sala de aula
Bárbara Endo, Valdenice Minatel de Cerqueira, Verônica Martins Cannatá

64 O jornal escolar para a criação de espaços para o protagonismo juvenil na Escola Estadual Victor Geraldo Simonsen – um relato da experiência do Legado Jovem
Felipe Schadt

72 IV Festival de Cinema da E.E.M. Santa Catarina
Marcélia De Ávilla, Ione Brandalise Biazus, Maria Valesia Silva da Silva

Sumário

81 Metodologias educomunicativas no projeto Digo Não ao Álcool, Sim, Senhor!
Maribel da Costa Dal Bem

97 O mundo editado: Um relato de experiência sobre exercícios de ver e de produção midiática
Juliana Pádua Silva Medeiros

107 Cinema na grade curricular: Uma experiência educomunicativa dentro da pedagogia Freinet
Saulo de Sousa Silva

115 Rádio Escola CETN: Uma ferramenta pedagógica e interdisciplinar de aprendizagem midiática
Janaína da Silva Marinho

126 Projeto de mídias escolares: Rádio Morro da Cruz, cruzando linguagens
Jossiane Boyen Bitencourt

132 A educomunicação nas escolas salesianas do Brasil: A experiência da Semana da Cidadania em Rio do Sul, Santa Catarina
Márcia Koffermann

141 A escola contemporânea e o diálogo com a geração Z: Estudo de caso de educomunicação no Ensino Médio do Colégio Israelita Brasileiro
Fernando Zatz, André Rodrigues Iribure

Sumário

PARTE II
EDUCOMUNICAÇÃO E DIVERSIDADE NOS PROCESSOS EDUCATIVOS DO ENSINO SUPERIOR E TÉCNICO

169 Campanhas educativas no rádio: as vivências de uma oficina educomunicativa no sertão cearense
Roberta Cavalcante de França, Ítalo de Oliveira Santos, Marco Leonel Fukuda, Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante, Cátia Luzia Oliveira da Silva

180 Experiências de Intervenção Educomunicativa em Pesquisa com o "Caça aos Tesouros do NCE" na Licenciatura em Educomunicação
Carlos Alberto Maffei Filho, Claudemir E. Viana

193 HQ em Sala de Aula
Luiz Miguel Lisboa Machado

197 Educomunicação como metodologia para resgate da memória
Marcelo Mauricio Miranda

211 Plataformas de educação virtual: dois diferentes contextos
Arlete dos Santos Petry, Vanice dos Santos

222 Educomunicação e filosofia: uma experiência de jornal mural temático como prática educomunicativa na formação inicial de professores
Maria José Netto Andrade

Sumário

236 Heróis e educadores: duas oficinas educomunicativas desconstruindo estereótipos
Marciel Consani, Natália Sierpinski

248 O Uso da tecnologia midiátical (blog) em curso de administração em uma Instituição de Ensino Superior em Guarulhos
Robson Soares Costa

258 Processos editoriais na escola
Maura da Costa e Silva, Raquel Scremin, Rosane Rosa

PARTE III
EDUCOMUNICAÇÃO E DIVERSIDADE NOS PROCESSOS EDUCATIVOS EM COMUNIDADES

277 A voz da e na periferia: as experiências do Blog Mural e do Nós, Mulheres da Periferia
Regiany Silva de Freitas, Vagner de Alencar Silva

283 Do cotidiano à redação: o processo educomunicativo na produção de pautas da Revista Se Liga
Antônia Alves, Eveline Teixeira Baptistella

291 Um clique, dois cliques, três cliques: o uso de telefones celulares como proposta educomunicativa com jovens de comunidade popular
Rômulo Tondo

Prefácio

Educomunicação e diversidade: integrando práticas

Claudemir Edson Viana

Depois de um ano da realização do VI Educom e III EducomSul, a ABPEducom disponibiliza novos produtos, desdobramentos daquela importante ação, com o evento realizado nas dependências da PUC/RS, Porto Alegre, de 10 a 12 de junho de 2015. Trata-se de quatro obras organizadas em forma de e-books que trazem arranjos temáticos a partir dos trabalhos apresentados durante o evento, por meio dos trabalhos inscritos.

É o caso deste e-book que traz o eixo temático do referido evento – Educomunicação e Diversidade, agrupando trabalhos que trazem relatos de experiências, e pretende integrar práticas e experiências que se deram nas áreas da comunicação, educação, da educomunicação, mídiaeducação, educação midiática e informacional, dentre outras. A diversidade de abordagens e situações em processos e contextos educativos diferentes é a ideia norte, organizadora do tratamento dado aos textos que integram esta publicação, desde o início da definição editorial das edições de 2016, o qual este e.book integra. A Coleção é integrada inicialmente com 5 publicações, descritas a seguir, e pretende continuar com mais outras publicações ao longo do tempo, e decorrente das ações promovidas pela ABPEducom e parceiros.

- Educomunicação e diversidade: tecendo saberes
- Educomunicação e diversidade: múltiplas abordagens
- Educomunicação e diversidade: integrando práticas
- Educomunicação e Alfabetização Midiática: saberes e práticas
- Educomunicação e qualidade de vida (próximo lançamento)

Sendo assim, a este e-book atribuiu-se o objetivo de apresentar experiências práticas vivenciadas em diferentes situações e contextos de educação/comunicação. Após cuidadoso trabalho de seleção, avaliação e revisão, realizado pela Comissão Editorial e com a colaboração dos conselheiros da ABPEducom e meses de tempo, chegou-se a um total de 23 trabalhos que compõem os capítulos desta publicação.

Considerando alguns aspectos para estabelecer critérios a fim de se encontrar possíveis caminhos e tipos de organização dos artigos e perante a diversidade e riqueza de experiências vividas e relatadas neles, optou-se por um critério inicial

bastante básico. A de separar em grupos conforme nível/contexto de educação, como segue:

- » Educomunicação e Diversidade nos processos educativos do Ensino Básico (Parte I)
- » Educomunicação e Diversidade nos processos educativos do Ensino Superior (Parte II)
- » Educomunicação e Diversidade nos processos de educação em comunidades (Parte III)

A razão desta classificação para a divisão e agrupamento dos trabalhos está mais detalhadamente apresentado no artigo que antecede as partes, de autoria do professor Claudemir Edson Viana, intitulado **Educomunicação nos processos educativos**, onde apresenta algumas outras classificações utilizadas para identificar tipos de educação mais comuns, e justifica a utilizada nesta obra.

PARTE I - EDUCOMUNICAÇÃO E DIVERSIDADE NOS PROCESSOS EDUCATIVOS DO ENSINO BÁSICO

A primeira parte da publicação conta com onze artigos que tem em comum o fato de estarem envolvidos com a Educação Básica, sendo na maioria em escolas públicas, mas há também experiências interessantes em instituições do ensino privado. A leitura de todos os capítulos desta parte desvendará diversidades também no que se refere às possíveis relações entre educomunicação e a temática da diversidade, e representada nesta parte da obra pela multiplicidade de situações e processos educativos vivenciados, como se segue:

No primeiro capítulo, Patrícia H. Zerlotti apresenta sua experiência intitulada **Escolas das Águas no Pantanal: uma experiência de valorização da diversidade cultural e ambiental por meio da educomunicação**. Nesse trabalho proponho refletir sobre uma experiência de educomunicação realizada com um grupo de professores e alunos de pequenas Extensões Escolares da área rural do município de Corumbá, Mato Grosso do Sul. Por meio da utilização de ferramentas da comunicação buscou-se trabalhar as questões ambientais e culturais das comunidades ribeirinhas do Pantanal com objetivo de oferecer novas práticas de ensino-aprendizagem para os professores e valorizar os conhecimentos e a

cultura dos alunos. As atividades de comunicação realizadas demonstraram que é possível desenvolver ações de educomunicação nas "Escolas das Águas", pois mesmo com poucos recursos tecnológicos alunos e professores participaram e se dedicaram para que todas as propostas fossem executadas.

Em seguida, apresentamos o capítulo **A educomunicação na perspectiva do ensino híbrido: Um relato de experimentação e inovação na sala de aula**, de Bárbara Endo, Valdenice Minatel de Cerqueira e Verônica Martins Cannatá. O relato narra a trajetória de uma oficina extracurricular de educomunicação para alunos do Fundamental I e II (5º e 6º ano) em uma escola particular da cidade de São Paulo. Tal iniciativa preconiza a produção de conteúdos por parte dos alunos para diferentes mídias (digital e impressa), além de promover uma discussão sobre uso e possibilidades dos ambientes digitais e sobre as inovações metodológicas na sala de aula. O contexto da oficina, neste relato, traz subjacente a ideia de ser a escola não só aquela que ensina como também aquela que aprende a partir do momento em que se coloca como um espaço legítimo, no qual diferentes saberes (de alunos e professores) se interconectam e reconfiguram o currículo prescrito em um currículo vivido, necessário não apenas para uma escola melhor, mas também para uma vida melhor. A experimentação aqui relatada se deu a partir dos desafios propostos pelo Grupo de Experimentações em Modelos de Ensino Híbrido da Fundação Lemann e Instituto Península.

O Jornal Escolar para a criação de Espaços para o Protagonismo Juvenil na Escola Estadual Victor Geraldo Simonsen – um relato da experiência do Legado Jovem, de Felipe Schadt vem na sequencia dos capítulos para relatar a experiência realizada na Escola Estadual Victor Geraldo Simonsen – Campo Limpo Paulista, interior de São Paulo – através do jornal escolar Legado Jovem, como um projeto educomunicativo capaz de criar um espaço que favoreça o surgimento de jovens protagonistas. Utilizando-se da mesma metodologia aplicada no, também educomunicativo, O Jornaleiro, que tem como base o diálogo e a construção coletiva do conhecimento, o Legado Jovem foi criado durante o processo de pesquisa que durou 15 encontros e resultou em uma monografia para a conclusão do curso de especialização em educomunicação pela ECA-USP.

Despois desse, temos o capítulo **IV Festival de Cinema da E.E.M. Santa Catarina**, de Marcélia De Ávilla, Ione Brandalise Biazus e Maria Valesia Silva da Silva que apresenta um relato de experiência sobre o projeto, denominado "Estrelas do Santa", que teve sua primeira edição em 2011 e é desenvolvido com alunos das turmas de primeiro e segundos anos do Ensino Médio Politécnico da Escola Estadual Santa Catarina de Caxias do Sul – RS. Realiza-se, então, o relato da IV edição com as etapas desenvolvidas, bem como os resultados alcançados. O objetivo principal do projeto é proporcionar aos alunos uma experiência de transformar tópicos importantes para reflexão e construção de cidadania, em produção cinematográfica de curtas metragens e documentários. Participaram do projeto mais de 700 alunos, que envolveram todas as instâncias da Comunidade Escolar estiveram a oportunidade de desenvolver pesquisa investigatória sobre "As relações de Poder" pela perspectiva de Foucault, produzir audiovisuais e vivenciar a expectativa de um festival com premiações e destaques.

O capítulo seguinte é intitulado **Metodologias Educomunicativas no Projeto Digo Não ao Álcool, Sim, Senhor!**, de autoria de Maribel da Costa Dal Bem. Este trabalho apresenta um projeto que está sendo desenvolvido desde 2014, na Escola Estadual de Ensino Médio Cilon Rosa – Santa Maria/RS, com jovens entre 13 a 17 anos que são educandos do 1º ano do Ensino Médio. A escola possui relevante papel social, logo deve trabalhar temas que estão associados ao dia a dia dos educandos. É de suma importância que ela não se cale diante do que vê e ouve, mas ofereça formas de diálogo para contribuir na formação de mentes sadias e pensantes.

O mundo editado: Um relato de experiência sobre exercícios de ver e de produção midiática, de Juliana Pádua Silva Medeiros, apresenta-nos análise na perspectiva da educação midiática e informacional, este relato de experiência busca discorrer sobre um projeto de investigação que está em andamento e cuja proposta é promover a leitura crítica dos meios de comunicação e a produção de bens midiáticos, pois, cada vez mais, o papel da escola é compreendê-los para além do universo da informação e da produção de conhecimento, uma vez que eles passam também pelas relações interpessoais, como destaca Jesús Martín-Barbero.

Na sequencia, apresentamos o capítulo **Cinema na Grade Curricular: Uma experiência educomunicativa dentro da Pedagogia Freinet**, de Saulo de Sousa

Silva, baseado em Cèlestin Freinet, e apresenta experiência com educação e comunicação, além de trabalhar a alfabetização midiática realizadas no Colégio Santa Felicidade da cidade de Jundiaí – SP. Este colégio utiliza esta pedagogia Freinetiana como base de seu modelo educacional há quase uma década. Recentemente reformulou o Ensino Médio colocando dentro de sua grade curricular o ensino do cinema e audiovisual como parte da disciplina de artes. Neste modelo, os alunos têm a autonomia para decidirem se desejam cursar as artes ou o reforço para o vestibular. Com a prática da leitura, produção de filmes e conteúdo audiovisual, acompanhamos um fortalecimento do ecossistema comunicativo do espaço e um aumento no poder de reflexão por parte dos educandos.

No capítulo **Rádio Escola CETN: uma ferramenta pedagógica e interdisciplinar de aprendizagem Midiática** de Janaína da Silva Marinho, temos oportunidade de conhecer uma experiência de como o rádio na escola pode integrar práticas pedagógicas e democráticas, que possibilitam ampliar a comunicação entre os agentes da comunidade escolar, além de concretizar o processo de ensino-aprendizagem, por meio de diferentes estratégias comunicativas. Neste relato, apresenta-se o desenvolvimento de uma experiência de prática educomunicativa vivenciada no Colégio Estadual Tancredo Neves (Santa Maria/RS), através do desenvolvimento do projeto Rádio Escola, o qual tem possibilitado à comunidade escolar atuar no processo de criação de uma prática pedagógica de apoio tanto à aprendizagem quanto à construção da cidadania por parte dos sujeitos envolvidos no espaço escolar, a partir de suas próprias experiências e práticas sociais.

Outro capítulo deste e-book é **Projeto de Midias Escolares: Rádios Morro da Cruz, Cruzando Linguagens**, de Jossiane Boyen Bitencourt, busca divulgar o trabalho de Educomunicação desenvolvido na EMEF Morro da Cruz. O projeto com as mídias escolares iniciou-se no ano de 2013 com cobertura de eventos como a Feira do Livro com as turmas do 6º ano em parceria com o professor Fabrício Costa. Em 2014, a pedido desses próprios alunos que queriam conhecer mais sobre as diferentes mídias e produzir material iniciaram encontros semanais, extraclasse, um turno por semana. Agora em 2015, o projeto foi contemplado com 10 horas dentro do Programa Cidade Escola e ampliando o número de alunos participantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Nos encontros os alunos aprendem a trabalhar com diferentes linguagens de comunicação (escrita e visual) e com

equipamentos midiáticos (computador, câmera, celular, gravador...) buscando consolidar a comunicação.

A educomunicação nas escolas salesianas do Brasil: A experiência da Semana da Cidadania em Rio do Sul, Santa Catarina, capítulo de Márcia Koffermann, apresenta a experiência que vem sendo vivenciada pelas Escolas Salesianas do Brasil, em especial das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA), que possuem em suas Linhas Orientadoras a prática da Educomunicação. Para ilustrar de forma concreta como este trabalho vem sendo realizado, optou-se por apresentar a experiência da Semana da Cidadania que acontece numa escola salesiana de Rio do Sul-SC. A partir desta experiência, é tecida uma breve reflexão entre Educomunicação, Cidadania e Sistema Preventivo, três elementos de suma importância para o sucesso da Educação Salesiana. O texto procura salientar a evolução desta prática desde o 2011, quando foi implantada, e como, aos poucos, foi sendo aprimorada, tornando-se cada vez mais participativa e voltado para o desenvolvimento do protagonismo juvenil.

E finalizando esta primeira parte desta obra, temos o capítulo **A escola contemporânea e o diálogo com a geração Z**, de Fernando Zatz, traz um Estudo de Caso de educomunicação no Ensino Médio do Colégio Israelita Brasileiro. Este texto parte da inter-relação entre as áreas científicas da Educação e da Comunicação para identificar alternativas que tornem o ambiente escolar e os processos de ensino-aprendizagem mais relevantes às expectativas do jovem contemporâneo. Para contextualizar a educação de Ensino Médio foram investigadas as novas formas de se relacionar com o conhecimento a partir da Cibercultura e sob a perspectiva da Geração Z, que representa o atual corpo discente. Tal investigação teórica foi confrontada com um estudo de caso no Colégio Israelita Brasileiro, o qual visa organizar e analisar as práticas educativas em um Ecossistema Comunicativo. Assim, foi possível reconhecer desafios para promover processos de ensino-aprendizagem vinculados ao diálogo com a Geração Z, entre os quais se destacam: investir nos espaços transdisciplinares; estimular à docência orientadora e incluir as tecnologias de forma estratégica.

PARTE II - EDUCOMUNICAÇÃO E DIVERSIDADE NOS PROCESSOS EDUCATIVOS DO ENSINO SUPERIOR

No primeiro capítulo, **Campanhas educativas no rádio: as vivências de uma oficina educomunicativa no sertão cearense**, de Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante e Cátia Luzia Oliveira da Silva, Ítalo de Oliveira Santos, Marco Leonel Fukuda e Roberta Cavalcante de França versa sobre a oficina "Campanhas Educativas no Rádio", ministrada durante uma aula-passeio por alunos da Universidade Federal do Ceará. A atividade fez parte da disciplina de Educomunicação, ofertada no Bacharelado em Sistemas e Mídias Digitais. Outras oficinas também foram ministradas pela turma. As formações aconteceram em dois dias, na cidade de Nova Olinda-Ce, com crianças e adolescentes da Fundação Casa Grande - Memorial Homem Kariri. A oficina de Campanhas Educativas teve o objetivo de estimular a produção de spots originais, a partir de demandas locais da comunidade. Além disso, foi possível observar uma rica troca de experiências entre estudantes da UFC e as crianças produtoras e apresentadoras de rádio. O grupo produziu duas campanhas, uma sobre o desperdício de água e outra sobre a visitação ao museu do Ciclo do Couro, aberto na cidade recentemente.

O capítulo seguinte, **Experiências de Intervenção Educomunicativa em Pesquisa com o "Caça aos Tesouros do NCE" na Licenciatura em Educomunicação**, os autores Carlos Alberto Maffei Filho e Claudemir Edson Viana apresentam de maneira objetiva e concisa alguns aspectos e resultados do projeto de Iniciação Cientifica PIBIC/CNPQ Readequar, Disponibilizar e Ampliar o acervo do Núcleo de Comunicação e Educação – NACE- NCE ECA/USP, e com o apoio da Licenciatura em Educomunicação, desenvolvido durante 12 meses entre 2014 e 2015 junto ao Departamento de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, e que teve como objetivo principal contribuir para a organização do rico trabalho acadêmico na interface Comunicação e Educação desenvolvido por este núcleo há cerca de 20 anos, fomentando o ganho epistemológico para a Educomunicação. O projeto foi desenvolvido como intervenção educomunicativa em pesquisas e comunicação sobre o acervo disponível do NCE/USP, de modo a articular a atuação protagonista dos estudantes da Licenciatura em Educomunicação, seja no espaço do NCE, seja nas redes sociais, ou seja, como temas e conteúdos tratados de forma sistemática na disciplina de Atividades Acadêmicas, Científicas e Culturais do referido curso.

E a sua execução foi realizada em forma de Jogo organizado na atividade "Caça aos Tesouros do NCE", que permitiu aos participantes a vivência de selecionar exemplares do acervo, conhece-lo e comunicar a respeito através da publicação de post na rede social do Facebook, em grupo fechado da disciplina, e em seguida, no perfil do NCE na mesma rede, o que garantiu maior visibilidade na web a respeito do acervo do NCE e do conhecimento sobre a história do campo de conhecimento da comunicação/educação, um dos bons resultados da intervenção promovida pela referida Pesquisa de Iniciação Científica.

Na sequencia, temos o capítulo **HQ em Sala de Aula**, de Luiz Miguel Lisboa Machado. Este relato de experiência refere-se às observações realizadas na disciplina EDU03051 e na Oficina HQs em Sala de Aula lecionadas para diversas licenciaturas no período de 2014/2 e 2015/1 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Além de analisar as contribuições que as histórias em quadrinhos podem oferecer para o aprendizado e/ou desenvolvimento de habilidades em sala de aula em diversas disciplinas. Este trabalho leva em consideração as ideias de Piaget sobre o lúdico não sendo apenas uma forma de desafogo e entretenimento, mas um meio que contribui e enriquece o desenvolvimento intelectual possibilitando a aprendizagem de várias habilidades. Além de que o uso lúdico da linguagem corresponde à função poética de Jakobson, em que o emissor constrói seu texto de maneira especial, realizando um trabalho de seleção e combinação de palavras, de ideias e imagens, de sons e ritmos.

Educomunicação como metodologia para resgate da memória, de Marcelo Mauricio Miranda, é o próximo capítulo que traz um relato de experiência que visa apresentar como a educomunicação foi utilizada na disciplina de Comunicação, Cultura e Educação, do curso de pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Barbacena, no segundo semestre de 2014, bem como seus resultados, no que tange ao trabalho sobre Heleno de Freitas, ex-jogador de futebol da década de 1940, que morreu num hospital psiquiátrico de Barbacena, em decorrência da sífilis, em 1959. O objetivo da atividade era criar registro, via documentário. Entretanto, superando o problema que era a ausência de registros bibliográficos sobre Heleno, as alunas realizaram pesquisas de campo e registros em vídeo de depoimentos de pessoas próximas

ao jogador. Consequentemente, foram criando o que Soares (2000) denomina como ecossistemas comunicativos em ambientes educativos.

O capítulo seguinte é o **Plataformas de Educação Virtual: Dois Diferentes Contextos**, de Arlete dos Santos Petry e Vanice dos Santos, é um relato de experiência que aborda duas situações de utilização de plataformas virtuais de aprendizagem. Embora essas tenham ocorrido em diferentes contextos – uma em um curso de graduação no formato EAD; outra em um curso lato sensu no formato presencial –, e experienciando não as mesmas plataformas – uma o Rooda; outra o Edmodo –, quando da realização da análise dos resultados de ambas as ações, algumas conclusões se repetiram. Dada a abordagem educomunicativa nas ações empreendidas, chamamos a atenção tanto para a importância das interfaces das plataformas, quanto da interação de colaboração e dialógica entre os sujeitos participantes.

O capítulo **Educomunicação e Filosofia: uma experiência de jornal mural temático como prática educomunicativa na formação inicial de professores**, de Maria José Netto Andrade, que apresenta uma experiência educomunicativa protagonizada por estudantes de Filosofia da UFSJ, participantes do PIBID, no que se refere à construção coletiva de um jornal mural temático. A capacidade mediadora da Educomunicação sintoniza-se com a prática da Filosofia na escola, pois facilita o diálogo com a realidade do estudante de modo a sensibilizá-lo para debates críticos e argumentativos sobre temas e problemas filosóficos. Os estudos sobre Educomunicação e as práticas educomunicativas muito têm contribuído para a formação inicial dos pibidianos enquanto professores em formação. Os estudos e práticas realizadas no espaço da Universidade, entre pibidianos e bolsistas de extensão do Curso de Jornalismo, oportunizaram uma experiência coletiva de produção de um jornal mural temático como modelo a ser estendido aos estudantes do Ensino Médio. O suporte teórico utilizado inclui publicações de Ismar de Oliveira Soares e de pesquisadores do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes (USP), dentre outros.

Na sequencia, temos o capítulo **Heróis e educadores: duas oficinas educomunicativas desconstruindo estereótipos**, de Marciel Consani e Natalia Rosa Muniz Sierpinski, que se ocupa de duas oficinas vivenciais desenvolvidas

nos anos de 2013 e 2014, as quais tiveram por objeto a linguagem das Histórias em Quadrinhos (HQs) na formação docente. Ambas as oficinas, amparadas pelos pressupostos da Educomunicação trouxeram reflexões muito pertinentes, nos aspectos didáticos – condução das dinâmicas, abordagem provocadora, discussão aberta das produções – e pedagógicos – construção midiática da representação e leitura crítica da "grande mídia". Por meio do nosso relato e das discussões a ele agregadas, visamos apontar possibilidades práticas de inserção das práticas educomunicativas no cotidiano da formação docente em diversos contextos.

O capítulo intitulado **O Uso da Tecnologia Midiátical (blog) em Curso de Administração em uma Instituição de Ensino Superior em Guarulhos**, de autoria de Robson Soares Costa. O artigo é um relato descritivo inicial e analítico de experiência que está sendo desenvolvido em sala de aula com a utilização de uma tecnologia midiática, Blog, em algumas disciplinas de curso de Graduação em Administração em uma IES em Guarulhos. Atualmente, esse estudo está no segundo semestre da instituição, no qual nesta fase validado através de desenvolvimento de pesquisa, analises e aprimoramento no processos de aprendizagem através de aprendizagem com auxilio da mídia.

E, encerrando a parte II da publicação, apresentamos o capítulo **Processos Editoriais na Escola**, das autoras Maura da Costa e Silva, Raquel Scremin e Rosane Rosa. O artigo apresenta o projeto Processos Editoriais na Escola foi desenvolvido na disciplina de Projeto Experimental de Produção Editorial em Educação, no curso de Comunicação Social – Produção Editorial, da Universidade Federal de Santa Maria, sob a orientação da Prof. Dr. ª Rosane Rosa, durante o segundo semestre de 2014. O projeto foi desenvolvido na Escola Estadual de Educação Básica Augusto Ruschi e contou com a participação dos alunos do sétimo e oitavo ano do ensino fundamental através de oficinas sobre os processos editoriais que perpassam os livros, com ênfase na produção de livros artesanais. A partir dessas oficinas ministradas no ambiente escolar, foi possível criar e experimentar conteúdos para o produto de difusão desse processo: o Kit para o Professor, sendo ele, um Recurso Educacional Aberto (REA) com duas versões, a online e a offline.

PARTE III EDUCOMUNICAÇÃO E DIVERSIDADE NOS PROCESSOS DE EDUCAÇÃO EM COMUNIDADES.

A parte III da publicação é bem menor no número de capítulos, mas é também bastante interessante e ainda mais importante por trazer experiências em processos educativos e comunicativos em comunidades de pessoas, movidas por interesses e condições comuns e, por isso, representando um viés das práticas educomunicativas diferente das experiências apresentadas nas partes anteriores. Com espírito de educação popular, força de comunicação alternativa, e espírito de luta por direitas e melhores condições de vida, as experiências relatadas nesta parte são constituídas pelos seguintes artigos.

O primeiro é intitulado **A voz da e na periferia: as experiências do Blog Mural e do Nós, Mulheres da Periferia**, Regiany Silva de Freitas e Vagner de Alencar Silva, Este relato de experiência busca retratar as experiências realizadas pelo Blog Mural e pelo coletivo Nós, Mulheres da Periferia na cidade de São Paulo e municípios vizinhos. O objetivo é mostrar como estas iniciativas estão contribuindo para a representação da periferia e da questão de gênero em contrapartida ao noticiário dos principais veículos que comunicação. Destacamos como a realidade das periferias e das mulheres ainda são marcadas pela veiculação de notícias carregadas de estereótipos de classe, raça, gênero, reforçando preconceitos e representações distorcidas. E ora, suas histórias não são sequer contadas.

O outro artigo é **Do cotidiano à redação: o processo educomunicativo na produção de pautas da Revista Se Liga**, de Eveline Teixeira Baptistella e Antônia Alves. Este relato apresenta a experiência de produção das pautas da "Revista Se Liga", um projeto de extensão da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) com a participação de professores e alunos dos cursos de Jornalismo, Letras e Computação do campus de Alto Araguaia (MT). O objetivo deste trabalho é mostrar o resultado do processo de produção de pauta a partir de um encontro de saberes: a visão dos adolescentes participantes do projeto e os conceitos de jornalismo aplicados à criação de pautas, ambos respaldados pela proposta participativa da educomunicação.

E encerrando esta parte III e o e-book temos o capítulo **Um clique, dois cliques, três cliques: o uso de telefones celulares como proposta educomunicativa com**

jovens de comunidade popular, de Rômulo Tondo. No artigo, o autor relata sobre o uso da tecnologia no ambiente escolar que vem ganhando espaço em diferentes propostas educativas no Brasil e no Mundo. Em uma perspectiva educomunicativa o telefone celular ganha caráter de aproximação entre o investigador e os educandos. Este texto tem como objetivo apresentar a construção da experiência de aproximação do campo etnográfico da pesquisa de mestrado, em fase de desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Para imersão no campo o investigador propôs uma oficina de caráter educomunicativo com os jovens moradores do Bairro Jardim Aurora, zona oeste de Santa Maria. A oficina foi conduzida em dois momentos principais: (des)construção da mídia e a captação de imagens com a utilização do telefone celular.

A leitura dos capítulos, que pode ser feita em ordem aleatória ou não, com certeza trará o acesso a um universo diversificado de experiências e aplicações da educomunicação em processos educativos também diversos e múltiplos, que podem se dar simultaneamente, e que possuem mútuas implicações a depender de cada situação e contexto. Com certeza, a leitura deste e.book ampliará o acervo de ideias e práticas que o leitor terá em mãos para usufruir no planejamento e execução de suas novas experiências.

E, antes de encerrar, é ainda importante deixar registrado que para a educomunicação, a separação entre prática e reflexão é meramente outro artifício aplicado ao conhecimento, pois a reflexão sobre a prática é essencial no paradigma da educomunicação e estiveram presentes nos artigos que integram esta publicação e, decorrente disso, das respectivas experiências apresentadas nos artigos. Boa leitura.

Claudemir Edson Viana
Setembro 2016

Educomunicação nos processos educativos

Claudemir Edson Viana

"Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua própria,
produção ou a sua construção"

Paulo Freire

1. INTRODUÇÃO

Iniciamos uma reflexão sobre relações entre Educomunicação e processos educativos com Paulo Freire exatamente para buscar a diversidade de abordagens sobre tais relações, como é preciso fazer, por exemplo, com a ideia de ensinar, como destaca nosso caro pensador brasileiro. A diversidade e a Educomunicação são ideias convergentes, Inter referenciadas, e assim precisa ser nossa perspectiva quando pensamos em processos educativos.

Este artigo pretende apresentar uma organização das reflexões a este respeito a partir de referenciais teórico-metodológicos acumulados pela epistemologia da Educomunicação, e a partir especialmente do conjunto de artigos científicos que integram esta publicação, oriundos do VI Educom e III EducomSul, evento ocorrido na PUC/RS na cidade de Porto Alegre em junho de 2015, com o tema central **Diversidade e Educomunicação, tecendo saberes integrando práticas**.

O evento em si já fora a concretização de inúmeras articulações entre pesquisadores, professores, estudantes, instituições e organizações da sociedade civil, sistemas de ensino local e regional, em especial com um grupo de jovens do Ensino Médio participando de atividades do evento, e tudo isso representou naquela prática a diversidade em si como riqueza maior de possibilidades a serem oferecidas aos participantes, aos sujeitos do evento, sendo assim processos educativos diferenciados, plurais, com multiplicidades de experiências nas abordagens sobre Diversidade e Educomunicação.

O VI Educom e o III EducomSul puderam contar com 450 inscritos (estimados 600 participantes) para atividades durante três dias. O tema do encontro atraiu muitos trabalhos dos quais 167 foram selecionados para apresentação. Depois do evento, os trabalhos passaram por um tratamento mais profundo com pareceres dos conselheiros da ABPEducom, pesquisadores do NCE/USP, e de um Conselho Editorial, o que demandou muitos meses. Desse trabalho colaborativo surgiu o projeto de edição para criação da coleção de e.books sobre Educomunicação

e Diversidade, a partir de artigos oriundos desse evento em sua maioria, constituindo-se em mais desdobramentos das ações da associação em novas produções que permitirão a memória das atividades, a reunião de fontes bastante qualificadas sobre temas e subtemas tratados em cada e.book da coleção, que pretende futuras publicações.

Foi neste espírito de trabalho que apresentamos nesta publicação um dos desdobramentos dos múltiplos processos, das experiências e diversidade de conhecimentos envolvidos, trocados e construídos por cada um dos autores de capítulos desta publicação, pelos contextos de participação e trocas que se deram no evento e que atraiu importantes saberes, e agora, torna-se realidade a extensão daquele ambiente social do evento com a sistematização e disponibilidade de parte daquele caldo cultural promovido naquela oportunidade, e representa um pequeno mosaico da qualidade e diversidade das práticas educativas para, com e sobre a cultura midiática em que estamos imersos. Assim, acredita-se que as experiências relatadas nesta publicação podem fomentar aplicações e replicações infinitas por outros em diversas situações de ensino, no espírito também do que nos fala Paulo Freire.

2. DIVERSIDADE DE PROCESSOS EDUCATIVOS

Norteados pela ideia sobre diversidade que sistematizou as oportunidades de aprendizagens promovidas pelo VI Educom e III EducomSul, somos desafiados a retomar a perspectiva de diversidade também na educação, tão acostumada a se guiar pelo padrão estabelecido, por sistemas e métodos já bastante definidos e controlados por inúmeras formas e instrumentos. Estamos, pelo menos no Brasil de 2016, ainda lutando muito, e engatinhando nisso, em termos de sociedade e de profissionais da educação, para garantir recentes avanços com políticas públicas assertivas, de inclusão e de promoção dos Direitos Humanos, que contemplem em certa medida a busca coletiva pela diversidade como riqueza, qualidade, e não como problema.

No entanto, há uma abordagem restritiva prevalecente sobre diversidade nos espaços educativos, sobretudo no formal, mas não só. A restrição está no fato de considerar apenas aspectos da diversidade garantir a inclusão dos excluídos

por alguns fatores, como os étnico-raciais, socioculturais, de gênero e ainda mais alguns outros, constituindo-se inclusive em legislação, políticas públicas, o que é muito importante e merece mais apoio, fomento e ampliação.

No entanto, há ainda outro nível de diversidade a ser tomado quando pensamos em educação, e ainda mais quando a tratamos a partir da Educomunicação, como conjunto de práticas e como referencial teórico-metodológico, para percebermos e entendermos a diversidades nos processos educativos, e assim clarear a compreensão que se tem sobre o fenômeno da educação, bem como sobre as múltiplas relações possíveis com a Educomunicação. Trata-se da diversidade de modos de se dar o ensino e a aprendizagem, e que ultrapassam a classificação de educação formal, educação não formal e educação informal.

Esta organização dos tipos de educação está bastante estabelecida a partir da forma como ocorre o processo educativo e em que espaço ele ocorre como critérios de sua classificação. Há, por sinal, algumas diferentes abordagens sobre esta questão, mesmo no campo científico, mas o que prevalecem sãos estes dois aspectos, ou seja, a de procurar entender o fenômeno da diversidade do ensino a partir de aspectos referentes ao formato de como ele se dá, e a partir da perspectiva do ensino apenas, e não tanto da dialética que está presente no processo educativo, seja ele como e onde estiver ocorrendo. E, ainda, chegando a se tornar uma categorização da educação que em muitos casos acabam por separar e desligar daquilo que é o real que acontece como fenômeno educativo ou comunicativo. Refiro-me ao fato de que, ao separar em categorias, não se pode perder de vista que os tipos de educação se dão simultaneamente e em todos os espaços da vida cotidiana, mas em níveis de importância e de incidência na educação das pessoas a depender de inúmeros fatores.

Por exemplo, uma criança que está na escola, em sala de aula, portanto, num processo formal de educação, pode viver situações e momentos de educação informal que incidam também no que ela está vivenciando na aprendizagem sistematizada do currículo. A complexidade dos processos educativo/comunicativos não pode ser perdida na busca por identificar diferenças e separa-las apenas, imaginando que assim se dá o fenômeno em questão na realidade.

Neste sentido, há muito ainda que ampliarmos sobre a compreensão que se tem, em geral, sobre tipos de educação, e destacaremos a seguir alguns deles. No entanto, nesta publicação, os artigos foram tratados e separados seguindo um critério diferente e menos complexo, ou seja, a de experiências ocorridas no Ensino Básico (parte I), no Ensino Superior/Técnico (parte II), e no ensino em comunidades (parte III).

Por isso, reunimos os artigos a seguir em três partes, amparados por esta classificação apenas para organizar a sequencia dos mesmos por tipo de contexto e processo educativo em que se deram as práticas apresentadas em cada artigo desta publicação, mas sem perder a importante noção de que não há delimitações definidas e perenes entre o que seja cada um dos tipos de educação, e de que a Educomunicação transversa a todos eles por se tratar de uma perspectiva de educação comunicacional múltipla, diversa, plural, também no que diz respeito ao ensino, à aprendizagem, às práticas sociais e cidadãs dos indivíduos e dos sujeitos sociais, organizados ou não.

O quanto há ou não de processos educomunicativos presentes em práticas educativas e comunicativas e que se preza pela diversidade, e como eles ocorrem em cada um dos tipos de educação, é ainda outro nível de problematização que não trataremos aqui, mas que deve ser uma preocupação sempre presente nas pesquisas e nas práticas dos projetos e ainda exige de nós estudos e pesquisas mais sistematizadas. Vamos, aqui, então, voltar a algumas definições sobre os tipos de educação acima listados, para depois retomar ideias sobre possíveis relações entre os tipos de educação e a Educomunicação.

A classificação da educação em tipos representa a percepção sobre a multiplicidade de agentes educativos com os quais os sujeitos, indivíduos e grupos organizados, se relacionam no decorrer de sua vida toda, e não só no período escolar. E mesmo se considerarmos o contexto escolar, ainda é preciso desvendar os processos de educação não-formal e informal também nele presente.

Alguns pioneiros em categorizar tipos de educação foram Philip H. Coombs, Roy C. Prosser e Manzoor Ahmed (1973), definindo-os como sendo informal, formal e não formal. Estes autores definem a educação informal como um processo em que todo indivíduo adquire habilidades, conhecimentos, atitudes e valores ao

longo de sua vida. Tal processo está intimamente relacionado aos estímulos e inibições recebidas nas experiências cotidianas e conforme a disponibilidade de recursos e a influência educativa exercida pelo ambiente no qual o indivíduo se insere. Por ambiente, os autores consideram como relevantes variáveis diversas e heterogêneas, a exemplo da família, dos vizinhos, do trabalho, das brincadeiras, da feira local, a mídia de massa, entre inúmeras outras. Trata-se, portanto, de um tipo de educação continuamente presente na vida da pessoa, tendo, portanto, aspectos mais complexos e diversificados a serem percebidos e considerados, especialmente de forma articulada aos demais tipos de educação.

Para os autores acima, a educação não formal compreende quaisquer atividades educacionais organizadas e sistematizadas que ocorram fora do sistema formal, ainda que estejam em consonância ao ensino formal ou até venha a atuar de maneira complementar a ele. As atividades de educação não formal são pensadas e desenhadas para atender um grupo específico, com objetivos de aprendizado bem delineados. Muitos dos processos educacionais atribuídos a este tipo de educação nem são originalmente concebidos como sendo educacionais. Grande parte deles foi pensada como atividades de lazer e de esporte, serviços de saúde, projetos de desenvolvimento de comunidades e regiões específicas, de cultura e comunicação, entre outros.

Outro pensador que se debruçou sobre os três tipos de educação foi Paulston[1], que defende a ideia de que a educação não-formal possui uma necessidade de ocorrer durante um período curto, além de atuar com o objetivo de promover transformações concretas em grupos-alvo de características específicas e diferenciadas sob alguma ótica. Mária da Glória Gohn[2] (2010), outra importante estudiosa do tema, adota a ideia de que a educação não formal seria necessariamente articulada com o campo da educação cidadã, sempre vinculado às virtudes de democratização do conhecimento. Sendo assim, responderia a educação não formal por um processo "sociopolítico, cultural e pedagógico de

1 Rolland G. Paulston (Universidade de Pittsburgh) trabalhou durante anos com as questões da mudança educacional e social, a educação não formal e alternativa, mas uma de suas maiores contribuições foi nas áreas de mapeamento e paradigmas.

2 Professora titular da Faculdade de Educação da UNICAMP.

formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade" (GOHN, 2010, p. 32).

Acrescentando elementos à tipificação clássica sobre educação, outro pensador a respeito bastante importante é Moacir Gadotti, que define a educação formal como sendo centralizada, sistematizada e programada para acontecer em tempo determinado e espaços específicos, e que se organiza através de uma estrutura hierárquica, burocrática. Tal estrutura faz-se percebida através dos currículos e dos órgãos fiscalizadores dos governos federal, estaduais e municipais, a partir de legislação e normatização específicas. O mesmo pensador faz uma ressalva importante quanto aos outros dois tipos de educação, considerando que a educação não-formal opera também de maneira descontínua, eventual e informal, em múltiplos espaços, não podendo ser denominada, por tais motivos, de "educação informal". Por isso, Gadotti não utiliza o conceito de educação informal.

Seguindo neste rápido cenário sobre os tipos de educação que prevalecem no ambiente intelectual e científico, há outras abordagens sobre a questão que adotam critérios diferentes para entender o que seja cada tipo de educação presente na vida das pessoas, e da sociedade de maneira geral. O professor José Carlos Libâneo[3], por exemplo, adota como critério para classificação a presença ou não de intenção no processo educativo, Como intencionalidade o autor entende "processos orientados explicitamente por objetivos e baseados em conteúdos e meios dirigidos a esses objetivos" (LIBÂNEO, 2010, p. 92). E a educação intencional é subdividida em duas subcategorias: educação formal e não-formal.

Como educação informal, Libâneo entende todas as influências que atuam de alguma maneira sobre o indivíduo, ocorrendo de modo não intencional, não sistemático e não planejado. O fato desse processo educativo não incidir sobre o indivíduo de maneira intencional não significa que ele não tenha consequências efetivas na formação da personalidade, valores e hábitos do mesmo, mas antes que estas consequências são mais dificilmente percebidas como tais. A educação não intencional na visão do autor, porém, não pode ser confundida com a totalidade do processo educativo. Sendo assim, sobre a educação intencional de caráter formal ele discorre:

3 Professor titular da Faculdade de Educação da USP.

> (...) seria, pois, aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática. Nesse sentido, a educação escolar convencional é tipicamente formal. Mas isso não significa dizer que não ocorra educação formal em outros tipos de educação intencional (vamos chamá-las de não-convencionais). Entende-se, assim, que onde haja ensino (escolar ou não) há educação formal (...) desde que nelas estejam presentes a intencionalidade, a sistematicidade e condições previamente preparadas, atributos que caracterizam um trabalho pedagógico-didático, ainda que realizadas fora do marco do escolar propriamente dito. (LIBÂNEO, 2010, p. 88-89).

Já a educação não-formal para esse pensador responde pelas atividades de caráter intencional, mas com baixo grau de sistematização, estruturação e burocratização, implicando relações pedagógicas não formalizadas. Podem ser atividades articuladas ou não ao currículo, pontuais ou não. Por exemplo, feiras, visitas, festas, campanhas, oficinas, projetos. São situações como esta que estão nos artigos desta publicação organizados na última parte da publicação. O menor número de artigos em relação aos dois outros indica bem como é preciso dar mais atenção a esta categoria de educação, a informal. Fica o desafio de ampliarmos estudos e pesquisas sobre Educomunicação e educação informal.

Poderíamos continuar ampliando e aprofundando as reflexões sobre tipos de educação presentes ao longo da vida das pessoas. É interessante, ainda em outra situação, tratar de tipos de estratégias adotadas para entender o que nelas há de princípio e de instrumento para se promover, ou não, processos educomunicativos nos educativos, e em cada tipo de educação.

Devido aos aspectos indicados até aqui, definimos então como principal critério para agrupar os artigos o fato de a experiência relatada tenha ocorrido no nível do Ensino Básico (parte I), Ensino Superior (parte II); fora da instituição educativa (parte III).

Vamos, então, depois da breve contextualização sobre os tipos de educação considerados para organizar as experiências apresentadas nos artigos que integram esta publicação, incorporar aspectos sobre as possíveis relações entre Educomunicação e os tipos de educação, também extraíveis dos referidos artigos.

3. EDUCOMUNICAÇÃO E DIVERSIDADE EM PROCESSOS EDUCATIVOS

Tomamos o conceito de processos educativos[4] como espaços e fluxos onde se dão o ensino e a aprendizagem, sendo eles diversos e múltiplos, para que possamos dar conta da complexidade de fenômenos como o educativo e o comunicativo. À educomunicação importa especialmente o fenômeno da interface comunicação/educação, tomando os processos comunicativos com preocupações voltadas aos processos educativos neles envolvidos, bem como voltadas às práticas comunicativas em uso na sociedade. Tal perspectiva de educação midiática constitui-se de processos comunicativos que favorecem a educação para o desenvolvimento de certas habilidades, como a da leitura crítica da mídia, o senso crítico sobre o uso das tecnologias e suas aplicações, consciência de si e do espaço que ocupa na sociedade, e, sobretudo, a de atuar como cidadão em sua plenitude de direitos e no protagonismo em transformações sociais desejadas.

Entendemos que práticas educomunicativas nos processos educativos podem ocorrer nos diferentes tipos de educação se considerarmos a classificação mais conhecida, isto é, a educação formal, a educação não formal, e a educação informal. Em cada um dos tipos de processos educativos, há aspectos particulares de como a Educomunicação poderia intervir e com que objetivos.

É o caso de percebermos os modos de atuação nos contextos de educação formal, com processos educativos diferenciados aos geralmente praticados nos cursos formais, sobretudo os do Ensino Básico. Para isso, sugerimos a leitura artigos da parte I dessa publicação que constituem experiências direta ou indiretamente relacionadas ao currículo escolar. Aliás, convido os leitores a avaliarem sobre em quais tipos de educação acima apresentados enquadrariam as experiências descritas nos artigos. Suponho que perceberão como tais experiências sobrepõem ou interpõem os diferentes tipos de educação mencionados. E também a perceberem a diversidade de aplicações de práticas educomunicativas, midiaeducativas e

4 O Processo educativo engloba a escolarização e todos os seus aspectos teóricos e práticos, como o processo de aprendizagem, os métodos de ensino, o sistema de avaliação da aprendizagem e o sistema educacional como um todo. O processo educativo é determinado por fatores sociais, políticos e pedagógicos, e como tal precisa ser definido de acordo com seu contexto histórico-social, partindo dos esquemas educativos primários, nas relações que o aprendiz trava antes mesmo de iniciar sua escolarização, passando pelo modo como a educação escolar se inicia e, finalmente, como ela se processa (Wikipédia, 03/07/2016).

infoeducativas de forma articulada ao currículo do Ensino Básico, mais ou menos a depender de cada situação e seus objetivos.

De qualquer maneira, em todas as experiências são destacados os ganhos e as transformações que foram promovidas nos processos educativos ocorridos nos espaços da educação formal, no caso. Quer se, com isso, que os educadores deste tipo de educação percebam que há diversidade nas situações e nos arranjos possíveis entre a educação formal e as práticas diferenciadas como as da educomunicação e da midiaeducação.

Em muitos casos, são situações em que se tem a educomunicação possível, mas favorável a mudanças em práticas sociais e educativas conforme cada contexto da realidade onde se dão, como explica Ismar de Oliveira Soares:

> a prática educomunicativa, por meio de uma pedagogia de projetos, poderia converter-se em aliada de processos de avaliações formativas, preparando os caminhos para que toda a comunidade educacional possa rever e reconstruir, de forma permanente, as relações de comunicação no interior dos ecossistemas educativos de cada escola. A possibilidade certamente daria mais vida às escolas e envolveria mais profundamente os alunos em seus projetos educativos. (SOARES, 2016)[5]

A mesma transversalidade que a educomunicação pode ter em processos educativos formais e vivenciados em espaços do Ensino Básico, é o que se pode ter no Ensino Superior, como podemos ver nas experiências apresentadas no segundo bloco de artigos selecionados entre as apresentações ocorridas nos referidos eventos sobre Diversidade e Educomunicação.

A diversidade aparece novamente nos contextos sociais em que as experiências no Ensino Superior foram desenvolvidas. O mesmo ocorre com os tipos de cursos em que elas ocorrem ou que a partir deles, dos cursos, se tornam atividades de extensão e pesquisa. É o caso de praticas diferenciadas utilizadas no curso de Administração de Empresas, dos conteúdos tratados em oficinas para formação inicial de professores, ou ainda, a aplicação de conhecimentos no campo da comunicação/educação nas praticas de pesquisa, e não só como objeto ou tema de pesquisa, como se poderá ler nos artigos que constituem a parte II desta publicação.

5 SOARES, Ismar O. A educomunicação possível: uma análise da proposta curricular do MEC para o Ensino Básico. Revista Comunicação&Educação da ECA/USP, . 21, n. 1 (2016).

Em todas as experiências, percebem-se também as diferentes nuances educomunicativas presentes, mais ou menos, em cada uma das experiências relatadas, isto é, em que a comunicação e a educação estejam integradas na intenção educativa do processo. De qualquer maneira, além da presença das TIC e seus produtos e processos, as experiências puderam contar com novos modos de se promover a formação superior, seja por conta de temáticas diferenciadas incluídas nas atividades curriculares, seja pelos métodos e instrumentos novos, mas sobretudo apontam para inovações possíveis no Ensino Superior, de modo a não se restringir apenas aos cursos nas áreas afins, como os de Educomunicação (licenciatura ou habilitação em bacharelado) ou outros desenhos de cursos nas áreas de infoeducação, mídiaeducação ou formação inicial de professores.

Percebe-se o quanto a educomunicação acaba, com isso, tornando-se não só um conjunto de práticas ancoradas em certos princípios que norteiam a educação midiática buscada, mas também um paradigma na medida em que tais princípios e os objetos de aprendizagem em cursos de formação de diferentes áreas do conhecimento, e mesmo da aplicação profissional. Indica-se com isso que, será possível conhecer nos artigos da parte II experiências que enriqueceram e inovaram a aprendizagem e a formação também no Ensino Superior, seja no ensino, na pesquisa ou na extensão.

Nesses processos educativos formais em nível superior, a profundidade e a especificidade na formação, ou mesmo nas aplicações de conhecimentos do campo da comunicação/educação, não podem deixar de considerar aspectos mais amplos e diversificados dos fenômenos relativos às múltiplas interfaces entre comunicação e educação. É o caso de tratarmos em educomunicação das relações interpessoais sobretudo, com o espírito da educação moral e social antes de tudo, para dar este sentido à educação midiática e informacional propriamente dita, promovida a partir do referencial no paradigma da educomunicação.

Além dos aspectos humanos e humanísticos deste paradigma, as práticas individuais e coletivas de comunicação estão no centro das atenções não só para conhece-las, desvendá-las e se apropriar delas para seu benefício, mas também para o interesse coletivo, ancorado no espírito do bem comum. A densidade e profundidade que tal perspectiva da educomunicação traz à educação midiática

é o desafio de ultrapassar seu termo centrado na mídia, e que é parte da cadeia complexa do fenômeno de que aqui se trata, mas que nela não se resume, para dar conta do ecossistema comunicacional em que mídias, sujeitos, conteúdos e contextos são variáveis importantes dentre outras e que precisamos considerar também para se entender melhor sobre os fenômenos aqui destacados nesta publicação.

É, por fim, na parte III desta publicação, com um menor número de artigos, e com grande valor por representarem outra origem da gênese consubstanciada no paradigma da educomunicação, ou seja, na contribuição de elementos fundantes deste paradigma, entendendo-se por paradigma o conjunto de noções-chave a propósito do fenômeno das múltiplas interfaces entre comunicação e educação, e com implicações para práticas socioculturais, práticas políticas, práticas formativas, práticas profissionais e, por fim, práticas científicas ancorados em princípios e diretrizes humanistas, solidários e democráticos, visando entender a comunicação e a educação como campos distintos e igualmente importantes.

A origem a que se fez referencia é o fato da educomunicação, como paradigma, ter se constituído a partir das práticas sociais empreendidas por grupos sociais, organizações trabalhistas, de classe, movimentos sociais organizados a partir de questões do interesse coletivo, enfim, toda ordem de situações em que a população, geralmente de forma organizada, explorou dos fenômenos da educação e da comunicação como recursos para sobrevivência, fortalecimento para resistência à exclusão social, e para a criação de fatos e projetos que visassem defender suas bandeiras e transformar sua difícil realidade.

A educação popular, a comunicação de resistência em plena ditadura, a formação técnica e a organização necessária para dar conta de grandes festas populares, enfim, inúmeras práticas culturais e comunicativas de diversos grupos sociais, com identidade e personalidade bem definidas, ou não, podendo ser também de diferentes mesclas de acordo com o tipo de situação social que acabou por levar pessoas organizadas em grupo a resolver seus desafios explorando recursos e conhecimentos para comunicar suas ideias, seus argumentos, e suas razões para justificar não só a existência de tais movimentos, como também para dar vida a eles.

A origem sociocultural da educomunicação como saberes elaborados na aplicação prática para resolver problemas resultantes da injustiça social, da exclusão de vozes e de direitos, da submissão e exploração de grupos por outros, sustentam a perspectiva ampla e dinâmica que a educomunicação atribui à educação midiática, na medida em que a formação e a prática cidadã vêm antes e sustentam habilidades a serem adquiridas como o manuseio de novas tecnologias, a ampliação da eficiência em práticas já conhecidas e enquadradas no status quo.

Por isso, a parte III mostra-se especial para pensarmos a diversidade dos fenômenos educativos e comunicativos enquanto processos educativos, na medida em que trazem situações de grupos sociais que, fora de modelos e processos educativos mais formais, e intimamente vinculados aos seus interesses coletivos, vivenciam oportunidades de se expressar socialmente, de apresentar e defender ideias e posições, de integrar grupos e movimentos, enfim, vivenciar plenamente a cidadania que o contexto social contemporâneo oferece, e a partir dele exige de todos nós a atenção para questões como as tratadas pelos artigos da parte III.

Nessas experiências relatadas pelos artigos da parte III podemos sentir os frescores da origem popular da educomunicação como paradigma norteador de praticas sociais e educativas, como foram lá trás a educação popular e a comunicação alternativa o útero de onde nasciam novas práticas, técnicas e aplicação de experiências e conhecimentos que hoje identificamos como parte do conjunto de noções-chave em que se constitui a educomunicação. Embora sejam em pouco número nessa publicação, sabe-se da enormidade de projetos e iniciativas pelo Brasil a fora semelhante a esse, como é o caso da área socioambiental, da educação nutricional, da segurança pública, e tantas outras áreas importantes da vida coletiva e individual em nossa sociedade.

Por isso o convite para a leitura é especialmente destinado a contribuir para continuarmos a refletir a dialogar sobre a diversidade como valor e lema, inclusive para dar conta da complexidade de fenômenos como são os da interface entre comunicação e educação, e que estão presentes em nosso cotidiano, para que deles tenhamos consciência e saibamos como neles agir, com quais objetivos e em que nível de corresponsabilidade.

Essas são muitas das questões que surgem na leitura dos artigos a seguir, o que possibilita que continuemos o diálogo e a reflexão, seja a distância mediados pelos diversos canais e tecnologias de comunicação que utilizamos, como pessoa e como parte de uma organização, seja presencialmente em momentos ricos e alegres como foram os do VI Educom e III EducomSul, aqui revividos, assim como nos que ainda virão.

4. REFERÊNCIAS

COSTA, Rodrigo Heringer. **Notas sobre a Educação formal, não-formal e informal**. ANAIS DO III SIMPOM 2014 - SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA. Pp 435-444.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal. Droit à l'education: solution à tous les problèmes sans solution? Institut International des droits de l'enfant**, Sion, 2005.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Educação não-formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 12 ed. São Paulo, Cortez, 2010.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: um campo de Mediações**. Comunicação & Educação, São Paulo, (19): 12 a 24, set./dez. 2000.

PARTE I

EDUCOMUNICAÇÃO E DIVERSIDADE NOS PROCESSOS EDUCATIVOS DO ENSINO BÁSICO

Escolas das Águas no Pantanal: uma experiência de valorização da diversidade cultural e ambiental por meio da educomunicação

Patrícia H. Zerlotti

1. INTRODUÇÃO

Nesse trabalho propomos refletir sobre uma experiência de educomunicação realizada com um grupo de professores e alunos de pequenas Extensões Escolares da área rural do município de Corumbá, Mato Grosso do Sul. Por meio da utilização de ferramentas da comunicação, buscou-se trabalhar as questões ambientais e culturais das comunidades ribeirinhas do Pantanal com o objetivo de oferecer novas práticas de ensino-aprendizagem para os professores e valorizar os conhecimentos e a cultura dos alunos.

A experiência aqui analisada foi desenvolvida durante a execução de um Projeto[1] socioambiental com as comunidades tradicionais pantaneiras. Para fazer as reflexões fizemos um recorte do projeto utilizando apenas as atividades e as informações levantadas no componente de educação, que ofereceu curso de formação continuada aos professores e oficinas de comunicação e arte aos alunos.

Com a dificuldade de o professor não ter o conhecimento sobre a realidade do aluno, foi realizado um curso com os mesmos para aprofundarem os conhecimentos de biologia e de ecologia do Pantanal, comunicação e educação ambiental. Para os alunos foram oferecidas oficinas de rádio, jornal escolar, fotografia e teatro, onde puderam expressar de diferentes maneiras suas opiniões e conhecimentos, com o objetivo de promover a valorização do seu saber e da cultura local, auxiliando a aprendizagem dos professores.

Os referenciais teóricos que norteiam as reflexões nesse trabalho são dos autores Candau (2005), Zeichner (1993), Freire (1996), Freinet (1974), Ijuim (2005) e Soares (2001, 2004). Com Candau tratamos da importância do professor desempenhar uma abordagem intercultural na escola, reforçando com Zeichner a relevância de considerar o contexto local da escola e dos alunos no ensino-aprendizagem. No diálogo com Freire abordamos o conceito da educação problematizadora que busca ensinar o aluno a ser sujeito e assim transformar a realidade em que vive. Freinet e Ijuim nos trazem a importância e o significado da ferramenta de comunicação, mas especificamente o jornal escolar, e com Soares analisamos os resultados alcançados por meio do conceito da educomunicação.

1 O componente de educação do Projeto ganhou o Prêmio Paulo Freire de experiência inovadora organizado pelo Programa de Apoio ao Setor Educacional do Mercosul (PASEM). A proposta completa está disponível no <http://www.pasem.org/experiencia/NjU=&lang=pt>.

2. CONTEXTO DA EXPERIÊNCIA

A Escola Municipal Rural Polo Porto Esperança e Extensões, as "Escolas das Águas", lócus desse experimento, está situada no Pantanal sul-mato-grossense, um bioma conhecido internacionalmente por ter um elevado grau de diversidade biológica e conservação ambiental.

O Pantanal está localizado na Bacia do Alto Paraguai (BAP), sendo o rio Paraguai seu principal tributário. Sua extensa área inundável e seus afluentes formam o Pantanal Mato-Grossense, uma das maiores áreas úmidas do mundo, com 138.183 km^2. Sua localização abrange os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, em território brasileiro, e uma pequena área em terras bolivianas e paraguaias (CALHEIROS e OLIVEIRA, 2010).

O bioma pantaneiro é uma região peculiar não só por suas belezas naturais, mas também pelo papel que desempenha na conservação da biodiversidade. Devido a suas características, o bioma está dividido em 11 sub-regiões, onde são consideradas as diferenças hídricas, de solo e flora. O equilíbrio ecológico do ecossistema depende do regime das águas – ciclo de cheias e secas.

A região é habitada por pecuaristas, peões, assentados, pescadores e ribeirinhos que sobrevivem dos recursos naturais. As fazendas, sítios e comunidades estão localizados nas diferentes sub-regiões do Pantanal e em alguns locais só é possível chegar após algumas horas de barco.

As famílias de ribeirinhos habitam as margens do rio Paraguai, no meio do Pantanal detêm conhecimento empírico que propicia um entendimento diferenciado do ambiente pantaneiro. Um acúmulo de saberes que só a permanência no lugar, ao longo de gerações, pode propiciar e que precisa ser valorizada.

Para atender a demanda educacional das crianças que moram no Pantanal - MS, a Secretaria Municipal de Educação de Corumbá criou a Escola Municipal Rural - Polo Porto Esperança e Extensões. As "Escolas das Águas, como são denominadas informalmente por todos, foi oficializada em abril de 2005. A Escola é composta por uma Unidade Polo – sediada no Distrito de Porto Esperança, há 95 km de Corumbá – e 10 Extensões Escolares que estão distribuídas nas sub-regiões do Pantanal do Paraguai e do Paiaguás.

A comunicação entre a Direção da Escola, sediada em Corumbá, e as Extensões é feita através de telefone celular rural, da fazenda ou vizinhos, telefone público ou internet via satélite. Atualmente, quatro escolas têm acesso a internet.

Devido às distâncias, os professores das "Escolas das Águas" têm um regime de trabalho diferenciado dos demais professores da zona urbana e rural, porque precisam morar nas Extensões Escolares durante o período das aulas. Retornam para suas casas, em Corumbá, ao final de cada bimestre e permanecem na cidade por uma ou duas semanas. Nesse período, têm compromissos escolares, como entrega de notas e relatórios, elaboração de planejamento do próximo bimestre, cursos, entre outros.

É importante ressaltar que para o professor essa é uma realidade nova e totalmente diferente da qual está habituado. A maioria dos professores é licenciada em Pedagogia e alguns têm formação em Letras, História, Educação Física e Geografia.

O perfil desse profissional, conforme orienta o Projeto Pedagógico da Escola, deve ser de um educador que compreenda a diversidade cultural das regiões em que atuará sem interferir moralmente nas ações da comunidade; tenha disponibilidade para morar na extensão, cumprir as normas de rotina da Unidade e vir à cidade aos finais de cada bimestre letivo. (CORUMBÁ, 2011).

A população estudantil das "Escolas das Águas" é composta por cerca de 300 alunos, sendo filhos de peões, aposentados, pensionistas, professores, pescadores profissionais, piloteiros, militares, ribeirinhos entre outros. Devido a dificuldade de acesso, muitos dos alunos são atendidos em regime de internato, retornando para casa de seus familiares a cada 15 dias e/ou no final de cada bimestre. A idade dos alunos varia entre seis e 18 anos.

Outra característica singular é que as "Escolas das Águas" são o primeiro espaço institucional de ensino conhecido por eles e, às vezes, o único. A casa e a escola constituem o principal espaço de convivência para as crianças e as brincadeiras desenvolvidas estão relacionadas com o ambiente natural e com as atividades desenvolvidas pelos adultos, especialmente, por seus pais. Elas participam de todos os momentos da vida da comunidade, no trabalho, em casa, no lazer e nas atividades religiosas (ZERLOTTI et al.,2010).

Essa relação com o ambiente natural e a convivência próxima com o dia a dia dos adultos torna os alunos possuidores de saberes local. De acordo com Cunha (1999) pode-se entender saber local como aquele sendo de origem local, num espaço geográfico particular, produzido por seus habitantes, a partir de suas experiências cotidianas com o meio ambiente e das relações sociais. Eles são transmitidos oralmente, através da imitação e da demonstração e sofrem modificações e renovações em função dos diferentes acontecimentos da história.

Em síntese, são conhecimentos específicos da localidade que ajudam na sobrevivência e fazem parte da cultura diferenciada dos alunos das águas.

3. A DIVERSIDADE CULTURAL NO CURRÍCULO ESCOLAR

A sociedade mundial está composta por diferentes culturas. Essa diversidade cultural, cada vez mais presente nas diferentes sociedades, tem se cruzado, como apresenta Candau (2005), com problemáticas de caráter político, social, econômico, artístico, tecnológico, religioso e educativo. E no espaço escolar não é diferente. A escola não está isenta desse processo e o professor está desafiado a desenvolver suas práticas pedagógicas em uma sala de aula multicultural, com a presença de alunos de diferentes visões de mundo.

É neste universo complexo e dinâmico que a perspectiva intercultural da educação busca formas de promover uma interação entre o saber escolar com os saberes sociais e culturais dos alunos.

Candau (2005) apresenta algumas possibilidades de ações com a finalidade de superar esse desafio e promover uma educação intercultural na perspectiva crítica e emancipatória. São elas: desconstruir, articular, resgatar e promover.

Para a autora, a ação "desconstruir" está relacionada com a necessidade de ver a nossa sociedade exatamente como ela é, com um caráter desigual, discriminador e racista. É preciso questionar este perfil monocultural e etnocêntrico da escola e das políticas educativas e, também, os critérios utilizados para selecionar e justificar os conteúdos escolares.

Em relação a ação "articular", propõe-se trabalhar a igualdade e a diferença nas políticas e nas práticas pedagógicas de maneira igualitária, beneficiando a todos.

A ação de "resgatar" está relacionada a recuperar os processos de construção das identidades culturais, tanto no nível pessoal como no coletivo.

A ação de "promover" abrange diferentes aspectos, como a promoção de experiências sistemática de interação com os "outros"; formular projetos/propostas que promovam o diálogo e a construção entre as diferentes pessoas/grupos; reconstruir a dinâmica educacional, ou seja, tais projetos não devem ser pontuais ou realizados em momentos específicos e, principalmente, essas atividades devem promover o empoderamento dos sujeitos, orientando justamente, aqueles que tiveram menos poder na sociedade, ou seja, menos influência nos processos coletivos (CANDAU, 2005).

Um estudo apresentado por Canen (1997) mostra que a diversidade cultural do aluno é frequentemente ignorada nas práticas pedagógico-curriculares desenvolvidas pelos professores. Tal fato aponta para a necessidade da formação de um professor criticamente comprometido para compreender e valorizar a diversidade cultural dos seus alunos e suficientemente competente para pautar sua ação pedagógica a partir deste universo cultural.

Ainda pensando nas atribuições deste professor no contexto multicultural, Zeichner (1993, p. 86) ressalta que uma das funções é o de "facilitar a entrada, na sala de aula, de elementos culturais que são relevantes para os alunos". O autor assinala que, para o professor construir essa ponte e reger as aulas seguindo o princípio da inclusão, é preciso que tenha, entre outros saberes, o saber "sociocultural", isto é, os conhecimentos acerca das especificidades das culturas e particularidades dos seus alunos.

4. AS FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO NAS "ESCOLAS DAS ÁGUAS"

Após um ano de trabalho com as "Escolas das Águas" foi possível perceber que não havia integração entre as Extensões Escolares, tampouco entre os alunos. Os professores pouco se conheciam, apenas se encontravam nas reuniões realizadas pela direção escolar. Para tentar mudar essa realidade, causada principalmente pela distância física, foi proposto, em 2010, um projeto de formação continuada para os professores das águas, sendo um dos objetivos proporcionar a troca de

experiência entre eles e promover uma comunicação entre as Extensões Escolares por meio do uso de diferentes ferramentas da comunicação.

Essas atividades foram promovidas pelo Projeto Crianças das Águas – Pantanal: identidade e cidadania, coordenado e executado pela ONG ECOA[2], em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Corumbá – MS.

No início do ano letivo foram apresentadas aos professores as atividades de comunicação que poderiam ser realizadas, como: jornal escolar, rádio escola, troca de cartas entre os alunos das diferentes Extensões, exposição de fotografia itinerante e rádio-novela. Cada grupo de professores escolheu a atividade mais pertinente a sua realidade para desenvolver com os seus alunos. A única condicionante é que as atividades considerem a realidade ambiental e cultural da comunidade e as peculiaridades dos diferentes pantanais (paisagem, fauna, flora etc). O jornal escolar, denominado como Jornal Mural das Escolas das Águas, foi escolhido como objeto de reflexão do presente trabalho, devido a dois fatores, 1) foi a ferramenta de comunicação que melhor contribuiu para integração das Extensões Escolares, promovendo a troca de informações e a valorização cultural; 2) houve interesse inicial e crescente dos professores e alunos.

4.1 Jornal Escolar: conceitos e reflexões

Célestin Freinet na França (1974) já imprimia seus jornais no inicio do século XX, época em que os educadores encontravam enormes dificuldades materiais e políticas para executar seus projetos. Hoje, apesar de termos a tecnologia digital para facilitar o trabalho docente, ainda temos regiões isoladas no país, como as "Escolas das Águas", onde o acesso aos recursos tecnológicos é limitado. Mas tal dificuldade não desmotivou as escolas a produzirem seus jornais, pelo contrário, motivou porque enxergavam como uma ótima oportunidade de aprendizagem.

> Não devemos esquecer que, [...], o que tanto as crianças como os adultos procuram no jornal escolar não é a informação, que é muito mais rica e exata nos livros e nas revistas, mas a vida da criança, as suas reações perante o mundo, as suas hesitações, os seus temores e os seus triunfos. (FREINET, 1974, p. 35)

2 A ECOA é uma organização não-governamental sem fins lucrativos, fundada 1989 em Campo Grande-MS. Ela atua no território do Pantanal com a missão de conservar o ambiente natural e melhorar a qualidade da vida das comunidades ribeirinhas. Mais informações estão disponíveis no endereço <www.ecoa.org.br>

Com este objetivo e na busca de atender a concepção da educação problematizadora de Paulo Freire (1996), a qual traz que o dever da escola não é o de simplesmente ensinar a ler e escrever, mas sim ensinar o aluno a fazer uma releitura do mundo, refletir sobre a realidade existencial, para se transformar como sujeito e assim transformar a realidade em que vive. Utilizamos o jornal escolar por ser um instrumento pedagógico interdisciplinar eficiente para o desenvolvimento de reflexões sobre os mais diversificados assuntos que envolvem a sociedade. Segundo Ijuim (2005), o jornal escolar desenvolve a autonomia, a criatividade, o conhecimento do aluno e estimula a formação de opinião.

Outro fator que nos levou a optar pela escolha do jornal escolar está na motivação que esta ferramenta provocaria nos alunos por ser algo novo e por tratar da realidade local. Zeichner (1993) assinala que ao trabalhar a cultura e o contexto local, os alunos se sentem valorizados e motivados a desenvolverem as atividades propostas.

Freinet (1974), em sua obra, explica os diversos tipos de jornal escolar que são produzidos. Dentre esses, fala das vantagens dos jornais que são produzidos nas escolas das aldeias, pelo fato dos alunos estarem mais bem integrados com o meio do que a escola urbana. Pelo fato de terem pouco acesso aos meios de comunicação, ainda, não estão contaminados. "As crianças são menos deformadas, menos despersonalizadas; o jornal escolar é para elas uma iniciativa séria, de que sentem os objectivos e os resultados". (ID., p. 35)

As oficinas de jornal escolar realizadas pelo projeto não tinham apenas a finalidade de ensinar técnicas de comunicação para alunos e professores, a proposta ia além: era realizada com enfoque de que as informações ali produzidas eram de extrema importância, porque foram escolhidas pelos alunos, falavam sobre a realidade da comunidade, evidenciava a cultura vivenciada, além de serem inéditas, e por esses motivos deveriam ser compartilhadas com todos os alunos e professores das "Escolas das Águas". Esse entendimento é reforçado pelo trabalho realizado por Freinet (1974, p. 26), quando afirma que "os nossos jornais não pretendem fazer demonstrações nem fazer inquéritos. Contêm apenas elementos da vida, traduzidos em páginas de vida".

> Em todos os nossos jornais escolares de crianças até aos dez ou doze anos, predomina o caracter afectivo. A criança, mesmo quando descreve, associa intimamente as suas reacções, as suas sensações e os seus sentimentos à narrativa que destina ao seu jornal. (Id., p. 33)

Em um ano foram produzidas cinco edições do Jornal Mural, sendo que cada um foi elaborado por uma Extensão Escolar diferente. Todo o processo de criação do jornal, como as editorias e os temas abordados, foram decididos de forma participativa com os alunos. Os menores que ainda não sabiam escrever participaram com a produção de desenhos.

As edições produzidas trouxeram informações sobre a escola e a comunidade na qual estava inserida. Os assuntos tratados variaram entre meio ambiente, cultura, culinária, poesia e esporte. Após a finalização dos textos, os alunos construíam com recortes de revistas, o boneco do Jornal Mural. Por falta de tempo e recursos tecnológicos, não era possível concluir o jornal na escola, sendo assim, toda produção era finalizada pelo profissional responsável por ministrar a oficina. Posteriormente, eram impressas 11 cópias (figura 1), com formato 80 x 60 cm, e entregue à Secretaria Municipal de Educação de Corumbá para que fosse feita a distribuição nas Extensões Escolares.

Figura1 – Jornal Mural produzido pela Extensão Escolar.

4.2 Educomunicação: reflexões e resultados

Na busca por refletir sobre o trabalho desenvolvido nos baseamos na definição de educomunicação apresentada pelo professor Ismar de Oliveira Soares (2000, p. 63). Trata-se de um conjunto de práticas voltadas para a formação e desenvolvimento de ecossistemas comunicativos em espaços educativos, mediados pelos processos e tecnologias da informação, tendo como objetivo a ampliação das formas de expressão dos membros das comunidades e a melhoria do coeficiente comunicativo das ações educativas, tendo como meta o pleno desenvolvimento da cidadania.

A proposta do Jornal Mural nas "Escolas das Águas" era de preencher uma lacuna promovendo a troca de informações entre professores e alunos e apresentar aos professores outras possibilidades de ensinar, valorizando a identidade local e a formação cidadã. Apesar de atingir resultados positivos, porque tanto alunos como professores gostaram de participar da proposta e alguns conseguiram dar continuidade na elaboração do jornal em sua Extensão Escolar, vemos que ainda não foi possível, manter de fato, um ecossistema comunicativo nas "Escolas das

Águas". Apesar da integração, entre os professores, ter melhorado, persiste uma comunicação vertical entre direção-professor; professor-aluno e, ainda, são poucas e frágeis as relações entre as Extensões Escolares.

Ao analisar o porquê dessa fragilidade identificamos como possíveis causas, a precariedade da infraestrutura, os professores alegam a falta de recursos tecnológicos e a alta rotatividade dos educadores dificulta a continuidade das ações. Também o fato da proposta ser realizada como um projeto pontual e não como algo a ser incluído no currículo escolar.

Considerando os procedimentos da educomunicação explicitada por Soares (2004), podemos dizer que conseguimos com a experiência do Jornal Mural das "Escolas das Águas" atingir resultados conforme preconiza a concepção da educomunicação.

Apresentamos como primeiro resultado "o crescimento da autoestima e da capacidade de expressão das pessoas, como indivíduos e como grupo" (SOARES, 2004, p. 2). Com a produção dos jornais os alunos puderam entender, na prática, que possuem voz, e o que têm a dizer é importante para toda comunidade escolar. Para os professores não foi diferente, pois ao verem a produção de seus alunos na parede da escola se sentiram fortalecidos, por terem seu trabalho reconhecido e concretizado de alguma maneira.

Todos os membros da comunidade escolar, como alunos, professores e a direção, foram envolvidos no processo de elaboração e distribuição do Jornal Mural. A construção participativa, desde o planejamento, é outra referência da educomunicação.

A princípio não estava no planejamento a participação das famílias, no entanto, elas foram convidadas pelos professores, a visitar as Extensões Escolares para lerem o jornal. Sendo assim, o Jornal Mural atingiu toda comunidade escolar (alunos, professores, coordenadores e pais).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da execução do Jornal Mural demonstrou que é possível desenvolver ações de educomunicação nas "Escolas das Águas", pois mesmo com

poucos recursos alunos e professores participaram e se dedicaram para que o jornal fosse construído. Pela primeira vez foi criado um canal de comunicação nas "Escolas das Águas" que ultrapassou a comunicação vertical e autoritária. O veículo promoveu o diálogo e a interação entre aluno-aluno, professor-aluno, professor-professor, aluno-comunidade escolar. Acreditamos que o diálogo aluno-comunidade externa não foi atingido como deveria, pois a comunidade externa participou apenas como receptor. Mas a experiência aponta que essa relação pode ser explorada.

A relação aluno-professor rompeu com o papel tradicional de enunciador (professor) e receptor (aluno) como figuras imutáveis e inflexíveis. Nesta produção, quem tinha algo a dizer e a ensinar era o aluno. O papel do professor era de intermediar, estabelecer um diálogo, uma comunicação com a realidade e a subjetividade dos alunos, seguindo o conceito de educação problematizadora de Paulo Freire (1996).

É importante que o professor conheça a história sociocultural do aluno, aliado ao contexto da sala de aula e da comunidade em que a escola está inserida. O Jornal Mural proporcionou esta aproximação do professor com a realidade do aluno, eles puderam aprender sobre os costumes da comunidade local e alguns problemas ambientais, assuntos esses que podem ser desenvolvidos em sala de aula, posteriormente, em diferentes disciplinas. Apesar das atividades terem funcionado apenas em um ano letivo, a experiência aponta que algumas técnicas de comunicação podem ser exploradas em salas de aula com a finalidade de trabalhar a diversidade cultural e ambiental.

Na proposta desenvolvida, o Jornal Mural se mostrou uma ferramenta eficaz de interação entre alunos, professores e escolas, promovendo o diálogo entre as diferentes culturas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Vera Maria. Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. In: _____ (Org.). **Cultura(s) e educação**: entre o crítico e o pós-crítico. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 13-37.

CALHEIROS, Débora Fernandes; OLIVEIRA, Márcia Divina. **O rio Paraguai e sua planície de inundação**: o Pantanal Mato-Grossense. Ciência & Ambiente, Porto Alegre, n. 41, p. 113-130, jul./dez. 2010.

CANEN, Ana. Formação de professores e diversidade cultural. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Magistério**: construção cotidiana. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 205-236.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Populações tradicionais e a convenção da diversidade biológica. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 13, n. 36, p. 147-163, mai./agosto. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v13n36/v13n36a08.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2012.

CORUMBÁ. Escola Municipal Rural Polo Porto Esperança e Extensões. **Proposta Político Pedagógica**. Corumbá, MS: EMRPPEE, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREINET, Célestín. **O jornal escolar**. Trad, Filomena Quadros Barros. Lisboa: Estampa, 1974.

IJUIM, Jorge Kanehide. J**ornal Escolar e Vivências Humanas**: um Roteiro de Viagem. Bauru: Edusc; Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005.

SOARES. Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: as perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social, o caso dos Estados Unidos. Revista ECCOS. São Paulo: Centro Universitário Uninove. V 2. a. 2 dez. 2000. p 63-64. Disponível em: <http://www4.uninove.br/ojs/index.php/eccos/article/view/225>. Acesso em: 10 jan. 2014.

_____. **Mas, afinal, o que é educomunicação?**. Núcleo de Comunicação e Educação (NCE-ECA/USP). São Paulo: NCE-ECA/USP, 2004. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>. Acesso em: 15 dez. 2012.

ZEICHNER, Kenneth, M. **A formação reflexiva de professores**: ideias e práticas. Educa Professores, 1993.

ZERLOTTI, Patrícia Honorato; AMÂNCIO, Christiane; COSTA, Kelly da; ZANATTA, Silvia Cristina Santana. **Diagnóstico das Comunidades das Águas**: Porto da Manga, Baía do Castelo, Paraguai-Mirim e Barra do São Lourenço. Campo Grande: Ecoa, 2010.

• ● A AUTORA ● •

Patrícia Honorato Zerlotti é mestre em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (2014), especialista em Planejamento e Gestão Ambiental pela UNAES (2006), graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2001) e graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Atualmente é assessora parlamentar e membro da equipe de coordenação do processo formativo Escolas Sustentáveis e Com-Vida da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

A Educomunicação na perspectiva do ensino híbrido: um relato de experimentação e inovação na sala de aula

Barbara Endo
Valdenice Minatel
Verônica Cannatá

1. O INÍCIO DA OFICINA DANTE EM FOCO

Em 2007, um grupo de alunos dos ensinos Fundamental II e Médio se reuniu para fazer a cobertura do Dante Digital, evento de tecnologia do Colégio Dante Alighieri[1]. Acompanhados pela jornalista Marcella Chartier[2] e pelas professoras de tecnologia Renata Pastore[3] e Valdenice Minatel, desenvolveram produções escritas e registros fotográficos com base em técnicas jornalísticas com a intenção de produzir sua própria mídia impressa, que seria veiculada e distribuída no dia do evento. E assim aconteceu!

No ano seguinte, os alunos Caio Stancati[4] e Pedro Graça[5] propuseram à direção do Colégio que aquela cobertura bem-sucedida fosse expandida para a concepção de uma oficina semanal de produção multimídia. Ou seja, uma oficina de educomunicação, consolidada pelo conjunto de ações destinado a:

> integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação (cumprir o que solicita os PCNs no que diz respeito a observar como os meios de comunicação agem na sociedade e buscar formas de colaborar com nossos alunos para conviverem com eles de forma positiva, sem se deixarem manipular); criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos (o que significa criar e rever as relações de comunicação na escola, entre direção, professores e alunos, bem como da escola para com a comunidade, criando sempre ambientes abertos e democráticos) e melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas [...]. (SOARES, 2004, p. 1)

Nascia assim a oficina Dante Em Foco, legitimada pelo desejo de produção de alunos para alunos.

1 O **Colégio Dante Alighieri** localizado em São Paulo, com aproximadamente 4.500 alunos, foi fundado em 1911. http://www.colegiodante.com.br.

2 A jornalista **Marcella Chartier** mediou a oficina Dante Em Foco até o ano de 2009.
E-mail: marcellachartier@gmail.com.

3 A professora **Renata Pastore** mediou a oficina Dante Em Foco até o ano de 2010.
E-mail: rguipastore@gmail.com.

4 **Caio Tabarin Stancati** atualmente estuda Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda na ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing. É estagiário de Planejamento na Grey Brasil.

5 **Pedro Graça** atualmente estuda Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda na ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing. É assistente na empresa Neogama BBH.

2. A CONCEPÇÃO E A PRODUÇÃO MIDIÁTICA DA OFICINA

A oficina foi concebida no formato híbrido – isto é, há oito anos seu funcionamento se dá nos modelos presencial e a distância. Atualmente, ela foi potencializada por um grupo de discussão via Facebook, pelos ambientes virtuais de aprendizagem e pelas redes sociais.

Os objetivos conceituais da oficina, desde a sua concepção, propiciam ao aluno a autonomia e o protagonismo, obtidos pelo domínio da linguagem da técnica jornalística e pela compreensãoda leitura de mundo[6]. Já os objetivos procedimentais permitem: interagir com as diferentes mídias de publicação e compartilhamento; produzir conteúdo multimídia, seja pela produção e/ou edição de texto, vídeo, áudio ou foto; manejar de forma adequada uma lista de discussão via e-mail (LiveEdu), tirando o melhor proveito de seus recursos; e estimular o uso consciente e responsável dos meios digitais.

Em relação aos objetivos atitudinais, a proposta é possibilitar uma mudança de postura perante a produção de conhecimento: passar de consumidores de informação a produtores de informação; interagir de forma ética e segura nos ambientes virtuais; promover a colaboração como base pedagógica para a construção coletiva da oficina; e estimular as discussões a respeito de questões cotidianas, como notícias de jornais, vídeos e propagandas.

Os encontros presenciais ocorrem semanalmente[7], e as atividades presenciais se dividem em duas partes. A primeira parte da oficina é dedicada ao momento "Análise de Mídia". Isto é: semanalmente é disponibilizado aos alunos um material contendo um fato que foi destaque no noticiário nacional em diferentes veículos informativos, a fim de que, em casa, eles possam fazer uma leitura prévia, e, no próximo encontro da oficina, possam ter repertório e contribuir com a discussão.

O objetivo dessa atividade consiste na apreciação do conteúdo publicado por diferentes meios de comunicação (jornal impresso, revista, vídeos, quadrinhos, entre outros), visando, com isso, estimular um olhar crítico e diferenciado dos alunos. Essa discussão não se norteia somente nos temas das notícias, que são, de

6 "A leitura do mundo precede a leitura das palavras"(Freire (1988, 1996,1997)).

7 Os encontros semanais da oficina Dante Em Foco têm duração de uma 1h30min.

maneira geral, bastante polêmicos. Os alunos também debatem a neutralidade (ou a falta dela) dos meios de comunicação, o uso de termos considerados tendenciosos, a abordagem política das matérias, os títulos, as fotos e as legendas vinculadas ao texto, entre outros elementos que compõem as peças informativas.

O momento "Análise de Mídia" parte do princípio de que os alunos não devem ser meros reprodutores de técnicas da comunicação, mas sim comunicadores de caráter reflexivo, o que os permitirá, além de questionar, formar e informar, seguindo assim a linha de pensamento de Silva (2002) sobre leitura crítica, segundo a qual é preciso abordar as diferentes vertentes de um mesmo fato, já que

> ensinar a ler criticamente significa, antes de mais nada, dinamizar situações em que o aluno perceba, com objetividade, os dois lados de uma mesma moeda ou, se quiser, os múltiplos lugares ideológicos – discursivos que orientam as vozes dos escritores na produção dos seus textos. (SILVA, 2002, p. 30)

A segunda parte da oficina está relacionada à elaboração de conteúdo, com exercícios práticos. Essa prática possibilitou a criação, pelos alunos, de uma mídia impressa anual, a "Revista Foco". Atualmente, além de produzirem a revista, os alunos também alimentam as redes sociais[8] da oficina e fazem a cobertura jornalística para a **webtv** do Colégio, a TV Dante[9] – hoje, com publicações com acesso público e restrito – e, ainda, para a Rádio Dante (em parceria com a CBN)[10].

Para tanto, são exploradas as tecnologias digitais do Colégio, como câmeras fotográficas e filmadoras, além de celulares, **netbooks**, **tablets**, sem falar no uso doestúdio da rádio. Essa variedade de formatos não apenas mantém os alunos atualizados com a convergência das mídias, como também os estimula a descobrir vocações e interesses próprios relacionados às áreas da comunicação.

8 **Facebook Dante Em Foco**. https://www.facebook.com/dante.foco. Acesso em 30 abr. 2015.

9 A **webtv TV Dante** está disponível em http://www.colegiodante.com.br/homedante/tvdante/. Acesso em 30 abr. 2015.

10 Colégio realiza lançamento da **Rádio Dante**, disponível em http://migre.me/pGWbx. Acesso em 30 abr. 2015.

3. O INÍCIO DA OFICINA DANTE EM FOCO MIRIM

A Dante Em Foco, legitimada pelos alunos-jornalistas do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, conquistou, com passar dos anos, credibilidadee crachá de "impressa" – utilizado durante coberturas jornalísticas nos eventos internos e externos do Colégio.

A atuação dos focados[11] ganhou visibilidade e despertou o interesse de participação nos alunos menores. Em 2014, com o aumento das intenções de ingresso naoficina, surge a Dante Em Foco Mirim, com 25 alunos, do 5º ao 7º ano do Ensino Fundamental.

Pautada na concepção e na produção midiática da oficina Dante Em Foco, a oficina mirim mantém os encontros presenciais semanalmente, com duração de uma hora. O conteúdo a distância é disponibilizado no Moodle (ambiente de ensino e aprendizagem), uma vez que o uso das redes sociais é uma prática restrita aos alunos maiores de 13 anos, respeitando assim a idade mínima prevista nos termos de uso do Facebook.

4. A METODOLOGIA DO ENSINO HÍBRIDO

Em 2014, a equipe de gestão do Colégio Dante Alighieri aprovou a experimentação no modelo de ensino híbrido e permitiu que os desafios propostos fossem primeiramente aplicados, em caráter de experimentação, pela professora integrante do grupo em uma das oficinas de educomunicação por ela mediada. O apoio da equipe de gestão foi

> o elemento mediador entre currículo e professores. Assim, esse profissional será, em nosso modo de ver, aquele que poderá auxiliar o professor a fazer as devidas articulações curriculares, considerando suas áreas específicas de conhecimento, os alunos com quem trabalha, a realidade sociocultural em que a escola se situa e os demais aspectos das relações pedagógicas e interpessoais que se desenvolvem na sala de aula e na escola (ALMEIDA; PLACCO, 2011).

O Grupo de Experimentação, composto por 16 professores de escolas públicas e particulares do Brasil, incluindo a professora do Dante, teve como proposta

11 **Focado** é nome dado ao aluno-jornalista que participa da oficina Dante Em Foco.

estudar os impactos gerados na aprendizagem pelo chamado ensino híbrido[12] (tradução do '**blendedlearning**'), conceito que se caracteriza pelo conteúdo presencial e on-line.

Embora a oficina tenha sido concebida desde o seu início no formato híbrido, foi a experimentação dos modelos de ensino híbrido, em sala de aula, que permitiu uma reformulação metodológica ao oferecer atividades que envolvam toda a turma ou, ainda, a possibilidade de organizar os alunos em agrupamentos dinâmicos, permitindo assim a individualização, a diferenciação e personalização. O ensino híbrido

> é a ferramenta que personaliza a educação, tanto nas "competências duras" [conhecimento] quanto nas transversais. Uma educação baseada em competência trabalha com a noção de que os estudantes só podem avançar quando eles realmente dominarem um conceito. Você não avança de acordo com a hora do dia, mas de acordo com o que você sabe. (HORN, 2014).

A reestruturação dos planos de aula da oficina proporcionou novas sequências didáticas a partir do modelo de ensino híbrido rotação[13]. No modelo de ensino híbrido rotação, em sala de aula, os alunos revezam entre as atividades de aprendizagem, com um roteiro fixo ou a critério do professor, sendo que pelo menos uma das atividades seja on-line. A outras atividades podem incluir as lições, por exemplo, em grupos pequenos ou turmas completas, ou então trabalhos em grupo ou individual. O modelo de rotação tem quatro submodelos:

- **Sala de aula invertida**: a apresentação teórica de um conteúdo é publicada em um ambiente virtual, e o aluno é orientado a acessá-lo como requisito prévio para a aula presencial da qual participará na sequência. O que difere a sala de aula invertida da lição de casa é a proposta de imersão no assunto para a próxima aula, que se diferencia da execução de tarefas de conteúdos que já foram trabalhados em sala.
- **Rotação por estação**: a partir de um percurso estabelecido pelo professor, o aluno alterna as atividades, seja seguindo um roteiro que lhe foi entregue, seja seguindo as estações a critério do professor de acordo com a dinâmica da aula.

12 **Clayton Christensen Institute**, disponível em http://www.christenseninstitute.org/. Acesso em 8 maio 2015.

13 **Ensino híbrido: uma inovação disruptiva?** Uma introdução à teoria dos híbridos. Disponível em http://migre.me/pGVD5. Acesso em 30 abr. 2015.

» **Laboratório rotacional**: esse modelo se difere do modelo "rotação por estação" pelo fato de o professor propor um percurso que envolve o campus físico da escola, extrapolando o espaço da sala de aula, como, por exemplo, um laboratório de informática, uma biblioteca ou ateliê de arte.

» **Rotação individual**: a partir de um percurso estabelecido pelo professor, o aluno alterna as atividades seguindo um roteiro que foi criado exclusivamente para ele, seja através de um algoritmo que cruza os dados lançados pelo professor em uma plataforma que emite um relatório indicativo, seja pela leitura de uma tabela ou anotações simples registradas pelo professor em seu diário de classe, ou caderno, por exemplo. Para cada aluno, define-se um percurso, e ele não necessariamente participa de todas as estações disponíveis.

5. A DANTE EM FOCO MIRIM E A METODOLOGIA DO ENSINO HÍBRIDO

A Dante Em Foco Mirim foi a oficina escolhida para a experimentação no modelo de ensino híbrido. A escolha, validada pela equipe de gestão do Colégio Dante Alighieri, se deu pela ação estratégica de adequar a metodologia a uma oficina recém-criada,assumindo-se, com isso, o desafio de promover uma inovação disruptiva na sala de aula (CHRISTENSEN; HORN; 2012).

Segundo os autores, na perspectiva do ensino híbrido, as inovações na sala de aula provêm de uma forma sustentada ou de uma forma disruptiva. No modelo de inovação sustentado, as mudanças ocorrem de forma gradativa, com uma integração espiralada e o aperfeiçoamento dos processos já existentes;já na inovação disruptiva, é preciso romper processos antigos e propor novasestratégias com uma integração verticalizada.

Aprovada a experimentação, o planejamento da oficina Dante Em Foco Mirim foi reestruturado a partir dos desafios sugeridos pelo grupo de experimentação. Segue abaixo um breve fichamento das atividades desenvolvidas com a oficina Dante Em Foco Mirim, mediadas pela professora e pela jornalista:

1ª Experimentação: Construção de uma página de jornal impresso

» Modelo(s) de ensino híbrido: **Sala de aula invertida e Rotação por estação**

» Estações: "Organizando a notícia", "Legendando a foto", "Qual é o nome do jornal?", "Qual é o título da notícia?" e "Analisando jornais criados"

» Número(s) de aula(s): 1 aula (60 minutos)

2ª Experimentação: Manifestações contra a Copa do Mundo no Brasil

» Modelo(s) de ensino híbrido: **Sala de aula invertida e Rotação individual**

» Estações: "Humor ácido", "Google Maps", "Eu protesto", "Cartaz digital", "O que eu penso" e "Vamos lá, Brasil!"

» Número(s) de aula(s): 1 aula (60 minutos)

3ª Experimentação: Preparando um texto esportivo sobre uma seleção da Copa

» Modelo(s) de ensino híbrido: **Sala de aula invertida, Rotação por estação e Laboratório rotacional**

» Estações: "**We are one**", "Nós escolhemos", "Pesquisar é preciso", "Elaborando a notícia" e "Conhecendo a Rádio Dante"

» Número(s) de aula(s): 1 aula (60 minutos)

4ª Experimentação: Gravando um texto esportivo sobre uma seleção da Copa

» Modelo(s) de ensino híbrido: **Sala de aula invertida, Rotação por estação e Laboratório rotacional**

» Estações: "A notícia", "Bastidores", "No ar", "Ouvintes Rádio Dante" e "Pesquisa de opinião"

» Número(s) de aula(s): 1 aula de 60 minutos

5ª Experimentação: Quais são os integrantes de uma eleição democrática para presidente?

» Modelo(s) de ensino híbrido: **Sala de aula invertida e Rotação por estação**

» Estações: "Hipóteses", "Candidatos", "Comunicação", "Eleitores", "Registro" e "Atuação"

» Número(s) de aula(s): 1 aula (60 minutos)

6ª Experimentação: Quem são os candidatos e para que servem os eleitores?

» Modelo(s) de ensino híbrido: **Sala de aula invertida e Rotação por estação**

» Estações: "Candidatos", "Partidos", "Elaborando a campanha" e "Eleitores"

» Número(s) de aula(s): 1 aula (60 minutos)

7ª Experimentação: Vamos gravar?

» Modelo(s) de ensino híbrido: **Sala de aula invertida e Rotação por estação**

» Estações: "TV Dante", "Rádio Dante" e "Fala povo"

» Número(s) de aula(s): 2 aulas (120 minutos)

8ª Experimentação: Vamos votar?

» Modelo(s) de ensino híbrido: **Sala de aula invertida e Rotação por estação**

» Estações: "Horário Político na TV", "Horário Político no Rádio" e "Urna Eletrônica"

» Número(s) de aula(s): 1 aula (60 minutos)

9ª Experimentação: De olho na apuração

» Modelo(s) de ensino híbrido: **Sala de aula invertida e Rotação por estação**

» Estações: "Apuração", "Quem Ganhou?", "Ganhou por quê? e "O que pensam os eleitores"

» Número(s) de aula(s): 1 aula (60 minutos)

10ª Experimentação: Uma eleição democrática para presidente do Brasil

» Modelo(s) de ensino híbrido: **Sala de aula invertida e Rotação por estação**

» Estações: "Dilma Roussef", "Marina Silva", "Aécio Neves", "Diga lá" e "Seremos eleitores"

» Número(s) de aula(s): 1 aula (60 minutos)

11ª Experimentação: Construção colaborativa da notícia

» Modelo(s) de ensino híbrido: **Sala de aula invertida e Rotação por estação**

» Estações: "Contar é preciso", "Quem?", "Quando?", "Onde?", "Como?", "Por quê?", "Título" e "A notícia"

» Número(s) de aula(s): 1 aula (60 minutos)

6. RESULTADOS DA EXPERIMENTAÇÃO

Os desafios propostos e aplicados na Dante Em Foco Mirim propiciaram mudanças na oficina no que se refere à atuação da professora e da jornalista, que passaram de oradoras a mediadoras. Além disso, houve uma diferenciação nas

estratégias das dinâmicas de agrupamento de alunos, que passaram a compor equipes de acordo com os níveis de facilidade/dificuldade com relação ao conteúdo apresentado em sala.

Outra característica que resultou da experimentação foi a intervenção de acordo com as necessidades pedagógicas, além das observações de aprendizagem que foram aprimoradas, sendo desenvolvidas a partir da análise de relatórios e das relações aluno-professor/aluno-aluno, como mostram as tabelas abaixo:

Tabela 1: Avaliação personalizada da turma

Alunos	**Em relação à autonomia do aluno (Valores: 1 a 5)**	**Em relação à educação personalizada (Valores: 1 a 5)**	**Em relação ao domínio do conhecimento (Valores: 1 a 5)**	**Em relação aos relacionamentos profundos (Valores: 1 a 5)**
<nome do aluno>				
<nome do aluno>				
<nome do aluno>				

» **Em relação à autonomia**: observação e avaliação dos alunos que conseguiram passar pelas estações e realizaram as atividades sem solicitar orientações à professora ou à jornalista;

» **Em relação à educação personalizada**: observação, avaliação e classificação dos alunos que tiveram dificuldades conceituais (individualização), os que cumpriram todas as atividades disponíveis nas estações (diferenciação) e os que, além de cumprirem todas as atividades disponíveis nas estações, ultrapassaram as atividades propostas, contribuindo e/ou solicitando novas informações (personalização);

» **Em relação ao domínio do conhecimento**: avaliação da produção dos alunos;

» **Em relação aos relacionamentos profundos**: observação e avaliação da colaboração, da interação e da produção dos alunos a partir da contribuição do outro.

Tabela 2: Avaliação personalizada[14] com foco no agrupamento de alunos:

Alunos que precisam de uma atividade individualizada	Alunos que precisam de uma atividade diferenciada	Alunos que precisam de uma atividade personalizada
<nome do aluno>	<nome do aluno>	<nome do aluno>
<nome do aluno>	<nome do aluno>	<nome do aluno>
<nome do aluno>	<nome do aluno>	<nome do aluno>

Durante o ano de experimentação, foi preciso ajustar o objetivo inicial. Dessa forma, em lugar de uma inovação disruptiva,optou-se por uma inovação sustentada, pois, ao aperfeiçoar processos, percebeu-se a necessidade de se fortalecerem concepções pedagógicas e se criarem sequências didáticas mais bem estruturadas. Fez-se também necessário ajustar a gestão do tempo da professora, da jornalista e dos alunos, e assim acomodar as mudanças de uma forma gradativa, consolidando uma cultura híbrida na sala de aula. Concedeu-se, também, a reflexão "**do quando**", "**do como**" e "**do por que**" utilizar a metodologia do ensino híbrido. Nessa perspectiva,

> [...] a melhora de qualquer das atuações humanas passa pelo conhecimento e pelo controle das variáveis que intervêm nelas, e o fato de que os processos de ensino/ aprendizagem sejam extremamente complexos – certamente mais complexos do que os de qualquer outra profissão – não impede, mas sim torna mais necessário, que nós, professores, disponhamos e utilizemos referenciais que nos ajudem a interpretar o que acontece em aula. (ZABALA, 1998, p. 15)

A experimentação no modelo de ensino híbrido foi possível porque teve a participação da professora, que, por iniciativa própria, iniciou um movimento de mudança em sua sala de aula e compartilhou as experiências. A professora contou com a parceria da jornalista, que, prontamente, se mostrou disposta a experimentar e a vencer os desafios. A iniciativa também contou com o apoio da coordenadora-geral, que identificou o engajamento da professora e mediou, de forma flexível, a experimentação. Além disso, essa experimentação teve o "sim" da diretora-geral pedagógica, que permitiu a realização de tal metodologia de ensino no Colégio Dante Alighieri. Por último, mas não menos importante, toda a experimentação só

14 **Diferenciar, individualizar e personalizar o ensino**. Disponível em http://migre.me/pGRQG. Acesso em 12 set. 2014.

obteve êxito porque contou com os alunos-jornalistas, verdadeiros protagonistas, parceiros engajados e a única razão para que tudo fizesse sentido.

Para registrar tais mudanças, foram gravados vídeos das diferentes experimentações, bem como depoimentos dos alunos, os quais estão publicados em um canal no Youtube[15].

7. O ANO DE 2015 E PRÓXIMOS RELATOS

Em 2015, 88 alunos, compreendendo matriculados desde o Ensino Fundamental I até o Ensino Médio, participam, no contraturno, da oficina gratuita e extracurricular, organizada em duas turmas: Dante Em Foco (alunos maiores de 13 anos) e Dante Em Foco Mirim (alunos de 9 a 13 anos). O ensino híbrido, após um ano de experimentação, tornou-se uma metodologia curricularmente aplicada às oficinas educomunicativas Dante Em Foco e Dante Em Foco Mirim.

Visando à ampliação dessa experiência dentro do Colégio Dante Alighieri, o modelo de ensino híbrido está sendo aplicado também em outros componentes curriculares, distribuídos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Em médio prazo, novos relatos de experimentação e inovação na sala de aula poderão ser compartilhados.

8. REFERÊNCIAS

CHRISTENSEN, Clayton M.; HORN, Michael B.; JOHNSON, Curtis W. **Inovação na sala de aula** - Como a inovação disruptiva muda a forma de aprender. Porto Alegre: Editora Bookman, 2012.

ALMEIDA, Mª Elizabeth Bianconcini de; VALENTE, José Armando. **Tecnologias e currículo**: trajetórias convergentes ou divergentes? São Paulo: Editora Paulus, 2011.

SENGE, Peter [et al.]. **Escolas que aprendem** - Um guia da Quinta Disciplina para educadores, pais e todos que se interessam pela educação. Porto Alegre: Editora Artmed, 2005.

15 **Canal no YouTube**, disponível em http://migre.me/m7ylh. Acesso em 30 abr. 2015.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. O papel do coordenador pedagógico. Portal Revista Educação. Disponível em: http://migre.me/pM0LP. Acesso 14 set. 2014.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas, afinal, o que é educomunicação?** Disponível em: http://migre.me/pM0K7. Acesso 12 set. 2014.

VALENTE, Luis. **Recursos digitais para utilização em contexto educativo**: a cana ou o peixe. In: DIAS, P. e OSÓRIO, A. J. (org.) Aprendizagem (In)Formal na Web Social. Centro de Competência do Minho. Maio, 2011.

AMARAL, Sergio Ferreira do. **A TV Digital interativa no espaço educacional**. Disponível em http://migre.me/pM0N0. Acesso 12 set. 2014.

SILVA, E.T. **Criticidade e leitura**: ensaios. Prefácio de Luiz Percival Leme Britto. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2002.

GOMES, Patrícia. **Ensino híbrido é o único jeito de transformar a educação**. Entrevista com Michael Horn. Portal PORVIR. Disponível em: http://migre.me/lB6m7. Acesso 12 set. 2014.

PORVIR. **Ensino híbrido ou blendedlearning**. Disponível em: http://migre.me/lB6Vh. Acesso 12 set. 2014.

_____. **Diferenciar, individualizar e personalizar o ensino**. Disponível em: http://migre.me/pGRQG. Acesso12 set. 2014.

_____. **Ensino híbrido: uma inovação disruptiva?** Uma introdução à teoria dos híbridos. Disponível em http://migre.me/pGVD5. Acesso 30 abr. 2015.

Khan Academy: repensando o papel do professor e as mudanças essenciais que ele experimenta. Disponível em http://migre.me/lDmZg. Acesso 14 set. 2014.

•● AS AUTORAS ●•

Barbara Endo é professora da oficina Dante Em Foco desde 2011 e assessora de Educomunicação no Colégio Dante Alighieri. Mestranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, bacharel em Jornalismo pela Umesp, além de especialista em Gêneros Telejornalísticos, Agências de Informação e Comunicação Organizacional pela Universitat de València, na Espanha. Possui também extensão em "Marketing corporativo", "Direito voltado ao jornalismo" e em "Jornalismo digital e redes sociais". E-mail: barbara.endo@cda.colegiodante.com.br.

Valdenice Minatel Melo de Cerqueira é coordenadora-geral de tecnologia do Colégio Dante Alighieri. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é mestra e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). E-mail: valdenice.minatel@cda.colegiodante.com.br.

Verônica Martins Cannatá é professora da oficina Dante Em Foco desde 2009 e assistente de coordenação de Tecnologia Educacional do Colégio Dante Alighieri. Licenciada e bacharel em Ciências Sociais. Pós-graduada em Sistema de Informação pela Fundação Santo André (FSA). Mestranda (regime especial) em Educação, pela Universidade Metodista de São Paulo. Integra o Grupo de Experimentações de Ensino Híbrido da Fundação Lemann e do Instituto Península. E-mail: veronica.cannata@cda.colegiodante.com.br.

O jornal escolar para a criação de espaços para o protagonismo juvenil na Escola Estadual Victor Geraldo Simonsen – um relato da experiência do legado jovem

Felipe Schadt

1. CONTEXTUALIZANDO

Com mais de dois anos de existência, **O Jornaleiro**, projeto do curso de comunicação social dos alunos da Faculdade Campo Limpo Paulista (Faccamp), mostrou-se como um potencial projeto educomunicativo por fazer uso de preceitos que esse novo campo de intervenção social tem como base, como por exemplo, o uso do diálogo, a construção coletiva de conhecimento e o protagonismo juvenil.

Com o tempo e metodologias adotadas pelo grupo, notou-se que o papel puramente funcionalista que **O Jornaleiro** exercia, em que a formação de novos profissionais com as qualidades e aptidões exigidas pelo mercado era o principal foco, foi ficando em segundo plano e dando espaço para a importância da formação pessoal dos membros do projeto. Essa formação pessoal perpassa por processos que se enquadram dentro da Educomunicação. Segundo o professor livre docente, Ismar de Oliveira Soares:

> Partimos da premissa de que a educomunicação, conceito que - no entendimento do Núcleo de Comunicação e Educação da USP - designa um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, apresenta-se hoje, como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e da juventude[1].

E era esse caminho que **O Jornaleiro** estava tomando dentro do curso de Comunicação Social da Faccamp. Através de processos comunicativos, estava interferindo diretamente nos processos educacionais, proporcionando aos alunos um espaço para seu crescimento pessoal através do protagonismo.

Essa aproximação com a Educomunicação se potencializou após o projeto perceber que das 42 escolas (públicas e particulares) do município de Campo Limpo Paulista (45 km de São Paulo) – cidade na qual o projeto está inserido –, nenhuma possui, atualmente, um projeto educomunicativo. Sendo assim, **O Jornaleiro** se mostrou interessado em expandir seus horizontes, indo do ensino universitário para o ensino médio.

1 SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 14

Mas para que essa ida às escolas fosse feita de uma maneira saudável para os membros da comunidade escolar, **O Jornaleiro** precisou entender as realidades escolares presentes na cidade de Campo Limpo Paulista para só depois implantar as experiências que deram certo na Faccamp. Foi preciso, portanto, mapear e conhecer uma dessas realidades e para isso escolher uma das 12 escolas da cidade - que possuem alunos no ensino médio - e entender suas demandas, preocupações, agentes, cenário, cultura, limitações e recursos.

A escola escolhida foi a Escola Estadual Victor Geraldo Simonsen, situada no bairro Jardim Europa, região periférica da cidade de Campo Limpo Paulista. A escola estadual, criada a partir do decreto 28.823 de 30 de agosto de 1988, atende, atualmente, o Ensino Fundamental Ciclo II e o Ensino Médio, não oferecendo aulas noturnas, apenas matutinas e vespertinas.

Em 2014, a Victor Geraldo Simonsen atendeu 753 alunos regularmente matriculados, sendo 344 discentes do Ensino Médio. Desses, 270 continuaram na escola até o fim do ano letivo, resultando em um número de 74 estudantes que saíram da escola antes do término do ano letivo. Desses 74 alunos, segundo a secretaria da escola, a maioria deixou a Victor Geraldo Simonsen porque a escola não oferece aulas noturnas, impedindo alunos que conseguem ingressar precocemente no mercado de trabalho a se manterem matriculados, levando-os a procurarem outra escola para terminar o seus estudos.

Porém, a escola vive uma preocupante realidade referente ao abandono escolar. Só no ensino médio, nos últimos três anos, houve 31 casos de abandono. Segundo os gestores da escola, na maioria das vezes, a evasão se dá pela gravidez precoce, por problemas familiares e, principalmente, pelo desinteresse do jovem com a escola.

Mas essa realidade não é exclusividade da Victor Geraldo Simonsen. O Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas realizou, em 2009, uma pesquisa intitulada de "Motivos da Evasão Escolar", constatando que 40,1% dos jovens de 15 a 17 anos deixam de ir à escola por acharem-na desinteressante[2]. Já a ONG Ação Educativa, de São Paulo, revela em sua pesquisa "Que Ensino Médio Queremos?"

2 SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 25.

que 59% dos jovens entrevistados dizem que só se interessam pela escola "as vezes", enquanto 28% responderam que raramente acham a escola interessante[3].

Esses dados chamam a atenção por mostrarem que a escola está, ao contrário do que se espera, distanciando os jovens de dentro das salas de aula, por ser, segundo as pesquisas citadas anteriormente, desinteressante ao aluno. Ismar de Oliveira Soares nos atenta para entender que:

> [...] uma educação eficiente precisa inserir-se no cotidiano de seus estudantes e não ser um simulacro de suas vidas. Fazer sentido para eles significa partir de um projeto de educação que caminhe no mesmo ritmo que o mundo que os cerca e que acompanhe essas transformações. Que entenda o jovem. E não dá para entende-lo, sem se quer escutá-lo[4].

É nesse contexto que a educomunicação se faz pertinente: ao criar ações que modifiquem o espaço escolar, transformando-o em um local onde o jovem deixe de ser mero elemento da educação para se transformar em agente criador. Acreditamos, portanto, que uma intervenção educomunicativa neste ambiente possa garantir o favorecimento da autonomia do aluno, gerando assim um entendimento de que a escola não é um local fechado e de ensino verticalizado, mas sim um ecossistema que tem o aluno como grande criador. Sendo assim, dando ao aluno chances de se interessar por ela.

2. OS PROCESSOS DO **LEGADO JOVEM**

A princípio, a ideia era simplesmente reproduzir as lógicas e metodologias que baseiam as ações do **O Jornaleiro** na Escola Estadual Victor Geraldo Simonsen. Convidar os alunos para participarem do projeto; estabelecer horários de reuniões; criar uma página no Facebook para servir de plataforma para a divulgação do material produzido; e estabelecer a dinâmica de um jornal-laboratório, com as reuniões de pauta, **deadline**, revisão e publicação.

Uma reunião com os mais de 60 alunos interessados foi o passo seguinte. Foi cedida pela direção, a sala de leitura que mal coube os mais de 60 discentes interessados. Convocamos os interessados a participarem desse primeiro encontro

3 Idem.

4 Ibid., p. 8.

para definirmos, coletivamente, que dias e horários se dariam as reuniões seguintes para darmos andamento ao projeto.

Em roda, começamos a discutir as possibilidades do andamento do jornal, referente aos dias dos próximos encontros. O que já estava definido pela direção era o horário. O projeto aconteceria no contra turno, duas vezes por semana. Isso porque seria inviável a realização dos encontros em horário de aula. Depois de ouvir todos que se prontificaram a opinar, ficou decidido que as reuniões seriam todas as segundas e quartas-feiras, das 13h às 14h30min.

Embora a evasão sofrida pelo projeto foi algo marcante, o envolvimento dos alunos que permaneciam foi aumentado gradativamente na medida que iam entendendo o seu processo. As produções foram surgindo e alunos de fora do projeto – e até mesmo os que saíram no decorrer da pesquisa – envolviam-se com as reportagens, curtindo, compartilhando e/ou comentando na página que criaríamos para o jornal no Facebook. Para os que permaneceram até o final – nove alunos – o projeto foi intenso.

Todo o processo de seu dentro de quinze encontros que, por sua vez, foram divididos em quatro blocos. Do 1º ao 5º encontro realizamos oficinas teóricas sobre a produção jornalística, para dar base aos alunos para poderem produzir as reportagens do jornal-laboratório. Além disso, usamos esse bloco para definirmos a identidade do jornal (nome e logotipo), dinâmica do processo e regras de convívio do grupo.

No segundo e terceiro bloco – que foi do 6º ao 14º encontro – trabalhamos com as produções das reportagens e conversamos sobre esse processo em uma roda de conversa, em que buscávamos extrair dos alunos como foi para eles esse processo de escolha do tema, pesquisa, escrita, divulgação e recepção dos leitores.

Por fim, encerramos nossas pesquisas no último bloco – 15º encontro – para dialogarmos com os participantes tentando entender como eles viveram toda a experiência de conduzir o jornal-laboratório na escola. Além disso, saber se os discentes continuariam com o projeto.

3. FASES DO PROJETO

No **Legado Jovem**, foi observável três fases do processo: **Estranhamento**; **reconhecimento**; e **empoderamento**. A primeira aconteceu na primeira fase do projeto, em que nos dedicamos a ensinar, com as oficinas, sobre as produções jornalísticas. Já a segunda foi mensurável a partir das primeiras produções, em que houve um reconhecimento do aluno participante como agente criador. E por fim, a terceira fase se deu no final dos encontros em que os alunos não queriam parar com o projeto, tomando-o para eles.

O estranhamento no início do projeto já era o esperado, afinal, apresentamos algo diferente do que os alunos estavam acostumados a lidar. Diferente no conteúdo e principalmente no processo, em que buscamos deixar claro que seriam eles quem deveriam tomar as rédeas do projeto e, através do coletivo, mantê-lo em funcionamento.

O estranhamento só teve fim quando os participantes começaram a reconhecer a sua participação no processo como agente criador e não mais como mero elemento. Foi através das práticas dialógicas e coletivas que eles entenderam o seu papel dentro do **Legado Jovem**.

Pudemos observar que tinham a convicção de que eram capazes de mudar a própria realidade a partir de suas ações dentro do jornal. Eles deixariam um legado para os próximos participantes. Esse entendimento dos alunos mostra que quem conduziria as coisas e se responsabilizaria pelo legado deixado, eram eles. Os participantes se reconheciam como criadores.

Ao final da pesquisa, o empoderamento foi adicionado ao reconhecimento. Isso porque, quando perceberam o potencial que tinham e tudo que já haviam feito, através das reportagens, pela escola, pelos demais alunos e pelas próprias vidas, não queriam interromper o projeto. Queriam ir adiante e seguir.

Tendo consciência desses fatores, habituados aos processos e emancipados, os alunos se empoderaram do **Legado Jovem** e continuaram com o projeto, mesmo

com o término da pesquisa. O projeto continuou e se manteve na ativa[5], tendo os próprios alunos como gestores do jornal-laboratório.

4. CONSIDERAÇÕES

Entendemos que, para a criação desses espaços, a educomunicação ofereça as melhores diretrizes, pois tem em suas bases metodológicas o diálogo, a coletividade e o entendimento de que o jovem não é mero elemento do paradigma **ensino x aprendizagem**, mas sim agente criador capaz, inclusive, de ensinar e transformar a sua e a realidade no qual está inserido.

Levar esses preceitos para dentro da escola resultou na criação do **Legado Jovem**. Um jornal-laboratório escolar que ofereceu aos alunos – e oferece, pois o projeto continua – chances de se tornarem agentes capazes de transformar a realidade escolar, social, familiar, profissional etc.

Dentro do projeto vimos alunos ganhando voz e se expressando, através das produções, suas opiniões e visões de mundo. Ajudaram a fortalecer um ecossistema comunicativo aberto e dialógico entre a comunidade escolar. E começaram a despontar ações que modificasse a realidade, através de cidadania e solidariedade.

Durante esses 15 encontros que realizamos e a experiência que tivemos com **O Legado Jovem**, acreditamosque a educomunicação foi o caminho para gerar o protagonismo dos agentes sociais envolvidos no projeto, por meio da realização de um jornal-laboratório dentro da escola, criando um espaço que favorece o surgimento de jovens protagonistas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**.São Paulo: Paulinas, 2011.

5 Até o termino deste relato – maio de 2015 –, o Legado Jovem continuou produzindo e se manteve como projeto na Escola Estadual Victor Geraldo Simonsen, em que novos alunos começaram a se interessar em participar, novas reportagens foram feitas e novas ações foram realizadas.

•● O AUTOR ●•

Felipe Schadt é jornalista formado pela Faculdade Campo Limpo Paulista, com especialização em História, Sociedade e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professor de Técnicas em Rádio e TV no curso de comunicação social da Faculdade Campo Limpo Paulista, coordenador do projeto **O Jornaleiro**, membro da Associação Brasileira de Pesquisadores de Educomunicação e aluno do curso de pós-graduação lato-sensu em Educomunicação pela Escola de Comunicação e artes da USP.

IV Festival de Cinema da E.E.M. Santa Catarina

Marcélia De Ávilla
Ione BrandaliseBiazus
Maria Valésia Silva da Silva

Compartilhando da ideia que a diversificação dos recursos didáticos pode contribuir para um aprendizado mais motivador e significativo nos propusemos incentivar os alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Santa Catarina, situado em Caxias do Sul-RS a além de expressarem-se através da produção de materiais audiovisuais, desenvolverem o senso de trabalho em equipe, expressar suas ideias através da leitura, pesquisa, análise e reflexão dos assuntos referentes a temas transversais, bem como nutrir mais interação e participação nas manifestações diversas da arte, da cultura local, e ampliar a percepção de papel transformador do aluno na sociedade. Tudo isso motivou a criação de um festival de cinema estudantil, que chamou a atenção pela muitas habilidades e competências que poderiam ser desenvolvidas, além de envolver os alunos como protagonistas do processo de aprendizagem individual e coletivo.

O festival de cinema da escola estadual Santa Catarina iniciou em 2011, sob a coordenação de professores e com apoio da então diretora Ione Brandalise Biazus. Foi denominado "Estrelas do Santa no Cinema", nome criado pelos próprios alunos da instituição. A seguir faremos um breve relato sobre as edições anteriores.

A primeira edição foi planejada e coordenada pelas professoras Jane Cecconello, Solaine Begnini e Breno Dalla Zen, e teve como tema a Multiculturalidade em Caxias do Sul.

Na segunda, os professores Felipe Bragagnolo e Michel Michelon passaram a compor, também, a equipe de coordenação juntamente com as professoras Jane Cecconello, Solaine Begnini e os temas possíveis de serem trabalhados foram os que seguem: superação, resiliência, alteridade, vícios e compulsão, mídia e estímulo, felicidade, famílias, amor, carência, idosos, natureza, redes sociais, senso moral e descaso.

Na terceira, o festival foi coordenado pelo professor Michel Michelon e fez homenagem a Chaplin, que completaria em 2014, 100 anos de história nas telonas.

Na quarta edição, objeto deste relato, o projeto foi assumido pela professora Marcélia de Avilla no diurno e no noturno pela professora Fátima Terezinha, com o auxílio da professora Bruna da Costa e da supervisora Inajara Cerentini. O suporte tecnológico ficou a cargo das professoras supervisoras da Sala Digital, Maria

Valésia Silva da Silva e Silvana Berti, que com certeza também aprenderam muito com os alunos mais proficientes na área. Além, é claro, de todos que apoiaram a proposta inovadora e desafiante, diante da crescente necessidade de envolver uma aprendizagem interdisciplinar, significativa que envolva as tecnologias digitais na sala de aula.

O referido projeto aconteceu em 2014, no Centro Cultural da escola. Desde o ano de 2012 o projeto sofreu algumas alterações, devido à implantação do Ensino Médio Politécnico[1] na rede estadual do Estado do Rio Grande do Sul. Esta implantação trouxe diversos fatores que beneficiaram o processo, dentre eles uma carga horária específica para a parte diversificada[2] que foi denominada como Seminário Integrado; deste tempo foram destinados dois períodos semanais para trabalhar o cinema. Nas primeiras edições a atividade era desenvolvida como extraclasse, dificultando o encontro dos alunos e causando saídas das aulas em períodos de outras disciplinas. Salientamos que a proposta do Seminário Integrado foca-se na pesquisa investigatória e que proporciona aos alunos condições de construir sua aprendizagem através da busca de informação, análise das mesmas e solução de problemas.

Até então os alunos tinham liberdade de escolher o tema para construir o roteiro. Já o IV Festival apresentou um tema gerador para a produção dos curtas[3]

1 O Ensino Médio Politécnico articula as disciplinas a partir das áreas do conhecimento (Ciências Humanas, Ciências da Natureza, Linguagens e Matemática e suas tecnologias). No seminário Integrado os alunos desenvolvem atividades de pesquisa, colocando em prática os conhecimentos teóricos. A nova modalidade também busca preparar os jovens para a sua futura inserção no mundo do trabalho ou para a continuidade dos estudos no nível superior. O Ensino Médio Politécnico começou a ser implantado em 2012 para o 1º ano, em 2013 no 2º ano e em 2014 chegou ao 3ºano.

2 A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) prevê, para os ensinos Fundamental e Médio, o mínimo de 200 dias e uma carga horária de, ao menos, 800 horas por ano letivo (Art. 24, I). O currículo dessas etapas da Educação Básica estipula uma base comum e uma parte diversificada. Na primeira, constam obrigatoriamente "o estudo da Língua Portuguesa e da Matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil" (Art. 26, § 1º). Já na segunda podem ser incluídas disciplinas de livre escolha das escolas e dos sistemas de ensino, conforme os interesses e as possibilidades de execução. Não há delimitações temáticas para essa última parte: é possível optar por ministrar Geografia municipal, Educação Ambiental, Dança de Salão, Informática, Língua Italiana etc. (Art. 26). No geral, as restrições são de ordem econômica e de disponibilidade de pessoal especializado, além do hábito de oferecer sempre as mesmas matérias, abrindo pouco espaço para novidades.

3 Filmes fictícios de no mínimo 8 minutos e máximo 15. Formado por grupos de 12 a 18 alunos, direcionados aos alunos do segundo ano do Ensino Médio.

e documentários[4]. O tema escolhido pela maioria dos professores seguiu as tendências dos fatos que se imaginava seriam a tônica do ano 2014. Como se previa, foi um ano marcado por vários eventos político-sociais importantes, tais como: grandes manifestações e reivindicações nas ruas das principais cidades brasileiras em relação ao descontentamento da população, copa do mundo, os 50 anos do golpe militar e eleições nacionais. Diante deste cenário, em reunião, foi decidido que o tema "Relações de Poder" englobaria os assuntos relacionados anteriormente, para o desenvolvimento dos projetos e pesquisa. De acordo com Danne (2009):

> Não existe, em Foucault, uma teoria do poder (nem era sua pretensão fundar uma). Em oposição à teoria, Foucault propõe que se faça uma analítica do poder. Pois, segundo ele não existe o poder, o que existe são as relações de poder. Ainda, segundo Foucault o poder é um objeto natural, uma prática social, constituída historicamente.

Inicialmente os alunos formaram pequenos grupos de 3 a 5 pessoas e escolheram um assunto dentro do tema. O assunto deveria partir do processo de observação do contexto político-social e partindo desta visão, formular o problema de pesquisa. Os alunos demonstraram certa dificuldade em compreender o tema, mas com o trabalho integrado da professora de sociologia, Camila Pacheco eles perceberam a riqueza e a amplitude de tudo o que poderia ser investigado em suas pesquisas.

Utilizando como recurso pedagógico o livro **Seminário Integrado – Rompendo Paradigmas no Ensino Médio** Pellini e Avilla (2013), os alunos tiveram um passo a passo da construção de um projeto. Deforma espontânea e orientada, sempre que necessário, conseguiam obter um bom aproveitamento e variados assuntos abordados em suas pesquisas.

Concluído o projeto e a pesquisa, os pequenos grupos se integraram, produzindo em média dois curtas por turma, 21 curtas no total em 2014. Os alunos dos terceiros anos produziram mais de 40 documentários, o que foi uma tarefa mais fácil, já que esses alunos já haviam construído as habilidades e competências necessárias para a produção de áudio visuais, tais como: roteirização, gravação, edição e finalização, na elaboração dos curtas no ano anterior.

4 Os documentários foram criados pelos terceiros anos e tinham que ser desenvolvido entre 4 a 7 minutos.

O processo se desenvolveu em três etapas que relataremos a seguir:

1ª ETAPA

O grande grupo dispunha de, em média, três assuntos que poderiam variar dentro do tópico "Relações de Poder". Por exemplo, o 1964[5] abordou o período da Ditadura Militar no Brasil. A abordagem dos subgrupos dividiram-se da seguinte forma:

- a) O surgimento dos movimentos sociais, o golpe, a mídia, educação e religião no período histórico em questão;
- b) a ditadura da beleza, o consumismo e a desigualdade sociais;
- c) as relações de poder na família do século XX em comparação com o século XXI;
- d) a dependência de tecnologia digital e celular; e
- e) o preconceito social;
- f) o machismo;
- g) o poder da propaganda e manipulação midiática;
- h) as estruturas de governo;
- i) o idealismo político;
- j) a globalização, dentre outros.

A riqueza de informações e conhecimento adquiridos transformaram-se em histórias criativas, envolventes e reflexivas sobre a estrutura social contemporânea e sobre as mais variadas formas de poder, manipulação, dependência e preconceito.

2ª ETAPA

Na segunda etapa, o projeto visava à construção da história do filme e envolvia argumentação sobre a mensagem transmitida. Com a história construída, os alunos iniciaram o processo de roteirização da história e posteriormente de gravação da mesma. Todo o planejamento acontecia em sala de aula, registrado em ata e supervisionado pela professora.

5 Curta que teve destaque na premiação, somando 11 Cataritos.

Durante o percurso, houve muitas pedras. As maiores dificuldades referem-se aos problemas de relacionamento interpessoais. A falta de comprometimento de alguns, e a disputa por espaço era evidente. Foi notável o choque entre personalidades alguns pela imposição das ideias, outros pelo espírito de liderança, outros ainda pela omissão e descomprometimento com o grupo.

O projeto envolve toda a estrutura de um empreendimento idealizado, concretizado e finalizado: a gestão de pessoas, o diálogo e a tolerância às críticas internas e externas, que foram capazes de proporcionar aos adolescentes um crescimento como um todo, o que de outra forma não seria possível.

3ª ETAPA

Com a finalização das gravações, iniciou-se o processo de edição, escolhas das trilhas sonoras e colocação das legendas em Língua Portuguesa. Durante essa etapa, contamos com o apoio de profissionais do Curso de Multimídias da FTEC (Faculdade de Tecnologia Tecbrasil) – Caxias do Sul que prepararam e ofertaram uma oficina de edição exclusiva para nossos alunos, em sua instituição[6]. No desenvolvimento dessa etapa, os alunos deveriam salvar os trabalhos em AVI[7] e passar para 10 DVDs que seriam distribuídos para 9 jurados de diferentes segmentos da área da comunicação, como, por exemplo, representantes das instituições de ensino em Comunicação Social da FTEC e FAL (Faculdade América Latina), jornalistas especializados em cinema do Jornal Pioneiro e afins.

Também nesta etapa foi firmada uma parceria com a FAL, atual FSG (Faculdade da Serra Gaúcha), que através de uma palestra com o professor Ms. Felipe Martini e Patrícia Fagundes encaminharam à instituição contato com a professora da disciplina de Assessoria de Imprensa, Professora Ms. Bruna Silveira[8]. Através deste contato, fomos convidados a fazer uma visita a uma das aulas da disciplina de Assessoria de Imprensa da professora Bruna, a fim de apresentar o projeto, para que, com base em nossas informações, os alunos de jornalismo tivessem condições

6 Aqui vão nossos agradecimentos à instituição, na pessoa do Professor Ms. André Boeira.

7 Formato que permite rodar o DVD em aparelhos de DVD.

8 Aqui vão nossos agradecimentos à instituição, na pessoa da Profa. Ms.Bruna Silveira.

de fazer o trabalho de release aos veículos de informação da cidade como um lançamento de produto.

Na ocasião, a professora Marcélia, juntamente com cinco alunos, fez o relato do projeto e do processo em que estava sendo desenvolvido. Dois meses depois, na véspera do festival, ganhamos destaque na mídia local com reportagem no Jornal Pioneiro, entrevista no Jornal de Almoço, TV Caxias e rádios Caxias e São Francisco, como pode ser observado nos links e fotos a seguir:

» http://www.tvcaxias.com.br/noticia/visualizar/1086

» http://wp.clicrbs.com.br/cinecessario/2014/11/04/mais--um-festival-do-santa/#.VFlTT-Sw9Q0.facebook

» http://globotv.globo.com/rbs-rs/jornal-do-almoço/v/um--festival-de-cinema-produzido-por-estudantes/3747320/

2
Pioneiro
Comportamento

Projeção de talentos

Festival Estrelas do Santa exibe 10 curtas de alunos entre ficção e ficção

Pioneiro

Morte expõe (pela 17ª vez) desatenção aos pedestres

EDUCAÇÃO

Curtas do Santa entram em cartaz

ECONOMIA

Indústria acumula 6 mil vagas fechadas

Comportamento

Página 15

» http://www.americalatina.edu.br/noticia/detalhe/779

4ª ETAPA

Com a finalização dos curtas, padronização das capas dos DVDs e criação dos cartazes, foi organizada, por iniciativa dos alunos, uma pré-estreia. Ela aconteceu no horário de aula, no centro cultural da escola. Os produtores de cada curta tiveram espaço para divulgar seu trabalho, exporem seu cartaz e convidar pessoas para o festival, apresentando, também, os trailers dos filmes para os três turnos da escola. A criatividade contemplou distribuição de pipocas, exposição de armas, mostra experimental da sensação de estar em um pau de arara, documentos e fotos da ditadura militar. Todos os detalhes foram criados e organizados pelos alunos, com o apoio dos professores, incentivadores encantados com tudo o que viram durante esse processo. Esse momento foi marcante, também, pela criação de páginas no facebook e a divulgação das mesmas. Algumas alcançaram 600 curtidas em uma semana.

5 ª ETAPA

Toda a emoção aflorou nos dias de exibição e de festival. Os alunos, mais uma vez, foram os protagonistas, participando da decoração e dos detalhes do que aconteceria na culminância do projeto, a noite das "Estrelas do Santa".

1. REFERÊNCIAS

Pellini, A. T.&Avilla, M.(2013) Seminário Integrado: Rompendo Barreiras no Ensino Médio. **Editora do Maneco**. Caxias do Sul. 2 ª ed.

Danner, F. A Genealogia do Poder em Michel Foucault. **IV Mostra de Pesquisada Pós-Graduação PUCRS**. Recuperado em 15 maio, 2015, de http://www.pucrs.br/edipucrs/IVmostra/IV_MOSTRA_PDF/Filosofia/71464-FERNANDO_DANNER.pdf.

Metodologias educomunicativas no projeto Digo Não ao Álcool, Sim, Senhor!

Maribel da Costa Dal Bem

1. INTRODUÇÃO

O presente projeto está sendo desenvolvido desde 2014, na Escola Estadual de Ensino Médio Cilon Rosa- Santa Maria/RS, com jovens entre 13 a 17 anos que são educandos do 1º ano do Ensino Médio.

A escola possui relevante papel social, logo deve trabalhar temas que estão associados ao dia a dia dos educandos. É de suma importância que ela não se cale diante do que vê e ouve, mas ofereça formas de diálogo para contribuir na formação de mentes sadias e pensantes.

A questão do abuso do álcool é bastante evidente em nossa sociedade. E, cada vez mais, os adolescentes estão se envolvendo nesse problema, iniciando muito cedo o consumo e aumentando as chances de tornarem um simples experimento em um vício difícil de abandonar. Em uma primeira pesquisa realizada através de diálogo com os educandos, verificou-se que 60% deles possuíam familiares envolvidos com o abuso de álcool. E pôde-se perceber o quanto isso fazia sofrer os adolescentes. Independente do perfil socioeconômico, o problema era dolorido e estava deixando marcas na vida dos jovens.

Sendo assim, ficou evidente a necessidade de falar sobre o tema. Porém, na maioria das vezes, não se conquista o adolescente apenas com a nossa fala. É preciso pensar pedagogicamente estratégias metodológicas que o envolvam e façam com o que tema seja trabalhado de forma cidadã e participativa. O jovem precisa sentir-se parte do processo, ter voz ativa, protagonizar ações. Como dizia Paulo Freire, "Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação- reflexão."

A educomunicação é fundamental para uma proposta diferenciada que busque a qualificação pessoal e cognitiva. Há inúmeras estratégias que aproximam a escola dos meios de comunicação utilizados hoje pelos adolescentes e que são riquíssimas nas práticas pedagógicas. Pensando assim, foram propostas atividades, algumas em parceria com o Curso de Comunicação Social da UFSM, como pesquisa, criação de slogans, campanha antiálcool nas redes sociais, produção de cartilha educacional, oficina de fanzine, palestra, fotografia, produção de livro escrito com as famílias. Segundo Carlos Lima, "A Educomunicação como ferramenta utiliza a bagagem

cultural dos estudantes e oferece oportunidades para o acesso a investigações que vão além dos oferecidos nas disciplinas do currículo tradicional.", o que possibilita ressignificar o ensino- aprendizagem.

O nosso educando hoje está em contato com diferentes mídias e tem acesso a muitas informações. A escola precisa acompanhá-lo ou será considerada cada vez mais ultrapassada. Então, por que não aproveitar o potencial jovem em uma metodologia diferenciada? Pensamos, muitas vezes, que o adolescente é desinteressado e alienado. Porém, práticas pedagógicas que o envolvam provam o contrário. Podemos utilizar as redes sociais, a fotografia, a palestra, a oficina, a criatividade, a participação ativa para tornar nossas aulas mais interessantes e dinâmicas, (re)construindo os saberes e intervindo para a mudança social, pois segundo a matéria do site Lições aprendidas, as "ações de educomunicação devem transformar a escola e a comunidade, mas também criar simultaneamente um efeito nos indivíduos e em sua subjetividade (forma de existir). É a ampliação do espaço interno que garante que cada um terá autonomia para refletir, colocar-se no lugar do outro, cuidando de sua privacidade e compreendendo seu papel como sujeito transformador."

A nossa experiência com projetos tem comprovado que temos diante de nós adolescentes que se destacam pelo trabalho quando sentem que o professor acredita naquilo que faz e propõe atividades reflexivas e diferentes para o desenvolvimento de sua prática pedagógica. Os educandos foram muito receptivos à proposta, participando de todas as etapas de forma interessada e elogiável. Isso, com certeza, faz com que o nosso desejo de mudança na educação pública se acentue, pois percebemos que há muito o que fazer para que possamos contribuir positivamente na vida e sucesso escolar de nossos adolescentes.

2. METODOLOGIA EDUCOMUNICATIVA

A prática de uma metodologia educomunicativa propicia a diversidade de atividades e atrai a atenção dos adolescentes, que constroem o projeto de forma conjunta, humana, criativa e dialógica. Para Soares, 2011:

> A educomunicação, como uma maneira própria de relacionamento, faz sua opção pela construção de modalidades abertas e criativas de relacionamento, contribuindo, dessa maneira, para que normas que regem o convívio passem a reconhecer a legitimidade do diálogo com a metodologia de ensino, aprendizagem e convivência. A partir dessa perspectiva, entende-se que a relação dialógica não é dada pela tecnologia adotada, mais ou menos amigável, mas essencialmente pela adoção por um tipo de convívio humano. Trata-se de uma decisão ético- político-pedagógica, que necessita naturalmente ser circundada pela definição de tecnologias de auxílio. Um ambiente escolar educomunicativo caracteriza-se, justamente, pela opção de seus construtores pela abertura à participação, garantindo não apenas a boa convivência entre as pessoas (direção-docente-estudantes), mas, simultaneamente, um efetivo diálogo sobre as práticas educativas (interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pedagogia de projetos), elementos que conformam a pedagogia da comunicação (SOARES, 2011, P. 45)

3. PESQUISA SOBRE O ENVOLVIMENTO DOS FAMILIARES COM O ALCOOLISMO

Inicialmente, a professora de Língua Portuguesa trouxe um texto sobre o tema Alcoolismo e dialogou com as turmas, oferecendo oportunidade para quem quisesse falar sobre o enfrentamento ou não do problema em sua família.

O momento foi muito rico, visto que os jovens não tiveram vergonha de expor suas vivências e partilharam situações de dor diante de suas realidades. Houve o respeito, a escuta por parte de todos e verificou-se que 60% do total de educandos enfrentavam ou enfrentaram o problema em seus lares. Percebeu-se, então, a importância da contribuição da escola no enfoque do tema.

4. PESQUISA SOBRE O ÁLCOOL COM OS EDUCANDOS

Segundo Paulo Freire, "Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade." Logo, estes foram os objetivos da elaboração de uma pesquisa com os adolescentes: conhecer a realidade e descobrir o que sabem sobre o assunto para, posteriormente, pensar em práticas pedagógicas de efetiva intervenção.

Sendo assim, a pesquisa O Adolescente e o Álcool foi realizada com 84 educandos de 1º ano do Ensino Médio de 2014, turmas 104, 105, 106- tarde, com idade entre 14 e 17 anos, sendo 43 meninas e 41 meninos, objetivando saber a relação desses adolescentes com as bebidas alcoólicas, assim como o conhecimento que dispõem sobre o assunto.

As 20 questões foram elaboradas pela professora Maribel que fez, posteriormente, o levantamento de dados a fim de mostrá-los aos adolescentes e debater o resultado em sala de aula.

A seguir, as questões e o resultado da pesquisa:

		SIM	NÃO
1	Sua família o proíbe de beber?	52,8%	47,2%
2	Você já experimentou bebidas alcoólicas?	84,9%	15,1%
3	Você bebe frequentemente bebidas alcoólicas?	8,5%	91,5%
4	Você já comprou bebidas alcoólicas?	41,5%	58,5%
5	Algum dia um comerciante não quis vender bebidas para você?	38,6%	61,4%
6	Você costuma beber com a família?	26,4%	73,6%
7	Você costuma beber com os amigos?	47,1%	52,9%
8	Uma festa entre adolescentes só é boa se tem bebidas alcoólicas?	21,7%	78,3%
9	Você já bebeu por motivos emocionais ou problemas familiares?	9,4%	90,6%
10	Você conhece as consequências do alcoolismo?	100%	0%
11	Você acredita que um adolescente que bebe bastante consegue parar quando quiser?	26,4	73,6%
12	Os meninos bebem mais que as meninas?	63,2%	36,8%
13	Você considera alto o índice de jovens que bebem?	99%	1%
14	Você considera caro o preço das bebidas alcoólicas?	64,1%	35,9%
15	A família deve proibir as festas de adolescentes com bebidas alcoólicas?	36,8%	63,2%
16	Se a família proibir o uso de bebidas, isso despertará a vontade de beber?	44,3%	55,7%
17	Os valores familiares de hoje influenciam no uso de álcool pelos jovens?	58,5%	41,5%
18	O adolescente que bebe está propenso a adquirir outros vícios como as drogas?	65,1%	34,9%
19	Você conhece algum adolescente que bebe constantemente?	79,2%	20,8%
20	Você sente medo de se tornar um adulto alcoólatra?	33%	67%

5. BREVE ANÁLISE DOS DADOS

Há alguns resultados que merecem certa preocupação e reflexão. Por exemplo:

- » 47,2% das famílias não proíbem os adolescentes de beber;
- » 84,9% dos adolescentes já experimentaram bebidas alcoólicas;
- » 41,5% dos jovens já compraram bebidas alcoólicas;
- » 61,4% dos jovens afirmam que os comerciantes não se negaram a vender bebidas a eles, mesmo sendo menores;
- » 47,1% dos entrevistados costumam beber com os amigos;
- » 63,2% dos adolescentes acreditam que a família não deve proibir as festas de adolescentes com bebidas alcoólicas;
- » 58,5% dos jovens pensa que os valores familiares de hoje influenciam o uso de álcool pelos jovens.
- » 65,1% dos adolescentes diz que quem bebe está propenso a adquirir outros vícios como as drogas;
- » 79,2% dos entrevistados conhece pelo menos um adolescente que bebe constantemente;

Alguns dados nos deixam mais confiantes e esperançosos quanto ao problema do álcool na adolescência. Vejam:

- » 91,5% dos adolescentes não bebem frequentemente;
- » 73,6% dos adolescentes não costumam beber com a família;
- » 78,3% dos adolescentes afirmam que não é preciso ter bebidas alcoólicas para uma festa ser boa;
- » 90,6% dos jovens nunca beberam por motivos emocionais ou familiares;
- » 100% dos adolescentes afirmam conhecer as consequências do alcoolismo;

» 73,6% dos pesquisados não acreditam que um adolescente que bebe bastante pare quando quiser;

» 67% dos entrevistados não sentem medo de se tornar um adulto alcoólatra.

Outros dados também são relevantes:

» 63,2% dos entrevistados acredita que os meninos bebem mais que as meninas.

» 99% acredita que é alto o índice de jovens que bebem.

» 64,1% dos jovens considera caro o preço das bebidas alcoólicas.

» 55,7% dos adolescentes acredita que a proibição do uso de bebidas pela família não despertará a vontade de beber.

Foi baseado nesses dados que se pensou nas questões para debate, esclarecimento e informações propostas em sala de aula. Por exemplo, pesquisas revelam que as meninas bebem mais que os meninos, o que contraria a opinião dos jovens; todos afirmam conhecer as consequências do alcoolismo, mas na prática não é bem assim. Então, vê-se a necessidade de abordar essas e outras questões da pesquisa de forma a clarear dúvidas e afirmações errôneas.

6. LEITURA, PARTILHA E DEBATE DE TEXTOS

Certamente, a leitura é o suporte para qualquer atividade em sala de aula. É ela que nos propicia o conhecimento necessário para formar nossa opinião e debater com o grupo. Foi, então, que os educandos receberam textos diferentes sobre o alcoolismo para ler, fazer anotações e partilhar.

Os momentos de partilha são riquíssimos porque oferecem a oportunidade de um interferir na leitura e comentário do outro, tornando a aula participativa e trabalhando a prática da oralidade e da argumentação. Nesses momentos, sentamos em círculo e todos têm a chance de falar e ouvir, duas competências que, às vezes, são pouco trabalhadas na escola.

7. INTERDISCIPLINARIDADE E PROVA INTEGRADA DA ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA

A disciplina de Língua Portuguesa contou com o apoio e trabalho interdisciplinar na Área de Ciências da Natureza. Como o assunto liga-se também às disciplinas de Química, Física e Biologia, foi tratado de tal forma a contribuir com as atividades desenvolvidas. O alcoolismo foi inclusive o tema escolhido para a avaliação integrada dessa área.

8. PRODUÇÃO TEXTUAL

Nas aulas de Redação, em Língua Portuguesa, após a leitura de variados gêneros textuais e análise da pesquisa, foram solicitados temas de produção textual, objetivando utilizá-los em uma cartilha educacional. Abaixo, temos alguns temas trabalhados:

TEMA 1: O que é o alcoolismo?

TEMA 2: O adolescente deve dizer não ao álcool? Por quê?

TEMA 3: Quais são as consequências do consumo excessivo de álcool? TEMA 4: Por que cada vez aumenta mais o índice de jovens que bebem?

TEMA 5: Você vivencia/já vivenciou na família ou teve contato com algum caso de alcoolismo? Relate a situação e diga como se sentiu diante desse problema.

TEMA 6: O que são os Alcoólicos Anônimos? Como eles podem auxiliar?

TEMA 7: Crie slogans para uma campanha de conscientização contra o consumo de álcool.

9. CAMPANHA ANTIÁLCOOL NO FACEBOOK

Os educandos foram desafiados a refletirem sobre os textos lidos e criarem slogans para uma campanha em favor do não- consumo de álcool. Os slogans foram digitados, impressos e cada aluno fotografado com o seu. As fotos foram postadas, três por dia, nas redes sociais objetivando a conscientização das pessoas para que o consumo de álcool não se torne um problema em sua vida, tampouco se transforme em alcoolismo. Abaixo, uma relação de alguns slogans criados:

» Tenha amor à vida e não ao álcool! (Chaiane Santos)

» Seja inteligente, não deixe o álcool afetar sua mente! (Anelize Souza)

» Fique longe das coisas que te fazem mal, fique longe do álcool! (Lauren Quevedo)

» Álcool também mata, conscientização não custa nada! (Roquéli Jaime)

» Com álcool? Sem vida! (Nathaniel Rocha)

» Beber é sinônimo de adoecer! (Mateus Marques)

» Viver é aprender!Aprenda a viver sem álcool! (Yuri Medeiros)

» Sua vida é beber? Minha vida é viver! (Caroline Valcorte)

» É possível se divertir sem álcool, sim! (Gabriele Flores)

» Álcool? Tô fora na hora! (Pedro Baldoni)

» Pre- pa- ra que agora é hora de dizer não ao álcool! (Janaína Lopes)

10. ELABORAÇÃO DA CARTILHA

A partir dos textos produzidos nas aulas de redação, foram selecionados oito para a elaboração de uma cartilha educacional com o objetivo de distribuí-la a outros adolescentes, familiares e pessoas da comunidade escolar, conscientizando e sensibilizando-as quanto à gravidade do problema que afeta não só as pessoas envolvidas, mas também os familiares, amigos e colegas de trabalho.

Como diferencial da cartilha, foi proposto aos educandos que, baseados nos temas dos textos, elaborassem atividades lúdicas propiciando conhecimento e, ao mesmo tempo, despertando a leitura do trabalho. Foram criadas atividades como slogans enigmáticos, loteria de valores, bingo, caça- palavras, palavras cruzadas.

Para a confecção da capa e a diagramação, contamos com um grupo de acadêmicos do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria- Cássio Aguiar, Camila Jaeger, Carolina Giacomini, Fernando Mesquita,

Isadora Stefanello, orientados pelas professoras Drª Rosane Rosa, Drª Aline Roes Dalmolin e Me. Tanise Pozzobon.

Pela segunda vez, trabalhamos em parceria, com a presença dos acadêmicos na escola, acompanhando um de nossos projetos para, posteriormente, transformá-lo em REA(Recurso Educacional Aberto), disponibilizado em um site para todos os professores brasileiros que podem adaptar, utilizar e preparar suas atividades pedagógicas a partir das ideias aplicadas em sala de aula.

11. OFICINA DE FANZINE

A capa da cartilha foi confeccionada após uma Oficina de fanzine, ministrada pela acadêmica da UFSM, Camila Jaeger. Cada educando produziu sua própria capa. Para a distribuição da cartilha na comunidade escolar foi escolhida a capa da educanda Janaína Morgato Lopes.

Essa atividade foi bastante relevante, já que explorou variados aspectos pedagógicos como a leitura, a releitura, a criatividade, a coerência e a partilha de materiais, embora o trabalho fosse individual.

12.PALESTRA SOBRE ALCOOLISMO

Em decisão conjunta, entre professores e acadêmicos julgou-se significativa a proposta de uma palestra para os adolescentes sobre o alcoolismo. Assim, foram convidados os senhores Sérgio Ribeiro e Paulo Terres da Comunidade Terapêutica Fazenda Senhor Jesus.

Ao exporem suas experiências com o álcool, evidenciando os prejuízos que ele causa, ficou clara a importância da fala desses senhores, pois os jovens puderam perceber que o caminho da bebida só traz malefícios para todos os envolvidos. A mensagem transmitida foi altamente positiva e constatamos que ela mexeu com os adolescentes que ficaram sensibilizados com os problemas vividos e enfrentados pelos outros.

13.PARTILHA DO PROJETO NA COMUNIDADE ESCOLAR

Após a conclusão da cartilha, foi feita a impressão para a sua distribuição na comunidade escolar. O trabalho foi partilhado com adolescentes de outras turmas, com os professores, funcionários, direção e coordenação, com as famílias, pois cada participante do projeto levou uma cartilha para casa.

É importante o envolvimento e conhecimento de todos sobre o projeto. Isso auxilia também na autoestima dos educandos que ficam felizes e realizados ao verem que foram protagonistas de um processo de ensino- aprendizagem e que seu trabalho está sendo valorizado.

14.PRÊMIO NO CONCURSO CURTO A VIDA, NÃO CURTO ÁLCOOL!

A edição 2014 do Projeto Digo Não ao Álcool, Sim, Senhor! foi inscrita e ficou em 1º lugar no Concurso Curto a Vida, Não Curto Álcool!, recebendo mil reais, no dia 13 de dezembro de 2014, no Seminário São José, valor que custeou os gastos desse ano e será aplicado em benefício das turmas de 2015.

15.LANÇAMENTO DE LIVRO ESCRITO COM AS FAMÍLIAS

O projeto teve continuidade em 2015. Novamente, após muita leitura, pesquisa, debate e estudo, os educandos produziram um material para partilhar com a comunidade. Só que, desta vez, as famílias foram convidadas a participarem do livro Álcool? Nem pensar!, dialogando com seus jovens, através de conselhos, alertas, mensagens positivas e pedidos para que o álcool seja evitado. Já os educandos, participaram escrevendo poesias que dizem não ao álcool.

O livro foi lançado na Feira do Livro de Santa Maria no dia 05 de maio de 2015, com a presença e apoio das famílias, da direção, coordenação e colegas da Escola Cilon Rosa, da Câmara de Vereadores, da Promotoria Pública, do Curto a Vida, Não Curto Álcool!, da 8ª CRE e SMED.

O projeto do livro foi divulgado na TV Santa Maria, nos programas Controle Geral na TV e Royal na TV, assim como na Rádio Imembuí, programa Espaço Aberto. Também foi publicada uma nota na coluna jornalística de Vicente Paulo Bisogno, Jornal A Razão de 08 de maio de 2015.

Essa experiência foi muito relevante para a comunidade escolar, pois evidencia o quanto a escola pode estar ao lado da família, buscando soluções e parcerias para falar da vida, acolhendo uma á outra, além de pensar no ensino- aprendizagem do grupo de adolescentes e partilhar o projeto com a comunidade santa-mariense.

16.CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso abusivo de álcool é sim uma doença, devendo, portanto, ser tratado como um problema de saúde que atinge todas as camadas sociais, independente de raça, credo ou condição econômica. Se é uma doença e pode ser evitada, a escola como fonte de informação e conhecimento tem o dever de trabalhar esse assunto, pois é privilegiada através do contato diário com adolescentes que estão em busca de apoio e aconselhamento. Sendo assim, é impossível omitir-se diante de um dos grandes males que envolve cada vez mais os nossos jovens.

O uso de uma metodologia educomunicativa encantou os adolescentes que participaram de maneira ativa de todo o processo que evidenciou o ensino-aprendizagem não só de conteúdos, mas de valores humanos.

O processo de autoria, tão bem explicitado na obra de Pedro Demo, também foi enfocado neste projeto. Ao ser autor de um material educacional, o educando torna-se o protagonista do fazer pedagógico. Para ser autor, é preciso refletir sobre todo o processo de aprendizagem e colocar no papel de forma coerente e criativa o seu pensamento, a sua visão, o seu conhecimento. E isso, com certeza, possui grande valor construtivo e avaliativo em um processo que leva em consideração o todo do trabalho.

A autoria de um material reflexivo e qualificado muito colabora para a aceitação na comunidade escolar. Os familiares sentem orgulho da produção de seus adolescentes, o grupo docente e discente vê com bons olhos o trabalho criado e isso faz muito bem à autoestima de nossos educandos que se sentem capazes ao receberem elogios e verificarem a aprovação de seus trabalhos.

A escola pública, especialmente a de ensino médio, deve buscar parcerias com cursos de universidades. As partilhas em diferentes níveis educacionais são de grande valia, pois aproximam a escola da universidade e enriquecem o

trabalho e as propostas de qualquer instituição. O trabalho conjunto com o Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria muito contribuiu para novas ideias e realização de atividades do projeto. No dia 02 de dezembro, a professora e educandos da Escola Cilon Rosa irão assistir ao trabalho dos acadêmicos de Comunicação Social na UFSM, visualizando o projeto como REA-Recurso Educacional aberto.

Em uma avaliação feita com os educandos, algumas falas merecem destaque, pois apontam aspectos positivos atingidos pelo projeto e que estão de acordo com os objetivos.

O projeto alcançou a tarefa de apresentar, alertar e problematizar o tema através de uma metodologia educomunicativa, conduzindo os adolescentes a uma vida saudável e responsável. Abaixo, temos algumas falas dos educandos que comprovam isso (os nomes estão identificados como letras, pois na avaliação não foi solicitada a identificação, a fim de que todos tivessem liberdade de escrever o que realmente pensavam):

> Ótima ideia deste tema. Muitos alunos não davam tanta importância ao alcoolismo quanto deveriam. Este trabalho foi de grande relevância para mim. Agradeço! (Educando A)

> O projeto foi um trabalho excelente e importante, pois nos alerta dos males por que podemos passar. Em sala de aula participamos, aprendemos a fazer capas, redações e muito mais sobre o assunto. (Educando B)

> Com esse tema, tivemos experiências, conhecimento mais aprofundado sobre o alcoolismo, palestra, conteúdos e trabalhos. Foi um trabalho criativo, muito bom e com muito conhecimento. (Educando C)

> O projeto foi muito interessante, pois nos alertou dos males do álcool e isso é muito bom. (Educando D)

> O projeto sobre o álcool foi muito bom, pois é um problema cada vez mais presente no nosso dia a dia de adolescente. (Educando E)

> Eu gostei porque me dei conta do quanto o álcool faz mal e como pode destruir uma família e uma vida. Percebi como uma pessoa alcoólatra é infeliz e depressiva e como pode levar a sua família junto para a desgraça.

(Educando F)

Foi bom aprender um pouco mais sobre o alcoolismo. Há pessoas que acham desnecessário, mas é importante até para não seguirmos os maus exemplos. (Educando G)

Gostei do projeto, pois todos devem estar cientes e se conscientizar de que o álcool traz várias complicações para a saúde e para a vida pessoal, ao contrário do que uma grande maioria pensa. (Educando H)

Foi importante para nós, adolescentes, percebermos que devemos ter mais responsabilidade no que fazemos. (Educando I)

Gostei muito do projeto, pois me ajudou a pensar sobre a bebida, assim como ajudou muitos outros alunos. Espero ter mais projetos como esse no Cilon e em outras escolas. (Educando J)

Foi bom participar do projeto, pois ao participar das pesquisas sobre o tema, aprendi inúmeras coisas que antes eram desconhecidas. Este trabalho diferente me proporcionou inúmeras descobertas. (Educando K)

A partilha de vivências e a importância do tema para a vida ficou evidenciada nas falas:

Foi muito bom o projeto, pois junto com os meus colegas senti os seus dramas com o álcool e também entendi a vida de quem sofre com a doença. Percebi como a família é importante para dar apoio e força. (Educando (Educando L)

Achei interessante, pois nenhum professor tinha comentado sobre o tema com a gente. Foi bom para mim, porque superei algumas coisas. Meu pai é alcoólatra e não se trata. Valeu a pena. (Educando M)

A produção da cartilha foi considerada como uma atividade proveitosa e cognitiva:

> A criação da cartilha foi muito relevante, pois nos ensinou coisas sobre o álcool e vimos o quanto ele prejudica a vida das pessoas. (Educando N)

O trabalho sairá da sala de aula e atingirá a comunidade escolar como afirmam as falas:

> O projeto foi bom, pois nos passou informações muito importantes. Gostei bastante de fazer a cartilha e irei mostrar para meus familiares. (Educando O)

> O projeto foi ótimo, pois pude aprender mais sobre o tema e ver as histórias de superação dos ex- dependentes, saber o que eles passam e ver o quanto é difícil superar. Com certeza, vou repassar aos que estão ao meu redor e dizer o quanto a vida pode ser melhor sem beber. (Educando P)

> Eu gostei muito do projeto, aprendemos muitas coisas que podemos levar para nossas famílias, amigos e para o resto da vida. (Educando Q)

> Foi demais! A criação da capa nos deixou livres para colocar inúmeros sentimentos e opiniões em uma simples folha. Abriu nossos olhos para um assunto importante para toda a sociedade e, com isso, teremos oportunidade de passar adiante essa experiência. (Educando R)

O Projeto Digo Não ao Álcool, Sim, Senhor! cumpre com seus objetivos, alertando e discutindo uma problemática social cada vez mais evidente. Busca-se a conscientização, a informação e o desejo de que, para serem felizes, nossos educandos jamais necessitem do álcool. O diálogo aberto e com a família propiciado no projeto faz com que haja a interação professor- educando- família-escola e deixa marcas positivas na maioria dos jovens através de uma mensagem que prioriza a vida e os valores.

Assim como tem a sua continuidade em 2015, espera-se prosseguir com outras atividades neste ano e nos que virão.

17.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEMO, Pedro. **Conhecer & Aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Fundamento sem Fundo**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 2008.

_____. **Pensando e Fazendo Educação** – Inovações e experiências educacionais. Liber Livro, Brasília, 2011.

FALCETTA, Antônio; MOTHES, Lígia; AMORIM, Vanessa & MAGALHÃES, Vivian. Cem aulas sem tédio. 1ª edição. Rio Grande do Sul/Brasil: Editora Instituto Padre Reus, 2000.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam, 6ª edição. São Paulo/Brasil: Editora Cortez, 1984

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25ª edição. São Paulo/Brasil: Editora Paz e Terra,1996. http://educacaointegral.org.br/noticias/educomunicacao-e-estrategia-para-melhorar- aprendizagem--dos-estudantes/ http://psicopedagando.blogspot.com.br/2013_12_01_archive.html.

SOARES, Ismar Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação– contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

• ● A AUTORA ● •

Maribel Dal Ben é Especialista em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa; Escola Estadual de Ensino Médio Cilon Rosa; E-mail: maribeldalbem@yahoo.com.br.

O MUNDO EDITADO:
Um relato de experiência sobre exercícios de ver e de produção midiática

Juliana Pádua Silva Medeiros

1. INTRODUÇÃO

> Mudanças profundas foram provocadas pela extensão e desenvolvimento das hiper-redes multimídia de comunicação interpressoal. Cada um pode tornar-se produtor, criador, compositor, montador, apresentador, difusor de seus próprios produtos. Com isso, uma sociedade de distribuição piramidal começou a sofrer concorrência de uma sociedade reticular de integração em tempo real. Isso significa que estamos entrando numa terceira era midiática [...].
> Lúcia Santaella

A sociedade, nos últimos séculos da grande marcha humana, vem sofrendo profundas e céleres transformações, o que, consequentemente, esculpe novos paradigmas nos modos de ser, pensar, sentir, agir e se comunicar.

Para Freitas (2005, p. 4):

> As transformações culturais, as novas condições de produção dos conhecimentos levam a novos estilos de sociedade nos quais a inteligência é produto de relações entre pessoas e dispositivos tecnológicos. Mudam, assim, as formas de construção do conhecimento e os processos de ensino aprendizagem.

As revoluções tecnológicas[1], por exemplo, desencadeiam processos comunicativos cada vez mais complexos, bem como instauram/rearticulam novas formas de produção, circulação e recepção das linguagens. Segundo Canclini (2005, p. 237), "[...] a conjugação das telas de televisão, computadores e videogames está familiarizando as novas gerações com os modos digitais de experimentar o mundo, com estilos e ritmos de inovação próprios destas redes.".

Essa interação entre o homem e técnica[2] provoca, então, expressivas mudanças no âmbito cultural, histórico, político, econômico e das relações humanas, impulsionando o surgimento de uma sociedade interplanetária, transnacional,

1 Para Santaella (2007), ao longo dos tempos, as revoluções tecnológicas podem ser classificadas em: Industrial (tecnologias do reprodutível – eletromecânica), da Cultura de Massa (tecnologias da difusão – eletroeletrônica), das Mídias (tecnologias do disponível e do descartável - mídias), da Cibercultura (tecnologias do acesso - mídias digitais) e da Mobilidade (tecnologias da conexão contínua - mídias locativas). Segundoa autora, essas transformações geram formas de culturas específicas, embora o surgimento de uma formação cultural não anule as outras, visto que ocorre a sobreposição e a complexificação nos modos de coexistência.

2 De acordo Lévy (1993), não há a existência de uma "técnica" com vida própria, sem agentes, isto é, existe sempre uma relação entre o objeto (técnica) e o ser (atores concretos), pois os sonhos que as precedem são os responsáveis por determinar as condições de produção.

interativa, cujo arranjo organizacional assemelha-se a uma teia que interconecta o globo em uma espécie de urdidura sem centro e sem periferia.

De acordo com Santos (2004, p. 104):

> [...] Os últimos anos do século XX testemunharam grandes mudanças em toda a face da terra. O mundo torna-se unificado em virtude das novas condições técnicas, bases sólidas para uma ação humana mundializada. Esta, entretanto, impõe-se à maior parte da humanidade como uma globalização perversa.

Cabe, então, sublinhar que:

> Se há, na atualidade, um processo vertiginoso de estandardização dos produtos culturais por parte do mercado globalizador, que estabelece inclusive bases mercadológicas para a contestação do sistema (isto é, a administração da diferença), tornam-se necessárias interativas articulações em rede, [...] não apenas para fazer face à alienação numa inflexão da negatividade crítica, mas também positivamente para a continuidade dos sonhos e suas atualizações em gestos libertários [...]. (ABDALA JUNIOR, 2007, p. 19)

Por isso, consoante Junquer et al (2012, p. 37):

> A percepção e a reflexão desse novo modelo de sociedade representada por um sistema aberto e sustentado por redes de complexidades superam o pensamento linear e simplificador. O pensamento complexo integra as múltiplas abordagens de um mesmo problema, envolvendo a compreensão do mundo e do ser humano. Essa compreensão fundamenta-se por meio de diferentes enfoques de pensamentos mais abrangentes, transdisciplinares e complexos, que enfocam a ética e a solidariedade como valores fundamentais neste século. Atualmente, o que está em jogo é uma mudança de paradigma nos processos de leitura inseridos nessa nova abordagem da sociedade, pois a diferença é que agora não se lê somente livros, mas um universo de informações disponibilizados no contexto de uma vida social digitalizada

Diante dessa era hipercomplexa, evidencia-se, portanto, que princípios como liberação do polo de emissão, conexão em rede e estruturas hibridas[3] acabam impulsionando alterações nos níveis sensórios, perceptivos e simbólicos das

3 Vale destacar que (re)combinar práticas sociais comunicativas e produtivas é um traço constitutivo de toda formação cultural, que, para se manter dinâmica, híbrida e vibrante, necessita ser permeável a outras formas culturais, porque qualquer tentativa de fechamento sobre si mesma acarreta empobrecimento, homogeneidade e morte. Para Canclini (2008), hoje, todas as culturas são fluidas, desterritorizadas e fronteiriças.

inumeráveis situações comunicativas e de interpretação do mundo, ao ponto de solicitar uma nova ecologia cognitiva e até mesmo a atualização dos parâmetros educacionais.

Sob essa esteira, verifica-se que o grande desafio da educação, no terceiro milênio, é abordar tal complexidade de pensamento e de vida, pois cada vez mais o ser humano está imerso em um mundo editado, o qual, segundo Baccega (2011, p. 11), "[...] é redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes, milhares de mediações, até que se manifeste no rádio, na televisão, no jornal, na cibercultura.".

A autora enfatiza que:

> O mundo a que temos acesso é este, o editado. É nele, com ele e para ele que se impõe construir a cidadania. O desafio do campo é dar condições plenas aos receptores, sujeitos ativos para, ressignificando-o a partir de seu universo cultural, serem capazes de participar de uma nova variável histórica. (BACCEGA, 2011, p. 38)

Para Martín-Barbero (2014, pp. 52 3 53), é:

> Somente assumindo os meios como dimensão estratégia da cultura hoje é que a escola poderá interagir, em primeiro lugar, com os novos campos de experiência sugeridos da reorganização dos saberes, dos fluxos de informação e das redes de intercâmbio criativo e lúdico; pelas hibridizações da ciência e da arte, do trabalho e do ócio. E em segundo lugar, com os novos modos de representação e ação cidadãs que a cada dia mais são articuladores do local com o mundial.

Então, na perspectiva da educação midiática e informacional, este relato de experiência busca discorrer sobre um projeto de investigação que está em andamento no Ensino Médio (Colégio São Domingos) e cuja proposta é promover a leitura crítica dos meios de comunicação e a produção de bens midiáticos , pois é imprescindível que a escola seja capaz de compreendê-los para além do universo da informação e da produção de conhecimento, uma vez que eles passam também pelas relações interpessoais: "[...] a comunicação se tornou mais uma questão de mediação, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimento, mas, de re-conhecimento" (Martín-Barbero, 1997, p. 16).

2. EDUCOMUNICAÇÃO

> Educomunicação é essencialmente práxis social, originando um paradigma orientador da gestão de ações em sociedade. Não pode ser reduzida a um capítulo da didática, confundida com a mera aplicação das TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação) no ensino. Nem mesmo ser identificada com algumas áreas de atuação do próprio campo, como a 'educação para e com a comunicação' (media e educação). Tem lógica própria, daí sua condição de campo de intervenção social. Ismar de Oliveira Soares

À luz da Educomunicação, por volta de vinte alunos estão agrupados em uma sala multisseriada para investigar o mundo editado . O referido projeto , sob a forma de um mosaico de conhecimentos, vislumbra traçar a configuração da chamada era da informação; delinear o perfil cognitivo e social da geração z; conhecer a história da civilização escrita por meio da comunicação entre os homens; observar a evolução dos modelos comunicacionais, do papel do receptor e da interatividade; inteirar-se sobre novas formas de partilha da cultura, da arte e do conhecimento; compreender a complexidade do que se entende como autoria na contemporaneidade; analisar a interdiscursividade nos derives éticos, estéticos e políticos; refletir sobre o impacto das redes sociais; entender como funciona o efeito bolha; compreender o fenômeno transmidiático; identificar as diferenças entre os nativos e imigrantes digitais; exercitar um olhar crítico sobre publicidades, noticiários televisivos, mídia impressa e virtual; conheceralgumas técnicas/ recursos de produção midiática; elaborar individual e/ou colaborativamente produtos midiáticos; visitar alguns projetos de imprensa jovem; discutir sobre censura, direitos autorais, liberdade de expressão, telenovela, publicidade infantil, entre outros.

Vale destacar que tal proposta está alicerçada sob os seguintes aspectos:

> A compreensão e o uso dos sistemas simbólicos e das diferenteslinguagens; a capacidade para o confronto de opiniões e de pontos de vistasobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas; a análise,interpretação e aplicação dos recursos expressivos das linguagens, deacordo com as condições de produção e recepção; o entendimento dosprincípios que regem as tecnologias da comunicação e da informação; oentendimento da natureza das tecnologias da informação como integraçãodos diferentes meios de comunicação; o conhecimento sobre o impacto dastecnologias de comunicação e da informação na vida, nos

> processos deprodução, no desenvolvimento do conhecimento e da vida social; aaplicação das tecnologias da comunicação e da informação na escola, notrabalho e em outros contextos relevantes para a vida. (SOARES, 2011, p. 69)

Para tanto, os alunos estão sendo convidados a refletir sobre a construção dos sentidos em textos imagéticos, sonoros, audiovisuais e hipermidiáticos a partir de uma pesquisa-ação, pois, como pontua Santaella (2004, p. 174), a leitura não deve ser restrita ao código alfabético, pois "[...] há vários modos de ler, há vários tipos de leitores que são plasmados de acordo com as reações e habilidades que desenvolvem diante dos estímulos semióticos que recebem.".

Além do mais, "[...] essa é a educação humanista, a que desvenda criticamente em cada mediação escolar (livro, filmagem, ferramenta comunicativa) o bom que existe no mau e o mau que se oculta no mais sublime. Porque o humanismo não se lê nem se aprende memorizando, mas por contágio." (Martín-Barbero, 2014, p. 13).

No mais, ciente que a verdadeira comunicação não admite um discurso único, mas sim a possibilidade de muitas vozes, o projeto supracitado prevê também as seguintes atividades: CORTINA, LUZES E MOBILIZ(AÇÃO) [esquetes informativas], ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA [documentários], FANZINANDO [textos marginais], TERRITÓRIOS LIVRES [jornal-mural, webrádio, videocasts, cartazes, etc], RODA VIDA [ciclo de entrevistas], VÍDEO DE BOLSO [expressões artísticas audiovisuais], COMUNICAR-SE POR INTEIRO [radionovela, fotojornalismo, animação, etc], LABORATÓRIO DE COMUNICAÇÃO [agência de notícias], BLOG-SE [compartilhamento das atividades do projeto], entre outros.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

> [...] promover a ampliação da visão de mundo e isso só acontece quando essa relação é mediatizada pelo diálogo. Não no monólogo daquele que, achando-se saber mais, deposita o conhecimento, como algo quantificável, mensurável naquele que pensa saber menos ou nada saber. A atitude dialógica é, antes de tudo, uma atitude de amor, humildade e fé nos homens, no seu poder de fazer e de refazer, de criar e de recriar. Paulo Freire

O relato de experiência em torno do projeto O mundo editado, o qual ainda está em andamento, permite observar que as reflexões e os produtos dessa

investigação possibilitam vislumbrar não apenas (inter)subjetividades, mas também a participação ativa dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, pois – através da abordagem baseada em problemas, os estudo de caso, as produções colaborativas, as análises de (cont)textos, as traduções e as simulações – os estudantes defrontam-se com os paradoxos, a provisoriedade do saber, os movimentos alineares e multidirecionais nos ecossistemas comunicativos, ao mesmo tempo em que se (trans)formam em sujeitos críticos: aptos a lerem e confeccionarem produtos midiáticos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA, Benjamin Jr. **Literatura, história e política:** Literaturas de língua portuguesa no século XX. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Da comunicação à comunicação/educação:** Comunicação & Educação, São Paulo, v.7, n. 21, p. 7-16, mao/ago. 2011.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas.** São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____.**Diferentes, desiguais e desconectados:** mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Discutindo sentidos da palavra intervenção na pesquisa de abordagem histórico cultural. In: Fazer pesquisa na abordagem histórico-cultural: metodologias em construção. Juiz de Fora: E. UFJR, 2010, p. 13-24.

JUNQUER, Ângela; PAVANI, Cecília; WHONRATH, Eliana; CORTEZ, Elizena. **Jornal e outras mídias:** transdisciplinaridade. In: Novas competências na sociedade do conhecimento. Campinas: Edições Leitura Crítica, 2012, pp. 27-42.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência. São Paulo: Ed. 34, 1993.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação.** São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

OROFINO, Maria Isabel. **Educação intercultural, mídia e mediações:** aportes das teorias latino-americanas da comunicação e consumo cultural. Disponível em: http://coral.ufsm.br/lec/02_02/MariaIsabelLC8.htm. Acesso em: 15 nov. 2014.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Navegar no ciberespaço:** o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação e Educação:** entre meios e mediações. Cadernos de Pesquisa, nº 106, p. 9-25, mar./1999.

WILSON, Carolyn. **Alfabetização midiática e informacional:** currículo para a formação de professores. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013.

Bibliografia Consultada

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público.** São Paulo: Contexto, 2012.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. In.: **Revista Educação e Realidade.** Porto Alegre: UFRGS, v. 29, p. 27 -43, jan./jun., 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século**. In: MORAES, Dênis de (org.). Sociedade midiatizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

MOURA, Dione et alli (org.). **Comunicação e cidadania: conceitos e processos**. Brasília: Francis, 2011.

SAYAD, Alexandre Le Voci. **Idade mídia:** a comunicação reinventada na escola. São Paulo: Aleph, 2011.

THOMPSON, John Brookshire. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2011.

•● A AUTORA ●•

Juliana Pádua Silva Medeiros é membro do Grupo de Pesquisa em Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens (USP), mestre em Letras pelo programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP), especialista em Literatura e Artes Visuais (UNIFEV), graduada em Letras (FEF), educomunicadora no Colégio São Domingos e nas Oficinas Culturais do Estado de São Paulo. E-mail: julianapadua81@terra.com.br.

Cinema na grade curricular: Uma experiência educomunicativa dentro da pedagogia Freinet

Saulo de Sousa Silva

O relato de experiência que se segue conta um trabalho que estamos realizando no Colégio Santa Felicidade, localizado na cidade de Jundiaí – SP. Com aproximadamente 12 anos de existência, há sete anos o Santa Felicidade estipulou a Pedagogia Freinet como método de ensino. Dentro deste espaço educativo a criança é tida como um ser com enorme potencial e a utilização de ferramentas desta pedagogia auxilia o processo de autonomia do ser, a criatividade e o convívio em sociedade. Práticas como o jornal de parede e a assembleia, aulas passeio e texto livre são instrumentos que fogem do ensino tradicional feito na maioria das escolas brasileiras. Uma educação não focada unicamente na memorização de conteúdo visando o ingresso em boas universidades é uma das alternativas oferecidas pela Pedagogia Freinet.

Cèlestin Freinet é um dos pioneiros que, no início do século XX, buscou alternativas à educação tradicional que desde aquele tempo já não se adequava ao cotidiano dos alunos e às demandas escolares. Freinet já questionava "a eficiência das rígidas normas educacionais: filas, horários e programas exigidos oficialmente" (Sampaio, 1989, p. 15).

Propondo uma Escola Moderna, onde a criança tivesse liberdade e autonomia, e a separação de educandos e educadores não ocorresse, propiciando um ambiente amistoso e cooperativo, o educador foi um dos criadores do Jornal Escolar, trazendo novas tecnologias da comunicação da época como a prensa de tipos para dentro da escola.

Este processo pioneiro foi inspirador para diversos pesquisadores e educadores, os quais levantaram em suas pesquisas e práticas novas alternativas educacionais, enxergando nos meios de comunicação um potencial instrumento pedagógico. Desde Freinet até nossa contemporaneidade, foram vários os educadores que utilizavam meios de comunicação como instrumentos capazes de aumentar a construção dos saberes por parte dos educandos. Podemos destacar aqui no Brasil Roquette Pinto e Anísito Teixeira, ambos utilizando o rádio como apoio. Até mesmo Paulo Freire, à frente do Movimento de Cultura Popular, trazia os meios de comunicação como auxílio para a erradicação do analfabetismo, mas sempre ciente de não cair no erro de considerar as tecnologias como o suprassumo da educação:

> Nunca fui ingênuo apreciador da tecnologia: não a divinizo, de um lado, nem a diabolizo, de outro. Por isso mesmo sempre estive em paz para lidar com ela. Não tenho dúvida nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes das classes sociais chamadas favorecidas (Freire, 2005, p. 87).

Baseada em uma educação libertadora que respeitava sempre a leitura de mundo anterior dos educandos, estas alternativas à educação foram percebidas e praticadas por diversas pessoas comprometidas com a construção de novos horizontes principalmente na América Latina. Da observação destas práticas, vários teóricos começaram a compreender que estavam diante de um novo paradigma: a Educomunicação.

Situado na interface comunicação/educação, o campo da Educomunicação objetiva, segundo o professor e pesquisador Ismar Soares (2013), "estimular debates relacionando os indivíduos com os processos midiáticos, criar ecossistemas comunicativos dentro dos ambientes, aumentar as capacidades comunicativas dos indivíduos e promover práticas utilizando recursos tecnológicos em função da educação para a cidadania" (Soares, 2013).

Dentro do ambiente escolar, o ecossistema comunicativo caracteriza-se pela participação, diálogo, democracia, autonomia e espaço aberto para os envolvidos. Dessa maneira, o ecossistema não se fecha apenas na escola e fica aberto para toda comunidade em seu entorno. "O conceito de ecossistema comunicativo paira, portanto, como uma meta conceitual e prática" (Soares, 2011, p. 46)

De acordo com Soares (2011), a Educomunicação enxerga como necessidade a criação de ecossistemas comunicativos "nos espaços educativos, que cuide da saúde e do bom fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos, bem como do acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação" (Soares, n.d.). É importante no início de sua criação evitar conflitos com as tradicionais agências que defendem suas didáticas e espaços:

> Para tanto, é interessante começar a partir dos pontos de consenso, como, por exemplo, a necessidade de se melhorar as habilidades de professores e alunos no manejo das tecnologias da informação. No caso, é recomendável implementar as práticas da Educomunicação a partir da introdução da linguagem audiovisual na educação (Soares, n.d.).

Dentro do Colégio Santa Felicidade, devido à prática da Pedagogia Freinet, nos deparamos com um ecossistema comunicativo bastante favorável à entrada de práticas educomunicativas. Segundo o professor Ismar Soares (2011):

> todas as formas de relacionamento com regras determinadas e rigorosamente seguidas acabam por conformar um tipo definido de ecossistema comunicativo. A educomunicação, como uma maneira própria de relacionamento, faz sua opção pela construção de modalidades abertas e criativas de relacionamento, contribuindo, dessa maneira, para que as normas que regem o convívio passem a reconhecer a legitimidade do diálogo como metodologia de ensino, aprendizagem e convivência (Soares, 2011, p. 45).

E foi através do audiovisual com foco em cinema que iniciamos nossa caminhada colocando o cinema dentro da grade curricular do espaço em questão.

1. A PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA DENTRO DA PEDAGOGIA FREINET

O Colégio abriu espaço para ações educomunicativas no início de 2015 colocando em sua grade curricular a disciplina Cinema e Audiovisual, lecionada pelo pesquisador especializando em Educomunicação e arte educador Saulo de Sousa Silva. Hoje, o Ensino Médio não apresenta a disciplina de artes como obrigatória dentro do currículo e, no momento da matrícula, os próprios educandos desta fase devem escolher entre artes ou reforço ao vestibular. Se optam por artes tem as quartas-feiras como um dia letivo apenas com aulas de cinema e audiovisual e expressão musical. Caso escolham reforço ao vestibular ficam durante a quarta-feira juntos estudando exercícios e conteúdo de vestibular.

Todas as classes do 1º ao 3º ano do Ensino Médio se juntam e têm um momento de interação com colegas de diferentes idades, ideias, dificuldades e facilidades.

Com a missão de explorar todo o potencial dos alunos, o Colégio acredita que a expressão artística estimula o desenvolvimento crítico e intelectual, auxiliando no processo de autonomia do indivíduo, preceitos todos inspirados por Freinet.

Nosso trabalho educomunicativo no Colégio Santa Felicidade se dá, como temos falado, através das aulas de cinema e audiovisual, estimulando a capacidade dos educandos para uma leitura crítica dos meios e construindo coletivamente

caminhos para produções audiovisuais. Com a utilização de novas tecnologias da informação e comunicação (TICS), procuramos empoderar os alunos para que por si próprios compreendam as fórmulas e representações midiáticas e possam produzir novos conteúdos. Buscamos conscientizá-los através de variados exemplos, principalmente audiovisuais, sobre uma indústria audiovisual que influencia diretamente toda a cultura de nossa sociedade, desde o consumo desenfreado até as maneiras de ser e sentir.

Sem giz ou lousa, essas aulas específicas ocorrem através de uma televisão plana ligada a um computador através de cabo HDMI, na qual o educador quando sente necessidade de reforçar algum conteúdo escreve por meio do software Microsoft Word, apresenta conteúdos em Prezi, edita conjuntamente com os alunos os materiais produzidos e, os instrumentos básicos além dos já citados se resumem à câmeras fotográficas, tripés e celulares dos educandos.

Acreditamos que o cinema, enquanto nova linguagem estabelecida e dotada de uma gramática única, permeia a cultura de praticamente todas as sociedades,

> Uma linguagem que continua em mutação, semana a semana, dia a dia, como reflexo veloz dessas relações obscuras, multifacetadas, complexas e contraditórias, as relações que constituem o singular tecido conjuntivo das sociedades humanas (Carrière, 1995, p. 22).

E possuidora de um caráter eminentemente pedagógico pois, segundo a professora e pesquisadora da área Rosália Duarte (2002), "ler" o cinema é tão importante quanto ler obras clássicas da literatura e da filosofia. Muitas concepções sobre as condutas das relações humanas são construídas com o cinema, e é um erro não o tratar como linguagem necessária de compreensão e reflexão:

> Muitas das concepções veiculadas em nossa cultura acerca do amor romântico, da fidelidade conjugal, da sexualidade ou do ideal de família têm como referência significações que emergem das relações construídas entre espectadores e filmes (DUARTE, 2002, p. 19).

Na mesma direção temos Jesús Martín-Barbero (2014), defensor da inserção de novas linguagens na escola e crítico do modo como a educação insiste em se ancorar na cultura escrita como linguagem predominante, que diz:

> Somente assumindo os meios como dimensão estratégica da cultura hoje é que a escola poderá interagir, em primeiro lugar, com os novos campos de experiência surgidos da reorganização dos saberes [...]. E em segundo lugar, com os novos modos de representação e ação cidadãs que a cada dia são mais articuladores do local com o mundial (Martín-Barbero, 2014, pp. 52-53).

No Santa Felicidade privilegiamos a assistência de filmes que estão fora do circuito comercial e vamos além, pois não finalizamos nosso processo ao debater os filmes, compreender suas linguagens e influências em nossos cotidianos. Ao produzirem seus próprios filmes ou conteúdos audiovisuais, acreditamos que damos condição para que os educandos consigam melhor efetivar seus processos de comunicação em um mundo permeado cada vez mais de novas mídias e linguagens, principalmente audiovisuais.

> Nesse contexto, ir ao cinema, gostar de determinadas cinematografias, desenvolver os recursos necessários para apreciar os mais diferentes tipos de filmes etc., longe de ser apenas uma escolha de caráter exclusivamente pessoal, constitui uma prática social importante que atua na formação geral dessas pessoas e contribui para distingui-las socialmente. Em sociedades audiovisuais como a nossa, o domínio dessa linguagem é requisito fundamental para se transitar bem pelos mais diferentes campos sociais (Duarte, 2002, p. 14).

A partir do momento em que iniciam o domínio desta linguagem, discutimos as possibilidades de intervenção em suas realidades, enfatizando a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

2. EXPERIÊNCIAS ANALISADAS DENTRO DO COLÉGIO

O resultado deste trabalho está sendo muito satisfatório. As respostas, todas positivas até então, partem tanto dos alunos como de professores, coordenadores e diretores. Todos acabam por se envolver na produção de filmes dos mais variados gêneros: secretárias, responsáveis pela limpeza, porteiros, etc. Se anteriormente já existia um início de ecossistema comunicativo ideal, segundo as aspirações da Educomunicação, com a nova disciplina integrada na grade curricular o ecossistema vem se fortalecendo, abrindo cada dia mais espaço para o diálogo de toda comunidade escolar, abrindo mais espaço para uma real democracia.

Durante a realização de alguns trabalhos, os alunos acabam por conhecer melhor seus colegas, familiares e a até mesmo a si próprios. Um caso recente que nos chamou atenção foi o de uma aluna que foi adotada quando era bem pequena. Após algumas aulas sobre documentário, assistindo filmes e realizando produção de minidocumentários, foi pedido aos alunos que escolhessem um tema que mais lhes agradassem e realizassem um filme curta metragem com a linguagem do cinema documentário. A aluna em questão optou pela temática adoção, e para isso entrevistou sua irmã, também adotada, e seus pais adotivos. Segundo a própria aluna, além de ter sido um trabalho bastante prazeroso de ser realizado, envolvendo todos de seu ambiente familiar, ela acabou por conhecer melhor o tema, por conhecer melhor seus pais, todo o processo pelo qual passaram para adotá-la e nos confidenciou ter conhecido mais a si mesma, pois muito do que foi conversado com seus pais nas entrevistas lhe revelou histórias que ainda não conhecia, aumentando sua percepção de mundo e de sua presença nele.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker. Freinet: **Evolução história e atualidades.** São Paulo: Scipione, 1989.

CARRIÈRE, Jean Claude. C. **A linguagem secreta do cinema.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. (31ª ed.). São Paulo: Paz e terra, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação.** São Paulo: Contexto, 2014.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOARES, Ismar. **Ecossistemas comunicativos.** Recuperado em 15 maio, 2015, de http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/28.pdf

SOARES, Ismar. **Educomunicação:** o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

•● O AUTOR ●•

Saulo de Sousa Silva é especializando em Educomunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), arte educador da disciplina de Cinema e Audiovisual no Colégio Santa Felicidade (Jundiaí-SP), monitor da oficina de Jornal Escolar na Escola Municipal de Educação Básica Fábio Rodrigues Mendes (Jundiaí-SP), educador da disciplina de Comunicação no projeto educativo Galera de Futuro (Jundiaí-SP), criador e educador da oficina Nossos Novos Mundos, voltada para a leitura e produção audiovisual com base educomunicativa.

Rádio Escola CETN: Uma ferramenta pedagógica e interdisciplinar de aprendizagem midiática

Janaína da Silva Marinho

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os processos comunicativos desenvolvidos por diferentes recursos midiáticos na sociedade atual são permeados pelo avanço dos recursos tecnológicos e pelas constantes interações entre diferentes sujeitos. Nesse contexto, é indispensável pensar a comunicação como uma prática social, inerente ao ser humano, que no uso de diferentes linguagens, atua na sociedade produzindo e compartilhando saberes.

Nesse sentido, salienta-se a importância do uso desses recursos midiáticos nos espaços escolares, uma vez que podem funcionar como ferramenta pedagógica para construção de uma aprendizagem significativa e autônoma. Com base nessa premissa, este estudo visa relatar o processo inicial de construção de uma rádio escolar, e o desenvolvimento de suas atividades, a partir de um projeto desenvolvido no Colégio Estadual Tancredo Neves, localizado na cidade de Santa Maria, região central do estado do Rio Grande do Sul.

O projeto iniciou no segundo semestre de 2014 com o objetivo de utilizar a rádio escolar como ferramenta pedagógica e de gestão democrática que pudesse ampliar a comunicação entre escola e aluno, além de concretizar o processo de ensino-aprendizagem por meio de estratégias como: uso adequado da voz, utilização de recursos de áudio para facilitar a construção de conhecimento, incentivo à criatividade dos educandos e a possibilidade de desenvolver aprendizagem colaborativa através do trabalho em equipe.

2. O RÁDIO COMO FERRAMENTA MIDIÁTICA DE COMUNICAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR

Atualmente, muitos recursos tecnológicos estão facilmente disponíveis em livre acesso por grande parte da população, com considerável participação de crianças e adolescentes, principalmente quando utilizados como ferramentas de contato social.

Esses recursos permitem ao usuário interagir de forma autônoma e criativa, produzindo e buscando conteúdos de seu interesse e das diferentes redes das quais compartilham experiências, saberes, contatos, interesses individuais e coletivos.

Nesse sentido, Assunção (2009, p. 2) destaca que "a escola deve possibilitar a compreensão do verdadeiro papel dessas tecnologias na sociedade e no processo educativo-cultural e social", corroborando para uma mediação entre professor e aluno na apropriação e usos dessas mídias.

Desse modo, torna-se importante que os espaços educativos atuem em consonância com o constante desenvolvimento da sociedade, utilizando-se de diferentes recursos tecnológicos e midiáticos para a construção e compartilhamento do saber.

Para tal, a partir dos estudos em Educomunicação, conforme Soares (2014), os ambientes escolares precisam atuar como ecossistemas comunicativos abertos, priorizando o diálogo e o pensamento crítico, quebrando a hierarquia na distribuição do saber, justamente pelo reconhecimento de que todas as pessoas envolvidas no fluxo da informação são agentes produtores de cultura e saber, independentemente de sua atuação no espaço escolar.

O conhecimento produzido nos estudos em Educomunicação objetiva reforçar a cidadania a partir do direito de todos à expressão e à comunicação, além de estabelecer um pensamento reflexivo, criativo e autônomo quanto aos diferentes conteúdos midiáticos consumidos e produzidos.

A partir desse pressuposto, destaca-se o rádio como uma mídia de comunicação de grande atuação social, pois através dela, pessoas das mais diferentes classes sociais, culturais e econômicas têm acesso aos diferentes conteúdos formativos, informativos ou de entretenimento. O rádio configura-se como um veículo democrático que assume um papel importante na construção do conhecimento.

Do mesmo modo, o rádio na escola, funciona como uma ferramenta pedagógica e de gestão democrática, possibilitando ampliar a comunicação entre escola e aluno, além de concretizar o processo de ensino-aprendizagem, por meio de estratégias tais como: o uso adequado da voz, a utilização de recursos de áudio para facilitar a construção de conhecimento, o incentivo a criatividade dos educandos e a possibilidade de desenvolver um trabalho em equipe e a aprendizagem colaborativa.

Segundo Baltar

> a proposta de criação da rádio escola sugere a efetiva construção de uma mídia própria e adequada a cada comunidade escolar, definida a partir de atividades significativas de linguagem, em que os agentes envolvidos em sua construção possam agir como atores responsáveis sobre aquilo que desejam comunicar (BALTAR, 2012, p. 35).

Nesse sentido, o desenvolvimento de um projeto que estimule a construção de uma rádio escolar funciona como ferramenta pedagógica de apoio tanto à aprendizagem quanto à construção da cidadania por parte dos sujeitos envolvidos no espaço escolar, a partir de suas próprias experiências e práticas sociais.

3. CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR ONDE FOI DESENVOLVIDO O PROJETO RÁDIO CETN

O Colégio Estadual Tancredo Neves pertence a 8ª Coordenadoria Regional de Educação. Tem por objetivo a formação integral da pessoa, resgatando valores da ética, estética e solidariedade, buscando uma educação conscientizadora e humanística que forme cidadãos críticos, responsáveis e sujeitos de construção, apropriação e produção do conhecimento, de forma participativa, com troca de experiências, valorização do saber popular e a coerência entre a teoria e a prática.

A instituição atende turmas da educação básica, das séries iniciais ao ensino médio, na modalidade normal e EJA, desenvolvendo atividades e projetos voltados à valorização da participação da comunidade escolar como: feiras, mostras pedagógicas, projeto valores, integração família-escola, oficinas artísticas e esportivas e atividades culturais. Nesse contexto, o desenvolvimento do projeto da rádio escolar contribuiu como mais uma possibilidade de transformar os sujeitos da educação em agentes do processo de construção do ensino e aprendizagem.

4. PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO DA RÁDIO ESCOLA CETN

Através da proposta de Educomunicação, buscou-se constituir uma rádio escolar no Colégio Estadual Tancredo Neves para ser utilizada como ferramenta pedagógica e interdisciplinar de aprendizagem midiática, que possibilitasse aos sujeitos da comunidade escolar tornarem-se agentes do processo de construção do

conhecimento, atuando de modo crítico e reflexivo sobre os diferentes conteúdos que permeiam a realidade cotidiana.

3.1 Objetivos específicos que nortearam as atividades da Rádio Escola

Ao início das atividades do projeto foram traçados alguns objetivos que conduziram o processo de aprendizagem no uso da mídia rádio e na construção dos conteúdos abordados. São eles:

- utilizar a rádio como instrumento pedagógico para potencializar a prática social e desenvolver diferentes competências nos educandos, como: trabalho em equipe, autoria, colaboração, ação-participativa, investigação e senso crítico;
- contribuir na formação dos educandos a fim de que sejam capazes de refletir sobre os diferentes textos que circulam na vida social;
- exercitar a retórica e fazer uso das diferentes funções da linguagem visando à produção de textos com maior comunicabilidade e eficiência;
- desenvolver o pensamento criativo e a coerência de ideias na elaboração e apresentação das informações;
- explorar a produção de conteúdos que possam evidenciar a interdisciplinaridade no uso das tecnologias midiáticas; e
- favorecer a convivência e trabalho em grupo, respeitando diferenças, níveis de conhecimento e ritmos de aprendizagem de cada participante do projeto.

5. DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES DO PROJETO RÁDIO ESCOLA

A participação do Colégio Estadual Tancredo Neves no projeto Educom, proposto pela 8ª Coordenadoria Regional de Educação (8ªCRE) em parceria com a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)[1] , começou no segundo

1 O projeto Educom consiste em uma proposta pedagógica que utiliza as mídias a serviço da educação.

semestre letivo de 2014, posteriormente ao início das atividades do projeto pela Coordenadoria e das oficinas de formação realizadas pela UFSM, desde 2013. Apesar disso, a equipe responsável pela coordenação geral do projeto prestou toda informação necessária, apoio e materiais teóricos para a compreensão do processo de desenvolvimento da rádio escola.

A implementação do projeto exigiu diversas ações preparatórias, desde a construção do projeto em âmbito escolar até o desenvolvimento do primeiro programa teste.

Primeiramente, o processo exigiu a formação do professor coordenador do projeto, para que esse pudesse compartilhar com o grupo escolar as ferramentas e os processos de instrumentalização da Rádio Escola CETN. A formação, organizada pela 8ª CRE e UFSM, no decorrer do ano de 2014, desenvolveu-se a partir de oficinas com profissionais de diferentes ramos da comunicação (capacitação teórica sobre educomunicação, edição de áudio, linguagem radiofônica, fotografia, produção de fanzine, criação de jornal online e mídias sociais). Essas atividades possibilitaram ao professor coordenador do projeto na escola apropriar-se de conceitos, conteúdos e ferramentas pedagógicas para implementação da rádio e para o desenvolvimento de outras atividades complementares ao projeto.

Em paralelo com o processo de formação do professor coordenador, a gestão da escola empenhou-se na busca por materiais e equipamentos que pudessem atender as atividades da Rádio Escola CETN. Alguns equipamentos já estavam disponíveis na escola para uso, outros foram previstos conforme o planejamento orçamentário disponível.

Inicialmente, a Rádio CETN contou com a participação dos representantes do Grêmio Estudantil, os quais experimentaram as primeiras ações da rádio, desde a montagem dos equipamentos às primeiras construções de roteiros e locuções.

Objetiva desenvolver habilidades comunicacionais voltadas para leitura, escrita, pesquisa e produção coletiva de produtos comunicacionais, estimular a produção de produtos midiáticos voltados 'a qualificação do processo de ensino aprendizagem bem como para o desenvolvimento do protagonismo juvenil. Para tanto, é desenvolvido um conjunto de ações articuladas em forma de oficinas (alunos) e cursos (professores), fazendo uso dos recursos e das diversas linguagens pertinentes às TICs. Os beneficiados são alunos e professores de Escolas Públicas integrantes da 8ª CRE–SM (oficinas), professores de Escolas Públicas – SEDUC/RS (curso teórico-prático); monitores da política pública Mais Educação atuantes em Escolas públicas integrantes da 8º. CRE/SM e da SMED/SM (curso teórico-prático). Disponível em: <http://200.18.32.173/educom/index.php/sobre >Acesso em: 2 abr. 2015.

Durante a realização das primeiras atividades (agosto/2014), o grupo realizou uma visita técnica para conhecer o ambiente de outra rádio escola de uma instituição do bairro vizinho para buscar informações e dicas sobre a construção dos roteiros e das programações.

Apesar do pouco tempo para os encontros de preparação dos programas, os alunos empenharam-se em organizá-los de acordo com a proposta pedagógica do Projeto Educomunicação, pois foram orientados a refletir sobre os objetivos da rádio na escola e como essa ferramenta midiática poderia contribuir nos processos educativos.

Assim, de setembro a dezembro de 2014, os programas foram realizados ao vivo, durante as manhãs e tardes, de terça e sexta-feira, no horário dos intervalos.

A programação da manhã enfatizou as atividades lúdicas desenvolvidas pelas turmas do 1º ao 5º ano, principalmente com relação às datas comemorativas e os trabalhos de produções textuais.

Como forma de dinamizar as atividades da rádio no período da manhã, o grupo da Rádio CETN buscou envolver as turmas do respectivo turno na construção de alguns programas. A equipe da rádio orientava a organização do roteiro, mas a escolha do conteúdo, a produção de texto, a locução e a escolha do repertório musical ficava sobre responsabilidade da turma convidada.

No turno da tarde, a equipe da Rádio CETN conseguiu estabelecer melhor comunicação com o grupo escolar. Os conteúdos compartilhados focavam as disciplinas do currículo fundamental e médio, como: dicas de literatura, cinema e sobre a avaliação do ENEN e vestibular, além de campanhas de sensibilização contra a violência e o bullying no espaço escolar.

Nos dois os turnos, os colegas foram convidados e participarem da rádio enviando sugestões de conteúdo e de músicas, além de proporem um nome para a rádio e um logo de identificação.

A equipe da rádio optou por identificar-se pela sigla do colégio (CETN), já a escolha do logo está em processo de definição. A fim de promover a divulgação da Rádio CETN e aperfeiçoar os processos comunicativos, os integrantes da rádio

criaram uma página na Rede Social Facebook, para compartilhar alguns dos conteúdos divulgados nas programações ao vivo.

Ao todo foram desenvolvidos 26 programas durante o segundo semestre letivo de 2014, apesar de algumas adversidades na periodicidade dos programas, pois vários foram cancelados devido às condições de clima, pois os equipamentos da rádio precisavam ser instalados ao ar livre, devido não haver equipamentos adequados para a transmissão em qualquer lugar da escola, e a sala que hoje é ocupada pela rádio fica distante do local de intervalo.

Como pontos positivos pode-se destacar o forte apoio da gestão com relação às necessidades da Rádio, o envolvimento dos colegas na produção dos programas, a empolgação das turmas a cada início da programação, as aprendizagens construídas acerca dos processos que envolvem a prática de educomunicação. Nas Figuras 1, 2, 3 e 4 é possível visualizar algumas das atividades gerais desenvolvidas pela equipe da Rádio CETN.

Figura 1 – Turma do 4º ano realizando a programação da Rádio CETN

Figura 2 – Equipe da Rádio CETN fazendo a cobertura de evento: vídeo, fotos e entrevistas

Figura 3 – Programação durante a Semana Farroupilha (Datas comemorativas na escola).

Figura 4 – Programação durante a Mostra de Trabalhos 2014.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações da Rádio Escola CETN buscaram proporcionar um diálogo verdadeiro e constante, um pensar crítico, realizado através do protagonismo estudantil. As atividades desenvolvidas no projeto, além de proporcionarem uma reflexão crítica sobre a construção social das mídias e do pensamento autônomo dos envolvidos, contribuíram para a construção participativa da realidade escolar com vistas ao desenvolvimento e a qualificação das práticas pedagógicas desenvolvidas. Percebeu-se nesse processo, como a Educomunicação contribui para uma aprendizagem significativa dos educando no espaço escolar, criando oportunidades para que eles possam refletir sobre essa aprendizagem nos

espaços fora da escola, uma vez que o projeto possibilita ao educando mostrar seu potencial individual, que contribui para a construção do coletivo.

O projeto Rádio CETN possibilitou aos participantes pensarem a comunicação através da educação crítica e reflexiva, atuando como produtores de conhecimento.

A escola pretende dar continuidade ao projeto, definindo novas ações e estratégias para consolidar o uso dos recursos midiáticos como forma de estabelecer uma aprendizagem comunicativa e midiática no ambiente escolar. Para isso, a rádio trabalha na construção de um planejamento em conjunto com as demais turmas da escola, de modo que todos possam envolver-se na preparação dos programas, evidenciando as diferentes práticas educomunicativas que acontecem em sala de aula e destacando o papel de cada agente que contribui para tornar essas práticas significativas.

7. REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, Zeneida. **Radioescola e educomunicação:** o papel delas na escola. CELACOM 2009, Universidade Metodista, 2009. Disponível em:< http://www2.metodista.br/unesco/1_Celacom%202009/arquivos/Trabalhos/Zeneida_Radioescola.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2015.

BACCEGA, Maria A.; COSTA, Maria Cristina C. **Gestão da comunicação:** epistemologia e pesquisa teórica. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.(Coleção comunicação e cultura).

BALTAR, Marcos. **Rádio escolar:** uma experiência de letramento midiático. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção trabalhando com... na escola.)

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, Brasil, n. 23, p. 16-25, abr. 2002. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012>. Acesso em: 24 mar. 2015.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e a formação de professores no século XXI. **Revista FGV Online,** v. 4, n. 1 (2014). Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/revfgvonline/article/view/41468>. Acesso em: 24 mar. 2015.

•● A AUTORA ●•

Janaína da Silva Marinho é licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-2009). Professora Coordenadora do Projeto Rádio Escola no Colégio Estadual Tancredo Neves (CETN), Santa Maria, RS. E-mail: jsmarinho@gmail.com.

Projeto de mídias escolares: Rádio Morro da Cruz, cruzando linguagens

Jossiane Boyen Bitencourt

O projeto de Mídias Escolares na Escola de Ensino Fundamental Morro da Cruz iniciou-se no ano de 2013 com cobertura de eventos como a feira do livro com as turmas de 6º ano em parceria com o professor Fabrício Costa que trabalhou algumas obras do Patrono Luís Augusto Fisher e como elaborar entrevistas. Com posse dessas perguntas, a segunda parte foi trabalhar com os equipamentos midiáticos, bem como, a postura nas entrevistas. Foram montadas equipes de trabalho em que cada aluno tinha sua função: repórter, responsável pelo áudio (gravação), filmagem, fotografia e registro escrito com a solicitação da autorização do uso da imagem para os entrevistados.

Em 2014, a pedido desses próprios alunos que queriam conhecer mais as diferentes mídias e produzir material, iniciaram encontros semanais de um turno por semana, visando à consolidação do trabalho iniciado no final do ano anterior. Assim, surgiram as oficinas de edição de áudio e vídeo pela necessidade dos alunos em produzir e editar seu próprio material. Nesses encontros aprenderam a utilizar o software Audacity para edição, bem como, introduzir vinhetas e músicas as suas produções. Esse trabalho foi divulgado em eventos na escola, principalmente nos sábados letivos e divulgados na página do facebook da escola (www.facebook.com/emefmorrodacruz).

Nas oficinas de vídeos foram apresentados o software MovieMaker visando inserir fotografias e vídeos juntamente com os áudios construídos na oficina de Audacity. Nesse processo, sou professora articuladora (educomunicadora) e ministrante das oficinas bem como incentivadora do processo de protagonismo juvenil que cresceu em 2014.

É importante ressaltar que junto com esse trabalho, os alunos continuaram a criar pautas de entrevistas para eventos que surgiam, bem como, dicas para enquadramento de imagens e vídeos. Outro importante momento foram a construção dos tripés e estabilizadores de imagem feitos com canos de pvc através da oficina realizada na escola pelo professor Jesualdo Freitas da Assessoria de Inclusão Digital da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (www.alemrede.blogspot.com).

O trabalho está sendo registrado pelos próprios alunos no blog (www.radiomorrodacruz.wordpress.com) visando a comunicação de diversas atividades

midiáticas como áudio, fotografia, vídeo e escrita. Nesse ano de 2015, os alunos estão criando seus e-mails e cada um terá seu próprio blog para registrar seus projetos que funcionará como um portfólio de suas atividades.

Segundo Soares (2002), a tecnologia contribui para a aprendizagem, mas não é a responsável pelo processo. O sentido ao que se está pesquisando e criando que provocará a aprendizagem e não o contrário. É um meio para atingir a aprendizagem e não um fim.

O objetivo geral do projeto é trabalhar com as diferentes linguagens de comunicação e com equipamentos midiáticos. Como habilidades desenvolvidas podem ser citadas organização, postura comunicativa e respeitosa; trabalho em equipe, divisão de tarefas e concentração; enquadramento de imagens e vídeos, qualificando a captação, bem como edição do material; melhor convívio com colegas e a valorização pela comunidade escolar; manifestação de talentos e habilidades de cada aluno; desenvolvimento da criatividade, criticidade e autonomia na construção das pautas das entrevistas e na elaboração do material midiático; organização dos materiais em pastas no computador inclusive com edição desse material; desenvolvimento da escrita, ampliando o seu sentido e significado com novos leitores dentro e fora da escola; e por fim a elaboração do blog com divulgação das tarefas realizadas dando voz a autoria dos alunos, incentivando o protagonismo juvenil e culminando prazer com comunicação.

Os conteúdos trabalhados compreendem linguagem audiovisual e midiática; escrita através de relatórios das atividades desenvolvidas (registro no caderno do projeto e produção de textos para o blog); captação de áudio e imagem fixa e em movimento, edição de vídeo no programa MovieMaker e edição de áudio (programa audacity).

O acompanhamento do processo dá-se por meio da organização dos papéis dentro de uma equipe incentivado pela educomunicadora que segundo Jacquinot (2015) valoriza a participação efetiva do aluno. Buscasse também valorizar as peculiaridades pessoais de cada aluno, propondo uma ideia de aceitação da diversidade interna do grupo. Assim, as mídias são aproveitadas como mediação na construção da cidadania, da qualificação das relações e na produção do conhecimento, fazendo fluir melhor a comunicação no interior da escola.

Em cada encontro os alunos produzem as pautas das entrevistas, gravam, filmam e fotografam além de fazer o registro escrito de cada atividade. Os papéis de cada um são organizados pelo próprio grupo com a mediação da educomunicadora.

No ano de 2014, além da cobertura de eventos dentro da escola, pode ser citado o FISL 15 – Fórum internacional de Software Livre ocorrido entre os dias 07 a 10 de maio na PUCRS. Para este evento os alunos tiveram uma introdução sobre o que é Software Livre e realizaram pesquisas na Internet para entender mais o assunto e assim poderem elaborar as perguntas. Nas fotos e possível visualizar os papéis representados por cada integrante da equipe: responsável pelo áudio, repórter, fotógrafo, cinegrafista. Também tem o responsável por pedir o nome do entrevistado e autorização para o uso da imagem.

Pelo segundo ano consecutivo, os alunos entrevistaram o Patrono da feira da feira do livro de Porto Alegre. Em 2013, foi o Luís Augusto Fisher e em 2014, conforme foto abaixo, o entrevistado foi Airton Ortiz especializado em Jornalismo de Aventura. Os alunos tiveram mais de um mês para se prepararem e inclusive

leram os livros: Egito dos Faraós e alguns capítulos de Jerusalém. No blog do projeto inclusive tem toda a produção audiovisual e escrita do evento.

Agora em 2015, o projeto foi ampliado com mais horas, atendendo no total de 40 alunos distribuídos em 2 turnos. Como primeira etapa cada aluno criou seu email para comunicação e seu blog que serve como portfólio para registro das atividades. Os alunos já realizaram inclusive a cobertura de um evento de robótica

na usina do gasômetro no mês de Abril.

Nas próximas etapas busca-se a efetivação da rede de blogs e ampliação do projeto em que esses alunos sejam multiplicadores no trabalho desenvolvido na escola para outras turmas atingindo um maior número de alunos e professores.

Como considerações finais pode-se dizer que o projeto já está colhendo bons frutos, incentivando o protagonismo juvenil, tendo em vista uma maior autonomia por parte dos alunos e a melhoria do trabalho em grupo visando respeitar a vez e a voz do outro colega.

1. REFERÊNCIAS

Ministério da Educação. Mídia & Educação. **Perspectivas para a qualidade da informação, recomendações.** Brasília: MEC, 2000.

JACQUINOT, Geneviève. **O que é um Educomunicador?** Retirado do site www.eca.usp.br/nucleos/nce - Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. Acesso Abril de 2015.

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação, in **Comunicação & Educação**, São Paulo, ECA/USP-Editora Segmento, Ano VIII, já/abr. 2002, no. 23, p. 20.

• ● A AUTORA ● •

Jossiane Boyen Bitencourt é professora da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre há 9 anos atuante no Laboratório de Informática e nas ações articuladas com os professores envolvendo mídias e tecnologias. Formada em Pedagogia – Multimeios e Informática Educativa pela PUCRS e Mestre em Educação com Linha de Pesquisa em Informática na Educação. E-mail: jboyen@gmail.com.

A educomunicação nas escolas salesianas do Brasil: A experiência da Semana da Cidadania em Rio do Sul, Santa Catarina

Márcia Koffermann

1. INTRODUÇÃO

O Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora tem como missão, em primeiro lugar, a educação e a evangelização da juventude. As Filhas de Maria Auxiliadora estão presentes em todas as regiões do Brasil, atuando na educação de crianças, adolescentes e jovens em escolas, obras sociais e comunidades inseridas. No Brasil, o carisma salesiano encontra um grande espaço de atuação e um vasto caminho a ser percorrido. Todavia, nos dias de hoje é impossível falar de educação e evangelização sem ter presente a questão comunicacional.

Numa realidade marcada pela cultura comunicacional, as crianças, adolescentes e jovens, de modo especial, se encontram imersos numa nova ambiência. Percebe-se o fato de que mais que um tempo de grandes mudanças sociais ou culturais – há, na verdade, uma mudança antropológica, que gera um novo modo de ser, agir e pensar. Neste contexto, torna-se necessário repensar a forma como se dá a construção das relações interpessoais, as práticas metodológicas e, principalmente, trazer presente um questionamento sobre a forma como se desenvolve o ecossistema educomunicacional nos ambientes educativos em que se está inserido.

Em resposta a esta problemática, em 2002, o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) assumiu como Linha Orientadora e prática educativa transversal a Educomunicação. Desde então, muitos foram os estudos realizados e os projetos executados nas mais diferentes realidades de suas presenças no Brasil e no mundo. Em 2010, a Rede Salesiana de Escolas do Brasil assumiu a Educomunicação como um desafio de toda a Família Salesiana, visto que a missão educativo-evangelizadora necessita fundamentalmente desse diálogo, dessa convergência do ponto de vista comunicacional para que seja bem-sucedida.

Os estudos prosseguiram, de modo que, em 2014, foi lançado o livro "Culturas Juvenis na ótica da Educomunicação", resultado de estudo e partilha entre as FMA de todo o Brasil. O livro procura olhar para as Culturas Juvenis sob a ótica da Educomunicação e faz isso não apenas com um discurso teórico, mas com propostas práticas de acordo com a pedagogia salesiana.

Este movimento de estudo do grupo proporcionou um revitalizar das práticas educomunicativas, fazendo com que surgissem, ou se tornassem visíveis, vários projetos com diferentes enfoques tanto nas escolas, quanto nas obras sociais das Filhas de Maria Auxiliadora. Percebeu-se que nas escolas e obras salesianas muitas ações já colocadas em prática tinham todas as características de uma experiência educomunicativa, mas não eram ainda sistematizadas ou tratadas como tal. Assim, teve início em 2014 um processo de sistematização e organização destas experiências, com o objetivo de tornar mais evidente a intencionalidade educomunicativa e ao mesmo tempo profissionalizar e potencializar aquilo que já vinha sendo feito.

Para facilitar este processo foi criada a revista bimestral "Educomunicando" (que está neste momento no oitavo volume), na qual são partilhadas algumas experiências realizadas nas nove Inspetorias do Brasil. Ao realizar este trabalho de sistematização, as coordenadoras de Comunicação têm também a possibilidade de avaliar estas experiências, olhá-las sob um viés crítico e contribuir para uma maior profissionalização dos projetos.

Um dos projetos desenvolvidos que se destacou nessa publicação foi a Semana da Cidadania, que acontece no Instituto Maria Auxiliadora de Rio do Sul/SC. A experiência será descrita e analisada tomando como princípios os aspectos teóricos da Educomunicação e do Sistema Preventivo.

2. EXPERIÊNCIA DA SEMANA DA CIDADANIA

O Instituto Maria Auxiliadora é uma escola salesiana, localizada na cidade de Rio do Sul, no Alto Vale do Itajaí em Santa Catarina. O Instituto trabalha com crianças, adolescentes e jovens de 02 a 17 anos de idade, tem como proposta pedagógica o Sistema Preventivo de Dom Bosco e está integrado à Rede Salesiana de Escolas.

A realização da Semana da Cidadania surgiu a partir da necessidade de criar um espaço de diálogo, aprofundamento e troca de conhecimento com relação aos temas que dizem respeito ao universo juvenil e que influenciam a forma como exercem sua prática cidadã. Tendo como objetivo proporcionar um espaço de reflexão sobre a prática da cidadania e do protagonismo juvenil na ótica salesiana.

O projeto nasceu como uma iniciativa da Pastoral Escolar e aos poucos se percebeu que seriam alcançados melhores resultados se fosse adotado como prática interdisciplinar sendo trabalhado conjuntamente pelos professores.

O trabalho integrado realizado entre as equipes pedagógica e pastoral de verificar os anseios dos jovens sobre as diferentes temáticas, juntamente com o empenho dos professores em provocar o diálogo aberto, a troca de ideias e a participação e expressão de cada educando, permitiu que a Semana da Cidadania se tornasse um importante processo educativo de exercício da cidadania: a ideia não é apenas oferecer palestras sobre diferenciados temas, mas proporcionar o desenvolvimento do protagonismo juvenil durante todas as etapas de execução do projeto. Desde 2011, quando foi iniciada a Semana da Cidadania, participam anualmente dela cerca de 150 adolescentes e jovens do 9º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

A primeira Semana da Cidadania aconteceu em junho de 2011 e teve como tema geral: A juventude quer viver: diga sim aos direitos da juventude. Aí foram abordados três aspectos: (1) A juventude quer viver - Diga não ao extermínio dos jovens; (2) Juventude e Sexualidade: gravidez na adolescência; e (3) Juventude e Drogas: o efeito das drogas no organismo. Após as palestras, cada turma tinha o período de uma aula para debater os assuntos com o professor, refletindo sobre as questões abordadas e levantando novos questionamentos.

No ano de 2012, a Semana da Cidadania abordou o tema: Juventude e Cidadania nas Redes Sociais, sugerido pelos próprios alunos no ano anterior. Como conclusão do projeto, cada aluno recebeu uma pequena síntese das palestras para que redigisse um texto com sua interpretação pessoal, seguido da escolha de um compromisso relacionado a ser realizado por toda a turma; o mesmo foi postado nas redes sociais para que todos pudessem compartilhar e ajudar a cumpri-lo como grupo.

Outra ação que começou a ser realizada a partir das palestras foi um concurso de oratória: os alunos produziram um texto dissertativo sob a orientação da professora de Língua Portuguesa ao mesmo tempo que o professor de Sociologia do Ensino Médio trabalhou técnicas de oratória. A conclusão foi um concurso em que todos os alunos participaram, chegando a três oradores premiados.

A terceira edição da Semana da Cidadania foi realizada em maio de 2013. O evento teve como tema "Juventude e Escolha de Vida" e lema "Escolha Profissional e Tendências de Mercado". Como conclusão, repetiu-se a mesma estratégia: cada aluno foi desafiado a fazer uma produção textual argumentando sobre as temáticas discutidas. Posteriormente, os textos concorreram no concurso de oratória interno e os melhores foram publicados nas redes.

Em 2014, o tema central foi "Adolescência e Juventude: Desafios e Perspectivas", dentro do qual foram abordados os subtemas: tráfico humano; luta pela Reforma Política e aprofundamento sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Já em 2015, o tema geral foi "Cidadania e defesa da vida", aprofundando os subtemas: pena de morte, eutanásia e maioridade penal.

Este já é um projeto permanente e conta com grande envolvimento de todos os membros da comunidade educativa.

3. UMA EXPERIÊNCIA RICA DE COMUNICAÇÃO

No decorrer destes anos criou-se um processo de reflexão e de participação por parte dos alunos que abre novas perspectivas tanto para os jovens quanto para os professores. A Educomunicação é o eixo transversal que perpassa toda a prática educativa ali construída. O educar para a comunicação, nesta experiência, focaliza principalmente a formação do protagonismo juvenil, de forma que ele possa construir o conhecimento, falar com propriedade sobre um determinado tema, desenvolver as habilidades de oratória e principalmente estar à frente de um evento como organizador e não como um espectador apenas: trata-se de uma experiência rica de dialogicidade e de empoderamento por parte do educando.

Conforme Guilhermo Orozco Gómez[1] há um conjunto de cidadanias existentes: cidadania política, econômica, social, cultural e agora, comunicacional... Assim, ao tratar de diferentes temáticas e possibilitar o pensar sobre o "ser cidadão" nas diferentes dimensões, a escola cumpre o seu papel de mediadora, oferecendo elementos e condições para que o jovem construa o próprio conhecimento, ou ainda, que este seja uma provocação para a forma como ele age em seus ambientes

1 OROZCO Gómez, Guilhermo. Educação: recepção midiática, aprendizagem e cidadania; tradução Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2014.

sociais. Não apenas o ouvir sobre uma temática da atualidade, mas, principalmente, poder discutir sobre a mesma, questionando, contrapondo diferentes pontos de vista e por fim, construindo uma opinião própria sobre tais assuntos.

O debate em sala de aula e o trabalho de escrever um texto dissertativo a partir das discussões e reflexões realizadas durante as palestras permitem ao jovem, além de desenvolver as habilidades de escrita e formação do pensamento lógico, posicionar-se diante da temática em questão. O apresentar a sua produção para um grupo, também é um elemento importante do ponto de vista das recentes concepções de cidadania, que vai além de desenvolver um raciocínio crítico, mas que leva o jovem a ser produtor de conhecimento, a ser alguém que pode ser ouvido e levado em consideração.

Na verdade, há uma busca coletiva para disponibilizar informações e orientar o jovem para gerir, integrar e avaliar tudo o que chega até ele e, então, criar uma nova informação que será compartilhada e discutida com outros jovens.

Outro elemento muito importante é o fato de que são os próprios jovens que tomam a frente da organização do evento. Este espaço, onde o jovem tem a oportunidade de montar uma pauta de apresentação, de conduzir e animar um evento, do qual participam mais de 150 outros jovens, é um exercício prático de Cidadania da Comunicação. O jovem que toma a frente de uma experiência destas certamente será capaz de fazê-lo em qualquer outra circunstância, seja numa universidade, numa ação política, social ou qualquer outra em que precise manifestar-se.

No decorrer dos anos, esta experiência foi sendo aprimorada por meio de avaliações constantes e da escuta dos jovens que participavam do processo. O envolvimento dos diferentes setores da escola é um fator importante que qualifica o trabalho, pois permite focalizar os elementos falhos e trazê-los para uma reflexão conjunta, tendo em vista a melhoria do Projeto.

4. EDUCOMUNICAÇÃO, CIDADANIA E SISTEMA PREVENTIVO

A educação salesiana tem como princípio a formação do "bom cristão e do honesto cidadão", ficando claro, que o compromisso social de formação para a

cidadania está na raiz do próprio carisma. Em se tratando de práticas educativas, é possível visualizar a Educomunicação como um meio privilegiado para chegar ao grande objetivo de formação da juventude no aspecto da cidadania. A prática educomunicativa se apresenta tão próxima da pedagogia proposta por Dom Bosco[2] e Madre Mazzarello[3] que é possível dizer, com toda certeza, que é o novo nome do Sistema Preventivo[4].

A experiência citada ilustra como a Educomunicação responde às atuais necessidades de formação do jovem e como permite a atualização do próprio Sistema Preventivo, visto que dialoga com as atuais culturas juvenis, com as diferentes tecnologias e as novas ambiências. Ela fornece elementos para a formação do sujeito crítico, tanto do ponto de vista teórico quanto prático, tendo presente as inúmeras possibilidades de atuação dos jovens como sujeitos produtores de conhecimento e também pelas múltiplas possibilidades de expressão e comunicação que oferece. Ao promover o debate, o olhar para uma determinada realidade sob diferentes ângulos, tem-se em mente, não um produtor alienado, de massa, mas um sujeito crítico, capaz de apropriar-se de informações diversas, analisá-las, gerenciá-las, integrá-las e então, produzir o seu conhecimento, que não fica consigo, mas que pode e é compartilhado, socializado e comunicado com propriedade, seja pessoalmente ou através de meios e ambientes digitais.

O exercício da cidadania na atual sociedade passa necessariamente pela pluralidade de vozes e a escola tem um papel importante à medida que se configura como espaço de empoderamento, de diálogo crítico em relação aos grandes temas desafiadores que fazem parte da esfera pública. O acesso à informação é praticamente um direito adquirido para a maioria das pessoas, mas o que fazer com estas informações é a chave de leitura para uma cidadania ativa, capaz de permitir a individualidade do pensamento e a postura crítica numa cultura que muitas vezes trata o sujeito como parte da grande massa.

2 Padre fundador da obra salesiana, que viveu na Itália de 1815 a 1888.

3 Co-fundadora do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, que viveu na Itália de 1835 a 1881.

4 Sistema educativo utilizado por Dom Bosco, que tem como premissa a prevenção que se opõe ao sistema repressivo utilizado na época.

A educomunicação proporciona a possibilidade de uma educação voltada para a construção de um sujeito que vê além do que está diante de si, ou seja, é a pessoa que vendo a realidade, não passa indiferente diante das grandes questões que afligem a humanidade. Este sujeito consciente, crítico, o "bom cristão e honesto cidadão" conforme almeja o Sistema Preventivo, não nasce de um momento para outro, mas vai se formando, com o auxílio de intervenções educativas intencionais, projetuais e sistemáticas.

É neste sentido que as escolas salesianas almejam fortalecer e aprimorar a prática educomunicativa, não apenas porque se trata de uma das Linhas Orientadoras do Instituto, mas porque contempla os aspectos essenciais do que podemos chamar de Sociedade da Informação, permitindo um verdadeiro diálogo entre escola e sociedade.

5. REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Política e Educação.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA. **Para que tenham vida e vida em abundância:** Linhas Orientadoras da missão educativa das FMA. Roma, 2006.

_____. **Atos do XX Capítulo Geral do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora**. Roma, 1996.

_____. **Cooperação para o desenvolvimento:** Orientação para o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Bologna: EMI, 2006.

OROZCO GÓMEZ, Guilhermo. **Educação:** recepção midiática, aprendizagem e cidadania. (tradução de Paulo F. Valério). São Paulo: Paulinas, 2014.

SOUZA, Regina M. **O conceito de protagonismo juvenil.** In: ESPÍNDULA, Brenda (Org.), Protagonismo da Juventude brasileira: perfil e memória, São Paulo: IAC--CEMJ, 2009.

SPÓSITO, Marília P., CARRANO, Paulo, NOVAES, Regina R. Juventude e Contemporaneidade. Brasília: MEC/UNESCO, 2007. Coleção Educação para todos.

• ● A AUTORA ● •

Márcia Koffermann é formada em Letras pela Universidade do Oeste de Santa Catarina, com Especialização em Pastoral Escolar, pela Universidade Católica de Brasília e em Teoria e Meios de Comunicação- Uma abordagem Teórico-Prática- pela PUC- SP e Sepac. Possui experiência como professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa para Educação Básica e Ensino Médio em escolas públicas e particulares e Coordenação de Pastoral Escolar. Atualmente atua como coordenadora de Comunicação Social da Inspetoria Salesiana do Sul do Brasil, coordenadora da equipe Nacional de Comunicação das Filhas de Maria Auxiliadora do Brasil e é Diretora Executiva da Rede Salesiana de Comunicação das FMA/SDB em nível de Brasil. E-mail: marciak27@yahoo.com.br.

A escola contemporânea e o diálogo com a geração Z: Estudo de caso de educomunicação no Ensino Médio do Colégio Israelita Brasileiro

Fernando Zatz
André Rodrigues Iribure

1. INTRODUÇÃO

No dia 1º de janeiro de 2015, a Presidenta reeleita Dilma Rousseff[1] anunciou o novo lema da nação: "Brasil, Pátria Educadora". Tal lema está alinhado ao momento fundamental da Educação para os municípios, estados e Distrito Federal, já que, com a aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE) em 2014, todos supracitados devem estar em processo de planejamento para elevar a qualidade do ensino e cumprir com as metas estabelecidas no PNE. Paralelo aos desafios da universalização do ensino, da inclusão das minorias excluídas e outras pautas fundamentais à Educação, há um problema iminente a toda educação pública e privada contemporânea: estudos demonstram baixo índice motivacional dos alunos na escola atual. Segundo pesquisa nacional da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), de 2008, metade dos alunos brasileiros de ensino médio acredita que entre os principais problemas da educação está o desinteresse dos alunos. Recente pesquisa da Fundação Getúlio Vargas[2] (2009) também chamou a atenção para a falta de interesse dos jovens no ambiente escolar: ela demonstrou que 40% daqueles que abandonaram a escola o fizeram por falta de interesse, enquanto 27% por necessidade de trabalhar e 10% pela falta de escolas. Percebemos que os problemas da educação não se encontram apenas na democratização do acesso às escolas, mas na necessidade de tornar os jovens interessados nos processos de ensino-aprendizagem.

É justamente diante do desafio de tornar a escola mais interessante à juventude que este trabalho se apropria da inter-relação entre a Educação e a Comunicação. O objeto de estudo escolhido foi o da gestão comunicacional no ambiente escolar e, para um recorte mais sucinto, definiu-se o ensino médio, com jovens entre 15 e 17 anos, como contexto a ser investigado.

O objetivo geral deste trabalho, portanto, é investigar a inter-relação entre Comunicação e Educação no contexto escolar de ensino médio com a intenção de cumprir uma série de objetivos específicos: i) contextualizar a escola com as novas formas da sociedade se relacionar com o conhecimento; ii) apontar

1 Recuperado 25 março 2014, em: http://www.brasil.gov.br/governo/2015/01/dilma-toma-posse-e--anuncia-lema-do-novo-governo-201cbrasil-patria-educadora201d.

2 Recuperado 25 março 2014, em: http://www.todospelaeducacao.org.br/biblioteca/1169/motivos-da--evasao-escolar/

as características da juventude no ambiente escolar; iii) identificar, organizar e reconhecer as principais áreas de intervenção da Educomunicação no ambiente escolar; iv) apontar caminhos e questionamentos para a promoção do diálogo nos processos de ensino-aprendizagem no ensino médio.

Primeiro, então, estrutura-se a fundamentação teórica, separada nos seguintes aspectos: o epistemológico da inter-relação entre Educação e Comunicação; o das novas formas da sociedade contemporânea de se relacionar com o conhecimento; o das principais características da Geração Z como educandos e o organizacional que promove áreas de intervenção no contexto escolar a partir da Educomunicação. Para aproximar a fundamentação teórica da prática educativa foi escolhida a metodologia do Estudo de Caso, na qual o Colégio Israelita Brasileiro (CIB) de Porto Alegre foi escolhido por ser uma escola tradicional e que se posiciona como inovadora, principalmente através da inserção das tecnologias em sala de aula. Por fim, o artigo faz as considerações finais do trabalho.

2. O DIÁLOGO ESTÁ NO CENTRO DAS CONFLUÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS

O paralelo entre as tradicionais áreas da Educação e Comunicação está vinculado ao papel do diálogo. A partir do levantamento bibliográfico, identificou-se que a perspectiva dos estudos de recepção na Comunicação é uma possibilidade de concordância com os estudos da Educação, mais especificamente, com as teorias do currículo.

Os estudos da recepção tratam, segundo Jacks e Escosteguy (2005), da comunicação enquanto relação dos meios com suas audiências. Tais estudos surgem no escopo da comunicação no ambiente acadêmico desde a década de 1920, época na qual o polo da emissão foi amplamente privilegiado já que analisava o receptor via os efeitos das mensagens enviadas. Um dos primeiros modelos de comunicação, chamado de "Teoria Matemática da Comunicação[3] ", punha a transmissão de informação de forma linear e descartava o contexto. Somente a partir da década de 1970 houve uma mudança de paradigma e "[...]

3 Shannon, C. & Weaver, W. (1975). The mathematical theory of communication. Chicago: University of Illinois Press.

a recepção começa a ser concebida como ativa, admitindo-se a participação dos sujeitos na reconstrução dos significados das mensagens." (Baccega & Guimarães, 2006, p. 409). É nesta mudança que se faz a relação com a Educação.

Já as teorias do currículo, da Educação, são definidas por Silva (2010) como as escolhas por quais conhecimentos devem ser ensinados na escola. O termo obteve força em época análoga aos primórdios dos estudos da recepção com a obra The Curriculum[4] (1918) que tratava o sistema educacional como um estabelecimento comercial, já que previa resultados fixos em seus educandos para cada processo. No entanto, na década de 70 as teorias críticas do currículo "desconfiam do status quo, responsabilizando-o pelas desigualdades e injustiças sociais" (Silva, 2010, p. 30), e passam a conotar um papel ativo ao educando.

Assim, tal qual a comunicação pode ser concebida e até realizada sob a prerrogativa linear de emissor-mensagem-receptor, inquestionável na década de 20, a pedagogia também a pode fazer, sendo tal paradigma denominado por Paulo Freire (1987) de educação bancária, em que vige a opressão em contrapartida da liberdade. Segundo Baccega e Guimarães (2006), o modo como o professor concebe o aluno está diretamente conectado ao modo que a comunicação concebe o receptor. Ao considerar o receptor ativo, através do diálogo, se vinculam Educação e Comunicação.

O conceito do diálogo, entretanto, é amplamente discutido academicamente e cabe fazer uma breve ressalva sobre a diferenciação entre duas correntes de pensamento: a freireana e a buberiana. Comecemos pelas consonâncias: primeiramente, como nos aponta Martín-Barbero (2014), o diálogo jamais pode ser entendido como simples e direto, como se fora uma simples fórmula matemática. Tal qual a linguagem, o diálogo não se constitui apenas no entendimento das atribuições do símbolo, mas também na própria constituição da subjetividade: é o que Martín-Barbero (2014) chama de mediação. Neste ponto concordam as filosofias de Martim Buber e Paulo Freire; entremos nas diferenças.

Buber, através de seu teorema Eu-Tu, posiciona o diálogo enquanto ontologia: o ser - Eu - não existe sem o Tu. Ou seja, a relação e o diálogo não são apenas ferramentas ou potências para fins; são, afinal, as próprias formas de existirmos

4 Bobbitt, John Franklin. The Curriculum. Boston: Houghton Mifflin, 1918.

no mundo. Já para Freire, os homens, através do diálogo, pronunciam o mundo. Chama tal conceito de "palavra". Ou seja, através da linguagem, a pronunciação do mundo se dá sempre em duas esferas: ação e reflexão. Quando a "palavra" é apenas uma, está destituída de diálogo.

Neste ponto encontra-se a diferença nas concepções do diálogo entre os dois autores: na presença da finalidade política e emancipadora dos sujeitos na abordagem freireana. Então, enquanto para Freire o diálogo serve ao direito de todos a pronunciarem o mundo unindo ação e reflexão, para Buber (2001) não há intencionalidade, nem estratégias: é simplesmente o que somos.

Mas, afinal, por que isso é importante? É justamente neste sentido que o artigo se desdobrará ao se afastar da epistemologia. O ecossistema comunicativo de um ambiente escolar, que será abordado adiante, sugere que o aporte da Educomunicação vá além da imersão de tecnologias ou da manutenção do direito à expressão, por exemplo. Ele preza por uma estrutura dialógica que provoca o coletivo ao conhecimento incessante, sem finalidades, mas como uma ontologia: uma forma de ser Escola que se posiciona no espaço do entre. Para nós, esse entendimento é uma alternativa para promover o diálogo com os jovens e aumentar o interesse frente às escolas contemporâneas.

3. O CONHECIMENTO VIVE A CRISE DA MODERNIDADE

Não há quem defina, com segurança, uma inexata pós-modernidade. Entretanto, a crise do pensamento moderno já está consolidada e enquanto a sociedade reinventa o mundo, muitas estruturas, entre as quais a escola, não acompanham as mudanças. A crise da modernidade é, sobretudo, aquela que descentra o sujeito cartesiano[5] e que questiona as metanarrativas, ou seja, os pensamentos totalizantes do saber do pensamento moderno.

5 Em referência a René Descartes (1596-1650), símbolo da centralidade do Modernismo, autor da frase: "penso, logo existo". Descartes, R. (1996). Discurso do método. São Paulo: Martins Fontes.

Para Silva (2010), o currículo predominante é justamente uma encarnação do pensamento moderno: é linear, sequencial, estático, realista, objetivista, disciplinar, segmentado, eleva o conhecimento "científico" em detrimento ao cotidiano. Tampouco as teorias críticas da Pedagogia respondem à crise, já que focam em demasia na emancipação do sujeito Moderno.

É no contexto da crise da Modernidade que surge o conceito de Cibercultura, sobretudo nos estudos de Comunicação. Lemos (2010) define Cibercultura como uma forma cultural da pós-modernidade, já que resulta da convergência entre a sociabilidade e as tecnologias microeletrônicas.

Lévy (1999) faz referência à evolução do conhecimento na história: antes da escrita, o saber era ritual, prático e encarnado por toda comunidade. Depois, pertencia aos livros e aos seletos intérpretes. Com o tempo, passou a uma biblioteca, e era sábio o homem que dominava todo o conhecimento. Hoje, é tempo de Cibercultura e o que o autor chama de "desterritorialização da biblioteca": o conhecimento tem possibilidades infinitas e pertence à rede, não a determinado grupo.

Gómez (2006) faz importantes aportes para o conhecimento não ficar sujeito nem à visão tecnocêntrica - que dá demasiada importância às tecnologias - nem à sociocêntrica - que dá demasiada importância aos atores sociais. Para ele, a contemporaneidade se caracteriza justamente pela "explosão de mediações": há tanto a descentralização das mediações entre os meios midiáticos, como o enfraquecimento das mediações de tradicionais instituições, tal qual a Escola e o Estado.

A perspectiva que se segue aqui é justamente essa: a da complexidade, a da "explosão de mediações". Martín-Barbero (2014) apresenta um conceito pertinente a essa perspectiva, chamado de "ecossistema comunicativo", que se define como o entorno educacional que nos envolve e tem como características ser difuso, pois conta com uma mistura de saberes e linguagens circulando por dispositivos midiáticos interconectados, e descentrado, por ir além dos meios tradicionais da educação como o livro e a escola. Soares (2012), principal autor da Educomunicação, posiciona o ecossistema comunicativo dialógico como o ideal a ser alcançado pelos ambientes educativos.

4. A CIBERCULTURA MUDA O PARADIGMA DO CONHECIMENTO

A partir desse cenário de complexas mediações entre atores humanos e tecnológicos, algumas características se tornam proeminentes para o ambiente do conhecimento e surge um novo paradigma. Castells (2000) o define como o "paradigma da tecnologia da informação" e aponta algumas características, entre elas destaca-se: informação é sua matéria prima - as tecnologias agem sobre múltiplas informações e não apenas para gerar novas informações; lógica das redes - cenário com crescimento mais horizontal, favorável à inovação e que diminui importância das estruturas; flexibilidade - favorece reconfigurações e mudanças constantemente; e convergência tecnológica - tendência na qual as tecnologias se complementam e dependem uma da outra. Junto ao valor da lógica das redes de Castells (2000) cabe ressaltar o conceito de "inteligência coletiva" de Lévy (2007), que muda o paradigma moderno "penso, logo existo[6]" para "formamos uma inteligência coletiva, logo existimos eminentemente como comunidade". No contexto da educação, Lévy (2007) acredita que o caminho mais promissor é o da aprendizagem cooperativa, justamente por coadunar com esse conceito. Para o autor, a transmissão de saberes não deixa de existir, simplesmente é mais eficiente por outros meios que não a escola e o professor. Lévy (1999, p. 169) incita, também, que "os indivíduos toleram cada vez menos seguir cursos uniformes ou rígidos que não correspondam às suas necessidades reais e à especificidade de seu trajeto de vida", por isso a educação precisa sair da metáfora da pirâmide, de pré-requisito para saberes superiores, e entrar no modelo da navegação, que promove conhecimentos diversos com maior personalização e crescimento em rede.

Mais recente que os primórdios dos estudos da Cibercultura, o debate acerca do valor da realidade móvel ganhou enorme relevância a partir do crescimento dos smartphones e tablets. Para Lemos (2009), os meios de comunicação massivos tradicionais, como a televisão, implicavam em pouca mobilidade comunicacional, restando-se restrita ao consumo. Já os recentes meios pós-massivos, móveis e em rede, além do consumo, ampliam também as possibilidades de produção e distribuição de informação. Se então já vivíamos um contexto de conexão, a mobilidade amplia as formas de conexão entre homens e homens, homens e

6 Também faz referência ao filósofo símbolo do Modernismo, René Descartes (1596-1650).

máquinas e máquinas e máquinas. É o momento em que Lemos (2007, p. 2) define que "a rede transforma-se em um 'ambiente' generalizado de conexão, envolvendo o usuário em plena mobilidade". Esta liberdade para se movimentar pelo tempo e espaço, com possibilidades múltiplas e constantes de buscar informações torna os homens o que o autor define como "nômades por conhecimento".

De volta à prática, no contexto escolar, três termos envolvendo aprendizagem com tecnologia aparecem com frequência: e-learning, caracterizado pela educação eletrônica à distância, via internet; m-learning, referente às metodologias com dispositivos móveis e, por fim, a u-learning, alusivo ao ensino ubíquo, ou seja, apoiado na tecnologia, mas com liberdade para transitar em qualquer ferramenta. As três modalidades são relevantes aos jovens "nômades" que, através das tecnologias móveis, situam o espaço e o tempo como constantes oportunidades de acesso à informação e à comunicação. Mesmo que se possa prever um cenário no qual o u-learning seja realidade a toda sociedade, o caminho não é basear toda a educação nas tecnologias, mas considerá-las mediações permanentes e importantes em um amplo e diversificado ecossistema comunicativo.

5. A GERAÇÃO Z[7] JÁ NASCEU NA CIBERCULTURA

Há variações entre as definições da geração subsequente a Geração Y, mas o que nos interessa é o recorte dos jovens que nasceram no mundo pós-internet: os chamados nativos digitais, nascidos a partir de aproximadamente 1995. Diferente das gerações anteriores, dos "imigrantes digitais", a Geração Z é a primeira que cresceu alfabetizada digitalmente e livre de qualquer "sotaque". Segundo Tapscott (2010), é a geração que não diferencia o off do online. Marc Prensky (2001) diz que a singularidade dessa geração está justamente na rápida disseminação da tecnologia digital nas últimas décadas do século XX. No entanto, ela ocupa diferentes posições: ora otimista, como uma oportunidade de democratizar e compartilhar conhecimentos sem distinções de classe, por exemplo, e ora pessimista, como uma

7 Para entender a abordagem de gerações, utilizamos a definição de condensação relativa de Bauman (2011): "[...] nenhum ser humano é exatamente igual a outro - e isso se aplica tanto aos jovens quanto aos velhos. Contudo, é possível notar que, em determinadas categorias de seres humanos, algumas características ou atributos tendem a aparecer com maior frequência que em outras. É essa 'condensação relativa' de traços característicos que nos permite falar, em primeiro lugar, em 'categorias', sejam elas nações, classes, gêneros ou gerações." (Bauman, 2011, p.58).

ferramenta que promove uma visão rasa e efêmera do mundo. Tapscott (2010) é otimista ao observar o comportamento dos jovens frente às tecnologias digitais, inclusive a televisão. Para o autor, pela primeira vez os jovens assumiram controle dos elementos primordiais para uma revolução em comunicação, já que outrora o poder era exclusivo às redes de televisão e à mídia impressa e, por conseguinte, à visão de mundo de seus proprietários.

Diversas críticas também acompanham essa emergente geração. Neste contexto, as de Mark Bauerlein (2008) estão entre as mais proeminentes. O autor afirma que ao invés da inquietude e da curiosidade, até então valores centrais da juventude, estão presentes o consumismo e o imediatismo que perpetuam a infantilidade e assim fazem com que a juventude abdique de alcançar a profundidade em qualquer tema. No entanto, há poucas evidências que comprovem o que diz. Entre os extremos do otimismo libertário das tecnologias e a visão pessimista sobre essa juventude rasa encontram-se os trabalhos de Palfrey e Gasser (2013) e de Veen e Vraaking (2009), que analisam os desafios para essa juventude e para aqueles mais responsáveis por ela: pais e professores. É a partir dessa perspectiva que vamos analisar a relação desses jovens com o ambiente de ensino.

Para Veen e Vrakking (2009) a Geração Z está se moldando a partir da relação com a tecnologia. Por exemplo, as crianças aprendem desde cedo que há múltiplas fontes de informação cujas verdades podem ser diferentes. Além disto, estão acostumadas a ter completo controle sobre o fluxo de informações, seja pelo mouse, controle remoto ou celular. Nesse aspecto encontra-se uma diferença crucial entre a Geração Z e suas antecessoras: enquanto a primeira funciona em rede e de forma difusa, a segunda é linear e centralizada. Enquanto as antecessoras leem o manual para instalar algo, a Geração Z já sai manuseando e recorre aos fóruns e às informações na rede.

Outro elemento-chave para os autores está justamente no papel dos jogos para essa geração. Tal qual o jovem exerce o controle sobre o fluxo de informações, ele o faz ao brincar em ferramentas tecnológicas, inclusive, a partir dos três anos. Ao jogar, eles são estimulados por desafios cada vez maiores e aprendem por meio da descoberta e da experimentação, afinal o computador os dá infinitas chances. Os jogos em rede também estimulam a cooperação para poder vencer, que corrobora

com a visão de Palfrey e Gasser (2013), acerca do aprendizado em times: a escola do futuro segue a tendência ao compartilhamento e da construção do conhecimento coletivo. Já dizia Lévy (1999), que o caminho mais promissor para a educação era o cooperativo.

É evidente que a tecnologia tem papel importante nessas mudanças. Porém, as maiores mudanças pouco tem a ver com inclusão das tecnologias na sala de aula. Para Tapscott (2009), a principal mudança de paradigma que essa geração precisa, na qual a tecnologia digital deve estar inserida, é na mudança da "Aprendizagem Difusora" para a "Aprendizagem Interativa", que defende as seguintes mudanças: i) as atividades devem ser centradas no aluno, não no professor; ii) as atividades devem ter uma medida para cada, não uma medida para todos; iii) as atividades devem privilegiar a descoberta, não a instrução; e iv) a aprendizagem deve ser colaborativa, não individual.

6. A EDUCOMUNICAÇÃO É UMA SOLUÇÃO CONSOLIDADA

A inter-relação entre Educação e Comunicação está consolidada como uma área própria do saber científico, tendo em vista a vasta literatura e os diversos projetos dos últimos vinte anos. Citelli (2011) a legitima como um campo próprio do saber com o objetivo de, em síntese, pensar e praticar Educação no âmago do ecossistema comunicativo. Cabe aqui ressaltar a visão de ecossistema comunicativo de Soares (2012) e própria da Educomunicação: o termo é uma figura de linguagem para ilustrar um ideal de relações que é decorrência de uma decisão estratégica de assumir o planejamento e execução da Educomunicação, através do diálogo no ambiente escolar.

Soares (2000) defende que a Educomunicação se encontra na solução dos destempos[8] da educação contemporânea: enquanto para a Educação, o espaço é a escola local e o tempo é o estudo do passado, para a Comunicação o espaço é desterritorializado, virtual, e o tempo é o presente. Portanto, é preciso de

8 Remete ao conceito apresentado por Martín-Barbero (1997 apud Soares, 2000) que basicamente, se refere à permanência de uma determinada ideia sem que acompanhe uma mudança sociocultural. Orozco (2006, p.86), define destempos como "superposições de temporalidades, modernas, pré-modernas e pós-modernas, [nas quais] ao mesmo tempo que indicam o sentido das mudanças, definem sua adaptação a elas [...]".

alinhamento para relacionar as áreas. O autor também estabelece dois pressupostos teóricos e dois práticos para a Educomunicação, que dão consistência acadêmica ao debate e que coadunam com o que foi abordado anteriormente neste trabalho.

O primeiro pressuposto teórico diz que a educação só é possível enquanto ação comunicativa, já que a comunicação está presente em todos os modos de formação do ser humano e já que toda comunicação é em si uma ação educativa. O segundo converge com o primeiro ao posicionar a Educomunicação como um campo de inter-relação entre as duas áreas da ciência, em oposição a disposições de confronto ou cooperação. Já o primeiro dos práticos define um campo de práxis abrangente, ao elucidar que a relação da Educomunicação com a escola extrapola a visão mais comum de educação para a mídia. Para isso, posiciona a área em três âmbitos: i) o administrativo, voltado à gestão das relações entre públicos internos; ii) o disciplinar, que sugere que a comunicação enquanto linguagem, processo e produto cultural se transforme em conteúdo disciplinar e que visa garantir um tratamento educomunicativo a toda grade curricular; e iii) o transdisciplinar, que dá mais liberdade a educandos e educadores, com estímulo aos projetos e à utilização das linguagens midiáticas. O quarto pressuposto trata de um ponto crucial para a efetuação dessas ideias que é a formação de profissionais educomunicadores. Para o autor, os preconceitos entre os profissionais de Pedagogia e da Comunicação afastaram a necessidade dos educadores de entenderem as linguagens produzidas socialmente na construção da cultura contemporânea.

Atualmente, para Soares (2012), os maiores desafios do campo são justamente colocar em prática tais pressupostos e disseminar tais informações, tendo em vista que já há diversas consonâncias legais[9] que estimulam projetos dessa índole, assim como há bastante material acadêmico próprio e de inter-relação entre as áreas para serem usados. Para tanto, o "ecossistema comunicativo" baseado no diálogo deve ser entendido como uma meta perante o planejamento, a realização e a avaliação de processos, produtos e projetos. Para dar sustância ao ecossistema comunicativo, Soares (2012) sugere as seguintes áreas de intervenção, com os seguintes objetivos:

» Educação para Comunicação: compreender o fenômeno

9 Para mais informações: Soares, I. (2012). Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas.

da comunicação interpessoal, grupal, organizacional e massivo; estudar papel dos meios de comunicação;

» Expressão comunicativa através das artes: explorar o potencial criativo e emancipador das distintas formas de manifestação artística;

» Mediação tecnológica: práticas relacionadas com o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) de forma democrática e estratégica;

» Pedagogia da comunicação: atentar ao cotidiano da didática; promover a cooperação e a realização de projetos;

» Gestão da comunicação: planejar e executar as práticas referentes às áreas anteriores; avaliar constantemente - exige auxílio de profissional da área;

» Reflexão epistemológica: estudar constantemente a inter-relação entre as áreas da Educação e Comunicação para analisar diferenças entre teoria e prática.

Portanto, nota-se que a Educomunicação não visa estabelecer características de uma sociedade contemporânea, mas propor uma abordagem prática para a gestão escolar, levando em consideração toda a base teórica da inter-relação entre as áreas. Sob essa perspectiva, o estudo de caso foi realizado em um Ensino Médio de uma escola que não conta com planejamento em Educomunicação, para descobrir suas dificuldades e oportunidades.

7. ECOSSISTEMA COMUNICATIVO NO COLÉGIO ISRAELITA BRASILEIRO (CIB)

Foi feita uma análise de um ecossistema comunicativo sob a perspectiva da gestão escolar. Primeiro serão apresentados os processos metodológicos, estratégia de pesquisa e fontes de evidência. Posteriormente, será apresentada a análise dividida em três etapas: filosofia educacional; ecossistema comunicativo e generalização dos desafios.

O método escolhido foi o estudo de caso único por ser indicado quando a teoria já fornece diversas proposições que podem ser testadas e analisadas sob as circunstâncias específicas do caso (Yin, 2001). Também se posiciona como um estudo introdutório, já que não foram encontrados trabalhos que analisam escolas sob a perspectiva da gestão de um ecossistema comunicativo.

A estratégia de pesquisa foi dividida em três etapas com os seguintes objetivos: i) Filosofia Educacional: analisar a presença do diálogo, como conceito, nos documentos norteadores do CIB. ii) Ecossistema Comunicativo: organizar e analisar as atividades de caráter educomunicativo do ensino médio do CIB em um ecossistema; iii) Generalização: reconhecer desafios do ensino médio para dialogar com a Geração Z e apontar alternativas para promover o interesse dos educandos.

As fontes de evidência foram escolhidas a partir do conceito de triangulação de Yin (2001) que entende as informações a partir de múltiplas fontes. Primeiramente, foi feita uma análise de documentos norteadores da gestão e prática escolar[10]. Posteriormente, foram feitas três entrevistas informais, duas com Adriana Beatriz Gandin, a Coordenadora Administrativo Pedagógica e uma com Iury Carmo de Melo Wald, o Analista de Suporte, responsável pelas TIC na escola. Por fim, foram feitas duas observações diretas de aulas com mediação tecnológica para turmas de ensino médio.

8. A FILOSOFIA QUE NORTEIA E O ECOSSISTEMA QUE FAZ ACONTECER

Para entender a realidade escolar, primeiro foram analisados os documentos norteadores. No CIB foi observado que, apesar do diálogo não aparecer de forma direta, os valores da escola estão à frente das típicas metanarrativas da Modernidade e há espaços para interpretação que incentivam a comunicação. Vejamos os trechos dos Valores Institucionais, divididos em Visão, Missão e Proposta.

Primeiro, destaca-se a Visão da escola: "Ser uma instituição reconhecida pela alta qualidade de ensino, cujo projeto educativo valoriza de forma marcante a cultura e as relações interpessoais através de práticas inovadoras, vinculadas à preparação para o empreendedorismo." (CIB, grifos nossos). Já a Missão da escola declara que "[...] elege a educação para a Paz e a busca constante pela excelência de ensino com vistas à formação de cidadãos preparados para a vida e para a construção de uma sociedade plural." (CIB, grifos nossos). A Proposta contempla dois principais valores para o cumprimento da missão; primeiro, define a Cultura como o centro do projeto educativo, através da qual os "[...] alunos são incentivados a buscar

10 Foram analisados três documentos: Valores Institucionais, Mandala Educativa e Triple A. Eles estão descritos no site da escola. Recuperado 2 junho 2015, em http://www.colegioisraelita.com.br.

[...] seus próprios espaços de realização pessoal e auto-superação (sic), em uma perspectiva empreendedora." (CIB, grifos nossos). Em seguida define Solidariedade "como a responsabilidade que temos uns pelos outros, é o sentido que o Colégio atribui à participação no espaço coletivo." (CIB, grifos nossos).

A partir do posicionamento da escola enquanto instituição, já se notam interfaces com a fundamentação teórica. O papel da cultura e das relações interpessoais reforça o papel da comunicação na escola. A cultura tem papel central para a promoção de um ambiente comunicativo já que a comunicação está sempre imersa ma memória comum dos sujeitos, tal qual o colégio define a Cultura como centro de seu projeto educativo. A inovação vinculada ao empreendedorismo também representa uma visão dialógica de conceber o educando, considerando-o ativo e com múltiplos caminhos de evolução, contrapondo-se ao que seria a visão bancária da educação de Freire (1987).

Ao definir a cultura como espaço para autossuperação, a filosofia coaduna com a perspectiva freireana do diálogo de atribuir para os processos de ensino-aprendizagem, uma finalidade emancipadora ao sujeito. No entanto, tal emancipação vinculada à "perspectiva empreendedora" está assaz reservada à perspectiva individual da "autossuperação", deixando de incorporar uma perspectiva da dialogicidade como ontologia, de basear-se nas relações Eu-Tu (Buber, 2001), e que incentivaria um cenário contemporâneo de cooperação e desenvolvimento em rede.

Além da cultura organizacional, outro documento fundamental para a realidade da escola é a Mandala Educativa, que diz respeito a nove diferentes núcleos de atuação que propõem um ensino para além dos livros e disciplinas tradicionais. Entre elas destaca-se o Núcleo de Ciência & Tecnologia que traz "[...] os conteúdos para o 'mundo real', para serem utilizados no cotidiano, na vida dos alunos."; a Cidade-Laboratório que traz oficinas opcionais e transdisciplinares; o Núcleo Educacional de Empreendedores que visa "[...] mostrar caminhos para que os jovens possam gerenciar suas vidas"; e o Currículo Socioafetivo que vai além da dimensão cognitiva e estimula a convivência e a formação de identidade. Aqui é necessário reforçar a importância da Cidade-Laboratório como estrutura para uma abordagem transdisciplinar da educação. Ela dispõe de cinco núcleos: Ciência &

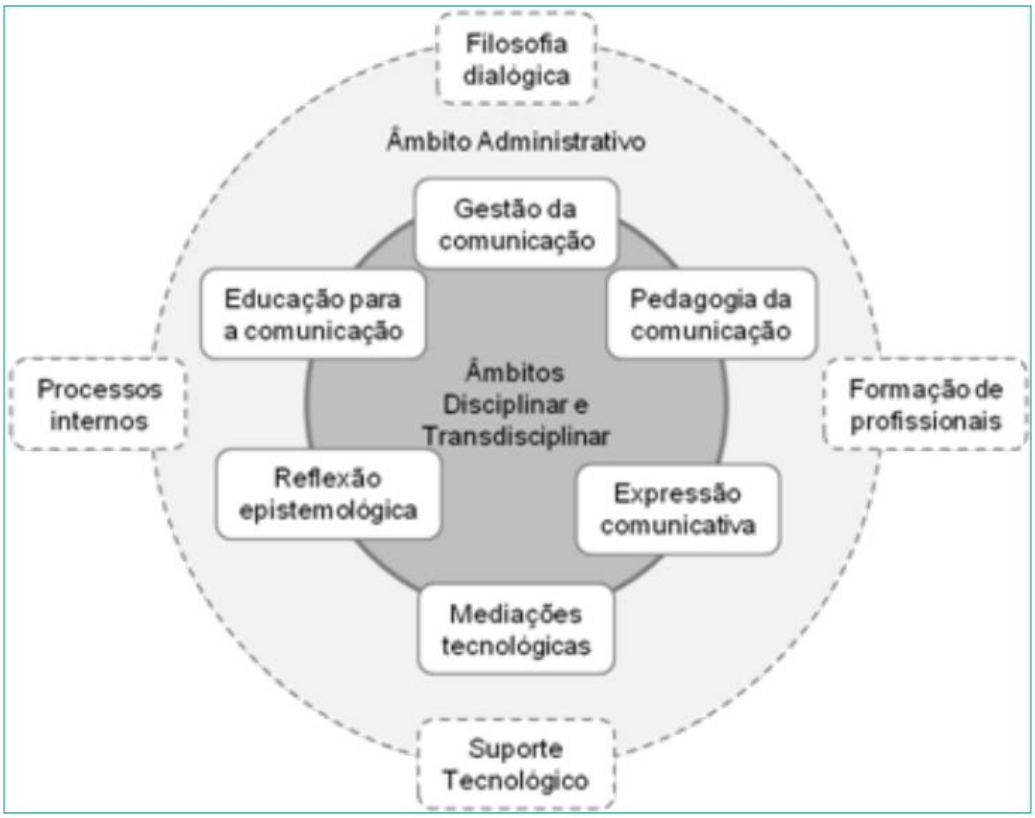
Tecnologia, Cultura e Erudição, Educacional de Empreendedores, Educação Judaica e Política e Cidadania e visa oferecer oficinas para todas as etapas da escola. A Cidade-Laboratório conta com prefeitura, supermercado, banco, centro cultural, centro multimídia de imprensa e também com prefeito, secretários e vereadores, todos com até 10 anos de idade.

A maior parte dos projetos estimulados pela Mandala Educativa acontece na Cidade-Laboratório e se encontra no âmbito das práticas transdisciplinares que, segundo Soares (2012, p. 146), são aquelas nas quais "[...] professores e alunos podem encontrar o mais amplo leque de possibilidades para o exercício da criatividade educomunicativa, mediante ações através de projetos". A Mandala Educativa é um importante avanço da gestão frente a um ecossistema comunicativo dialógico e aos valores do CIB enquanto organização, analisados anteriormente.

De forma geral, nos documentos analisados, a instituição demonstra estar consciente e aberta aos novos contextos do conhecimento. Na filosofia, tem uma visão restrita do diálogo, mas incentiva uma concepção ativa do educando. Ao centralizar a Cultura, motiva a escola a acompanhar as mudanças na crise da Modernidade, lideradas hoje pela Geração Z, seu público primário.

Analisada a filosofia, partimos para a análise do ecossistema comunicativo do CIB que leva à prática os valores da escola. Nesta etapa utilizamos da separação de Soares (2012), ao considerar os três âmbitos de atuação: administrativo, disciplinar e transdisciplinar; e as seguintes áreas de atuação, conforme figura abaixo:

Figura 1 – Áreas de intervenção da Educomunicação



Fonte: os autores (2014), baseado em Soares (2012).

No âmbito administrativo, o CIB primeiramente apresenta uma filosofia alinhada com o pensamento da Educomunicação, mesmo que com pouca clareza. Em segundo lugar, está vivendo um processo importante que é o planejamento para adoção do Ensino Integral, movimento que vai ampliar as possibilidades educomunicativas. Além disto, oferece amplo suporte tecnológico para seus públicos internos: 3 Lousas Eletrônicas; 35 iPads; 35 computadores no laboratório de informática e computadores nas principais salas de aula e laboratórios. Também, a Superintendência estabeleceu uma meta, na qual todos os professores têm que incluir as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) pelo menos duas vezes ao ano. As metodologias com as TIC ficam a cargo do professor, mas tanto a Coordenadora Administrativo-Pedagógica como o Analista de Suporte obrigatoriamente aprovam os projetos ou, quando necessário, ajudam a concebê-los. Outro trunfo administrativo da escola é o investimento na formação de professores. O CIB investe na Universidade Corporativa do Colégio Israelita

Brasileiro (UniCCIB) que tem encontros mensais obrigatórios para os professores da escola e ainda oferece vagas para profissionais da rede pública de educação. Segundo Adriana B. Gandin, Coordenadora Administrativo-Pedagógica do Ensino Médio do CIB, a UniCCIB está sendo fundamental na efetivação de novos projetos em sala de aula. Em 2013, as atividades foram a respeito do Ensino Integral.

Entretanto, a maior barreira que o CIB encontra para implantar novas mudanças é a necessidade de focar na preparação para o vestibular. Contudo, Adriana B. Gandin afirma que o crescimento do Enem oferece mais possibilidades para inovações dentro e fora da sala de aula, por ser uma prova mais interpretativa e interdisciplinar. A falta de um profissional da Educomunicação também dificulta o planejamento da comunicação como um ecossistema.

Analisados os principais esforços administrativos, seguimos com os âmbitos disciplinar e transdisciplinar e suas seis áreas de intervenção. Avaliamos as atividades que correspondiam às áreas e chegamos à seguinte conclusão: o ecossistema comunicativo do CIB é contemplado, porém pouco aproveitado. Vejamos área por área:

Na primeira, educação para a comunicação, encontramos tanto práticas disciplinares: o professor de Filosofia incluiu no currículo a discussão de relacionamentos virtuais a partir do documentário Catfish[11] para todas as séries do ensino médio; como transdisciplinares: com projeto de leitura crítica da mídia, levado a cabo na Feira do Livro da escola.

Quanto à pedagogia da comunicação, além da filosofia da escola analisada acima, a escola pede para que cada professor preencha uma ementa da disciplina com os objetivos, conteúdos e formas de avaliação; neste documento[12], a Escola faz uma tripla recomendação: i) Diversidade didática (diferentes metodologias); ii) Presença de tecnologia educacional (diferentes recursos); e iii) Acompanhamento individual do aluno (ensino customizado, desafios e recuperação paralela). Tais recomendações estão de acordo com os valores da Geração Z. Quanto às práticas

11 Documentário americano de 2010, conta a construção de amizades virtuais e compara as informações virtuais com a realidade. Informações recuperadas 15 maio 2014 em: http://www.imdb.com/title/tt1584016.

12 A ementa original não foi disponibilizada para anexar a este trabalho.

transdisciplinares, na forma de projetos, são diversas as possibilidades oferecidas pela escola. No entanto, grande parte delas é opcional e não conta com alto índice de penetração. Entre elas, as oficinas da Cidade-Laboratório, como: Fórum de Atualidades, Física Avançada, Edição de Vídeo e Música Hebraica. Outros projetos transdisciplinares já integram o currículo escolar e têm maior adesão, além de serem amplamente elogiados pela coordenação. Entre eles, destaca-se o projeto "Miniempresa[13]" de empreendedorismo em conjunto com a Junior Achievment que visa a gestão de uma empresa pelos alunos da 2ª série do Ensino Médio. Outro projeto de destaque é o "Mini Parlamento", de caráter obrigatório e que acontece no horário das disciplinas também para os alunos da 2ª série. O projeto transforma os alunos em parlamentares do Estado de Israel com a tarefa de criar leis que contribuam para o fim dos conflitos do Oriente Médio.

Quanto à mediação tecnológica, o CIB demonstra estar especialmente voltado para a inclusão das tecnologias no âmbito disciplinar. Na pesquisa, foi observada uma aula de preparação para o Enem com a utilização de computadores e do aplicativo Nearpod[14] - que é voltado para escolas e possibilita ao professor montar uma apresentação com diversos recursos de interatividade e de avaliação por meio de questionários corrigidos em tempo real. A atividade era essencialmente a mesma para todos os alunos, que podiam participar em velocidades diferentes, mas também possibilitou uma reduzida diversificação ao permitir que os alunos explorassem algumas páginas virtuais previamente selecionadas. O professor aplicou ainda um questionário que corrigia automaticamente, mostrando gráficos de erros e acertos da turma e das duplas. Esta atividade exemplifica que as tecnologias digitais são ferramentas potentes para a educação, mas não necessariamente significam uma pedagogia baseada no diálogo.

13 Mais informações em: http://www.jabrasil.org.br/jars/programas/miniempresa

14 Mais informações em: http://www.nearpod.com/

Por fim, na área de expressão comunicativa, o colégio tem disciplina de artes obrigatória até o segundo ano e oferece aulas de dança e esportes como disciplinas opcionais. No âmbito transdisciplinar, oferece uma oficina opcional de edição de vídeos e fotografias, e por iniciativa do corpo discente, conta com um jornal do Grêmio Estudantil.

Vimos acima que todas as áreas de intervenção, salvo a Reflexão Epistemológica, são contempladas pelas variadas atividades da escola, seja de forma disciplinar ou transdisciplinar. No entanto, cabe salientar que apesar de contempladas, as atividades que fazem parte do ecossistema comunicativo normalmente não alcançam todo o corpo discente do ensino médio, nem compreendem em grande parte do currículo escolar.

Em suma, no âmbito administrativo a escola ruma para muitas melhorias, com ampla formação de profissionais, suporte tecnológico, processos que incentivam o ecossistema comunicativo, uma filosofia norteadora oportuna e já se prepara para efetivar o Ensino Integral. Nos âmbitos disciplinar e transdisciplinar, a escola conta com diversas possibilidades, com destaque para os projetos da Cidade-Laboratório. Mas, ainda esbarra em dificuldades: a escola sofre primeiramente com o peso do Vestibular, que acaba sufocando alternativas e priorizando a transmissão de saberes e o treino para provas. Os professores de ensino médio, por exemplo, são orientados a aplicarem uma prova parcial e uma trimestral, somando 70% da nota, nas datas previstas para as "semanas de provas", que concentram todas as provas, de todas as disciplinas. Resta ao professor, 30% da nota para outras formas de avaliação, essas orientadas a serem alternativas; em segundo lugar, ao não assumir o ensino integral para o Ensino Médio, novos projetos e metodologias não encontram espaços frente à força do currículo para o Vestibular. Mas, assim que o assumir, um novo planejamento e novas soluções vinculadas a um ecossistema comunicativo dialógico irão surgir.

9. DESAFIOS PARA ESCOLAS DO ENSINO MÉDIO CONTEMPORÂNEAS

A escola de ensino médio que está disposta a dialogar com o jovem contemporâneo tem de estabelecer uma série de mudanças para solucionar os principais destempos da educação para com a Geração Z e seu entorno de

Cibercultura. O trabalho motivou uma série de considerações que se propõem à generalização dos desafios, desde que avaliadas de acordo com as realidades locais.

Sugerimos, pois, que os desafios encontram-se divididos em duas macroáreas. A primeira é a político-administrativa, que diz respeito tanto às estruturas legais e de políticas públicas, quanto às filosofias educacionais e processos de gestão de cada escola, que norteiam a prática educativa. A segunda macroárea é a de ensino-aprendizagem, que se refere aos processos de promoção do conhecimento, sob a responsabilidade de todos os diretores e educadores.

Na macroárea político-administrativa, o primeiro desafio é se adequar à legislação brasileira[15], a qual já apresenta ampla consonância com os valores e com as novas formas da Geração Z se relacionar com o conhecimento, principalmente através da interdisciplinaridade, da inserção de tecnologias e da consideração do educando como sujeito produtor de conhecimento. O segundo é repensar as estruturas de avaliação. Neste ponto, o maior enclave resultante das políticas públicas é a preparação para o Vestibular, que perde força com a progressiva aceitação do Enem pelas universidades brasileiras, mas que segue impossibilitando inovações nas escolas pela necessidade de "passar" conteúdos para serem "memorizados". Deste modo, ressaltamos a importância de se repensar as estruturas de avaliação, de forma que conceba o educando não apenas como repositório de conhecimento, mas como propõe Lévy (1999), como "recurso de aprendizagem". Ao mudar o foco da avaliação da transmissão para comunicação, surge a necessidade de pensar em políticas que reconheçam a diversidade dos educandos e, que se aproximem ao máximo, de uma avaliação personalizada, tendo em vista a crescente velocidade de renovação dos saber e do saber-fazer (Lévy, 1999). Avaliar a diversidade é muito difícil ao utilizar apenas uma ferramenta de avaliação.

Além de seguir a legislação e repensar as estruturas de avaliação, é importante incluir o diálogo nos documentos norteadores da escola. A perspectiva adotada

15 Este trabalho não se propôs a publicar uma análise sobre a evolução das leis brasileiras em respeito à educação. No entanto, recomenda-se a seguinte leitura, que evidencia os valores propostos: Abramovay, M. & Castro, M. (2003). Ensino médio: múltiplas vozes. Brasília: UNESCO/MEC. Recuperado 22 março 2014 em: http://unesdoc.unesco.org.

por esse trabalho é a de posicionar a dialogicidade no campo da relação, baseada no princípio Eu-Tu de Buber (2001), sem pré-determinar qualquer finalidade, mas construindo um ecossistema comunicativo que entende a complexa interação entre atores humanos e técnicos, no qual através da descentralização da produção de saberes promove a diversificação do conhecimento. Essa perspectiva não finaliza, mas minimiza a emancipação do sujeito centrado, da autossuperação, da conscientização para a "pronúncia do seu mundo" (Freire, 1987) e da maneira na qual o CIB diz em sua Proposta Educativa que na Cultura "os alunos são incentivados a buscar [...] seus próprios espaços de realização pessoal e auto-superação (sic), [...]". Como vimos a partir de Hall (2000), a fragmentação do sujeito é uma das características mais marcantes da crise da modernidade. Se por ora o domínio do saber foi considerado exclusivo ao professor, tampouco se pode deixar levar para uma pedagogia que centralize em demasia a produção do saber no sujeito-educando. A dialogicidade proposta aqui contextualiza a produção do saber em um difuso ecossistema comunicativo.

Por fim, é necessário formar profissionais educadores. Neste caso, o CIB é referência com a UniCCIB que oferece educação continuada para os profissionais e é, segundo Adriana B. Gandin, o berço da maior parte de projetos inovadores. É preciso incentivar que tanto educadores, como comunicadores especializem-se na Educomunicação para promover mudanças em suas escolas.

Partimos para a macroárea de ensino-aprendizagem. O principal destempo é o embate comunicacional entre uma escola que se mantém vinculada a um currículo proposto na Modernidade e um corpo discente que é considerado a geração dos nativos digitais e que se situa justamente além da crise da Modernidade. A perspectiva que se assume aqui é a de estimular a curiosidade e a participação dos educandos através daquilo que valorizam, para que se sintam estimulados tanto aos processos de ensino-aprendizagem quanto ao ambiente escolar.

Neste sentido, o primeiro desafio dos processos de ensino-aprendizagem é o de promover a transdisciplinaridade. Foi visto na bibliografia e no caso do CIB que as propostas transdisciplinares, através de projetos, como as oficinas da Cidade-Laboratório, são aquelas que mais atraem o interesse dos educandos. Soares (2012) afirma que o avanço do Ensino Integral é uma grande possibilidade para

as escolas começarem, aos poucos, a transição de uma educação principalmente disciplinar, para uma educação principalmente transdisciplinar.

O segundo desafio é que o professor seja mais orientador, ao invés do transmissor. Os alunos são diferentes e querem ser tratados dessa forma. Junto a essa lógica, surge o terceiro desafio que é o da diversificação e personalização, para que os alunos se sintam constantemente desafiados, de acordo com suas velocidades e interesses, seja em grupo ou em particular.

O quarto desafio é utilizar as tecnologias de forma estratégica. Ou seja, não utilizá-las apenas como ferramenta, mas a serviço de uma pedagogia que, de fato, dialogue com essa geração. Por fim, o quinto desafio é aplicar o que Soares (2012) chama de "tratamento educomunicativo" para que "[...] mesmo ambientes fechados e rígidos possam ser beneficiados pela brisa educomunicativa" (Soares, 2012, p. 75). Ao ler as provocações fundamentadas na teoria, reconhece-se uma iminente urgência em inovar nas práticas de ensino-aprendizagem. No entanto, não deve haver a pretensão de apagar o que é feito. As mudanças podem ser incorporadas aos poucos, de modo que a instituição siga valorizando seus profissionais e que as próprias mudanças inspirem inovações.

Relembremos os desafios propostos à generalização para solucionar os destempos da educação. Primeiro, na macroárea político-administrativa: discutir e seguir a legislação brasileira; reestruturar as formas de avaliação e de acesso ao Ensino Superior; incluir o diálogo na filosofia educacional e, por fim, formar continuamente os profissionais. Já na macroárea do ensino-aprendizagem: promover a transdisciplinaridade; tornar o professor mais orientador; investir na diversificação e personalização; utilizar as tecnologias de forma estratégica; dar tratamento educomunicativo a todas as práticas.

10.CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação acerca da inter-relação entre Comunicação e Educação no ensino médio contemporâneo permitiu reflexões e ponderações acerca do paradigma escolar vigente. Viu-se que a Comunicação passa a ter um papel importante na gestão da instituição escolar e de processos de ensino-aprendizagem, a partir do momento no qual a filosofia e os profissionais da Educação consideram a

escola como um espaço de diálogo, em um contexto de múltiplas mediações. Mas, de fato, a complexidade que a Educação enfrenta é enorme e não cabe à Comunicação ou à Educomunicação tomar para si o problema em sua amplitude. O que pretende a Educomunicação é fazer parte da gestão e planejamento de ambientes educativos, sejam escolares ou não.

A contribuição de analisar um ambiente educativo sob a matriz do ecossistema comunicativo, resultado de vinte anos de pesquisa e projetos de inclusão social, é de extrema relevância para que as escolas despertem o interesse dos educandos frente à escola. A Educomunicação trabalha com propriedade no campo da dialogicidade e por isso tem o desafio de apontar caminhos a serem seguidos.

O intuito das provocações aqui apresentadas é justamente de problematizar a realidade escolar, para que um debate acerca das propostas de ensino-aprendizagem aprimore constantemente aquilo que está em curso. O caminho que vislumbramos é o da escola que planeja os momentos de comunicação entre educandos-educandos, educandos-educadores e educadores-educadores. Como esse diálogo vai acontecer? Há espaço para incluir a todos no processo de ensino-aprendizagem?

Tais questionamentos devem sempre nortear a escola que investe em estratégias de comunicação para promover o diálogo com os alunos da Geração Z - imersos na Cibercultura e multiconectados. A Educomunicação, de fato, contribui para melhorar o ambiente educativo e para potencializar os processos de ensino-aprendizagem.

11.REFERÊNCIAS:

Abramovay, M. & Castro, M. (2003). **Ensino médio:** múltiplas vozes. Brasília: UNESCO/MEC.

Baccega, M., & Guimarães, M. (2006). Da comunicação à educação: a importância dos estudos de recepção. **Comunicação & Educação,** 11(3), 409-414. doi: http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v11i3p409-414

Bauerlein, M. (2008). **The dumbest generation: How the digital age stupefies**

young Americans and jeopardizes our future (or, don't trust anyone under 30). Nova Iorque: Penguin.

Bauman, Zygmunt. (2011). **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro: Zahar.

Brasil, Ministério da Educação. (25 de junho de 2014). **Lei n. 13.005 - aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília**: Presidência da República & Casa Civil. Retirado 15 março 2015, em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm

Buber, M. (2001). **Eu e Tu.** São Paulo: Cortez e Moraes.

Castells, Manuel. (2000) **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra.

Citelli, Adilson Odair (2001). **Educomunicação. Construindo uma nova área do conhecimento.** São Paulo: Paulinas.

Escosteguy, A. & Jacks, N. (2007). Comunicação e Recepção. Uma visão latina - americana. **Razón y Palabra**, 12(57). Acesso em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199520710003

Freire, P. (2011). **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (1987). **A Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Editora Paz e Terra.

Hall, S. (2000). **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A.

Lemos, A. (2010). **Cibercultura:** tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina.

Lévy, P. (2007). **Inteligência coletiva**. São Paulo: Loyola.

Lévy, P. (1999). **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34.

Lévy, P. (1995). **As Tecnologias da Inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34.

Martín-Barbero, J. (2014). **A comunicação na Educação.** São Paulo: Editora Contexto.

Gómez, G. O. (2006). **Comunicação social e mudança tecnológica:** um cenário de múltiplos desordenamentos. Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro: Mauad, 81-98.

Palfrey, J., & Gasser, U. (2013). **Born digital:** Understanding the first generation of digital natives. Basic Books.

Prensky, M. (2001). **Digital natives, digital immigrants part 1.** On the horizon, 9(5), 1-6.

Da Silva, T. T. (2010). **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Soares, I. (2007). **Educomunicação:** um campo de mediações. Comunicação & Educação, 7(19). Recuperado maio 13, 2015, de http://200.144.189.42/ojs/index.php/comeduc/article/view/4147/3888

Soares, I. (2011). **Educomunicação:** o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas.

Tapscott, D. (2009). **Grown Up Digital:** How the Net Generation is Changing Your

World. McGraw-Hill.

Veen, W., & Vrakking, B. (2009). **Homo Zappiens:** educando na era digital. Porto Alegre: Artmed.

Yin, R. K. (2001). **Estudo de Caso:** Planejamento e Métodos. Porto Alegre: Bookman Editora.

• ● OS AUTORES ● •

Fernando Zatz é graduado em Comunicação Social pela UFRGS. Foi educador comunitário pelo movimento juvenil Chazit Hanoar na América Latina. E-mail: fernandozatz@gmail.com.

André Rodrigues Iribure possui doutorado em Comunicação e Informação PPGCOM/UFRGS-UFRJ, Mestrado em Comunicação e Informação PPGCOM/UFRGS, Graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda – Fabico/UFRGS. E-mail: iribure@ufrgs.br.

PARTE II

EDUCOMUNICAÇÃO E DIVERSIDADE NOS PROCESSOS EDUCATIVOS DO ENSINO SUPERIOR E TÉCNICO

Campanhas educativas no rádio: as vivências de uma oficina educomunicativa no sertão cearense

Roberta Cavalcante de França
Italo de Oliveira Santos
Marco Leonel Fukuda
Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante
Cátia Luzia Oliveira da Silva

1. INTRODUÇÃO

O presente texto aborda o relato de experiência da oficina "Campanhas Educativas no Rádio", realizada por ocasião da aula-passeio[1] promovida pela disciplina de Educomunicação, ofertada no Bacharelado em Sistemas e Mídias Digitais (SMD), da Universidade Federal do Ceará (UFC), no primeiro semestre de 2015. Entende-se por educomunicação "um conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer **ecossistemas comunicativos**". (Soares, 2011, p. 44, grifo do autor) Ecossistema, aqui, refere-se a uma figura de linguagem que designa a construção de relações que favorecem o diálogo social, em um dado espaço. A educomunicação tem a intenção de contribuir com uma formação mais crítica, mais humanista e mais comprometida com as demandas sociais.

Durante quatro dias os estudantes universitários viajaram pela região do Cariri, tendo a oportunidade de conhecer outra realidade geográfica e cultural, visitando museus, espaços culturais e centros de religiosidade popular e principalmente, convivendo com crianças e jovens da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri, em Nova Olinda, onde foram realizadas as oficinas "Campanhas Educativas para o Rádio", "Mídia e arte", "Acessibilidade na Internet", "Biblioteca digital" e "Laboratório criativo de imagens". A Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri é uma organização não-governamental, cultural e filantrópica criada em 1992 e que tem entre os seus objetivos, realizar por meio de uma "formação interdisciplinar das crianças e jovens, a sensibilização do ver, do ouvir, do fazer e conviver através do acesso a qualidade do conteúdo e ampliação do repertório"[2].

Tais oficinas foram cuidadosamente planejadas, considerando os saberes e as áreas de interesse dos próprios estudantes, bem como o contexto onde seriam ministradas - cidade do interior distante 510km de Fortaleza, com cerca de 15 mil habitantes e ainda quem participaria desses momentos formativos - crianças e jovens do local.

1 "Aula Passeio" ou "Aula das Descobertas" foram termos criados por Célestin Freinet (1966) e referem-se às atividades realizadas em outros cenários além da sala de aula com a intenção de explorar diversos conhecimentos que estão fora do ambiente da educação formal.

2 http://www.fundacaocasagrande.org.br. Acesso em: dia 25 mai 2015.

Como exposto, o foco deste relato é abordar mais detidamente a experiência da oficina "Campanhas Educativas no Rádio". O texto está organizado em três seções, além desta breve Introdução. Na seção a seguir são apresentadas questões conceituais sobre o rádio, a partir das contribuições de Balsebre (2005), Vigil (2003) e Kaplun (2008). Na seção seguinte a oficina "Campanhas Educativas no Rádio" é comentada em detalhes e por último, são apresentadas as Considerações Finais.

2. RÁDIO: A POESIA DO ESPAÇO

Ao propor uma formação sobre campanhas radiofônicas o grupo buscou compreender melhor as características do rádio, especialmente no que diz respeito à linguagem e para isso contou com as contribuições de autores como Armand Balsebre (2005), Mario Kaplún (2008) e José Ignacio Vigil (2003).

Ao se referir à linguagem radiofônica, Balsebre considera-a como sendo uma nova poesia, a do espaço, visto que ao trabalhar com as dimensões semânticas (o texto) e estética (músicas e efeitos sonoros) estimula nos ouvintes a criação de imagens mentais.

> A comunicação será mais completa e eficaz dependendo da proximidade socio-cultural dos códigos do emissor e do receptor. Para a eficácia da mensagem é também necessário um equilíbrio entre informação estética e semântica, pois ambas representam de forma mais completa a polissemia que abrange toda a produção de significado e sua interpretação em um contexto comunicativo (BALSEBRE, 2005, p. 328).

O autor considera ainda a montagem radiofônica, ou seja, a edição, como um elemento significativo no contexto do rádio, visto que ao introduzir uma música de fundo ou mesmo um efeito sonoro, há uma alteração no conteúdo, o pode favorecer ou não o entendimento do ouvinte sobre determinada mensagem.

Dialogando com Balsebre, Kaplún (2008 p. 88) também nos ajuda a refletir sobre a linguagem radiofônica e sua relação afetiva: "A autêntica comunicação radiofônica deve ter um componente afetivo além do conceitual; deve mobilizar não somente a área pensante do ouvinte, como também sua área emocional [...]".

Para Vigil (2003, p. 54) o rádio tem uma tríplice voz: a voz humana, expressa em

palavras; a voz da natureza e do ambiente, que identificada pelos efeitos sonoros; e a voz do coração, aquela dos sentimentos, expressa por meio da música. Para o autor, nenhuma é mais importante que a outra, pois optar por uma ou outra, implicaria em enfraquecer a linguagem radiofônica. Por meio dessa tríplice voz, Vigil acredita que nos aproximamos dos ouvintes.

Kaplún (2008 p. 89), por sua vez, considera que a empatia, na perspectiva do comunicador radiofônico se colocar no lugar do ouvinte, como uma das características capazes de amenizar algumas limitações do rádio.

> Se toda comunicação é indispensável a empatia, no rádio ela é decisiva. O comunicador radiofônico tem que desenvolver ao máximo sua capacidade de assumir a situação do ouvinte popular, tratar de perceber o mundo como ele percebe; sintonizar com sua vida, sua realidade, seu universo cultural; [...] captar que coisas podem interessá-lo, falar da sua própria linguagem, fazer com que se sinta refletido na imagem. [...] Alcançando esta comunicação empática, o ouvinte já não se sentirá como ausente, excluído da emissão, enfrentando conteúdos impostos [...].

O autor entende o rádio como um lugar de educação popular e por isso defende que é possível se referir a uma pedagogia radiofônica, no sentido de que o rádio pode educar através da sua programação informativa e musical, respeitando o universo e a cultura do seu público ouvinte e mais, dialogando com os interesses populares. Por isso que, para nós, esta pedagogia do rádio está ligada diretamente às práticas do campo da Educomunicação.

Para Kaplún a natureza pedagógica do rádio, se concretiza através da linguagem radiofônica, desde que, entre outras coisas, "seja capaz de estimular a imaginação, suscitando a criação de imagens auditivas, (...) crie uma comunicação afetiva, que convoque a sensibilidade e participação emotiva do ouvinte, de modo que o público se sinta presente no programa e também refletido nele" (2008, p. 90). Kaplún arremata: "A utilização de técnicas criativas é condição essencial da comunicação radiofônica educativa" (Idem).

Sobre o tema da criatividade, Herreros (2008, p. 338) corrobora com a necessidade de um rádio mais criativo. Para ele, o rádio muitas vezes é mais informativo do que criativo. "[...] o rádio promove uma produção e elaboração próprias que podem ser mais criativas. É uma criatividade que surge do cotidiano,

no dia-a-dia, hora a hora, minuto a minuto da sequência da programação [...]"

A criatividade, sem dúvida, é um desafio para quem deseja produzir programas radiofônicos, especialmente quando se trata de campanhas educativas. Tema que será abordado com mais detalhes no próximo tópico.

3. OFICINA DE "CAMPANHAS EDUCATIVAS NO RÁDIO"

A oficina, organizada por um grupo de cinco estudantes da disciplina de Educomunicação, dos quais apenas três tinham tido experiências anteriores com a prática de ministrar cursos e oficinas, foi pensada com a intenção de contribuir com o fortalecimento da Casa Grande FM, emissora comunitária mantida pela Fundação Casa Grande.

O principal objetivo da oficina foi promover a troca de saberes de quem está na Universidade com quem está na comunidade, sem hierarquias de conhecimentos, valorizando o estímulo à educação e à comunicação dialógicas, por meio das práticas educomunicativas.

O planejamento das atividades formativas contemplou noções da linguagem publicitária, embora a ênfase tenha sido a linguagem de campanhas educativas no rádio, como já comentado. Tais campanhas se diferenciam em seu processo de produção e promovem o exercício de boas ideias e boas práticas.

Na campanha educativa, assim como nas práticas educomunicativas, todos participam e produzem em todo o processo, desde o conceito da campanha, passando pela criação do roteiro e pela gravação, seguindo até a edição do material. Este tipo de campanha se propõem a abordar temas de interesse social, possibilitando ao mesmo tempo, um espaço de reflexão e ação.

A Oficina de "Campanhas Educativas no Rádio" contou a participação de nove crianças e adolescentes, de seis a dezessete anos, das quais duas já tinham experiência com produção radiofônica, visto que apresentam programas na Casa Grande FM. Outros dois adolescentes, embora não tivessem contato com a produção de rádio, já trabalhavam com vídeos em projetos da escola.

A equipe considerou um grande desafio abordar a temática com o grupo de crianças de seis anos que nunca tinham tido contato com as produções radiofônicas

e por isso encarou com naturalidade o fato dessas crianças não permanecerem todo o tempo na oficina, elas entraram e saiam do estúdio, sempre que o assunto parecia não lhes interessar muito.

A oficina foi iniciada uma breve apresentação do grupo e também da proposta de trabalho. Em uma ação educomunicativa é fundamental o exercício da expressão e da escuta dos interesses de todos os envolvidos. Soares (2011, p. 18) afirma que a Educomunicação

> Reconhece, em primeiro lugar, o direito universal à expressão, tanto da mídia quanto de seu público. [...] Em decorrência, fará todo o esforço necessário para ampliar o potencial comunicativo dos membros da comunidade educativa e [...] de todos os membros desta comunidade, sejam docentes ou discentes, ou ainda, a comunidade do entorno.

A reflexão sobre o rádio partiu de questionamentos sobre a própria experiência dos participantes: vocês gostam de ouvir rádio? O que mais gostam de ouvir no rádio? Como são as rádios da cidade? Como é a programação musical dessas emissoras? E como é a programação da Casa Grande FM?

Considerando que a oficina estava sendo realizada nos estúdios da emissora, era muito relevante ter uma melhor compreensão de como ela estava organizada. Um dos responsáveis pela instituição apresentou um panorama geral da programação e exibiu as produções veiculadas nos intervalos. Para surpresa do grupo, a rádio transmitia apenas conteúdos de apoios culturais locais e campanhas nacionais de saúde, entretenimento, segurança, realizadas por governos e outras instituições.

A constatação de que não havia produção local para os intervalos, reforçou o entendimento da relevância de utilizar o espaço entre os programas para transmitir campanhas produzidas pelas crianças e adolescentes, com jeitos, temas e demandas da cidade.

O grupo tinha selecionado algumas campanhas nacionais sobre violência e trânsito e também campanhas produzidas pelos jovens do Cuca . As peças foram exibidas e os participantes foram estimulados a observar os temas, a narração, trilhas e efeitos sonoros, formatos, tipos de texto e locução.

O exercício serviu como aquecimento para atividade seguinte, roda de

conversa sobre temáticas para uma campanha educativa: como construir uma campanha? Que temas podem ser escolhidos para nossa própria campanha? Que preocupações estão presentes nosso cotidiano e nas nossas famílias? Que temas observamos nas ruas e na Fundação Casa Grande que podem tratados em uma campanha? Ainda que timidamente algumas sugestões foram apresentadas. Dos mais novos aos mais velhos, a participação foi aparecendo aos poucos, na medida em que as questões do cotidiano deles e da cidade foram se aproximando.

Temas como vacinação, economia de água, Museu do Ciclo do Couro, coleta de lixo e matrícula escolar foram propostos. Considerando que não havia tempo para produzir todas as peças, a decisão coletiva foi de priorizar duas temáticas: o Museu do Ciclo do Couro, recém-inaugurado, que conta os caminhos e as histórias do couro na região e sobre a economia de água na cidade. Mesmo o Cariri, onde fica situada Nova Olinda, sendo uma região de água em abundância, foi latente a preocupação dos meninos e meninas.

A produção das campanhas aconteceu no segundo dia de oficina. O grupo foi dividido em dois, para cada tema, a peça sobre o museu e sobre a economia de água. A equipe da Universidade também se dividiu para acompanhar mais de perto cada uma das equipes. Assim, depois que o texto foi escrito, as falas foram divididas, o texto foi ensaiado e a gravação foi feita algumas vezes de modo a manter o ritmo e a entonação certa para cada frase do texto. Todos juntos, crianças, adolescentes e estudantes universitários, todos, em processos de experimentações e aprendizagens.

O resultado desse processo de construção coletiva pode ser conferido nos textos a seguir:

Campanha Economia de Água:

TEC Inicia com o som de água sendo despejada na calçada

Menino – Ô Dona Maria, desligue essa torneira e pare de gastar essa água!

Dona Maria – (com tom de raiva) Se importe com sua vida, muleque!

Menino – Mas é para nosso bem!

TEC (Inicia musica de fundo suave)

Narrador 1 – A água é uma substância essencial para a sobrevivência das mais variadas formas de vida. Devemos evitar o desperdício desse recurso precioso.

Dona Maria – O que devemos fazer para economizar água?

Menino – Em vez de a senhora jogar esse balde de água na calçada, por que a senhora não varre? Vou lhe dar uma dica: quando a senhora for tomar banho, desligue o chuveiro e quando a senhora for escovar os dentes, desligue a torneira.

Assinatura – Narradora 2 – Essa é uma campanha da Casa Grande FM. Realização: Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Cariri com o apoio desta emissora.

Campanha Museu do Ciclo do Couro:

TEC (Inicia com uma música regional nordestina tocada com rabeca)

Narrador 1 – O Museu do Ciclo do Couro - Memorial Espedito Seleiro é um centro cultural criado em 2014 para valorizar o artesanato do couro e a cultura popular do Brasil e da região do Cariri.

Narrador 2 – O museu foi desenvolvido através de projetos da Fundação Casa Grande e o acervo tem ferramentas de trabalho, objetos pessoais do mestre Espedito, fotos e quadros que mostram a história do povo Cariri e do povoamento do Sertão.

Narrador 3 – O Museu do Ciclo do Couro está aberto de segunda a domingo, das 7h da manha às 5h da tarde e a entrada é de graça. O endereço do museu fica na Rua Monsenhor Tavares, número 140, no centro de Nova Olinda - Ceara. Telefone: 88 3546-1432.

Narrador 1 – Realização: Casa Grande FM, Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Cariri.

A produção das duas campanhas foi marcada por muita participação, envolvimento e aprendizagens. Embora não tenha sido possível detalhar

o funcionamento do software utilizado na gravação e edição, Audacity, os participantes acompanharam o processo de edição de perto e escolheram as trilhas e a ordem das falas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa experiência permitiu ao grupo de alunos da UFC aprender coisas novas e formas diferentes de realizar uma proposta de formação educomunicativa desde o planejamento da oficina. Foi possível aprender a compartilhar os conhecimentos com um grupo mais jovem e com vivências diferentes, ao mesmo tempo em que aprendemos com eles sobre suas formas de ver a cidade, sua cultura, sobre como funciona o processo de produção de programas radiofônicos e como estruturam a programação da Casa Grande FM.

Em uma breve avaliação realizada ao final do encontro, observamos que os educandos da Fundação Casa Grande passaram a sentirem-se mais próximos da Universidade. Os adolescentes demonstraram interesse em aprender mais sobre educomunicação e rádio, também demonstraram interesse em ingressarem no curso de graduação em Jornalismo.

Além destas questões, acreditamos que foi possível experimentar novas percepções e possibilidades para a programação da rádio Casa Grande FM, no sentido de construir conteúdo educativo para os intervalos, a partir do contexto local e dos interesses da comunidade, valorizando nessas produções a cultura e a estética da região.

A aula-passeio, também explorada aqui como uma pedagogia educomunicativa, veio trazer aprendizagens que estão ligadas diretamente às oficinas, mas também ao local onde elas aconteceram. Observou-se que o exercício de sair dos espaços formais da educação universitária e da capital para entender a dinâmica e o conhecimento existente no interior do estado, gerou uma inquietação construtiva na formação dos estudantes universitários.

Estivemos mais próximos de um projeto que contempla princípios como participação, autonomia, valorização cultural e estética regional, dentre outras questões. O que muito engrandece os processos de aprendizagem em

Educomunicação e todos os outros conhecimentos existentes nos processos de troca de experiências.

Juntos, professoras e estudantes da disciplina experimentaram formas diferentes de dividirem seus conhecimentos, aprimorando metodologias participativas de formação.

Como atividade final da aula-passeio cada estudante apresentou um memorial em formato livre, através de vídeos, crônicas e fotografias, em que foi possível registrar sentimentos de quem aprendeu sobre rádio, sobre educomunicação e sobre outra forma de utilizar as mídias digitais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Balsebre, A. (2005). A linguagem radiofônica. In: Meditsch, E. (Org). **Teorias do rádio**. (p. 327 - 336). Florianópolis: Insular Vol I

Freinet, C. (1966). **Para uma Escola do Povo**. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

Kaplún, M. (2008). A natureza do meio: limitações e possibilidades do Rádio. In: Meditsch, E.; Zuculoto, V. (Org.) **Teorias do Rádio - textos e contextos**. (p. 81-90). Florianópolis: Insular, Vol II

Soares, I.O. (2011). **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas

Vigil, J. I. L. (2003). **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas

•● OS/AS AUTORES/AS ●•

Roberta Cavalcante de França é jornalista, especialista em Teoria da Comunicação e da Imagem pela Universidade Federal do Ceará, mestranda em Educação do Programa em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE--UDESC) e aluna ouvinte da disciplina de Educomunicação do curso de Sistemas e Mídias Digitais – UFC. E-mail: jornalistarobertafranca@gmail.com.

Italo de Oliveira Santos é graduando em Sistemas e Mídias Digitais e aluno da disciplina de Educomunicação – Universidade Federal do Ceará. Email: oliveira.italo07@gmail.com.

Marco Leonel Fukuda é jornalista e músico, formado em pela Universidade Federal do Ceará, aluno da disciplina de Educomunicação do curso de Sistemas e Mídias Digitais – UFC. E-mail: marcoleonelfukuda@gmail.com.

Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante é professora da disciplina de Educomunicação do curso de Sistemas e Mídias Digitais – UFC. E-mail: andrea@virtual.ufc.br.

Cátia Luzia Oliveira da Silva é professora da disciplina de Educomunicação do curso de Sistemas e Mídias Digitais – UFC. E-mail: catia@virtual.ufc.br.

Readequar, disponibilizar e ampliar o acervo do Núcleo de Comunicação e Educação – NACE- NCE ECA/USP, e com o apoio da Licenciatura em Educomunicação: Experiências de Intervenção Educomunicativa em Pesquisa com o "Caça aos Tesouros do NCE"

Carlos Alberto Maffei Filho
Claudemir Edson Viana

1. INTRODUÇÃO:

O NCE/USP,Núcleo de Comunicação e Educação, foi criado em 04 de novembro de 1996, de acordo com as normas vigentes na Universidade de São Paulo, reunindo docentes, pesquisadores e estudantes de pós-graduação e graduação de várias instituições nacionais e internacionais, vinculados à reflexão e à prática que compreendem a inter-relação Comunicação/ Educação.

Na década compreendida entre 1998 e 2008, na qual o NCE/USP se estrutura, articula-se uma equipe qualificada e passa-se a gerir, sucessivamente (ou, o que é mais comum, concomitantemente) uma série de projetos de pesquisa e intervenção social, podendo relacionar alguns ganhos significativos para o entendimento da Educomunicação.

O material do Núcleo de Comunicação e Educação submetido à organização e descrição seguirá um fluxo de informação, com intenção de disseminar o conteúdo na área acadêmica e ao acesso público, desta forma é possível dar visibilidade ao curso em formação e contribuir para o avanço nas pesquisas e para novos projetos de intervenção que o núcleo poderá fazer nos próximos anos.

Este acervo do núcleo, parte categorizado, parte não, representa a história recente de pesquisas e intervenções sociais centrados na educomunicação, e que merecerem ser totalmente recuperados e disponibilizados para a sociedade.

No entanto, e cinte deste grande objetivo, a Iniciação Científica aqui apresentada procurou focar açõs em duas frentes: uma de resultado imediato, e um de resultado a médio e longo prazos; um que garanta o envolvimento dos alunos da Licenciatura em Educomunicação e de forma ativa, outro que permite conhecer mais sobre o acervo do NCE e divulga-lo; que permita a comunicação educativa dos alunos da Licenciatura, onde a teoria e a prática da educomunicação estejam em atuação conjunta pelos sujeitos da aprendizagem.

Neste sentido, esta Iniciação Científica procurou criar atividades de intervenção de pesquisa educomunicativa, já que tinha por diretrizes: Contar com a participação de alunos da Licenciatura em Educomunicação; Promover intervenções diretas no acervo do NCE; Buscar incentivar a produção, pelos alunos, de material de divulgação sobre exemplares do acervo do NCE; Tornar os exemplares e a

produção midiática em rede social a respeito objeto de análise crítica pelos alunos da disciplina de AACC I e III do referido curso.

Com estes objetivos delineados, a iniciação cientifica estrutura-se para implementar, por vezes simultaneamente, ao longo do processo, a recuperação e a readequação do acervo do NCE e também a gestão de seu conteúdo de intervenção propostas pelo campo da Educomunicação, mantendo acesso público ao conteúdo. Também passa a ter como objetivo específico a disponibilização do núcleo para o curso de Educomunicação, que está em fase de formação e num período de desenvolvimento de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), o que poderá ampliar sua função como fonte de pesquisa, na medida em que o acesso seria facilitado a interessados. Esta proposta de iniciação científica pretende disponibilizar os documentos do acervo de modo objetivo para facilitar o acesso a ele pelo público.

Assim, o principal objetivo é promover maior diálogo com o curso, de maneira que trabalhos das disciplinas da graduação tornem-se parte do acervo e fonte de inspiração e conhecimento epistemológico em Educomunicação. E criar uma aproximação entre pesquisadores e as práticas existentes fora da universidade, rendendo visibilidade ao NACE - NCE e, consequentemente, ao curso de Licenciatura em Educomunicação.

Indispensável que os documentos sejam arranjados por assunto, por uma ordem cronológica e por suporte de armazenamento, levantando informações contidas nos materiais. Utilizando esses critérios, o acervo será dividido em áreas de intervenção do campo da Educomunicação (Educação para a Comunicação, Mediação Tecnológica na Educação, Gestão da Comunicação em Espaços Educativos, Reflexão Epistemológica, Pedagogia da Comunicação, Expressão Comunicativa, Produção Midiática voltada à Educação).

Entretanto, o âmbito em que se inscreve a iniciação científica ora apresentada está numa fase pré-sistematização do acervo. Talvez esteja ainda numa fase de descoberta, e de investigação, momento fértil para produções de relatos de intervenções, e de ideias quanto ao seu acervo, e o que fazer dele.

Neste sentido, o relato a seguir se restringirá ao âmbito da intervenção de pesquisa que serve de base para a socialização da experiência e o diálogo reflexivo sobre o que isto significa ou poderá servir à todos nós.

Para tanto, primeiramente, vamos a uma rápida descrição dos procedimentos de pesquisa da iniciação científica, para então chegarmos às ações e seus resultados de maneira contextualizada, a fim de nos darmos conta de seu valor e do potencial que há no fortalecimento deste tipo de projeto de intervenção.

Uma etapa prévia foi necessária para a organização mínima do espaço e para se pensar a respeito do que poderia ser desenvolvido como atividade prática de intervenção educomunicativa de pesquisa. Esta etapa prévia foi constituída pela: organização e limpeza do espaço do NCE; mapeamento do espaço (investigação); disponibilização de material de proteção para manipulação do acervo (máscaras, luvas, etc); elaboração de um plano de comunicação do NCE: abertura de horários para visitantes através do agendamento por contato divulgado em cartazes fixados no departamento e na web, com gmail institucional, cujo acesso é compartilhado com o orientador, prof. Claudemir Edson Viana.

A aproximação com os alunos da Licenciatura em Educomunicação se deu no segundo semestre de 2014 e primeiro semestre de 2015. Em ambos os casos, foram usadas como estratégias de intervenção a articulação direta com atividades programadas pelas disciplinas de AACC I, II e III (Atividades Acadêmicas, Científicas e Culturais), atendendo alunos dos 1º. ao 3º. Semestres do curso de Licenciatura em Educomunicação da ECA/USP.

Essas disciplinas têm em seu programa desafios como atividades a serem desenvolvidas por grupos de alunos que, de forma associada e coletiva, distribuem as atividades dos diversos desafios entre seus integrantes, durante o decorrer do semestre. As disciplinas têm em sua metodologia de trabalho a organização dos alunos em grupos fechados na plataforma do Facebook e o compartilhamento de apresentações em power point utilizadas nas aulas e que servem como roteiro de estudos, articulados à bibliografia básico e aos conceitos trabalhos nas referidas disciplinas.

Num dos desafios, as equipes de alunos são convidadas a indicar dois representantes para participarem de um jogo a ser realizado nas dependências do NCE/USP, intitulado "**Caça aos tesouros do NCE**". Depois de inscrição por email dos candidatos e agendamento das partidas, estas eram real da realizadas seguinte forma:

2. A INTERVENÇÃO EDUCOMUNICATIVA NO NCE/USP: CAÇA AOS TESOUROS DO NCE

Neste contexto de organização da intervenção no acervo do NCE a partir da articulação com as demandas das disciplinas AACC da Licenciatura em Educomunicação, foram realizadas reuniões entre orientando e orientador da pesquisa de iniciação científica em questão, onde estabeleceram-se como meta criar uma intervenção lúdica no acervo e que os alunos da Licenciatura fossem desafiados a produzirem material midiática a partir de suas experiências da intervenção e sobre os exemplares do acervo do NCE, selecionados com a execução do jogo proposto.

O Caça aos Tesouros do NCE, constitui-se de um jogo que visa abrir o espaço e o acervo deste Núcleo para a investigação pelos alunos da licenciatura em Educomunicação, de modo a serem co-autores da experiência de descobrir exemplares e sua significação no acervo do núcleo e para a história e fundamentação da educomunicação como área do conhecimento e paradigma da interface comunicação/educação.

Para tanto, o jogo foi pensado para ser realizado em três fases: 1a fase: **Sorteio dos enigmas**; 2a fase: **Tesouros do Educom**; 3a. fase: **produção e compartilhamento das descobertas**. Estas fases são constituídas por: sorteio de algum critério (enigma) para a busca por exemplares que atendam ao mesmo no que há de disponível no acervo do NCE; busca e seleção de exemplares pelos jogadores; produção e publicação de material de registro sobre os Tesouros encontrados – posts no grupo fechado do NCE com fotos dos exemplares e breve apresentação sobre os mesmos.

Depois de uma primeira experiência com alunos da AACC II durante o 2º. Semestre de 2014, o jogo foi reorganizado para atender dois níveis diferentes

de público, constituídos pelos alunos ingressantes do curso de Licenciatura em Educomunicação, matriculados em AACC I (nível básico), e pelos alunos do 3o. semestre do curso matriculados em AACC III (nível intermediário).

O nível básico (as atividade para AACCI) são semelhantes às aplicadas na primeira etapa de 2014 com o descobrimento dos tesouros através dos sorteios dos enigmas e a busca por suportes de comunicação dentro do núcleo, e a posterior divulgação nas redes sociais da disciplina.

A nova etapa estabelecida é o nível intermediário que propõe novos estudos dentro do núcleo. A descoberta do NCE era parte do plano do nível básico, os alunos agora deverão produzir conteúdo a partir do material analisado e assim compartilhar as descobertas em suportes de comunicação mais significativo, ou seja, com a produção de resenha crítica a partir do conteúdo dos "tesouros" do NCE selecionados pelos alunos durante a partida do Caça aos Tesouros do NCE, nível intermediário.

O potencial do nível intermediário se reconhece pela capacidade de ser interdisciplinar com asdisciplinas AACC III e Produção de Suportes Midiáticos, portanto, exigindo dos alunos repertório de estudo para realizar a atividade quando forem compartilhar o conteúdo.

Do material selecionado deverá ser desenvolvido uma resenha com o objetivo de recuperar a produção do NCE e divulgá-la através da publicação no grupo fechado do Facebook, que passará por seleção da coordenação para posterior publicação aberta (pelo blog do NCE). A resenha será aproveitada na atividade interdisciplinar com Produção de Suportes Midiáticos na produção de Portal Educativo.

Com isso, os alunos estudarão material do acervo do Núcleo de Comunicação e Educação e, desta maneira, contribuirão para investigar o conteúdo do Núcleo, destacar exemplares do acervo e colaborar para a organização do acervo. A partir desta caça, há a possibilidade de os alunos encontrarem algo além do jogo: algo para o desenvolvimento do NCE, de sua própria formação, ou descobrimento do espaço onde se localiza o acervo.

3. 3. RESULTADOS DA INTERVENÇÃO EDUCOMUNICATIVA NO NCE

Como resultados das partidas realizadas durante a primeira experiência de intervenção, no segundo semestre de 2014, obtivemos 9 participações individuais organizadas em 5 equipes de alunos da disciplina AACC II. As partidas constituíram-se em 15 objetos do acervo do NCE, em suportes midiáticos diferentes, e que foram selecionados pelos jogadores-alunos. Este material foi objeto de 5 posts no grupo fechado do Facebook utilizado pela disciplina. No final do semestre, esta atividade foi um dos itens de apresentação de relato avaliativo pelos alunos, tanto sobre a experiência vivenciada quanto sobre o conteúdo da mesma. Parte destas publicações foram divulgadas no perfil que o NCE mantém na mesma plataforma de rede social, fomentando assim a divulgação para a sociedade sobre o acervo do núcleo.

Com a reformulação da atividade Caça aos Tesouros do NCE necessárias para acolher os alunos do 3º. Semestre da Licenciatura em Educomunicação, que já haviam vivenciado a primeira versão do jogo, foi necessário criar um segundo nível de dificuldade do jogo em que, ao invés do enigma, do desafio, ser um tipo de suporte midiático sorteado para ser o critério de seleção do exemplar, o enigma passaria a ser temas dentre um menu de temas a serem sorteados pelos jogadores, e, então, tornar-se o critério para a busca por exemplares do acervo do núcleo que apresentam algum tipo de relação com o tema sorteado, a depender do julgamento dos jogadores.

Tendo feita a seleção de exemplares, a próxima etapa do desafio era o de produzir uma resenha crítica sobre o conteúdo dos mesmos, de modo a elaborar uma produção a ser publicada no blog do NCE, o que exigia maior capacidade de exploração do conteúdo, bem como sua contextualização teórica e histórica, favorecendo o aprofundamento nos estudos em educomunicação.

Nesta segunda experiência da intervenção educomunicativa em pesquisa no NCE, obteve-se a participação direta de 20 alunos do curso, e a produção de 10 posts, somando os grupos fechados das disciplinas de AACC I e III, mais 5 resenhas a serem publicadas no blog do NCE.

Uma notícia foi escrita à respeito da atividade realizada no NCE, que também teve a participação dos alunos da Universidade de Ponta Grossa, no blog[1] do próprio núcleo, segue na íntegra.

Imagem 1: Matéria no blog do NCE a partir da atividade Caça aos Tesouros do NCE

Integra da publicação: "INTERVENÇÃO EDUCOMUNICATIVA: "A CAÇA AOS TESOUROS DO NCE"

> Alunos de Educomunicação fazem interferência em espaço de pesquisa no Núcleo de Comunicação e Educação.
>
> Em dezembro de 2014 alunos da Licenciatura em Educomunicação participaram de atividade no núcleo, em parceria com a disciplina de AACC II (Atividades Acadêmicas, Científicas e Culturais) e o projeto de iniciação

1 Disponível em: http://nce-usp.blogspot.com.br/2015/03/intervencao-educomunicativa-caca-aos.html. Acesso em 20 de abril.

científica (PIBIC/CNPq) do aluno Carlos Maffei, sob orientação do prof. Dr. Claudemir Viana, e que tem o NCE como foco do trabalho.

Durante o segundo semestre, como parte do programa da disciplina AACC II, foram promovidas atividades de intervenção educomunicativa dos alunos no espaço e no acervo do núcleo através do jogo "Caça aos Tesouros do NCE".

Um dos objetivos da intervenção foi aproximar os alunos da Licenciatura do espaço e do acervo do NCE, além de organizar e explorar o rico material acumulado pelo núcleo para ações com o público interno e externo da universidade.

A atividade de intervenção educomunicativa "Caça aos tesouros do NCE" consistiu em visitas de grupos de alunos ao núcleo onde, através da mediação de Carlos Maffei, participavam de uma dinâmica de jogo organizada em três desafios:

1 - sorteio do tipo/categoria de material a ser encontrado no acervo e seleção de três exemplares do acervo para o tipo/categoria sorteada por cada grupo de aluno;

2 - produção de material de divulgação sobre os "tesouros" selecionados para publicação no Facebook, no grupo fechado da disciplina, contendo no post foto do material e um pequeno texto de presentação do mesmo;

3 - apresentação contextualizada sobre os tesouros selecionados pelos grupos aos demais da turma da disciplina AACC, e proposição de ações de estudos, pesquisa e extensão pelo NCE.

No encerramento do ano letivo de 2014, o NCE retomou outro tipo de atividade que realizava no início dos anos 2000, a visita de estudantes e pesquisadores de outras instituições de ensino e pesquisa. Neste caso, recebemos um grupo de alunos da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, liderados pela profa. Dra. Márcia Silva do curso de Pedagogia daquela instituição. Numa viagem de 4 dias pela cidade de São Paulo como atividade de estudos, os alunos passaram uma tarde toda no NCE, conhecendo e explorando o acervo, e a noite puderam interagir com a turma de AACC II durante a realização pelos alunos da disciplina do desafio 3 do jogo "Caça aos Tesouros do NCE".

Conforme relata o bolsista do projeto de Iniciação Científica, Carlos Maffei, "os alunos estudaram material do acervo do Núcleo de Comunicação e Educação e, desta maneira, contribuíram para investigar o conteúdo do Núcleo, destacando exemplares do acervo e colaborando para

> sua organização. A partir desta caça, há a possibilidade de os alunos encontrarem algo além do jogo: algo para o desenvolvimento do NCE, de sua própria formação, ou descobrimento do espaço onde se localiza o acervo".

Outros exemplos de produções pelos alunos foram um vídeo que registrou a visita dos alunos da Licenciatura em Educomunicação ao núcleo, e da visita de alunos da Universidade de Ponta Grossa, que puderam apresentar suas leituras sobre a relação comunicação/educação aos colegas da Licenciatura, e participar de debate sobre no tema no núcleo. O Vídeo produzido com a realização da retomada das atividades do NCE pode ser acessado em https://www.youtube.com/watch?v=7UiGxm-BHgI.

Outros materiais são as postagens produzidas pelos alunos e publicadas no Facebook, como os exemplos abaixo:

> Referente à atividade de intervenção no núcleo de Comunicação e Educação o primeiro objeto escolhido a ser analisado é o livro "Mafalda vai à escola" de Liana Gottlieb. Liana Gottlieb fez um dos primeiros doutorados sobre Educomunicação na USP. Sua pesquisa "Como ajustar a sintonia da comunicação em mão dupla na sala de aula: as percepções anamórficas na comunicação professor-alunos no ensino superior através das práxis de um educomunicador: um estudo de caso interdisciplinar-comunicação, educação e psicologia/psicodrama" aponta a crise na educação tradicional, propondo maneiras progressistas para lidar com as dificuldades que passa o modelo. Os alunos fizeram uma análise de estudo em seu relatório de disicplina:
>
> "Consideramos o livro um dos "tesouros" uma vez que foi escrito por uma vez que Liana Gottlieb, uma das responsáveis pela formação Núcleo deComunicação e Educação. Não é um livro de fácil acesso, por isso, é um material que deve ser compartilhado com aqueles que se interessam pelo tema. Sua temática é meta-educomunicativo uma vez que faz uma análise crítica da escola a partir dos quadrinhos, propondo formas educomunicativas de atuação dentro da escola, ao mesmo tempo em que mostra como usar o próprio livro na sala de aula."
>
> "A escola aberta é uma fita de vídeo que consta no acervo de produções da Secretaria Municipal de Educação. O Programa Escola Aberta visa incluir a comunidade na escola através de atividades culturais, esportivas, de lazer e de geração de renda aos finais de semana. Criado pelo Governo

Federal, ele é realizado em acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e executado pelo Ministério da Educação (MEC) através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) em parceria com as Secretarias Municipais e Estaduais de Educação.

"Achamos muito importante a escolha desse DVD, já que a criação de propostas que aproximem a comunidade e a tragam pra dentro das escolas é uma maneira de transformar a realidade de muitas crianças e adolescentes e ocupá-los com conhecimento, informação e entretenimento."

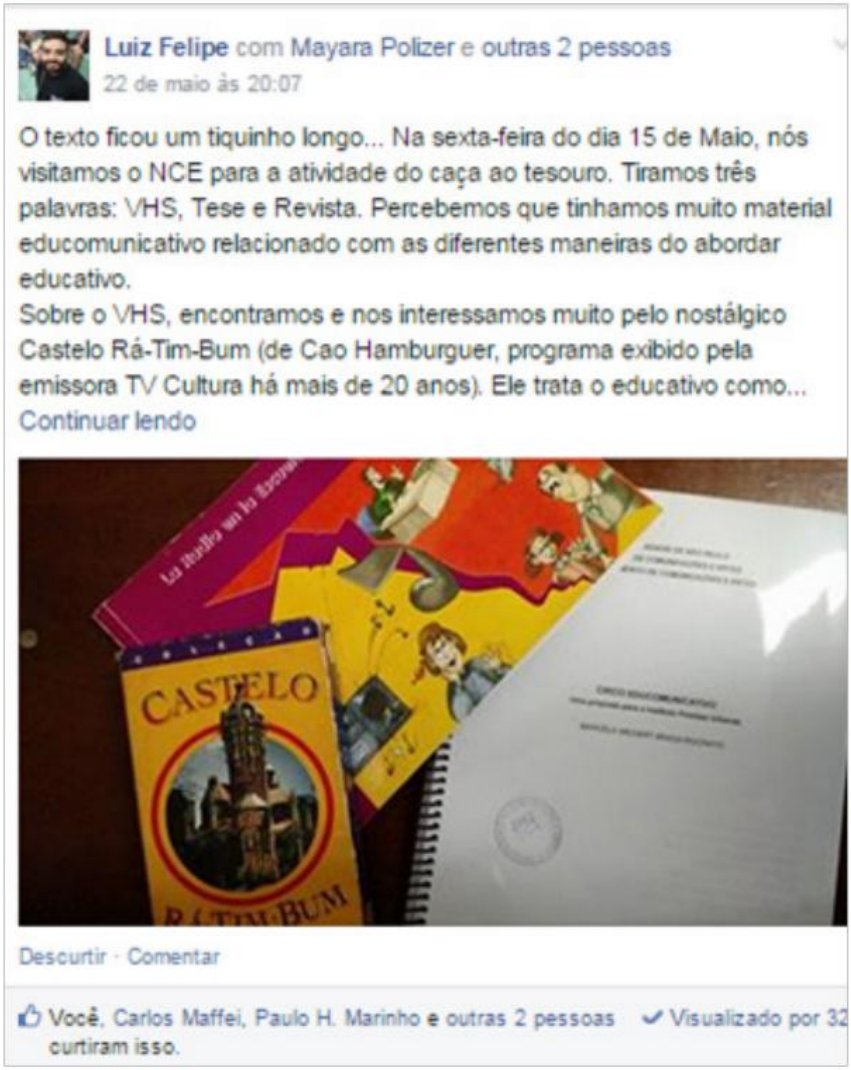


Imagem 2: post de aluno em grupo fechado do Facebook sobre os tesouros do NCE, após participar do jogo Caça aos Tesouros do NCE.

4. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Com os resultados colhidos até o momento, pudemos constatar o sucesso nos objetivos alcançados pela proposta de promover uma intervenção educomunicativa de pesquisa no acervo do Núcleo de Comunicação e Educação, órgão da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, e de maneira totalmente articulada às ações protagonistas de alunos do curso de Licenciatura em Educomunicação, oferecido pelo Departamento de Comunicações e Artes, da mesma escola.

Por outro lado, osalunos do curso se mostraram bastante interessados no Núcleo de Comunicação e Educação, devido a vivência de descoberta do espaçoso e de como seu acervo é porpício às atividades de integração e estudos. O Jogo foi uma dinâmica que pretendeu promover a integração dos alunos do curso de Licenciatura com o NCE, e que se mostrou bastante adequado.

O número e a qualidade das produções dos alunos que vivenciaram a experiência do jogo Caça aos Tesouros do NCE puderam ser constatadas nas publicações de posts nos grupos fechados das disciplinas mantidas no Facebook e que, posteriormente, foram reproduzidas no perfil público do NCE no Facebook, e de resenhas mais elaboradas publicadas no blog do NCE.

Desta forma, acredita-se ter alcançado os objetivos principais e específico do projeto de iniciação científica, que ora se encontra em processo de sistematização dos resultados, cujo conteúdo inicial foi objeto deste artigo.

Os resultados das intervenções educomunicativas executadas pelos alunos do curso de licenciatura em Educomunicação, através dos desafios da atividade Caça aos Tesouros do NCE, estarão sendo sistematizados nos últimos três meses de duração da Iniciação Científica cujo percurso até o momento foi em parte, objeto deste trabalho científico apresentado no VI Educom III Educom Sul (#6educom3sul), na PUC/RS, em 11/07/2015.

5. BIBLIOGRAFIA

CASTILHO, Ataliba Teixeira (org.). A sistematização dos arquivos. Campinas: Ed. UNICAMP, 1991

CITELLI, Adilson; COSTA, Cristina Castilho Costa (org.). Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo. Paulinas. 2011.

CONSANI, Marciel.Mediação Tecnológica na Educação: Conceito e aplicações. Tese de Doutorado. ECA/USP. 1º semestre de 2008

DORIA, Irene de Menezes. Processos técnicos de compilação bibliográfica. Ministério das Relações Exteriores. Seção de Publicações, s/d.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. In Comunicação & Educação. São. Paulo, nº 24, set/dez.2000

_____. Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo, Paulinas, 2011.

• ● OS AUTORES ● •

Carlos Alberto Maffei Filho é Aluno da Licenciatura em Educomunicação da ECA/USP, bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPQ. E-mail: maffeicarlos@gmail.com. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/0339999201750700.

Claudemir Edson Viana é Doutor em Ciências da Comunicação, professor do curso de Licenciatura em Educomunicação, e dos cursos de Especialização e Atualização em Educomunicação, na ECA/USP. E-mail: cviana@uol.com.br. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/0273058696373186.

HQ em Sala de Aula

Luiz Miguel Lisboa Machado

Sensibilizados pela necessidade da formação de professores capazes de lidar com as mídias em sala de aula e com a intenção de sugerir uma metodologia de utilização de ferramentas onlines para a criação de historias em quadrinhos no ensino de diversas disciplinas e principalmente na área da linguagem, promovendo assim uma reflexão sobre o uso de tecnologias digitais, entendendo que distintas metodologias e recursos didáticos nos dão uma contribuição relevante no processo de construção do pensamento e da linguagem. Vendo a aprendizagem como um processo intertextual, pois correlaciona o objeto de estudo como o conhecimento de mundo do educando, a utilização de HQs é totalmente relevante e justificado, pois possuem ludicidade e apresentam temas suscetíveis de discussões relevantes em sala de aula, independente da faixa etária do aluno, dessa forma contribuindo para formação de valores e para o exercício consciente da cidadania. As atividades com quadrinhos também auxiliam e desenvolvem a leitura e escrita, de uma forma lúdica e prazerosa. Nas palavras de Vergueiro (2009, p. 21) "as histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico".

No que diz respeito à linguagem, as HQs abrangem aspectos importantes, tais como, o coloquialismo, imagens, texto escrito, oralidade e o texto visual que demonstra as emoções e comportamentos dos personagens, as mensagens que ficam subentendidas nos diálogos e os aspectos do qual o autor se apropria para instigar a imaginação do leitor. Devido ao caráter flexível que constituem as HQs e pela intersecção entre palavra e imagem acarreta a existência de uma infinidade de experiências e abordagens metodológicas no processo de ensino e aprendizagem, por isso torna-se uma ferramenta importante na pratica pedagógica do professor em formação ou em atuação na sala de aula, além disso por possuírem similaridades com o livro, o contato do aluno com a HQ propicia um hábito e uma intimidade que podem ser gradualmente transferidos para os livros. O autor Calazans destaca outra característica do uso das HQs em sala de aula "as HQs unem artes plásticas e literatura; aquelas cuja produção, roteiro e desenho tiveram uma pesquisa bem detalhada e séria podem ser tão ou mais úteis que um filme ou documentário (CALAZANS, 2004, p. 11)". Vale ressaltar que os quadrinhos não têm como função atuar como agente facilitador da leitura, mas oferecer um novo processo de leitura, no qual apresenta um equilíbrio entre distintas linguagens sendo verbais ou não

verbais, proporcionando sentido e significado ao leitor por meio de sua leitura integral. Desta forma o aprendizado ocorre como destaca Piaget "O conhecimento resulta das interações que se produzem a meio caminho entre os dois [sujeito/ objeto] ... sendo de uma dupla construção progressiva que depende da elaboração solidária do sujeito e dos objetos" (PIAGET, 1970, p. 14).

Fundamentadas dessa maneira, as atividades propuseram o desenvolvimento de material didático digital, no âmbito dos conteúdos curriculares ou temas transversais previstos para a educação, que contivesse uma história em quadrinhos que retratasse algum aspecto relevante de algum tema escolhido pelo grupo e que instigasse o pensamento crítico. No processo de construção do material didático digital, esperava-se que os alunos se apropriassem de técnicas para a criação de histórias em quadrinhos tais como conhecer a linguagem das HQs, considerar o publico alvo das historias, ter cuidado com a didatização excessiva dos quadrinhos. Esperava-se, também, o desenvolvimento de competências e habilidades de convívio e trabalho em equipe. As duas turmas observadas no período de2014/2 e 2015/2, com média de 20 alunos cada, produziram 20 materiais didáticos digitais, nas mais variadas temáticas para educação básica. Muitos dos materiais produzidos na disciplina EDU03051 continuam ativos e estão sendo utilizados pelos próprios autores e por outros professores interessados, os materiais produzidos na oficina de HQ na sala de aula ainda estão em produção.

Dois desses materiais didáticos digitais ilustram bem os resultados obtidos. O material denominado Regras para Salvar o Planeta (http://regrasparasalvaroplaneta.weebly.com/) tem como público-alvo professores da educação infantil. Dessa forma os quadrinhos dialogam com essa temática, pois o grupo usou para a criação da história em quadrinhos a plataforma toondoo que possui elementos de composição de uma HQ com uma temática mais infantil, no site essa HQ serve para apresentar o tema proposto e instigar a curiosidade do leitor. Em sua criação houve debates intensos, demonstrando um engajamento muito forte dos membros da equipe. Já o material didático denominado O Brincar do Sul (http://obrincardosul.weebly.com/) é direcionado para alunos do ensino fundamental, onde fica evidente uma articulação teórico-metodológica no material didático desenvolvido e um posicionamento intelectual do grupo a respeito da temática do lúdico como forma de aprendizado.

Em síntese, vale ressaltar que na utilização das histórias em quadrinhos como recurso didático-pedagógico, torna-se necessário formar professores para o uso de quadrinhos em sala de aula, bem como cabe ao professor estudar atentamente o material quadrinizado e desenvolver sua própria metodologia. Conforme Calazans (2004, p. 21), "os critérios para a utilização intencional das HQs em sala de aula devem ser definidos e planejados pelo próprio professor, a fim de que este possa avaliar qual tipo de HQs será mais útil para o ensino, com base nos conteúdos e objetivos de ensino e de aprendizagem a serem perseguidos por cada professor, em seu contexto de atuação".

1. REFERÊNCIAS

CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. **História em quadrinhos na escola**. São Paulo: Paulus, 2004.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética**. Petrópolis: Vozes, 1970

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

•● O AUTOR ●•

Luiz Miguel Lisboa Machado é graduando do Curso Letras Português Espanhol; bolsista da Ação de Extensão: Dialogo Entre A criação literária e a arte das historias em quadrinhos – 2015/1; monitor da Disciplina EDU03051 Mídia, Tecnologias Digitais e Educação – 2014/2. E-mail: luizlisboa@terra.com.br.

Educomunicação como metodologia para resgate da memória

Marcelo Mauricio Miranda

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade, é notória a imersão das pessoas no movimento infinito da informação. Essa informação que, de forma organizada, constitui uma mensagem sobre um determinado fenômeno, também permite se resolver problemas e tomar decisões, para que possamos conferir às coisas do mundo seus significados e códigos, tangenciando, assim, o pensamento humano.

Por meio da informação, por vezes direta, por vezes mediada, as pessoas se comunicam, interagem entre si, conflitam, culturalmente falando, com diversos grupos sociais, gerando assim adequações culturais para cada período da vida. Essas adequações culturais marcam sociedades, tanto na esfera da história, quanto da memória. E, essa é a questão deste estudo (CHAUÍ, 2008).

Com o movimento infinito da informação, os conflitos culturais, a interação humana via meios de comunicação, o advento da publicidade e da propaganda como ferramenta amplificadora de conceitos e tendências da contemporaneidade, de tal forma faz com que fragmentos culturais relevantes que estão em processo de inclusão na esfera da História, se apequenem até à invisibilidade, em se tratando do campo da Memória.

Ou seja, algumas passagens históricas de lugares e pessoas, importantes num dado momento, perdem seu espaço pelas novidades "informacionais" e, devido à falta de um registro mínimo, acabam por perder seu espaço na Memória, ocasionando um esquecimento coletivo da história, desses mesmos lugares e pessoas (HALBWACHS, 2006).

Partindo dessa questão, no segundo semestre de 2014, na disciplina de Comunicação Cultura e Educação, do segundo período do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Barbacena, realizamos atividade educomunicativa de produção de documentários sobre personalidades da cidade, esquecidas pelos próprios barbacenenses, com o decorrer dos anos.

O objetivo da atividade era criar registro, via documentário. O maior problema para a atividade era a ausência de informações bibliográficas das personalidades.

Daí, os alunos, divididos em grupo de sete, com as suas personalidades temáticas em mãos, bem como tendo passado por aulas introdutórias de

produção de roteiro, angulação de câmeras, sons e cenários, realizaram pesquisa de campo e registros em vídeo de depoimentos de pessoas próximas a essas personalidades. Consequentemente, foram criando o que Soares (2000) denomina como ecossistemas comunicativos em ambientes educativos.

Uma das personalidades dessa ação Educomunicativa foi Heleno de Freitas, ex-jogador de futebol da década de 1940, considerado o primeiro "craque problema" do futebol brasileiro, que morreu num hospital psiquiátrico de Barbacena, em decorrência da sífilis, em 1959.

Heleno era advogado, boêmio, "catimbeiro", boa vida, irritadiço, galã e quase intratável. Depois de onze anos jogando futebol, entrou para a história como um dos maiores craques do futebol sul-americano. Sua vida foi marcada por vícios em drogas como lança-perfume e éter o que, com o tempo, fez agravar sua doença.

Sua vida foi retratada no filme Heleno (2012) estrelado por Rodrigo Santoro, entretanto a obra cinematográfica não caiu no gosto popular e, até mesmo em Barbacena, local tema do filme, Heleno, conhecido na cidade até 1990, tornou-se invisível, na atualidade.

Porém, um grupo de alunas do curso de pedagogia, tendo Heleno de Freitas como referência, a partir de estudos e práticas educomunicativas, foram a campo e realizaram, além de pesquisas bibliográficas, cinematográficas e documentais, entrevistas com pessoas que conviveram com o protagonista, tanto em Barbacena, como também em sua cidade natal, São João Nepomuceno – MG.

O resultado dessa pesquisa foi um documentário rico de novas histórias, novos personagens que, com seus depoimentos, de certa forma, transferiram Heleno dos fragmentos da Memória, para os registros da História. Dessa forma, com o documentário, pode ser possível amplificar a relação de Heleno de Freitas com Barbacena, publicizando àqueles que não o conhecem, sua passagem pela cidade e suas histórias com pessoas comuns de nosso dia-a-dia, como pais, tios, avós dentre outros (MASCARELLO, 2010).

2. BARBACENA - MG

A cidade de Barbacena teve por origem uma pequena aldeia de índios Puris,

formada por jesuítas junto às cabeceiras do Rio das Mortes, pelas primeiras bandeiras que penetraram no território das Minas Gerais e Borda do Campo.

Os primeiros povoadores da região foram paulistas e portugueses, procedentes, na maioria, de Taubaté. Os bandeirantes se estabeleceram no local chamado Borda do Campo, também denominado Campolide, onde construíram a capela de Nossa Senhora da Piedade (BERTOLA, 2005).

Na Borda do Campo construíram também a Fazenda da Borda do Campo, de propriedade, desde o fim do século XVII, dos bandeirantes capitão-mor Garcia Rodrigues Pais e de seu cunhado coronel Domingos Rodrigues da Fonseca Leme (BERTOLA, 2005).

De acordo com relatos da Fundação Presidente Antônio Carlos (1999), em 1725, o quarto bispo do Rio de Janeiro, o Frei Dom Antônio de Guadalupe, criou a Freguesia de Nossa Senhora da Piedade, que teve a antiga capela como sede provisória até 1730. Em 19 de agosto de 1728 na primeira visita pastoral de D. Frei Antônio de Guadalupe, foi escolhido o "sítio da Igreja Nova", a atual Matriz de Nossa Senhora da Piedade, sendo a 9 de dezembro de 1743, demarcado o local pelo Padre Manoel da Silva Lagoinha, com uma Cruz de madeira e iniciada na mesma data a edificação do templo.

Para Matos (1979) essa freguesia foi transferida para a Igreja Nova de Nossa Senhora da Piedade, em 27 de novembro de 1748. Em torno da igreja, ergueu-se o Arraial da Igreja Nova de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, chamado também de Arraial ou freguesia da Borda do Campo ou ainda de Arraial da Igreja Nova do Campolide.

Entretanto, a Vila de Barbacena foi criada, apenas, em 14 de agosto de 1791. Seu nome é originado de um de seus construtores, o Visconde de Barbacena, Dom Luís Antônio Furtado de Mendonça, então governador e capitão-general da capitania (MASSENA, 1985).

Barbacena, por meio de sua Câmara, foi a primeira vila de Minas Gerais a enviar representação a D. Pedro I, então regente, em favor do "Fico" (9 de janeiro de 1822). Em 11 de fevereiro de 1822, dirigiu-se à Câmara de Barbacena ao príncipe regente, numa representação em que se propunha para ser a sede da Monarquia

portuguesa. Estes atos lhe valeram o título de "Muito Nobre e Leal Vila", conferido por decreto, de 24 de fevereiro de 1823 e Alvará de 17 de março do mesmo ano (MASSENA, 1985).

Os fatos históricos nos mostram que Barbacena teve importante participação nos movimentos políticos que agitaram a região das Alterosas e do país, a partir da segunda metade do século XVIII. Atualmente, as famílias Bias Fortes e Andrada se digladiam pelo poder local (LADEIRA, 2009).

3. A LOUCURA

Barbacena é reconhecida, nacionalmente, com a Cidade dos Loucos. Entre 1903 até meados da década de 1980 o hospital psiquiátrico de Minas Gerais, sede Barbacena, funcionava como hospício e recebeu, por décadas, milhares de pessoas que foram internadas, fazendo com que o município passasse a ser conhecido como a "Cidade dos Loucos".

Geralmente, as pessoas internadas no hospital psiquiátrico sofriam de algum distúrbio mental ou, simplesmente, apresentavam um comportamento inaceitável para o padrão conservador da época. Pessoas com essas "anomalias" foram internadas, em grande parte, para serem isoladas da sociedade (ANDRADA, 1999).

Estima-se que 60 mil pessoas tenham morrido no hospital psiquiátrico de Barbacena, no período de seu funcionamento, vítimas das condições precárias da instituição, que chegou a ser comparada a um campo de concentração, pelo psiquiatra italiano Franco Basaglia, em 1979 (BERTOLA, 2005).

Entretanto, de acordo com Lobosque (2003) a história começou a mudar na década de 1980, quando teve início no Brasil a luta antimanicomial. O movimento, idealizado por trabalhadores da área de saúde mental, previa o fim dos hospícios e a integração das pessoas com problemas mentais à sociedade. Aos poucos, Barbacena viu o cenário se transformar.

Atualmente, o país passa por um período de desinstitucionalização e efetiva reintegração de doentes mentais graves à comunidade, por intermédio do Sistema Único de Saúde (SUS). Barbacena reflexa essa mudança, pois dispõe de diversos programas governamentais da área, como o Serviço Residencial Terapêutico (SRT)

(BRASIL, 2004).

As residências terapêuticas constituem-se como alternativas de moradia para um grande contingente de pessoas que estão internadas há anos em hospitais psiquiátricos por não contarem com suporte adequado na comunidade (BRASIL, 2004).

Além disso, segundo do Conselho Federal de Psicologia (2003) essas residências podem servir de apoio a usuários de outros serviços de saúde mental, que não contem com suporte familiar e social suficientes para garantir espaço adequado de moradia.

4. HELENO DE FEITAS E A LOUCURA

Antes mesmo do apelo midiático ao esporte, quando apenas o rádio e alguns jornais eram considerados "de massa", Heleno de Freitas ganhava espaço nas manchetes jornalísticas, tanto por sua habilidade e gols, como também por seu comportamento fora dos padrões tradicionais.

Heleno de Freitas nasceu em São João Nepomuceno - MG, em 12 de fevereiro de 1920 e faleceu em Barbacena, no dia 8 de novembro de 1959, num hospital psiquiátrico (HELENO, 2012).

Segundo Neves (2012), considerado o primeiro "craque problema" do futebol brasileiro, Heleno de Freitas foi advogado, boêmio, boa vida, irritadiço e galã. Seus amigos o apelidaram de "Gilda", por seu temperamento e por este ser o nome de uma personagem da atriz norte-americana Rita Hayworth, em filme de mesmo nome.

Dono de uma postura elegante dentro e fora de campo, o jogador de cerca de 1,82 metros de altura, foi o maior ídolo do Botafogo do Rio de Janeiro, antes de Garrincha, e marcou sua passagem pelo alvinegro carioca com 209 gols em 235 partidas (NEVES, 2012).

Pela Seleção Brasileira de Futebol, Heleno de Freitas fez 18 partidas, marcando dezenove gols, tendo sido artilheiro do Campeonato Sul-Americano de Futebol de 1945, com seis gols, atual Copa América. Sonhava em disputar a Copa do Mundo, mas, devido à guerra, o Mundial foi cancelado em duas ocasiões, 1942 e 1946

(NEVES, 2012).

Entretanto, a vida de Heleno foi marcada, não só pelo futebol, mas também por vícios em drogas como lança-perfume e éter. Por ser um jogador boa pinta, elegante, de classe alta e boêmio, envolvia-se com várias mulheres e frequentava prostíbulos e casas de jogos (HELENO, 2012).

No auge de sua carreira, Heleno de Freitas foi diagnosticado com sífilis cerebral, mas, devido às consequências do tratamento da doença, bem como a um diagnóstico tardio, preferiu não se tratar. A sífilis, considerada pelos médicos uma doença silenciosa, foi corroendo o corpo e a mente de Heleno e, depois de quase cinco anos de internação, vítima de Paralisia Geral Progressiva, a terceira e devastadora fase da sífilis, faleceu em 8 de novembro de 1959 (NEVES, 2012).

A vida e as tragédias de Heleno de Freitas foram retradadas no filme "Heleno", de 2012, com a direção de José Henrique Fonseca e produzido e estrelado por Rodrigo Santoro.

O filme retrata em parte, como era o tratamento de pacientes psiquiátricos em Barbacena, na década de 1950, bem como a própria cidade. Entretanto, a cidade serviu para os cineastas como fonte de pesquisa e inspiração, mas as cenas do filme não foram rodadas em Barbacena.

5. HELENO DE FREITAS; LOUCURA; E BARBACENA

O tormento que a sífilis cerebral causava em Heleno, no início da década de 1950, parecia ser incontrolável. Devido às exibições insanas de Heleno, nos jogos e na vida social carioca, a própria imprensa da época o rotulava como louco, irresponsável por seus atos (HELENO, 2012).

A sífilis que acometeu Heleno, além de fazê-lo perder peso e apresentar fortes dores musculares, também sequelou sua mente, pois ele passou a apresentar, também, manifestações psiquiátricas como mania de grandeza, discurso sem nexo e confusão entre fantasia e realidade (NEVES, 2012).

Consequentemente, esgotadas todas as tentativas de tratamento e socialização de Heleno, a família decide interná-lo. Heleno de Feitas deu entrada na Casa de Saúde São Sebastião, em Barbacena, em 19 de dezembro de 1954, conforme

documentos do prontuário 220, uma pasta com cerca de 120 cartas trocadas entre o médico José Theobaldo Tollendal e Heraldo de Freitas, irmão de Heleno (NEVES, 2012).

A partir dos fatos expostos acima, percebe-se que Heleno de Freitas, por muito tempo, foi rotulado como louco, mas, na realidade, ele apresentava um quadro grave de sífilis cerebral. Devido a essa "loucura", Heleno chegou a Barbacena e, nessa cidade, passou seus últimos dias de vida.

Entretanto, um fato que deve ser destacado é que, mesmo depois de deixar os gramados, Heleno de Freitas frequentava os jogos de futebol da cidade, como espectador e, da torcida palpitava e criticava os jogadores que estavam em campo.

Por algum tempo, os barbacenenses ainda lembravam-se de Heleno e sua passagem pela cidade, entretanto, com o passar dos anos, sua relação com a cidade começou a ser apagada, principalmente, com o fechamento da Casa de Saúde São Sebastião. Outro fato que, entendemos, contribui para o esquecimento de Heleno pelos barbacenenses é a falta de registros sobre esse personagem.

6. EDUCOMUNICAÇÃO E HELENO DE FREITAS

A Educomunicação que, aparentemente, parece ser um neologismo entre Educação e Comunicação, vai mais além do que fazer a junção de dois conceitos tão antigos e, ao mesmo tempo, contemporâneos.

A comunicação na educação não é apenas ensinar e preparar o receptor a fazer leitura crítica da mídia, seus veículos e suas mensagens, mas, também, estimulá-los à produção de conteúdos, à participação cidadã e democrática nas suas relações (KAPLUN, 1999).

Não se trata de educar usando o instrumento da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressituados a partir de um projeto pedagógico mais amplo (SOARES, 2015).

Com base na afirmação de Soares (2000), no segundo semestre de 2014, na disciplina de Comunicação Cultura e Educação, do segundo período do curso

de pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Barbacena, realizamos atividade Educomunicativa de produção de documentários sobre personalidades da cidade, esquecidas pelos próprios barbacenenses, com o decorrer dos anos.

O objetivo da atividade era criar registro, via documentário. O maior problema para a atividade era a ausência de registros bibliográficos das personalidades (NICHOLS, 2005).

Uma das personalidades dessa ação educomunicativa foi Heleno de Freitas. Os alunos, ao se depararem com esse personagem polêmico e, com a problemática de haver poucos registros sobre o mesmo, tiveram que planejar estrategicamente todo o conteúdo do documentário, bem como sua produção (NICHOLS, 2005).

Entretanto, a partir de relatos dos próprias alunos, do momento em que realizavam as entrevistas, gravavam, editavam e finalizavam cada trabalho, a curiosidade sobre o tema do documentário se aguçava. A partir daí os alunos descobriram o livro intitulado "Nunca houve um homem como Heleno", do autor Marcos Eduardo Neves, da editora Zahar.

Após as alunas conhecerem o livro, obtiveram sucesso no contato com Marcos Eduardo Neves. O autor gravou seu relato de experiência sobre a pesquisa da vida de Heleno Freitas e esse relato passou a fazer parte do documentário acadêmico.

O contato com Marcos Eduardo Neves motivou os alunos a procurarem outros contatos, outras pessoas que pudessem dar seu depoimento sobre a sua relação com Heleno de Freitas, dando, assim, luz à própria essência do ecossistema comunicativo, em espaços educacionais ou virtuais (SOARES, 2000). Por isso, num final de semana, os alunos saíram de Barbacena e viajaram até São João Nepomuceno, cerca de 150 km. Na cidade, eles fizeram contato com familiares de Heleno que, também, gravaram seus depoimentos para o documentário.

Os familiares de Heleno levaram as alunas para conhecerem a casa onde ele nasceu, o primeiro campo em que Heleno jogou futebol e seu o túmulo. Um fato marcante nessa fase do documentário foi quanto a humanização do personagem principal (NICHOLS, 2005). Até então, Heleno de Freitas era conhecido como o

boêmio, o louco, o craque, dentre tantos outros adjetivos, mas, para seus familiares, ele é reconhecido, até hoje, como o "Tio Heleno", homem doce e atencioso com os sobrinhos e primos.

O resultado final do documentário, tanto na perspectiva da estética, quanto do conteúdo, superou todas as expectativas, pois a pesquisa foi mais profunda que havíamos imaginado. De certa forma, relacionamos o resultado do trabalho ao que Soares (2000) denomina como ecossistemas comunicativos em ambientes educativos.

Uma das características da Educomunicação é ser mais do que um campo de conhecimento, mas um espaço de interação. Para Soares (2014) o objetivo não é o produto final em si, mas sim o desenvolvimento do processo.

Essa foi a realidade do documentário produzido pelos alunos do curso de pedagogia da UEMG. A temática pesquisada se interagiu com a produção do documentário, gerando incentivo horizontal de todos os integrantes do grupo em questão, em conquistar novas descobertas sobre Heleno de Freitas e, consequentemente com a produção do documentário, criar um registro que objetiva manter vivo um fragmento histórico de Barbacena-MG (SOARES, 2014).

Em suma, o documentário produzido pelos alunos da pedagogia, sobre a vida do ex-craque Heleno de Freitas, além que ter se alimentado de fontes nutridas na essência da Educomunicação, também tem sua importância na perspectiva da Memória, pois, com a obra audiovisual criou-se registro de um fragmento abstrato, imaterial, da vida e da cultura tanto do futebol, como da cidade, e, também, do próprio "Tio Heleno".

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição a ser dada com este relato de experiência é o pensamento e a produção coletiva, unindo os trabalhos dos dois campos estudados, ou seja, Educação e Comunicação, para a elaboração dos ecossistemas educomunicativos.

À luz da Memória, conceituada por Halbwachs (2006), bem como de parte do referencial teórico da Educomunicação, alunas de pedagogia se aventuraram no mundo da produção de documentários, tendo como seu protagonista o ex-craque

Heleno.

Ao propormos a criação de um documentário que objetivava resgatar um fragmento da memória local dos barbacenenses, ou seja, os anos de Heleno de Freitas e suas vivências na cidade, a partir de Soares (2000) o foco era que a produção fosse educomunicativa.

Entretanto, ao percebermos a integração e forte interesse das pessoas envolvidas com o projeto em pesquisar cada vez mais, em qualificar de forma coerente o Documentário, identificamos o ecossistema comunicativo em espaço educativo, definido por Soares (2011), destacando a relação horizontalizada entre os participantes, bem como a produção colaborativa de conteúdos utilizando, os recursos tecnológicos disponíveis.

Esse Relato de Experiência apresentou apenas um aspecto, uma forma de se trabalhar a partir da perspectiva Educomunicativa, entretanto, percebemos que existem inúmeras formas de ação da Educomunicação, por isso, torna-se necessário, cada vez mais, compreendê-la nas perspectivas da experiência, das políticas públicas e das metodologias de pesquisa, estudo e análise.

8. REFERÊNCIAS

ANDRADA, B. J. T. de.; LIMA, A. de. **História de Barbacena**. Coleção Cadernos Históricos, n. 1. Barbacena: Centro de Estudos Históricos da UNIPAC, 1999.

BERTOLA, Márcio. **É proibido esquecer**. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Residências terapêuticas: o que são, para que servem. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2008.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Orgs). **Loucura, ética e política**: escritos mi-

litantes. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FUNDAÇÃO PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS. **A cultura em Barbacena**: Literatura, História e Geografia. Barbacena: UNIPAC, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

FONSECA, José Henrique. **Heleno**. [Filme-vídeo]. Manaus, 2012. 118 min. color. son.

KAPLUN, Mário. Processos educativos e canais de comunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 14, p. 68-75, jan./abr.1999.

LADEIRA, Francisco Fernandes. As relações políticas entre as famílias Bias Fortes e Andrada na cidade de Barbacena: da formação da poderosa aliança à criação do mito da acirrada rivalidade. **Mal-Estar e Sociedade**, Barbacena, v. 2, n. 3, p. 55-76, nov. 2009.

LOBOSQUE, A. M. **Clínica em movimento**: por uma sociedade sem manicômios. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

MASCARELLO, F. **História do cinema mundial**. São Paulo: Papirus, 2010.

MASSENA, N. **Barbacena**: a terra e o homem. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1985.

MATOS, R. J. C. **Corografia histórica da província de Minas Gerais**: 1837. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1979.

NEVES, Marcos Eduardo. **Nunca houve um homem como Heleno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papirus, 2005.

SCHAUN, Ângela. **Educomunicação**: reflexões e princípios. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOARES, I. O. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____, I. O. **Alfabetização e comunicação**: o papel dos meios de comunicação na formação de jovens e adultos ao longo da vida. Disponível em: <http://www.usp.br/nce>. Acesso em: 09 nov. 2014.

_____, I. **Comunicação / educação emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. Disponível em <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/140.pdf>. Acesso em 3 MARÇO de 2015.

_____, I. O. **Educomunicaçao**: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 19, p. 12-24, set./dez. 2000. Disponível em: <www.revistas.usp.br/comueduc/article/download/36934/39656>. Acesso em: 03 abr. 2016.

•● O AUTOR ●•

Marcelo Mauricio Miranda possui graduação em Publicidade e Propaganda, especialização em Administração, Marketing e Gestão Pública e mestrado em Educação e Sociedade. Atualmente, é editor do JORNAL FOLHA DE NEGÓCIOS, produzido pela EDITORA M2T LTDA e leciona na Universidade do Estado de Minas

Gerais (UEMG) - Unidade Barbacena. Desempenha na UEMG a função de chefe do Departamento de Ciências Humanas. É pesquisador no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educomunicação, da UFSJ. Tem experiência nas áreas de Pesquisa, Comunicação, Educação, Educomunicação, Marketing e Direitos Humanos. E-mail: marcbarbacena@hotmail.com.

Plataformas de Educação Virtual: Dois Diferentes Contextos de Interação

Arlete dos Santos Petry
Vanice dos Santos

1. INTRODUÇÃO

Com o crescimento do acesso à informação via rede de computadores, muitas e diferentes plataformas têm sido pensadas objetivando a aprendizagem. Algumas dessas são de fácil e livre acesso para todos os interessados, outras já tem uso restrito e pertencem a determinadas instituições de ensino, seja por terem sido nelas desenvolvidas ou adquiridas comercialmente. Com os anos de utilização dessas plataformas e a própria aprendizagem de seus designers, melhoras na qualidade comunicativa das interfaces, como posição dos hiperlinks, foram sendo observadas, assim como foram se construindo aprendizagens a respeito do gerenciamento desses espaços virtuais de aprendizagem, em especial, questões relativas à interação. Tendemos a considerar que esses são os dois aspectos necessários de serem observados como condições favorecedoras para o engajamento do público-alvo, indicando possibilidades de diálogo entre os sujeitos.

2. ESTRUTURA DA PESQUISA

O tema a que nos propomos relatar será apresentado e discutido em dois diferentes contextos. O primeiro trata-se de um curso de graduação em Pedagogia – licenciatura na modalidade a distância oferecido pela UFRGS e ambientado em uma plataforma criada na própria universidade e nomeada ROODA (Rede Cooperativa de Aprendizagem). No referido curso, além dos graduandos, estavam implicados professores e tutores. O segundo refere-se à utilização da plataforma Edmodo como ambiente auxiliar de comunicação entre pós-graduandos e professores em um curso lato sensu em Educomunicação, oferecido pela USP. Neste caso a utilização da plataforma deu-se como espaço complementar às aulas presenciais. Salientamos que não se trata de comparar ambas as plataformas, mas sim de um exercício exploratório que visa descrever interações ocorridas nos dois ambientes, a partir dos formatos de ambas as propostas e do design das plataformas. Com isso visamos marcar tanto o lugar da recepção quanto o da emissão na comunicação que se estabelece entre os sujeitos participantes intermediados pelas plataformas utilizadas.

A metodologia de pesquisa utilizada foi a observação participante e o registro de todas as intervenções nas duas plataformas. Para a compreensão dos dados

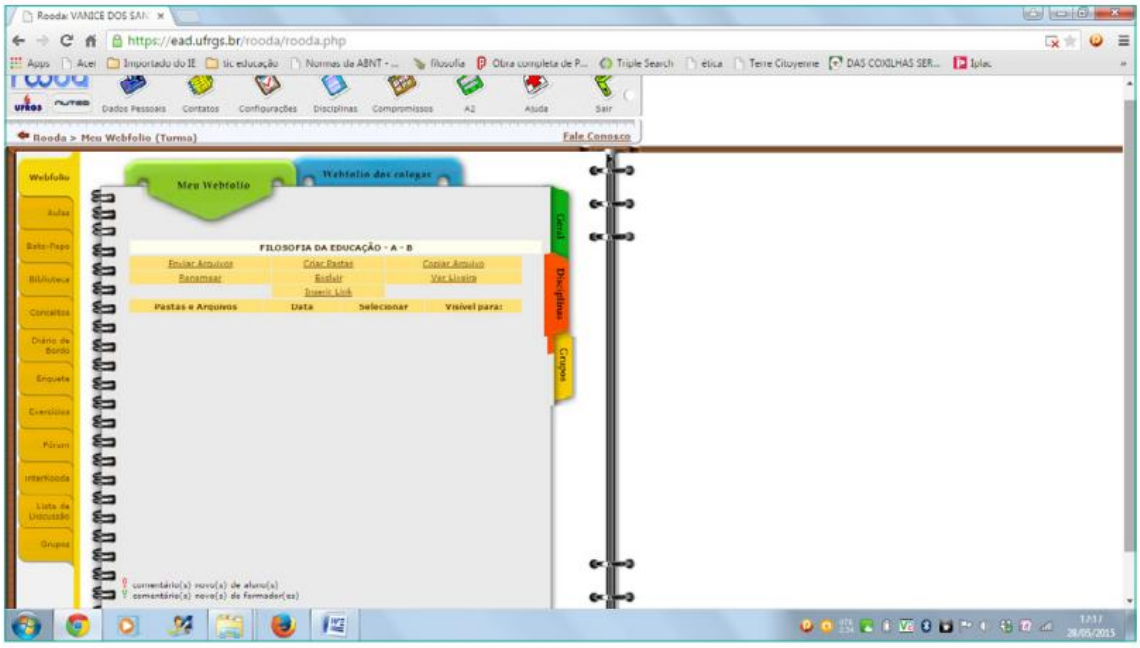
coletados, a fenomenologia hermenêutica foi um guia. A fim de resguardar a experiência das interações, mantivemos os textos dos diálogos em sua estrutura gramatical original, apenas realizando algumas correções ortográficas para a compreensão de nossos leitores.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS EXPERIÊNCIAS:

Caso 1:: Na plataforma virtual Rooda, o curso foi concebido para formação em nível de graduação de professores da rede pública em exercício. Almejar a formação de professores que estivessem exercendo atividades docentes, tinha como desígnio contribuir para a qualificação da educação pública. Vale destacar que a oferta de curso superior veio ainda no sentido de ampliar a formação de professores, dado que a formação no curso de magistério habilitava para a docência nas séries iniciais do ensino fundamental. Planejado e ofertado pela FACED-UFRGS para viabilizar a almejada formação de professores em exercício, foi realizada uma parceria com 5 municípios, sendo que a estes coube a infra-estrutura na cidade polo. Assim, tais parcerias permitiram ampliar o nível de formação de professores da rede pública.

Relacionamos com a matriz curricular orgânica um dos princípios orientadores do projeto político-pedagógico, ou seja, o "reconhecimento das especificidades dos conhecimentos produzidos nos diversos campos da ação humana, de suas interfaces e de mútuas e múltiplas influências" (Carvalho, Nevado & Bordas, 2006, p. 14). Dada a concepção do curso, os semestres estiveram organizados por eixos, compostos por interdisciplinas e, em cada um deles a existência do Seminário Integrador. Para atender 400 alunos-professores, a equipe de cada interdisciplina esteve composta por 5 professores, 5 tutores de sede e 5 tutores de polo. Em nosso relato, compartilhamos experiência junto a Filosofia da Educação, ofertada no Eixo 6 . A seguir, podemos visualizar as funcionalidades disponíveis na plataforma de ambiente virtual de aprendizagem Rooda.

Figura 1: Funcionalidades no ambiente virtual Rooda



Fonte: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

Visando uma organização lógica no desenvolvimento das aulas, as informações relativas a cada atividade eram disponibilizadas em Aulas. Nesta estava a descrição da atividade, a orientação quanto aos materiais, prazo, modo e local em que a atividade deveria ser postada. A partir daí, cada um se dirigia à Biblioteca para buscar o texto ou link para vídeo. Após, se encaminhava para realizar o Fórum ou postar a sua reflexão no Webfólio. As interações, no Rooda, entre alunos – professores – tutores ocorreram nos fóruns e no webfólio. Vale observar (fig. acima) que, ao acessar novamente o webfólio, um sinal verde (ponto de exclamação) ficava visível quando de um novo comentário feito por algum formador (professor ou tutor) e um ponto de exclamação vermelho aparecia quando de um novo comentário postado pelo aluno-professor. Desse modo, o webfólio, enquanto portfólio educacional em ambiente virtual de aprendizagem, constituía-se também como espaço de interação.

O fato da interdisciplina ter ocorrido no 6º semestre pode ter sido fator relevante para a observada facilidade no uso da plataforma, pois os alunos-professores já a vinham utilizando por 5 semestres.

Optamos neste momento por compartilhar interações ocorridas no webfólio, dado que o fórum - como a nomenclatura indica - contém a ideia de interlocução.

Ressaltamos que os ciclos de interações selecionados são oriundos do webfólio e formados por duplas diferentes, e tendo em vista o resguardo da privacidade, utilizamos "Tutor(a)" e "Aluno(a)". Cabe destacar que a referência a ciclos de interação se dá quando observamos movimentos, de outro modo, sequência de posicionamentos em determinada interação.

A seguir, um ciclo de interações, realizada a partir de atividade que consistia no desenvolvimento de argumentos sobre a relação entre 3 conceitos, a partir da leitura de determinado texto e considerando o cotidiano escolar.

> Comentário 2a: Olá "Aluno(a)"! Você destaca aspectos importantes do ensaio de Adorno. Em especial, chama a atenção para a solução para que Auschwitz não se repita: você aponta o estudo das mentes distorcidas. Exatamente. Mas, Adorno não menciona outras soluções possíveis? Se sim, quais seriam elas? Comente aqui mesmo.
>
> Resposta Com. 2a: Sim. O autor coloca que: "...tenho em mente dois aspectos: primeiro a educação infantil sobretudo na primeira infância: depois o esclarecimento geral criando um clima espiritual, cultural e social que não dê margem a uma repetição, um clima portanto, em que os motivos que levaram ao horror se tornem conscientes na medida do possível." Esta parte do texto era quase óbvia e não coloquei. Creio estar completo agora.
>
> Segunda Resposta Com. 2a: O autor afirma que os cuidados com a infância devem ser especialmente valorizados e que esta é uma fase de grande importância para o desenvolvimento de mentes sadias e dispostas ao bem. Ele também coloca, e aqui retorno ao meu texto primeiro onde expressei a necessidade de todos os seres humanos terem uma família que os ame e apoie para que cresçam e se desenvolvam pensando no bem da humanidade.
>
> Comentário 2 b: Parabéns pelo aprofundamento da questão, "Aluna"! Seus argumentos estão claros acerca das soluções possíveis!

Ambos apontam para questões da atividade. Inicialmente há um movimento para que a questão seja desenvolvida – um convite ao diálogo (Santos, 2013). No entanto, primeiramente a aluna age para responder a questão do texto, depois retoma fazendo outro comentário, trazendo novas articulações.

Abaixo um ciclo de interação referente à terceira atividade da interdisciplina,

que consistia em algumas reflexões a partir da temática de um filme.

> Comentário 3: Olá, "Aluno(a)". Tua construção textual demonstra que és uma professora bem atenta aos detalhes. Apontas em tua reflexão detalhes bem importantes do filme e revelas de que forma um professor deveria agir em momentos difíceis. Na verdade 25 anos depois o professor corrige o seu erro e pede desculpas. A humildade deve fazer parte dessa nossa profissão. O teu texto está bem articulado. Atingiste o objetivo da atividade, parabéns. Um abração. "Tutor(a) A".
>
> Resposta Com. 3: Oi "Tutor(a)". Agradeço muito aos elogios. Eu gostei muito do filme. Eu tinha esquecido de mencionar o fato do pedido de desculpas do professor e acrescentei mais esta parte ao meu trabalho! Abraços.
>
> Comentário 3a: Olá "Aluno(a)". Na verdade esta é uma parte muito importante, pois demonstra a humildade do professor. Abs, "Tutor(a)"
>
> Resposta Com. 3a: Olá "Tutor(a)". Coloquei o espaçamento de 1,5 entre as linhas e justifiquei meu texto, considerando o que você comentou na atividade "O ensaio de Adorno". Abração.

Acima acompanhamos várias situações: tutor(a) reconhece o empenho da aluna e destaca trechos da reflexão da mesma. Aluna reconhece a ênfase na temática trazida pelo tutor e complementa seu texto. O diálogo continua, pois tutor(a) menciona um novo conceito, "humildade". E a aluna mantém a conversação, fazendo referência a uma observação feita pelo tutor(a) em outra atividade.

Caso 2:: A escolha pela plataforma Edmodo deu-se pela professora de Práticas em Comunicação em Rede da especialização em Educomunicação da ECA-USP, já que faz parte da disciplina mostrar e discutir com os alunos uma diversidade de ferramentas para uso na prática educomunicativa. O que se objetivava naquele momento era a experimentação de mais uma ferramenta como uma alternativa à comunicação que já ocorria via Facebook, especialmente pelo fato de que se partilhava, via rede, material de leitura que necessitava de maior privacidade para sua circulação.

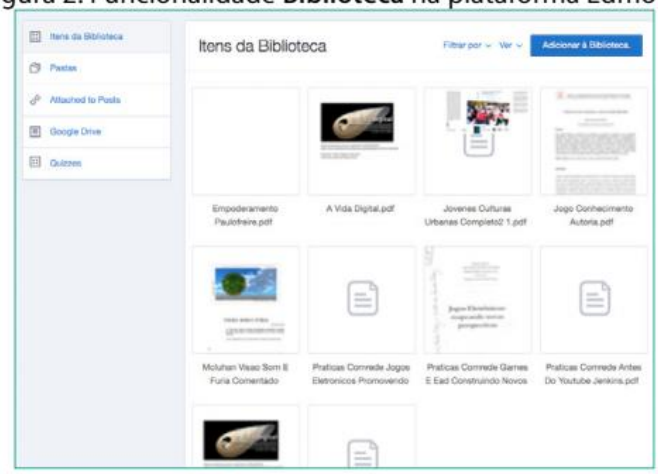
O fato de que a turma em questão já vinha usando a rede social Facebook para a comunicação entre eles e seus professores foi um fator para a escolha da plataforma Edmodo, já que ela apresenta uma interface semelhante a do Facebook,

inclusive com botões like, resposta e, ainda, compartilhar. Além disso, o uso dos mesmos tons de azul do Facebook, além de uma semelhante disposição das informações, é o que, provavelmente, também provoca nos usuários acostumados ao Facebook a ideia de facilidade na compreensão de sua utilização. Em pesquisa realizada (Kongcha, 2012) a plataforma foi percebida pelos usuários questionados como uma rede social online de aprendizagem, o que nos revela sua percepção como ferramenta altamente amigável.

As três disciplinas do módulo III (Práticas em Comunicação em Rede, Planejamento e Gestão de Educomunicação, e Cultura Digital) do curso de especialização em Educomunicação participaram da experiência de utilização da plataforma. Apresentaremos aqui uma discussão a partir da experiência na disciplina Cultura Digital, de responsabilidade de uma das autoras deste relato. O total de participantes foi de 22 membros, sendo 17 o número de alunos.

A plataforma Edmodo é de utilização gratuita e reconhecida como uma ferramenta de administração da sala de aula e, como tal, a sua interface é organizada. Na disciplina utilizamos o espaço nomeado Biblioteca para a disponibilização de material de aula; usamos o espaço para a colocação de tarefas aos alunos; posts de diálogo entre aluno e professor, bem como posts abertos a todos os membros. Há também espaço previsto somente para a comunicação entre os professores, denominado Sala virtual dos professores, o qual foi utilizado para a comunicação entre os três professores do módulo.

Figura 2: Funcionalidade **Biblioteca** na plataforma Edmodo



Fonte: arquivo de Arlete Petry, 2015.

Temos de lembrar que a utilização da plataforma deu-se fora do espaço/tempo das aulas presenciais, sendo uma espécie de extensão das mesmas. Como atividade complementar, embora o uso da plataforma tenha sido a maneira adotada pelos professores para que os alunos viessem a conhecê-la, foi um espaço no qual pode-se verificar a positiva resposta dos alunos, bem como as interações colaborativas entre eles. A seguir mostramos exemplos disso, resgardando a identidade dos alunos.

A partir de uma tarefa solicitada aos alunos estabeleceu-se um diálogo entre aluna e professora. A aluna responde à tarefa com uma detalhada investigação bibliográfica do solicitado. No mesmo dia a professora responde à aluna e seguem-se mais comentários:

> Professora: Muito boa sua busca de compreensão da palavra "palinódia". Observe que no sentido de retratação pública ou mesmo no sentido de assumir posição diferente da anterior, inclui-se a possibilidade de pensar e dizer de forma diferente e, inclusive, oposta ao dito e pensado anteriormente.
>
> Aluna A.: Obrigada professora, é! cabe ao termo essa flexivilidade, ou seja, a possibilidade de uma reflexão e mudança constante em benefício da construção de um conhecimento em progressão continua.
>
> Professora: Gosto muito de uma ideia que li em Blaise Pascal, pensador do século XVII: às vezes para irmos para a frente temos de voltar para trás. Faz sentido para você?
>
> Aluna A.: Pensando no exposto por Bairon em hipermídia, faz sentido, sim, já que, por exemplo em artes se ensina que não se deve jogar fora nenhum dos rascunhos feitos desde o início do projeto até o final, estes rascunhos são constantemente revisados, as vezes o artista retoma a idéia de um dos projetos feitos, mudando a perspectiva final da obra... portanto cada rascunho, é um estudo importante ao qual pode-se voltar as vezes que sejam necessárias. Mesma coisa acontece no design que se baseia na inda e vinda de idéias, retomando-as, quando for necessário. Assim, é! para irmos para a frente muitas vezes é muito saudável voltar para trás.

Queremos ressaltar que as respostas recebidas sem muito demora, de ambas as partes, parece facilitar a continuidade do diálogo, como mostra essa sequência de interações ocorridas em um mesmo dia. Este aspecto, já foi detectado por

Kenski (2008) em artigo no qual refere que a frequência das interações didático-comunicativas é fator de êxito das iniciativas de ensino-aprendizagem via rede.

No exemplo a seguir podemos verificar uma situação na qual a professora remete o contato realizado por um aluno em particular para o grupo como um todo. Sugerindo ao aluno que repasse aos demais colegas a informação que lhe foi fornecida, objetiva que ele faça o movimento de ir ao encontro dos demais. Vejamos como isso se deu:

> Aluno B.: Profª Arlete, por gentileza, poderia informar novamente que texto deve ser lido para a próxima aula (27/9)?
>
> Professora: Olá B. Vamos trabalhar a respeito de Jogos na próxima aula, pois o tema seguirá com profa Luci no sábado. Para isso leiam o texto A relação entre Jogo, Conhecimento e Autoria na produção Hipermídia (básico). Sugiro também o texto: Heavy Rain ou o que podemos vivenciar com as narrativas dos jogos digitais (complementar). Por favor, avise aos demais colegas. Abraços.
>
> Aluno B.: Ok,professora! Obrigado!

Após o aluno B repassar a informação (fornecida na aula presencial anterior), a aluna C, espontaneamente, facilita o acesso dos colegas ao texto. Informa ao grupo da seguinte maneira:

> Aluna C.: Pessoal, publiquei o texto "A relação entre jogo ...", da Profª. Arlete, é só clicar em Backpack. Besos.

Nessa última interação verifica-se que a colaboração espontânea, entre os alunos, também apareceu. Não podemos afirmar com segurança, qual a motivação da aluna C. para esse comportamento colaborativo. Entretanto, podemos levantar a hipótese de que, quando a professora opta por solicitar ao aluno B. que reencaminhe a resposta aos colegas, abdicando ela mesma de o fazer, abre-se um espaço maior de interação entre os alunos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na gestão das duas experiências podemos dizer que a fundamentação teórica para nossas ações esteve fortemente alicerçada em princípios da Educomunicação,

especialmente no que se refere ao protagonismo e ao direito de expressão dos sujeitos participantes de ambos os processos, à experiência de compartilhamento e ao dialogismo (Freire, 2002).

Essas experiências nos sugerem que 1) o design já conhecido das plataformas facilita a aceitação dos ambientes virtuais de aprendizagem; 2) o desejo de dialogar é fortalecido pelas relações subjetivas que se estabelece entre os participantes; 3) a lógica da descoberta de novos conhecimentos é propulsionadora para a manutenção do diálogo; 4) para que o diálogo ocorra - diferentemente de um monólogo a dois - é necessário que a disposição para o mesmo exista ao menos por parte de um par de participantes.

O compartilhar e o diálogo apareceram nas experiências relatadas como proposições ativas a serem realizadas no decorrer das interações comunicacionais em ambientes virtuais de aprendizagem. Ações desenvolvidas com essa dinâmica comunicacional e mediadas pela alfabetização midiática e informacional mostraram contribuir para a formação de sujeitos engajados em suas aprendizagens, como mostramos pelos relatos colhidos dos participantes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carvalho, M. J.; Nevado, R. A. de & Bordas, M. C. (2006). **Guia do Professor**: Curso de Licenciatura em Pedagogia a Distância. Porto Alegre: FACED/UFRGS.

Edmodo Plataforma social de aprendizagem (2015). Disponível em: http://www.edmodo.com. Acesso em: 13/04/2015.

Kenski, V. Educação e Comunicação: interconexões e convergências. In: **Educação e Sociedade**, v. 29, p. 647-666, Campinas, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010173302008000300002&script=sci_arttext&tlng=. Acesso em: 23/04/2015.

Kongchan, C. (2012). How a non-digital-native teacher makes use of Edmodo. In **International Conference "ICT for language Learning" 5 ed**. Disponível em: http://conference.pixelonline.net/ICT4LL2012/common/download/Paper_pdf/90-IBT18-FP-Kongchan-ICT2012.pdf. Acesso em: 12/04/2015.

Sanders, K. Ed (2012). **An examination of the academic networking site Edmodo ou student engagement and responsible learning**. (Dissertação). Disponível na ProQuest Dissertations and Theses database. (UMI No. 3523217). Acesso em: 22/04/2015.

Santos, V. (2013). **Ágora Digital**: o cuidado de si no caminho do diálogo entre tutor e aluno em um ambiente virtual de aprendizagem. Jundiaí: Paco.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul.(2015). **Rede Cooperativa de Aprendizagem**. Disponível em: https://ead.ufrgs.br/rooda/rooda.php. Acesso em: 10/03/2015.

Freire, P. (2002) **Comunicação ou Extensão?** Rio de Janeiro: Paz e Terra.

•● AS AUTORAS ●•

Arlete dos Santos Petry é Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUCSP, Mestre em Educação pela UNISINOS. Pós-doutorado pela Escola de Comunicações e Artes da USP e pela Universidade de Toronto (Canadá). Autora de "Jogo, Autoria e Conhecimento: fundamentos para uma compreensão dos Games". E-mail: arletepetry@gmail.com.

Vanice dos Santos é Docente no Programa de Pós-graduação em Educação (UNIPLAC). Dra em Educação (UFRGS). Mestre em Filosofia (UNISINOS). Líder do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino de Filosofia e Educação Filosófica (NESEF) – Regional Planalto Catarinense, cadastrado no CNPq. E-mail: vanicedossantos@gmail.com.

EDUCOMUNICAÇÃO E FILOSOFIA: uma experiência de jornal mural temático como prática educomunicativa na formação inicial de professores

Maria José Netto Andrade

1. INTRODUÇÃO

A Educomunicação surgiu para acolher as interações entre comunicação e educação no espaço escolar e mesmo fora da escola, constituindo-se como o lugar do diálogo e da criticidade sobre as finalidades e a atuação social dos meios de comunicação, beneficiando-se das tecnologias da informação e comunicação, mas colocando em primeiro plano a influência dos processos comunicativos na vida social. Na prática escolar, professores e estudantes tornam-se parceiros no processo de produção de conteúdos que ganham visibilidade por meio de programas de rádio, jornais, vídeos, blogs, dentre outros.

Acreditando no potencial da Educomunicação para a prática da Filosofia no Ensino Médio, participamos de um grupo interdisciplinar integrado por estudantes de extensão e uma professora do Curso de Comunicação e Jornalismo, em 2013, para estudos de fundamentação teórica e oficinas de capacitação sobre o uso de recursos de comunicação. No ano de 2014, o grupo ampliou-se com a participação de bolsistas do Pibid de História.

Dentre as ações resultantes desta parceria encontra-se a produção de **jornal mural temático**, concretizada pelos participantes do Pibid Filosofia, enquanto professores em formação, intencionados no desenvolvimento desse tipo de prática junto aos estudantes do Ensino Médio.

O uso de jornal mural escolar não constitui por si só uma novidade. Muitas escolas o utilizam para divulgação de notícias e mesmo para dar visibilidade às produções dos estudantes, principalmente em Língua Portuguesa. O que nos chamou a atenção foi a possibilidade de usá-lo também em aulas de Filosofia como uma forma de incentivar a produção textual com estudantes do Ensino Médio, direcionada para temas e problemas que fazem parte das discussões filosóficas em sala de aula.

O "temático" a que nos referimos permite o diálogo com a realidade do estudante de modo a captar o interesse e sensibilizar para debates críticos e argumentativos sobre temas e problemas filosóficos tratados durante as aulas, extraídos das diversas áreas do conhecimento filosófico, tais como valores, ética, moral, política, conhecimento, mediando a vivência cotidiana dos estudantes e a

experiência com a Filosofia.

No Brasil, a consolidação do campo da Educomunicação é atribuída aos estudos e produções do prof. Ismar de Oliveira Soares (USP) e ao grupo de pesquisadores do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da USP, materiais que foram utilizados como suporte teórico para o trabalho desenvolvido, dentre outros.

O presente relato socializa, de forma sucinta, a experiência de construção coletiva de um jornal mural temático e sua importância na formação docente dos estudantes de Filosofia, participantes do PIBID da Universidade Federal de São João del-Rei.

2. FUNDAMENTANDO A PRÁTICA

O processo de democratização das tecnologias, nos últimos anos, tem representado um grande impulso para a Educomunicação. Num primeiro momento, graças ao incentivo ao uso individual das várias tecnologias, num intuito visivelmente comercial, nos tornamos mais do que seus beneficiários, seus consumidores fascinados, o que nos leva à crescente necessidade de comprar e de conhecer o funcionamento dos vários equipamentos disponíveis, para seu manuseio mais eficiente (tecnoinformação).

Mas as tecnologias são mais do que objetos de consumo. Elas podem ser instrumentos a favor da prática docente. Nesse sentido o uso da Internet e dos meios de comunicação favorecem as práticas educomunicativas. Sobre o papel da tecnologia Barbero (2014, p. 12) afirma "que até agora a presença da tecnologia comunicativa e informática na escola não plasma transformações nem incentiva a inovação". Em sequência, ele reflete que "localizada no exterior do modelo pedagógico e comunicativo, a tecnologia só pode contribuir para modernizar a 'decoração' do ensino, e não para transformação radical das estruturas ou metodologias, tampouco para as práticas de aprendizagem" (BARBERO, 2014, p. 12).

A Educomunicação surge, nesse contexto, como uma possibilidade dialógica e de transformação das práticas de aprendizagem. Ela não se contenta em conhecer

os vários equipamentos, nem em reforçar o caráter decorativo da tecnologia, pois almeja o empoderamento social dos estudantes para a prática cidadã. Portanto, não reforça atividades individuais, mas o uso coletivo dos meios para a valorização do indivíduo que deve trabalhar socialmente. Ao propor o trabalho coletivo, a Educomunicação incentiva as práticas de interação na escola e melhora as relações interpessoais entre direção, professores e estudantes. Soares considera que

> o professor necessita ser reeducado não apenas para deixar de ser o transmissor de conteúdos mas também para tornar-se um desenvolvedor de questionamentos. Mais do que nunca, a adoção de novas tecnologias exige que os educadores aprendam a dialogar com seus alunos para que consigam mediar uma troca mais aprofundada de argumentos e procedimentos voltados ao desenvolvimento de atitudes críticas (SOARES, 2014, p. 28).

Esta fala nos alerta sobre a necessidade de repensarmos a formação de professores, incorporando nela procedimentos mais dialógicos e problematizadores acerca do mundo comunicacional que vivenciamos na atualidade. Soares (2002, p. 17) cita também conclusões do Fórum sobre Mídia e Educação (1999), promovido pelo MEC, destacando que é preciso reconhecer "a inter-relação entre comunicação e educação como um novo campo de intervenção social e de atuação profissional, considerando que a informação é um fator fundamental para a educação".

Pensando na formação de professores, em que sentido a Educomunicação pode contribuir para a prática da filosofia na escola de formação (Universidade) e com estudantes do Ensino Médio?

Dentre os documentos oficiais destacam-se os **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – PCNEM** (1999) e as **Orientações curriculares para o ensino Médio – Ciências Humanas e suas tecnologias – conhecimentos de Filosofia** (2008). Nesses documentos estão explicitadas as habilidades e competências em Filosofia a serem desenvolvidas com estudantes do Ensino Médio. Uma dessas habilidades direciona a prática pedagógica de filosofia para "ler de modo filosófico textos de diferentes estruturas e registros" (ORIENTAÇÕES, 2008, p. 33) tais como: literatura, imagens, vídeos, notícias, reportagens, crônicas, artigos de opinião, propagandas, tirinhas, entrevistas. A aquisição dessa habilidade precisa ser incluída na formação inicial de professores para que, posteriormente, possam

desenvolvê-la nas salas de aula com os jovens.

As práticas educomunicativas podem tornar as aulas de Filosofia mais dinâmicas, ao permitirem o direcionamento do **olhar filosófico** para textos produzidos sem propósito filosófico explícito, mas que são capazes de dialogarem diretamente com a realidade dos jovens. Entendemos aqui por **olhar filosófico** um olhar "analítico, investigativo, questionador, reflexivo, que possa contribuir para uma compreensão mais profunda da produção textual específica que tem sob as vistas" (PCNEM, 1999, p. 338), mas considerando também os referenciais interiorizados a partir de um diálogo com a tradição filosófica. Esses materiais produzidos sem preocupação filosófica podem sensibilizar os estudantes para temas e problemas a serem investigados, posteriormente, em textos da tradição filosófica. Gallo (2012) entende por sensibilizar a capacidade de chamar a atenção, afetar, criar empatia, incorporar um problema ou tema. Além da apropriação de materiais produzidos por outros, é sempre desejável que os estudantes sejam ativos na produção de seus diversos textos. As práticas educomunicativas podem fazer essa mediação, criando oportunidades para o estudante tornar-se sujeito do processo de ensino-aprendizagem.

Em que consiste a capacidade mediadora, em especial, dos textos de circulação social, para a discussão filosófica em sala de aula?

Os diferentes textos de circulação social são capazes de sensibilizar mais diretamente os jovens para questões da atualidade, pois estão mais próximos de suas experiências cotidianas. Mas, além de seu potencial sensibilizador, eles permitem uma etapa importante, sem a qual a discussão filosófica não se efetiva, que é a possibilidade de serem problematizados. Isso significa que a partir de uma notícia, por exemplo, é possível levantar uma série de perguntas que podem ser discutidas, inicialmente a partir da experiência do estudante, mas que devem ser instigadoras de diálogo com a tradição filosófica, considerando, assim, o pensamento de um filósofo e seu arcabouço conceitual, o que poderá nos ajudar a compreender melhor as questões elencadas a partir da notícia.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) já apontam nessa direção quando afirmam que é próprio da leitura significativa em Filosofia desenvolver competências tais como problematizar, refletir sobre os conteúdos,

analisar "e criticar, de modo rigoroso, conceitos, proposições e argumentos, valores e normas, expressões subjetivas e estruturas formais" (PCNEM, 1999, p. 335). O referido documento adverte que essas competências [...] "extrapolam o alcance de um curso de Filosofia meramente disciplinar. Seria preciso ir além disso e trazer para a prática cotidiana do aprender a filosofar (na medida do possível) alguns casos exemplares de outros textos, em diferentes suportes, que não o texto especificamente filosófico" (PCNEM, 1999, p. 338). Prossegue o documento, defendendo que

> A competência de leitura filosófica de outros discursos significa, por certo, a capacidade de problematizar e refletir a partir das estruturas e registros específicos desses discursos, isto é, lê-los com um olhar crítico. Isto pode ser traduzido também, mas não necessária ou unicamente, no exercício do reconhecimento de orientações filosóficas, refletidas ou não, originais ou não, que, eventualmente, possam habitar neles. De qualquer modo, o desenvolvimento dessa competência supõe a capacidade de articular referências culturais em geral e, mais especificamente, a capacidade de articular diferentes referências filosóficas e diferentes discursos. (PCNEM, 1999, p. 339).

É possível concluir a partir dessa orientação dos Parâmetros que a produção de um jornal mural, por exemplo, pode exercer função mediadora entre estudantes e conteúdos da Filosofia.

Para exemplificar essa capacidade mediadora, temos uma das notícias do jornal mural, intitulada "**Intervenções**" **nas portas dos banheiros da UFSJ**, que informou sobre o aparecimento de várias frases escritas de forma sistemática nas portas dos banheiros dos três **campi** da UFSJ. Esses escritos estão relacionados, em sua maioria, com questões como liberação do aborto e homossexualidade, apresentando disputas ideológicas e defesas de argumentos favoráveis e contrários. Foram entrevistadas, então, três pessoas integrantes da comunidade acadêmica, a fim de opinarem sobre o assunto. Para um dos entrevistados os escritos nas portas representavam uma afronta à liberdade individual dos outros, já que, segundo ele, "eu não sou obrigado a ficar lendo essas coisas durante um momento particular". Outro entrevistado não deu importância a tais intervenções e afirmou mesmo que "reparou que havia algo escrito, mas não parou para ler". O terceiro entrevistado não sabia do que se tratava.

Eis algumas perguntas possíveis, extraídas da notícia, pelo leitor, e que podem orientar discussões filosóficas: Essas "intervenções" representam liberdade de expressão? O que é liberdade de expressão? Essas "intervenções" ferem as liberdades individuais dos outros usuários dos banheiros? O que podemos entender por liberdade? Escrever nas portas dos banheiros é um meio adequado para protestar ou promover discussão sobre esses assuntos? Como compreender a relação entre o público e o privado? Como conviver com a diversidade e as diferenças? Pelo menos dois pensadores podem ser chamados para um diálogo com os estudantes e, assim, fundamentarem a discussão: Jean-Paul Sartre e seu conceito de liberdade responsável, seus estudos sobre as relações com o Outro e o poder do olhar alheio; Hannah Arendt e seus estudos sobre espaço público e privado.

Experiências anteriores à parceria da Filosofia com a Educomunicação, já demonstravam o diálogo possível entre as duas áreas. No currículo do curso de Filosofia da UFSJ, consta o oferecimento de duas unidades curriculares, a saber, Didática do ensino de Filosofia e Oficina de Filosofia que contemplam, além de outros conteúdos importantes para a formação dos licenciandos, o trabalho com textos de circulação social, leitura crítica de jornais e propagandas. As atividades, em sala de aula, com textos que circulam socialmente, como jornais, revistas, letras de música, propagandas, contribuem para valorizar a experiência cidadã do estudante da escola básica, fora do espaço escolar. Trazer para o espaço escolar um pouco da vivência cotidiana do estudante ajuda a diminuir a distância entre o que se faz no espaço escolar e o que se vive socialmente.

Ler de forma crítica o que circula socialmente é uma forma de atuar na sociedade, participar, questionar e refletir sobre os acontecimentos. Nesse sentido,

> Compete à escola fornecer aos alunos os instrumentos para se tornarem leitores críticos não só de textos, mas do mundo que os cerca. Fazê-los perceber que os jornais não são neutros, nem puras as suas informações. As idéias neles veiculadas expressam os interesses e ideologia dos seus editores e colaboradores (VIANA; SILVA, 2013, p. 95-96).

A leitura não para na esfera da compreensão, pois exige reflexão e o que se espera é que esse exercício reflexivo influencie o agir social, principalmente quando se identificam nos materiais de circulação social as marcas da manipulação e da

imposição de ideologias. Por exemplo, confrontar notícias sobre o mesmo assunto em vários jornais, distribuídos no mesmo dia, é uma atividade interessante para desenvolver com os estudantes a leitura crítica de jornais. "Um assunto de interesse veiculado pela imprensa e escolhido para estudo em sala de aula pode requerer uma série de outros conhecimentos, dando origem a um ensino menos abstrato" (VIANA; SILVA, 2013, p. 96). Logo, antes de produzir textos de circulação social, os estudantes devem estar habituados à leitura crítica dos mesmos.

A opção pela feitura de um jornal mural escolar deu-se em decorrência de sua capacidade de estabelecer boa comunicação sem a necessidade de aparato tecnológico, o que nem sempre se encontra disponível nas escolas ou em condições de uso ideais. O jornal mural ultrapassa a sua função informativa, pois se constitui também como "espaço lúdico, estético, crítico, formativo" (FARIA; ZANCHETA JR, 2012, p. 154). Cabe aqui ressaltar a importância do processo de produção do jornal em relação ao próprio resultado final, pois se torna mais relevante valorizar a experiência de trabalho coletivo.

Além do que foi dito acima, algumas condições são essenciais para que os estudantes valorizem e queiram construir um jornal mural. Essas condições serão respeitadas quando o jornal mural

> [...] efetivamente for um espaço de produção e de circulação de textos de interesse comum; estiver garantido o espaço na sala de aula para a discussão e opção dos grupos, transformando-se tais opções em subsídios para o trabalho pedagógico do professor; tiver como avaliadores não apenas o professor, mas também os leitores para os quais o JM foi produzido. (FARIA; ZANCHETA JR., 2012, p. 154)

Da afirmação acima, pode-se inferir que a produção de um jornal mural será bem sucedida se levar em conta o grau de interesse e capacidade de discussão do grupo sobre o que será produzido, o uso pedagógico feito pelo professor em sala de aula, o comprometimento de todo o grupo na avaliação do processo e do resultado.

3. EXPLICITANDO OS CAMINHOS

Embora uma boa fundamentação teórica seja necessária para a formação de

futuros docentes, não se pode afirmar que ela seja suficiente. A disjunção entre teoria e prática parece ser uma discussão superada entre educadores. O Pibid, enquanto programa de iniciação à docência deve promover a junção entre esses dois momentos, ligando os estudos de fundamentação teórica e a vivência que os bolsistas precisam ter da realidade da escola. O resultado é o incentivo a práticas inovadoras e interdisciplinares. Desse modo, produzir textos de circulação social e usá-los como mediação para a discussão filosófica reforça o lema de que se aprende melhor, fazendo, num processo de apropriação teórico/prático.

A produção coletiva de um jornal mural temático levou os pibidianos de Filosofia ao conhecimento das estruturas e das técnicas de produção de textos de jornal. Como preparação, os bolsistas participaram de oficinas de capacitação sobre os momentos necessários à construção de um jornal mural e a estrutura do gênero notícia, ministradas por bolsistas do programa de extensão VAN-Vertentes. Uma das oficinas trabalhou a composição de um jornal mural a partir de jornais impressos regionais, como uma vivência do grupo. Houve também uma experiência piloto em escola pública, parceira do Pibid, com produção de jornal mural em duas turmas do Ensino Médio.

A metodologia para a produção desse jornal mural, de caráter temático, exigiu uma série de definições em sua reunião de pauta. Os temas escolhidos pelo grupo foram Liberdade e Diversidade, os leitores visados foram os estudantes e professores do **campus** Dom Bosco, sendo o local da exposição do jornal o pátio interno, lugar de maior circulação dos estudantes.

Os gêneros textuais escolhidos para a composição do jornal foram: editorial, notícia, artigo de opinião, crônica, perfil, enquete, fotografias e entretenimento (com sugestões de filmes, poesia, tirinha, palavras-cruzadas). **Eunomia** foi o título atribuído ao jornal, palavra grega que significa "a igualdade de todos perante a lei". Após a distribuição das tarefas às duplas responsáveis por cada gênero textual, houve a produção e posterior revisão dos textos, finalizando com a montagem do mural, seguindo o padrão estético escolhido pelo grupo.

A primeira notícia publicada informava sobre a Semana da Diversidade Sexual, tendo como manchete: **Movimento LGBT reivindica "liberdade prática"** - Alunos e professores da Universidade Federal de São João del-Rei se unem para combater

a homofobia e anseiam por uma "real liberdade". A segunda notícia fez referência às frases escritas em um banheiro feminino do **Campus** Dom Bosco. Dentre as várias frases, destacou-se a que se referia à liberação do aborto. O título escolhido para a notícia foi: "Intervenções" nas portas dos banheiros da UFSJ – Liberdade de expressão ou invasão à privacidade?

Sobre os outros gêneros, o artigo de opinião versou sobre liberdade e diversidade (**Nada melhor do que o bom senso**) e as duas crônicas foram intituladas: **Como funciona a dialética na coisa privada e Liberdade Comercial**. Para a elaboração do perfil, foi entrevistado um professor de história da educação que leciona nos cursos de Pedagogia e Filosofia. A matéria recebeu o título **Um homem voltado para a natureza e a espiritualidade**, trazendo a foto do entrevistado em uma visita ao Monte Roraima.

Quanto à enquete sobre liberdade de expressão no **campus**, feita com estudantes de diferentes cursos (História, Filosofia, Pedagogia, Biologia, Letras e Psicologia), esta teve como fio condutor a seguinte pergunta: Você considera que seu direito à liberdade de expressão, em todos os âmbitos, é respeitado dentro da UFSJ? Em torno de cinquenta e um por cento dos entrevistados responderam que sim, enquanto quarenta e um por cento responderam que não, dois por cento responderam que "às vezes".

O ensaio fotográfico apresentou um olhar sobre a diversidade no **campus**, mostrando grupos de estudantes de diversos cursos, exibindo em pequenos cartazes os nomes dos cursos e suas cidades de origem. Na parte de entretenimento, foram publicadas indicações de três filmes: Batismo de Sangue, Sonho de Liberdade e Gandhi. A poesia **Liberdade em detrimento do diferente**, escrita por um dos bolsistas também fez parte do mural, assim como a tirinha **Intolerância camuflada** que apresentava um olhar crítico sobre a homofobia. A opção pela publicação de palavras-cruzadas teve um efeito inovador de interação com os leitores. Um envelope afixado no jornal continha várias cópias para que os leitores pudessem retirar uma delas.

Vale enfatizar o processo dialógico na elaboração das matérias. Vários encontros foram necessários para a produção do jornal mural. Definida a temática geral – Liberdade e Diversidade – partiu-se para a escolha dos assuntos que seriam

contemplados nos diversos materiais selecionados para a composição do jornal. Em duplas, cada uma assumiu um gênero textual. O passo seguinte foi pensar como seriam produzidos esses materiais, para isso foi preciso ouvir as sugestões e argumentos dos colegas sobre os temas menores que seriam mais adequados e relevantes para o propósito em questão. A equipe do Pibid Filosofia solicitou a ajuda dos colegas do projeto VAN, que ministraram oficinas sobre a estrutura da notícia, além de buscarem informações em livros e artigos de Internet. Durante o processo de elaboração dos diversos gêneros textuais, todo o material produzido foi socializado com o grupo todo, admitindo sugestões sobre estrutura, conteúdos e qualidade da escrita. A montagem final envolveu a equipe na tentativa de melhor posicionar os diversos materiais.

Para finalizar o processo de construção do jornal mural, os participantes do Pibid Filosofia juntamente com os bolsistas do programa de extensão **VAN-Vertentes** (**Agência de notícias interativa no Campo das Vertentes-MG: uma proposta de extensão sob a égide da Educomunicação**) avaliaram, juntamente com a professora coordenadora do programa, forma e conteúdo dos gêneros textuais publicados, bem como a estética do jornal.

4. SOBRE OS RESULTADOS

O resultado concreto da ação interdisciplinar entre a Filosofia e a disciplina Educomunicação, ministrada no curso de Comunicação e Jornalismo, foi a produção e exposição do jornal mural temático intitulado **Eunomia**, no pátio do **Campus** Dom Bosco.

As contribuições para a formação dos pibidianos, como futuros docentes de Filosofia, foram significativas. Podemos destacar a vivência coletiva de prática inovadora para o ensino de Filosofia, que confirmou a importância de ações que integram, em seu desenrolar, teoria e prática na formação de professores.

O processo de produção do jornal mural foi mais significativo para o aprendizado dos bolsistas do que o próprio resultado final, pois permitiu que conhecessem melhor o cotidiano da Universidade, ao circularem pelos espaços, conversarem com as pessoas, endereçando ao **campus** um olhar mais curioso, atento e reflexivo.

Na elaboração das várias matérias, foi necessário o convívio com diferentes

opiniões. Tendo como temática geral Liberdade e Diversidade, o jornal abordou assuntos polêmicos, tais como aborto, homossexualidade e homofobia. A própria definição desses assuntos gerou uma boa conversa inicial. Definidos os assuntos, nas entrevistas utilizadas como fontes para as matérias os bolsistas se depararam com as posições diferentes dos entrevistados. Avaliar a qualidade do material de entrevista e permitir que os vários posicionamentos tivessem espaço equilibrado nas notícias foi uma tarefa para vários encontros. O processo de escrita foi trabalhoso e demandou correções, mas foi um aprendizado importante para o grupo, quando se considera que a experiência de escrita dos estudantes de Filosofia prima pela forma dissertativa. Produzir, valorizar e se apropriar para o trabalho com a Filosofia na escola de diferentes gêneros textuais foi um aprendizado importante para a formação de todos. Quanto à equipe de Jornalismo e Comunicação, esta pôde perceber o potencial reflexivo dos diversos gêneros, bem como a importância de seu uso na escola como componente para a formação crítica e cidadã dos estudantes. As diferenças de formação e de práticas entre os dois grupos se transformaram, por meio de um diálogo constante, em enriquecimento mútuo.

A consolidação da parceria com a disciplina de Educomunicação e com o projeto de extensão VAN-Vertentes deu-se pela continuidade do grupo de estudos, com a previsão de novas oficinas, em 2015, agora com o intuito de preparar pequenos documentários.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do jornal mural **Eunomia** representou a vivência coletiva de prática pedagógica inovadora para o ensino de Filosofia, bem como exemplificou concretamente a integração entre teoria e prática na formação de professores, valorizando o fazer como forma eficiente de aprendizagem. A feitura do jornal propiciou aos pibidianos a reflexão sobre a realidade cotidiana do espaço escolar (no caso a realidade do **campus**), o convívio com diferentes opiniões, a prática do trabalho em equipe, o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico.

Estudiosos da Educomunicação defendem que os cursos de Licenciatura precisam revolucionar suas práticas na formação de professores. Nesse processo formativo, a Educomunicação surge como uma necessidade ao permitir que os

estudantes sejam vistos como sujeitos dos processos comunicativos, alternando as posições entre produtores criativos de conteúdo e receptores reflexivos. Trabalhar com jornal mural escolar é apenas uma das várias possibilidades educomunicativas.

No caso da Filosofia, a adesão às práticas educomunicativas pode ajudá-la a ganhar novidade e dinamicidade em sala de aula. A produção do jornal mural temático, por exemplo, abre para novas possibilidades pedagógicas ao utilizar os textos publicados como geradores de discussão e reflexão crítica em sala de aula, e mesmo para a produção de novo jornal mural com as contribuições reflexivas dos leitores.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: Conhecimentos de Filosofia. Brasília: MEC, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Brasília, MEC, 1999.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETA JR., Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de Filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e a formação de professores no século XXI. **Revista FGV online**, ano 4, n.7, p. 19-34, jan./jul. 2014. Disponível em: <http://www5.fgv.br/fgvonline/revista>. Acesso em: 20 mai. 2015.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n.19, p. 12-24, set./dez. 2000. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/comueduc/issue/view/3056>. Acesso em: 20 mai. 2015.

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão Comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n.23, p. 16-25, jan./abr. 2002. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/issue/view/3060>. Acesso em: 20 mai. 2015.

VIANA, Fernando Valeriano; SILVA, Ynaray Joana da. O jornal e a prática pedagógica. In: CITELLI, Adilson (coord). **Aprender e ensinar com textos não escolares**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013. p. 79-97. (Coleção aprender e ensinar com textos; v. 3)

• ● A AUTORA ● •

Maria José Netto Andrade é Mestre em Filosofia (UFMG), Coordenadora do Pibid Filosofia da UFSJ, Coordenadora do programa de extensão **A comunidade de investigação filosófica no Ensino Fundamental** (UFSJ), Orientadora no programa de extensão VAN-Vertentes: Agência de notícias interativa no Campo das Vertentes-MG: uma proposta de extensão sob a égide da Educomunicação. E-mail: mjnetto@ufsj.edu.br.

Heróis e educadores: duas oficinas educomunicativas desconstruindo estereótipos

Marciel A. Consani
Natália Sierpinski

1. INTRODUÇÃO

O presente relato se ocupa de duas oficinas vivenciais desenvolvidas no âmbito do curso de Licenciatura em Educomunicação entre os anos de 2013 e 2014, as quais utilizaram a linguagem das Histórias em Quadrinhos (HQs). As duas vivências foram dirigidas para públicos distintos, sendo uma, voltada para educadores e outra, para jovens estudantes — mas sempre no âmbito das práticas educomunicativas.

Cabe ressaltar que a importância das HQs, enquanto objeto de estudo da Educomunicação, deriva do fato de que elas, longe de serem apenas formas de entretenimento, pertencem ao universo midiático da comunicação contemporânea e, também, se constituem numa poderosa fonte de narrativas dada sua disseminação junto às várias gerações de leitores e também por suas possibilidades intertextuais, largamente exploradas pelo audiovisual, pela literatura, o teatro e outras formas de expressão contemporâneas. Além disso, as HQs refletem a visão de mundo manifesta por seus criadores e são concebidas dentro dos conceitos, convicções e estereótipos da sociedade em que estão inseridas (VIANA, 2011).

De nossa parte, vale ressaltar que as possibilidades educativas inerentes a esta mídia ainda foram muito pouco exploradas pelos educomunicadores, ato que justifica, em grande medida, o objeto deste relato[1].

Nosso texto está dividido em três seções principais, sendo que, na primeira abordaremos a pertinência e a importância das HQs enquanto interface educomunicativa. A segunda seção consistirá no relato propriamente dito das oficinas ministradas, as quais, observaram uma abordagem educomunicativa, de modo a fomentar os debates sobre as produções feitas pelos próprios participantes, numa dinâmica de relação horizontal (entre pares) e partindo da leitura deles acerca do material produzido. Vale ressaltar, também, que o processo de produção utilizou como material o suporte midiático impresso, na forma de revistas diversas, o que contribui de forma significativa para uma posterior leitura acerca da mídia

1 Em tempo: esta linguagem específica vem sendo explorada por um grupo de estudos em fase de consolidação que se reúne, presencialmente, desde o ano de 2013, além de compartilhar suas ações e se articular por meio da rede social Facebook.

enquanto discurso. A terceira seção tratará do aprofundamento das perspectivas que tais vivências, breves mais intensas, apontam para a Educomunicação no que se refere ao emprego das HQs em projetos pedagógicos dentro dos espaços da educação formal/escolar e, principalmente, na formação de educadores.

Ao final, expressaremos algumas considerações sobre as dificuldades encontradas no processo de produção/reflexão midiática junto aos participantes e os possíveis aportes que as vivências trouxeram a práxis educomunicativa.

2. A EDUCOMUNICAÇÃO E OS QUADRINHOS

A Educomunicação, objeto de estudos preferencial do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA-USP (NCE)[2], assenta suas bases num conjunto de práticas vivenciais semelhante àquele descrito por KAPLÚN (2002).

Tais práticas seriam orientadas pelos princípios de elaboração colaborativa e coletiva dos participantes em ações educativas comunitárias. Essas ações resultariam em produções midiáticas que, embora referenciadas dos formatos midiáticos "clássicos" (radiofonia, linguagem televisiva, jornal), extrapolariam os limites funcionalistas inerentes à comunicação que se orienta para o mercado e visa a manutenção do **status quo** social hegemônico.

Esta abordagem inicial já apontava o perfil das ações educomunicativas, pautadas na reflexão crítica concomitante à produção de conteúdo, tendo se disseminado ao longo de mais de duas décadas (desde o início dos anos 1970), até ser re-semantizado por uma extensa pesquisa levada a cabo pelo NCE e denominada "O Perfil do Educomunicador". Ela pode ser apreciada no relato de SOARES (2011):

> Para comprovar as hipóteses levantadas a respeito da presumível emergência do campo de inter-relação comunicação/educação, a equipe do Núcleo de Comunicação e Educação — NCE realizou uma pesquisa cujos instrumentos investigatórios foram: aplicação de questionário exploratório junto a uma amostragem significativa (400 questionários respondidos por 178 especialistas de 12 países do continente); entrevistas com 25 especialistas latino-americanos de reconhecido renome, além da

2 Trata-se de uma instância caracterizada como núcleo de extensão ligada à Escola de Comunicações e Artes da USP e que se dedica a identificar e estudar as interfaces sociais entre Comunicação e Educação, principalmente para sustenta projetos de intervenção pedagógica no âmbito das políticas públicas.

> promoção de workshops, seminários e de congressos para coleta de dados posteriormente incorporados ao trabalho. (Soares, 2011, 27-28).

Talvez por conta desta genealogia, tributária da vertente de Leitura Crítica dos Meios e da abordagem jornalística e radiofônica predominante nas ações dos educomunicadores, as pesquisas acadêmicas e, mesmo os projetos educativos referenciados na Educomunicação, até muito recentemente, não haviam demonstrado um interesse especial pela linguagem das HQs.

Entretanto, a presença cada vez maior de professores interessados em introduzir os quadrinhos na sala de aula e a demanda crescente que os docentes manifestam por uma "alfabetização quadrinística" (VERGUEIRO, 2004, 31), mais do que justificam o interesse da Educomunicação e de seu projeto de inserção social enquanto política pública.

A seguir, nos ocuparemos da descrição das oficinas que se constituem em objeto do nosso relato.

3. O RELATO DAS OFICINAS

3.1. A Oficina "(Des) Construindo Heróis"

A primeira oficina, denominada "(Des) Construindo Heróis" foi elaborada durante a disciplina de "CCA0299-Atividades Acadêmicas, Científicas e Culturais II"[3], obrigatória no segundo semestre do curso de Licenciatura em Educomunicação na Universidade de São Paulo. Ela foi fruto do trabalho final em grupo da disciplina, o qual destinou metade do semestre para a eleição do tema da oficina, definição das referências bibliográficas, planejamento da dinâmica e escolha dos materiais necessários.

Partindo da temática dos super-heróis com enfoque na ideologia da qual eles estão imbuídos, a ideia primordial que regeu a oficina foi a de propor a construção de um super-herói brasileiro e, depois, fazer o contraponto entre este super-herói produzido pelos participantes da oficina e o emblemático personagem das HQs americanas **Capitão América**, de modo que o fechamento da oficina estaria

3 Disponível em https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sgldis=CCA0299&codcur=27570&codhab=4.

pautado na "desconstrução", tanto da imagem do Capitão América propriamente dito, quanto dos conteúdos ideológicos presentes em suas histórias.

Nos conta MORRISON (2012) que

> "Em 1941, Captain America Comics nº1, da Marvel, trouxe um super-herói pioneiro cuja missão era revidar a ameaça "Japanazi" com tudo. Capitão América (Captain America), o maior dos super-heróis patriotas, era uma invenção de uma das maiores duplas criativas dos quadrinhos: Joe Simon e Jack Kirby. " (MORRISON, 2012, 57).

Neste ponto, convém apresentar, também, a definição de alguns termos a que acabamos de nos referir. Assim, por "Ideologia" consideramos a perspectiva marxista definida como "uma distorção do pensamento que nasce das contradições sociais e as oculta. Em consequência disso, desde o início, a noção de ideologia apresenta uma clara conotação negativa e crítica" (BOTTOMORE, 1983. p. 183-184).

Em adendo, quando mencionamos o procedimento de "Desconstrução" oriundo da obra de Jacques Derrida e que significa a "deposição decomposição de uma estrutura". Em sua definição derridiana, remete a um trabalho do pensamento inconsciente ('isso se desconstrói'), e que consiste em "desfazer, sem nunca destruir, um sistema de pensamento hegemônico e dominante" (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004, 10).

A oficina foi ministrada como uma das atividades do "V Encontro Brasileiro de Educomunicação[4]" que ocorreu de 19 a 21 de setembro de 2013. Naquele contexto, já era dado que os participantes conheciam, ainda que parcialmente, o conceito de Educomunicação e estavam lá pelo interesse na vivência educomunicativa "de fato".

A atividade principiou pela apresentação dos organizadores por meio de uma dinâmica "para quebrar o gelo" e, ao mesmo tempo, introduzir o tema proposto. O mote foi a dupla pergunta, dirigida aos participantes, nos seguintes moldes:

"— Se você tivesse um superpoder, qual ele seria?"

4 Cf. http://educomunicacao2013.blogspot.com.br/.

"— Qual era o super-herói/heroína favorito(a)?"

Na sequência, o grupo principal, dividido em dois, foi orientado construir "o que seria para eles o "Capitão América do Brasil, o "Super-Herói Brasileiro". Para tanto, foi disponibilizado um material constituído por revistas (para recortar), canetas, tesouras, cola e papel. Ao fim do tempo destinado à produção, teve início uma rodada de interpretação cruzada, em que cada grupo tentava descrever os elementos e significados que transpareciam no super-herói do outro grupo. Depois disso, foi oportunizado a cada um dos grupos falar reflexivamente da sua própria produção.

No final a oficina acabou sendo muito mais produtiva, questionadora e reflexiva do que o programado, conciliando a ação educomunicativa dos mediadores com o protagonismo dos participantes no debate, tudo isso, sem que se perdesse o foco nem a temática.

2.2. A Oficina "O Professor que mídia vê"

A segunda oficina foi ministrada no "V Encontro das Licenciaturas" em outubro de 2014. A elaboração e organização desta oficina foram realizadas como atividades vinculadas à disciplina "CCA0301-Atividades Acadêmicas, Cientificas e Culturais IV", não tendo, porém, o caráter de trabalho final.

Ao contrário da primeira oficina, esta não contou com o tempo de meses para elaboração e preparação: tudo teve que ser providenciado no período de duas semanas. Por conta do tempo exíguo, o professor responsável pela disciplina sugeriu que se fizesse uma adaptação a partir de uma oficina que já estava elaborada e que veio a ser, justamente, a já mencionada "(Des) Construindo Heróis".

Nesta abordagem, manteve-se proposta de gerar o debate partindo da desconstrução de um material elaborado pelos participantes da oficina. Mantendo também o enfoque na ideologia e no conceito de Super-herói, foi proposto aos participantes que construíssem a representação de um Super-professor, uma vez que o tema do V Encontro das Licenciaturas daquele ano foi, precisamente, a formação dos professores.

Ressaltamos, assim, além do contexto diferenciado do evento, duas mudanças significativas operadas nesta segunda oficina: (1) a mudança do tema e (2) a mudança do público, constituído agora por estudantes de licenciatura, em diversas áreas do conhecimento.

A mesma dinâmica inicial foi mantida, ou seja, as duas perguntas motivadoras sobre a natureza do superpoder desejado e sobre a existência de um herói ou heroína preferido. A este início, seguiu-se uma apresentação sucinta do conceito de Educomunicação, suas vertentes e alguns exemplos tangíveis de práticas educomunicativas.

O passo seguinte foi a proposta de que os participantes construíssem uma representação do que seria um "Super-Professor". A construção do mesmo foi feita com o mesmo tipo de material da oficina anterior (revistas, tesoura, cola, cartolina, etc.), novamente, com a divisão dos participantes em dois grupos.

Concluída esta etapa, foi solicitado aos participantes que fizessem uma leitura cruzada de suas produções e, em seguida, cada grupo falou de sua interpretação específica do que seria o "Super-Professor".

Após essa primeira leitura teve lugar uma discussão, na qual seriam apresentadas imagens de professores na mídia impressa (formato"Revista"), e na internet, entre outros suportes, buscando uma leitura mais aprofundada das imagens com a intenção de mostrar como os professores (e seus estereótipos) são representados enquanto personagens na cultura popular: um exemplo seria o do **Professor Xavier dos X-Men**[5]. A ideia era a de se trabalhar os estereótipos presentes naqueles exemplos, ao que se seguiu uma leitura aprofundada e comparativa com as imagens que aparecem quando se pesquisa no buscador **Google** os termos "professor" e "professor inovador".

Em síntese, a proposta consistiria na obtenção de uma segunda leitura dos "Super-Professores" para analisarmos se houve alguma mudança qualitativa, comparando-se ambas as leituras.

5 Os X-Men, criação de Len Wein aperfeiçoada por Chris Claremont, são um grupo de super-heróis adolescentes reunidos e treinados pelo Professor Xavier, um mutante que, apesar de hemiplégico, possui poderes mentais extremamente desenvolvidos. Pertencem ao acervo da Marvel Comics.

Entretanto, dado que a oficina começou com algum atraso e que, além disso, houve um intervalo inesperado, não sobrou tempo hábil para implementar a segunda parte da oficina, o que limitou a produção reflexiva ao mesmo objeto explorado na primeira oficina descrita no presente artigo: a releitura (ou desconstrução) dos heróis produzidos.

Não obstante, naquela ocasião, consideramos ter avançado um degrau em relação ao objetivo comum das duas oficinas, uma vez que a segunda delas trouxe uma temática e uma proposta de produção mais próximas dos educandos e de seu cotidiano, facilitando um possível reconhecimento e identificação com o universo das HQs. Isso, em contraste com a primeira oficina, na qual o tratamento dedicado ao tema foi mais amplo, resultando em conclusões mais "genéricas".

Assim, acreditamos que exista uma relação entre a oficina que trouxe um tema mais próximo do repertório individual dos educandos ter sido a que trabalhou melhor a questão midiática sobre as produções.

4. ANÁLISE CONTEXTUAL DAS OFICINAS MINISTRADAS

Faremos aqui, um breve apanhado das observações que consideramos mais pertinentes em relação ao que as oficinas registraram.

Na primeira oficina foi muito interessante como os participantes colocaram várias questões políticas, ideológicas e sociais nos seus super-heróis e como eram comuns as semelhanças entre os super-heróis dos dois grupos. Por exemplo: os dois estavam com os pés no chão, ao invés de estarem voando como um típico super-herói norte-americano como foi comentado durante a dinâmica, pois para eles "o brasileiro é muito pé no chão" e por isso só poderia ser retratado daquela forma.

A questão da miscigenação foi muito forte em ambos os super-heróis também, uma mistura de rostos e cores, traduzindo a ideia de que o Brasil é muito diverso e composto por diversas etnias, sem que se possa eleger um único rosto ou um só tipo físico para representar o Brasil.

O debate fluiu até o final da oficina, pautado na discussão dos super-heróis produzidos pelos participantes, o que foi muito produtivo, tanto por conta da

participação intensa, com opiniões e reflexões, como também pela discussão aprofundada até chegar ao questionamento do que seria, de fato, ser brasileiro e nosso papel social e político na nossa sociedade.

Por outro lado, na segunda oficina, foi interessante notar que as produções não ficaram parecidas entre si e nem tiveram tantos pontos convergentes. Um dos grupos acompanhados durante a produção chamou muito a atenção pelas indagações que uma participante fazia enquanto montava seu Super-Professor. Em dado momento, ela recortou um homem branco que se encaixa nos padrões atuais que a mídia passa do que é um homem muito bonito, e disse que o Super-Professor deveria ter essa característica.

Ainda que esse recorte não tenha sido usado depois, as indagações da mencionada participante em relação ao material midiático (revistas) disponibilizado para a atividade continuaram, pois, a educadora queria passar a ideia de que um professor "Super" deveria atender a todos os tipos possíveis de aluno. Assim, ela procurava imagens de alunos brancos, negros, indígenas e uma maior diversidade étnica e cultural, aliás, extremamente difícil de se encontrar nas revistas, as quais só continham imagens de crianças brancas.

Um último ponto interessante em relação ao processo de produção evidenciado por esta participante é a de que ela só encontrou imagens que fugiam do estereotipo étnico hegemônico em uma revista denominada **Viração**[6], a qual se trata, justamente, de uma publicação com assumida orientação educomunicativa, que se reflete nas suas matérias e discussões, as quais vão além do que é apresentado nas mídias "hegemônicas".

No final, da mesma forma como ocorreu na primeira oficina, as produções evidenciaram inúmeros estereótipos e a presença de ideologias que buscam mostrar à sociedade o que se espera de um "Super-Professor".

Este, em suma, (a) seria superinteligente, (b) transformaria a vida de seus alunos, (c) saberia lidar de forma exemplar com os meios de comunicação e, por fim, (d) não admitiria de forma alguma o fracasso escolar, tema bastante lembrado ao longo da oficina.

6 Cf. http://www.viracao.org/.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cômputo geral, podemos dizer que ambas as oficinas problematizaram conceitos muito importantes do ponto de vista educomunicativo, incorporando em sua proposta determinados temas e abordagens como geradores de uma produção reflexiva por parte dos educandos, o que assegurou espaço para o desenvolvimento de seu protagonismo, concomitante com a análise crítica das mídias envolvidas.

A primeira oficina demonstrou muito mais resultados qualitativos em relação à vivência educomunicativa, pois demandou dos mediadores uma percepção e uma adaptação que só poderiam ter acontecido naquele momento de prática, em que a oficina tomou um caminho diferente do que estava previsto. Entretanto, isso não foi recebido de forma negativa, mas, demonstrou o quanto uma oficina educomunicativa tem que ser maleável, sem nunca se fixar num formato completamente fechado.

A segunda oficina trouxe, de forma muito mais forte do que a primeira, a questão midiática em relação ao material que disponibilizamos — revistas semanais — e se destacou pelas indagações dos participantes em relação às imagens recorrentes (e também às imagens ausentes) retratando diversidade ético-racial, por exemplo.

Em nossa opinião, isto releva o papel da escolha das mídias impressas em ambas as oficinas: do contrário, poderíamos apenas instar os participantes a desenharem o **Capitão Brasil** e o **Super-Professor**. Assim, essa produção partindo de suportes midiáticos pré-existentes fez jus traz à tradição da leitura mais crítica da mídia, que compõe o "DNA" da Educomunicação.

Note-se o quanto esta idealização da figura do professor remete aos anseios projetados na grande mídia sobre a multiplicidade de atributos e o grau de abnegação que deles se espera. A diferença entre este ser "mitológico" e a realidade facilmente apreciável faz refletir sobre a necessidade de grandes mudanças no âmbito da educação. Isso diz respeito à própria consciência da categoria profissional sobre suas responsabilidades, direitos e condições necessárias para exercer ambas as prerrogativas.

É neste sentido que esperamos contribuir significativamente com a exposição

de nosso relato, desejando que outras vivências similares ocorram e sejam compartilhadas.

6. REFERÊNCIAS

BOTTOMORE, Tom (ed.). **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1983.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elizabeth. **De que amanhã…diálogos**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

KAPLÚN, Mário. **Una Pedagogia de la Comunicación: El Comunicador Popular**. La Habana, Editorial Caminos, 2002.

MORRISON, Grant. **Superdeuses**. São Paulo, Seoman, 2012.

SOARES, Ismar de O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo, Paulinas, 2011.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Uso das HQs no ensino**. In RAMA, A. e VERGUEIRO, W. (Orgs.) Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo, Contexto, 2004.

VIANA, N. **Breve História dos Super Heróis**. In VIANA N. & REBLIN, Iuri A. Super--Heróis, Cultura e Sociedade. Aparecida, Editora Ideias & Letras, 2011.

•● AS AUTORAS ●•

Marciel A. Consani é Professor Doutor do Centro de Comunicação e Artes da ECA-USP. E-mail: mconsani@usp.br.

Natália Sierpinski é Graduanda do curso de Licenciatura em Educomunicação do CCA-ECA/USP. E-mail: natalia.sierpinski@usp.br.

O Uso da Tecnologia Midiátical (blog) em Curso de Administração em uma Instituição de Ensino Superior em Guarulhos

Robson Soares Costa

1. INTRODUÇÃO

O artigo é um relato descritivo inicial e analítico de experiência que está sendo desenvolvido em sala de aula com a utilização de uma tecnologia midiática, **Blog**, em algumas disciplinas de curso de Graduação em Administração em uma IES em Guarulhos.

A experiência descrita trata do trabalho inicial nas disciplinas introdutórias no curso graduação, entre elas, na matriz curricular do curso de Administração de Empresas ofertada pela IES, que se situa no primeiro e segundo ano do curso; que possui as respectivas cargas horárias: 80 horas aulas para Introdução à Administração, Teoria da Administração e Introdução ao Marketing; e 40 horas aulas para Introdução à Logística durante o semestre de 2014.

A ementa dessas disciplinas se traduzem na preocupação de formar futuros profissionais na área de Administração, para que tenham uma compreensão (concepção) da tecnologia, na área do conhecimento humano e desenvolvimento de suas funções, e habilidades nas corporações globalizadas.

Por outro lado, como docente, procura-se analisar as aplicações das mídias e comunicação no processo de ensino e aprendizagem, bem como procurar definir critérios para a aplicação das mídias adequadas no ambiente virtual, **Blog**, para a construção de conhecimento.

2. A TECNOLOGIA

A tecnologia passa a incorporar o conhecimento científico de determinada área de desenvolvimento ou de várias áreas do saber humano, o qual se materializa por meio de ferramentas midiáticas (aparelhos, computadores, **smartphone**), com o suporte oferecido pelas tecnologias midiáticas (**softwares**, **Blog**, **app** e outros).

Através destas tecnologias midiáticas, o homem vem se desenvolvendo constantemente para vencer as adversidades impostas pela natureza, sobrevivendo e perpetuando a espécie. Segundo Levy (2004), novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações, através das redes, e com os recursos das diversas mídias, ou seja, dos dispositivos informacionais.

> As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência depende, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação e aprendizagem são capturadas por uma informática cada vez mais avançada. (LEVY, 2004, p. 27)

Nos dias atuais, encontramos várias mídias que viabilizam a comunicação, porém o que vai agregar maior peso a essas tecnologias são a interação e a colaboração de cada uma delas.

Do mesmo modo, o computador, uma ferramenta midiática, possibilita a interação entre professor e aluno, definido como interagentes, "dentro e fora das salas de aula para projetos de pesquisas e estudos; a extensão da sala de aula, podendo ser desenvolvida através de rede, internet" (HILDEBRAND, KNEBEL, 2013, p. 117).

Dentro desse cenário, é importante frisar uma interessante observação feita por Levy (1999):

> "A maior parte dos programas computacionais desempenham um papel de tecnologia intelectual, ou seja, eles reorganizam, de uma forma ou de outra, a visão de mundo de seus usuários e modificam seus reflexos mentais. As redes informáticas modificam circuitos de comunicação e de decisão nas organizações. Na medida em que a informatização avança, certas funções são eliminadas, novas habilidades aparecem, a ecologia cognitiva se transforma. O que equivale a dizer que engenheiros do conhecimento e promotores da evolução sociotécnica das organizações serão tão necessários quanto especialistas em máquinas". (LEVY, 1999, p. 36)

No entanto, no contexto que está sendo analisadas as ferramentas e as tecnologias midiáticas, o computador e o **Blog**, nos possibilitam o desenvolvimento da Sociedade da Informação, através da rede com a construção de novos conceitos de comunicação neste ambiente.

3. SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Na Sociedade da Informação, Castells (2002) vai dizer que vivemos no final do século XX e início do XXI, numa sociedade informacional. O que significa compreender que nesta sociedade:

> [...] o termo informacional indica o atributo de uma forma específica de organização social em que a geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e poder devido às novas condições tecnológicas surgidas nesse período histórico [...] uma das características principais da sociedade informacional é a lógica de sua estrutura em redes, o que explica o uso do conceito de „sociedade em rede [...] outros componentes da sociedade informacional, como movimentos sociais ou o Estado mostram características que vão além da lógica dos sistemas de redes, embora sejam muito influenciadas por essa lógica típica da nova estrutura social. (CASTELLS, 2002, p. 65)

Segundo o autor, indica que passamos a incorporar uma forma de organização social que gera em grande velocidade uma infinidade de dados e de informações, possibilitados pelas mídias.

Além disso, Castells (2002) ressalta ainda em suas reflexões sobre a Sociedade da Informação que, esta não determina a forma como a sociedade e suas instituições estão se organizando, mas, condiciona, de certa forma as dimensões sociais, culturais, produtivos, educacionais etc.

No entanto, as estruturas do processo de comunicação que ocorre nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) demonstram e revelam mudanças decisivas não apenas nas formas institucionalizadas, por meio dos processos de comunicacionais, mas também de estruturas das mídias para o desenvolvimento e promoção do conhecimento, principalmente nas formas mais extensivas de pensar a própria evolução dos seres humanos (WEBER, 2013).

Além das colocações apresentadas, é essencial o conhecimento dos processos comunicacionais que auxiliam por meio das mídias, e fazem parte do processo de aprendizagem dos interagentes.

No entanto, as mídias se evoluem por consequências das necessidades humanas desenvolve cada vez mais sua concretização; tornando-se indivisível, plurifuncional e próximo da individualidade em sentido biológico; deixando de ser artificial e tornando-se cada vez mais natural seus processos de comunicação, através das novas mídias (ANDRADE, 2001).

Nesse ínterim, o ambiente de aprendizagem, os interagentes que estão vinculados a esses serviços sofrem modificações constantes; e em consequências das necessidades do meio, que cada vez mais vão sofrendo mutações com interferência dos meios externos e interno, e vão se desenvolvendo através dos processos de interatividade com as novas mídias.

Da mesma forma, saliento que informação admite muitos significados, sendo que a informação é matéria-prima para a produção do conhecimento. Para se produzir conhecimento é preciso que a informação seja classificada, analisada, estudada e processada para gerar saber. Na educação, conforme ensina Morin (2001), trata-se de transformar as informações em conhecimento e este em sapiência.

4. TIC – TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA IES

As TIC's também estão no ambiente escolar, auxiliando os professores em suas práticas pedagógicas; com o uso das mídias, que criaram novas possibilidades, inovando assim os processos de comunicação.

Em uma sociedade tecnológica, o professor assume um papel fundamental como mediador das aprendizagens, sobretudo como modelo que é para os mais novos, adotando determinados comportamentos e atitudes em face das tecnologias.

No ambiente TIC, ocorre diversos processos que são disponibilizados pela tecnologia, entre elas: a interação e a interatividade.

A interação é entendida como a capacidade humana de estabelecer a comunicação entre os sujeitos de tal forma que haja qualidade nesse processo intersubjetivo de comunicação; que ocorra mudança de comportamento; que haja troca de conhecimentos entre os indivíduos.

A interação mútua, conceito trazido por Primo (2007, p. 57) para identificar a interação humana mediada pelo computador, procura caracterizar "[...] as relações interdependentes e processos de negociação, em que da interagente participa da construção inventiva e cooperada do relacionamento, afetando-se mutuamente".

A interatividade não é uma categoria consensual entre os estudiosos, não se tem a pretensão de trazer esta discussão para este relato de experiência, mas vai-se aqui, apoiar-se em Levy (1999) no sentido de ser entendida como uma característica mais técnica disponibilizada pelas tecnologias de informação e de comunicação, conforme as palavras do autor citado, interatividade seria: "A possibilidade de reapropriação e de recombinação material de mensagem por seu receptor é um parâmetro fundamental para avaliar o grau de interatividade de um produto" (Levy, 1999, p. 79).

O uso das tecnologias da informação e da comunicação em sua plenitude transforma o estudante no principal protagonista do processo de construção do conhecimento e nesse sentido vem a importância de criar-se, conforme alude Moraes (2004):

> [...] ambientes de aprendizagem desafiantes, inovadores, ao mesmo tempo acolhedores e amigáveis que favoreçam as trocas de experiências, os debates, o esclarecimento de dúvidas, questões e resolução de problemas. (MORAES, 2004, p. 259)

Portanto, a IES tem papel estratégico fundamental no contexto da chamada Sociedade da Informação (conhecimento), nessa sociedade cada vez mais conectada, do ponto de vista econômico, educacional, cultural, político, ecológico, científico e tecnológico.

5. USO DO BLOG COMO RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO NA GRADUAÇÃO

Partindo destes pressupostos teóricos, filosóficos, políticos e científicos entende-se que os cursos que qualificam e foram os docentes para a IES devem voltar seus olhares para a importância de incorporarem os recursos midiáticos das TIC não apenas no nível do discurso teórico, mas do conhecimento e na incorporação dessas ferramentas midiáticas, tecnologia, nos cursos de graduação.

Tendo em vista a amplitude da temática: TIC e a educação, o recorte que se fez no processo didático-pedagógico da disciplina introdutória na área de administração foi partir da referência do mercado globalizado, como referência para a elaboração de um projeto pedagógico de utilização das TIC.

E, neste sentido, a referência foi o laboratório de informática e outras ferramentas midiáticas, que possibilitam o acesso ao ciberspaço. O ciberespaço é o novo mundo edificado pela rede de computadores espalhados pelo globo e que possibilitam a construção de uma nova sociedade interdependente e interligada em tempo real.

O que é um **Blog**? Pode-se dizer que é uma tecnologia midiática disponível na internet que permite a publicação cronológica de conteúdos, como se fossem páginas de um jornal. Essa tecnologia permite que o administrador do **Blog** poste: figuras, fotografias, links, vídeos etc.

As postagens realizadas pelo docente no **Blog**, a partir dos conteúdos trabalhados em sala, eram complementadas por meio da inserção de **links** de acesso a sites com conteúdos pertinentes aos temas tratados; informações sobre livros e publicações da área de administração obedecendo a emendas do curso.

6. CONSIDERAÇÕES

A utilização da tecnologia midiática, **Blog** pode contribuir para a complementação das atividades desenvolvidas em sala na medida em que o docente insere as informações e as orientações que auxiliaram o estudante em seus estudos fora da sala de aula.

Essa tecnologia midiática possibilita um "reforço" nos conhecimentos tratados em sala de aula, pode-se perceber a recursividade no uso do **Blog** porque os estudantes retornavam suas reflexões por meio das suas postagens.

Posicionando-se, indagando, refletindo, o que franqueava ao docente, subsídios para, em sala, retomar, reforçar ou recuperar conceitos, categorias e percepções que não tenham sido adequadamente esclarecidas.

Os avanços da tecnologia da informação têm contribuído para projetar a civilização em direção a uma sociedade do conhecimento. A análise da evolução da tecnologia da informação, de acordo com Silva (2003), é da seguinte maneira:

> "Por cinquenta anos, a TIC tem se concentrado em dados – coleta, armazenamento, transmissão, apresentação – e focalizado apenas o T da TI. As novas revoluções da informação focalizam o I, ao questionar o

> significado e a finalidade da informação. Isso está conduzindo rapidamente à redefinição das tarefas a serem executadas com o auxílio da informação, e com ela, à redefinição das instituições que as executam". (SILVA, 2003, p. 28)

Outro aspecto percebido na atividade no laboratório de informática foi que, embora todos os estudantes tenham demonstrado que usavam a internet para pesquisar, trabalhar e estabelecerem contatos pessoais, de amizade etc., eles não se depararam na universidade com a incorporação destes recursos tecnológicos nas disciplinas do seu curso de graduação, para a formação de futuros administradores.

Percebeu-se que, o fato das aulas da disciplina de introdutórias de administração terem se dado no laboratório de informática, ajudou imensamente na adoção de uma mídia, o **Blog**, como ferramenta auxiliar no trato com os conhecimentos trabalhados em sala e, sobretudo, no estabelecimento de uma maior interação entre o professor (disciplina) e o estudante.

Contribuiu para que o docente pudesse acompanhar à distância (sem estar distante) os comentários dos estudantes por meio das postagens efetuadas nesta tecnologia midiática, **Blog**. Mas, sobretudo, sua utilização sensibilizou os estudantes para as possibilidades de utilização das mídias em sala de aula.

Esta tecnologia midiática proporcionou à disciplina uma nova "cultura" na prática de estudo dos acadêmicos, houve uma sensibilização para a questão do uso do laboratório de informática na escola, notadamente, as mídias disponíveis na internet.

7. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Thales de. **Intersecções entre o ambiente e a realidade técnica**: contribuições do pensamento de G. Simondon. Ambiente &Sociedade[online]. 2001, n. 8, pp. 91-106. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414753X2001000800006&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1809-4422. Acesso em 27 jun. 2012.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. Tradução Roneide V. Majer. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

HILDERBRAND, Hermes Renato; Knebel, Flavia C.M.; Dossiê: **É proibido acessar as redes sociais?** Uma reflexão sobre o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa através das Redes Sociais no ensino Fundamental; Teccogs, N. 7, 156 pág. Jan--jun, 2013.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência**: o futuro do pensamento na era dainformática. São Paulo. Editora 34. Trad. de Carlos Irineu da Costa. 2004.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MORAES, Maria Cândida. **Pensamento eco-sistêmico**: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina, 5. ed. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PRIMO, Alex. **Interação Mediada por Computador**: Comunicação,Cibercultura, Cognição. Porto Alegre, Sulina, 2007.

SILVA, Marco. **Educação presencial e online**: sugestões de interatividade na cibercultura. In: TRIVINHO, Eugênio; CAZELOTO, Edilson (orgs.). A cibercultura e seu espelho: Campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa. São Paulo: ABCiber; Instituto Itaú Cultural, 2009. p. 90-102.

SILVA, Ricardo Vidigal da; NEVES, Ana. **Gestão de Empresas na Era do Conhecimento**. Lisboa: Serinews Editora, 2003.

WEBER, José Fernandes. **Objeto Técnico, mediação e ensino refletido da técnica e Simondon, Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 20: maio--ou/2013, p. 136-156

•● O AUTOR ●•

Robson Soares Costa é possui graduação em Administração de Empresas com Ênfase em Finanças pela Universidade Paulista (2000), MBA em Mercadologia pela FGV (2003), Pós-Graduação de Didática para Docentes no Ensino Superior pela Faculdade Sumaré (2011), e mestrado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (2014), aluno especial a ECA/USP (2015). Atualmente desenvolve projetos de outsourcing marketing estratégico para diversos segmentos de mercado, com o objetivo de alavancar os negócios da empresa, incluindo projetos de ações comunicacionais em EaD, cursos livres, in-company, e palestras, e além das atividades na área acadêmica. E-mail: adm_rscosta@icloud.com.

Processos Editoriais na Escola

Maura da Costa e Silva
Raquel Scremin
Rosane Rosa

1. INTRODUÇÃO

O projeto Processos Editoriais na Escola foi criado na disciplina de Projeto Experimental de Produção Editorial em Educação, do curso de Comunicação Social – Produção Editorial, da Universidade Federal de Santa Maria. E teve como ambiente laboratorial a Escola de Educação Básica Augusto Ruschi, na qual foram desenvolvidas oficinas relacionadas à cadeia produtiva do livro impresso, mais especificamente de livros artesanais, com alunos do sétimo e oitavo ano do ensino fundamental.

Esse projeto teve (e tem) como objetivo contemplar professores e alunos de escolas públicas por meio de oficinas que possibilitam a troca de saberes e a aquisição de conhecimentos sobre a produção editorial, e consequentemente, uma educação midiática e informacional dos meios impressos. A partir dessas oficinas ministradas no ambiente escolar, foi possível criar e testar conteúdos para o produto de difusão desse processo: o Kit para o Professor, sendo ele, um Recurso Educacional Aberto (REA) com duas versões: a online e a offline. O kit contém um Manual do Professor, um exemplar do livro artesanal produzido nas oficinas e seis vídeos complementares.

Por ser um trabalho experiencial, mas também inovador, acreditamos que conferiu importância e reconhecimento ao campo da editoração, evidenciando que o processo editorial pode estar presente no ambiente escolar. Além disso, a partir dessa experiência, os alunos poderão valer-se do processo editorial para realizar atividades disciplinares e extracurriculares.

Uma vez que alguns professores já fazem uso da criação de livros como instrumento pedagógico, embora não possuam conhecimento suficiente sobre o papel do editor ou da cadeia do livro, é importante socializar esse saber aos professores e seus alunos. Com base nisso, podemos pensar em um processo complexo e rico em aprendizado que pode ser desenvolvido junto aos alunos por meio de uma gestão participativa do conhecimento: a feitura de livros artesanais.

Objetivamos inicialmente as seguintes metas: disseminar a produção editorial; incentivar a leitura e o contato dos jovens com os livros; fornecer materiais de apoio pedagógico ao professor para que ele possa ministrar suas aulas com recursos

interativos; promover um ecossistema comunicativo na escola, implantado através do projeto; promover a construção da cidadania. Além disso, buscamos empoderar estudantes de uma escola de baixo IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) por meio da aproximação com os livros, mostrando que a realidade pode ser modificada através de práxis educomunicativas.

Com o progresso do processo, esboçamos mais metas, tais como, desenvolver senso crítico em relação aos meios de comunicação, incentivar o protagonismo social, a criatividade e a autonomia e valorizar a pluralidade e a diversidade de ideias, permitindo a construção de um ambiente propício à diferença e promovendo a inclusão social, baseando-nos na gestão participativa, própria do paradigma educomunicativo.

2. EDUCOMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO EDITORIAL

Para a concretização do projeto foi utilizado principalmente o aporte teórico voltado a dois campos do saber: Educação e Produção Editorial, o que possibilitou a compreensão dos processos de editoração e sua aplicação em um ambiente escolar, proporcionando, assim, a reflexão sobre autoria e protagonismo infantil. Para tanto, buscou-se compreender a importância da área de Educomunicação em artigos dos pesquisadores Soares e Baccega; no referencial teórico referente à editoração, trabalhamos com **Paratextos Editoriais**, de Genette, bem como **A Construção do Livro**, de Araujo.

Na atualidade, os discursos são voltados à comunicação e à informação. Nada mais coerente do que a educação se aproximar aos contornos dos hábitos cotidianos midiatizados, necessidades e exigências que a contemporaneidade impõe. Nossos dias são regidos pelo subjetivismo, que valoriza o sujeito e coloca em pauta a sensibilidade no processo educativo, muitas vezes através da própria cultura. Além disso, o consumo é visto como um exercício de cidadania, pois a partir dele também fazemos distinções e percebemos as demandas sociais. O paradigma da educomunicação contempla essas mudanças nos sujeitos, nos processos e na educação social, pois parte do diálogo entre uma educação comunicativa e de uma comunicação educativa.

A educomunicação tem como pilares a expressão comunicativa por meio da arte, as mediações tecnológicas no espaço educativo, a gestão dos processos comunicativos e a reflexão epistemológica sobre a inter-relação comunicação/educação. É uma educação voltada a formação de interlocutores criticamente e politicamente empoderados capazes de intervirem no meio onde estão inseridos.

Baccega (2009, p. 21) aponta que o primeiro desafio da Educomunicação é "enfrentar a complexidade da construção do campo comunicação/educação como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes". Há duas visões diferentes dos estudiosos sobre Comunicação e Educação: os que acreditam numa dicotomia, pois enxergam a educação como responsabilidade do estado, enquanto a comunicação atende somente interesses privados. Em oposição a essa ideia, há estudiosos que creem em um novo e único campo, pautado pela interdiscursividade, que pensa além do messianismo tecnológico e trata a comunicação como um componente do processo educacional. Nosso projeto é embasado a partir da segunda corrente, porque vemos os dois campos como indissociáveis e complementares. Buscamos na educação diversas formas pedagógicas de repassar o conhecimento de uma das áreas da Comunicação Social, a Produção Editorial.

Desde o início, com os filósofos da educação e os comunicadores latinos, com e popularização tecnológica, a educomunicação tenta propor o diálogo entre escola, família e comunicação por meio de três Cs: conhecer, criticar e construir.

A educomunicação também permite a criação de ecossistemas comunicativos, promovendo uma semiose infinita de conhecimento, sendo, assim, um processo contínuo em que cada pessoa envolvida adquire e compartilha conhecimentos e experiências. Essa área de estudo promove a polifonia e o diálogo a partir das diferenças, promovendo a passagem de uma sociedade multicultural para inter/transcultural.

Por outro lado, sabe-se que nos últimos quinze anos, a educação brasileira tem se expandido, e parte dessa expansão foi realizada a partir do PNE (Plano Nacional de Educação), que é a base para todas as decisões sobre educação no país e que origina outros planos mais específicos, como o PDE (Plano de Desenvolvimento da Escola), criado em 2007, que promove a inclusão digital por meio da distribuição

de computadores e aparelhos multimídias em escolas públicas. Além disso, há o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), que proporciona livros didáticos às escolas de educação básica.

O governo tem altos gastos com a produção dos livros didáticos e a compra de computadores e dispositivos eletrônicos. Mas até que ponto esses materiais realmente ajudam na educação? Sabe-se que muitos professores acabam não utilizando os livros, pois esses não atendem às demandas locais e às necessidades específicas da turma. Como enfrentar o desafio de criar um conteúdo para um livro didático que possa ser usado em todas as regiões e estados de um país de tamanho continental como o Brasil?

O paradigma educomunicativo e os REAs (Recursos Educacionais Abertos) são alternativas para a melhoria do padrão de aprendizagem, tendo como maior benefício a democratização do conhecimento, pois podem reduzir a evasão escolar e diminuir os custos governamentais com educação.

O Kit para o Professor criado em nosso projeto é um Recurso Educacional Aberto, que "são frequentemente chamados de objetos de aprendizagem ou conteúdo aberto" (INAMORATO, 2013, p. 21). Os REAs possuem três bases: o conteúdo de aprendizado, as ferramentas (softwares) e as licenças de uso. São recursos de ensino de licença aberta que podem ser usados e adaptados por terceiros, de forma que o trabalho, uma vez iniciado, tem a possibilidade de ganhar continuidade e aprimoramento. Os vídeos, similares a vídeo-aulas, serão um material complementar roteirizado a partir da síntese do conteúdo disposto no Manual do Professor.

Os REAs propõem atividades extracurriculares associadas às TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação) e promovem a autoaprendizagem (pessoas que não frequentam escolas podem ter acesso a conteúdos a partir de um computador de qualquer localidade), diminuem a evasão escolar, permitem o desenvolvimento profissional dos professores, integram universidade e sociedade e também disseminam a prática da produção colaborativa.

Estamos falando não apenas de recursos didáticos, mas de possibilidade de engajamentos coletivos, que nos fazem repensar sobre a pirataria e o plágio. Nosso

Manual do Professor visa dar continuidade ao projeto, para que ele seja repassado para outras escolas, por isso utilizamos a licença aberta, para evitarmos problemas relacionados a cópias e com o intuito de democratizar o conhecimento sobre o "saber e o fazer editorial".

A Educomunicação propõe essa interação dos campos da Comunicação e da Educação. Antes tão distantes, agora se unem para promover "a apropriação da cultura por parte dos usuários dos meios de informação" (SOARES, 2000, p. 17), o que constitui uma "plataforma para uma ação educativa coerente com as necessidades atuais" (SOARES, 2000, p. 17). A Educomunicação propõe o uso cultural de recursos tecnológicos na aprendizagem, o que coloca o aluno no exercício da prática, valorizando sua opinião, seus saberes e sua cidadania.

Com a Educomunicação, é possível deflagrar e promover um ecossistema educativo e comunicativo, no qual as relações são de igual para igual, o professor e o aluno são ambos emissores e receptores, ou melhor, interlocutores. A ideia é que o conhecimento seja construído em conjunto, com o exercício do diálogo e de discussões construtivas.

A produção de um livro direcionado às crianças é considerada um fascínio por muitos profissionais do mercado editorial, uma vez que permite uma maior liberdade de criação. Quando o conteúdo é produzido por crianças, é ultrapassada a barreira do convencional, pois lhe são dados os cargos de emissores e não somente de receptores. Assim, há uma espécie de reflexo, de uma criança para outra, sem a velha hierarquia de conhecimento. Afinal de contas, indivíduos em formação escolar também podem ser produtores de conhecimento, principalmente estimulados pela mediação da arte e da mídia.

Caracterizamos o aluno como "um ser comprometido com as transformações sociais, mas também com a de si mesmo" (SILVA, 2008, p. 1). Em nossas oficinas, os alunos escreveram histórias para compor o livro a partir do qual trabalhamos nos processos editoriais. Como oficineiros, nos tornamos mediadores deste processo, sendo "orientadores, leitores dialógicos que realizam intervenções sistemáticas na escrita dos alunos e alunas, de forma a [..] fazê-los repensar seu modo de dizer, de usar e operar com a linguagem" (SILVA, 2008, p. 1).

3. OPÇÕES METODOLÓGICAS

A metodologia foi dividida em três partes: a pesquisa bibliográfica, o planejamento concomitante das oficinas e dos produtos editoriais para o professor e a execução das atividades na escola, junto ao desenvolvimento do processo de edição do Kit para o Professor.

Para as oficinas sobre o processo editorial de um livro artesanal utilizamos recursos tecnológicos, como slides para a apresentação dos conteúdos, além do laboratório de informática da escola para o ensinar os softwares livres Word e **BR.Office**. Como prática pedagógica, utilizamos o princípio da educomunicação, unindo teoria e prática. E todas as atividades foram realizadas a partir do diálogo e de votação entre os estudantes.

A partir do livro **Oficina de Escrita Criativa**, de **Solimar Silva**, tivemos base para a criação de originais dos alunos, utilizamos a atividade Banco de Literatura Universal, mas percebemos que, ao invés de oferecermos aos estudantes o personagem previamente definido, poderíamos ajudá-los a criar um novo personagem para suas histórias. Com isso, conseguimos que a turma se dividisse em três grupos para a escritura de três diferentes histórias sobre um mesmo personagem. Dessa forma, os alunos exerceram a co\autoria e por meio das escolhas físicas e psicológicas do personagem conseguiram problematizar, construir juntos e aguçar contradições.

Em todas as oficinas levamos para esses alunos informações sobre o que se passa no universo editorial, para que assim eles busquem a literatura e desenvolvam o amor pelo livro. O projeto gráfico e editorial desenvolvido com eles foi projetado a partir do gosto do grupo. Antes das escolhas serem feitas foi aplicado pelos oficineiros os conteúdos do livro **Como editar seu próprio livro**, do autor Muller, que possui uma linguagem fácil e direta, para que qualquer pessoa que queira ter seu próprio livro possa fazê-lo.

Durante as oficinas, um aluno criou textos com conteúdos machistas e ofensivos em relação a professores da escola. Para solucionarmos o problema durante o período destinado para a revisão conversamos com esse aluno que escreveu a história e sugerimos que ele refletisse sobre a desigualdade de gênero e as ofensas expostas no texto. O aluno removeu as partes ofensivas do texto

e modificou a parte da história que reproduzia o discurso machista e opressor. Mais uma vez, utilizamos o espaço para o diálogo, não impondo pontos de vista, apenas fazendo perguntas pertinentes ao assunto em questão e promovendo a descentralização da palavra, concomitantemente desenvolvendo a criticidade dos alunos em relação às desigualdades de gênero.

O objetivo dos REAs é também utilizar um recurso para criar outro, e assim, fizemos na oficina de diagramação, na qual os alunos trabalharam com o software livre BR.Office e Word, mas que anteriormente havíamos planejado para que fosse utilizado o Scribus, mas quando nos deparamos com o sistema operacional Linux no computador da escola, não conseguimos continuar com a ideia, porque as máquinas não suportavam o programa. Utilizamos o manual "Tutorial Scribus 1.4.2", de Marinez Siveris, para nos basearmos para criar os conteúdos da oficina de diagramação, pois o arquivo está disponível em licença aberta, o que facilitou nossa pesquisa. Os alunos mostraram dificuldades em compreender por terem pouco conhecimento de editores de texto. Trabalhamos conceitos básicos para diagramar as histórias criadas nas oficinas anteriores, os alunos puderam testar as ferramentas do software.

A educomunicação e os REAs possibilitam: a democratização do ensino, intervenção social, construção da cidadania, promover a sensibilidade educativa, a interdisciplinaridade, a valorização do mundo dos sujeitos. E para uma melhor educação, esse paradigma parece esboçar um bom futuro. Como um átomo, com partes intrínsecas, nosso projeto utiliza os REAs e a Educomunicação de forma harmônica e dialógica.

4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Os produtos oferecidos ao professor são resultados das oficinas ministradas na Escola Estadual de Educação Básica Augusto Ruschi. O Recurso Educacional Aberto desse projeto é o Kit para o Professor, que contem um Manual do Professor, um exemplar do livro produzido nas oficinas e seis vídeos complementares. Para o Manual, usaremos o formato PDF e **Word**. A escolha desses formatos se deu devido ao fato de serem amplamente utilizados e de fácil acesso por meio de qualquer computador. Os vídeos estão disponibilizados no site de compartilhamento

de vídeos Youtube através do link: https://www.youtube.com/channel/UCOvXF60tjn0AHDLK46ajaYg, enquanto as versões em PDF e .DOC (**Word**) estarão disponíveis para download no site https://www.processoseditoriaisnaescola.wordpress.com/. Utilizamos os softwares: **Adobe Indesign** (para diagramação do Manual do Professor) e **Adobe Premiere**, **Sony Vegas** e o **MovieMaker** (para a edição dos vídeos).

Para o Kit para o Professor Offline, reservamos os seguintes produtos: um Manual do Professor impresso, um DVD de apoio com conteúdo multimídia (slides utilizados nas oficinas, vídeos e áudios). O público-alvo são professores e alunos de escolas públicas, com abrangência primeiramente local, mas com possibilidade do conteúdo ser disseminado pela web.

Em relação ao conteúdo, não engessamos a obra no que tange ao processo editorial. Abordamos ideias para que o professor adapte o processo de produção do livro ao seu cotidiano educativo, suprindo as necessidades de seus educandos.

5. DESCRIÇÃO DO PROCESSO

Primeiramente foi organizada uma reunião na Escola de Educação Básica Augusto Ruschi para que a equipe pudesse conhecer as necessidades da comunidade escolar e a demanda de trabalhos a fim de adequar o produto a realidade da escola. Essa reunião contou com a presença do diretor Danclar Rossatto, da coordenadora pedagógica Angela Lena, da professora de português Rosane Pendenza Calegaro e da professora Tânia Heloísa Fitz. Diante de muitas sugestões, consideramos que o livro artesanal e a criação das histórias por parte dos alunos ampliaria o universo de trabalho e englobaria mais áreas do conhecimento.

Escolhida a dinâmica do trabalho, o grupo se reuniu para tentar criar os livros artesanais, pois nenhum integrante havia tido contato com esse tipo de publicação. Assim, todos os componentes da equipe reuniram-se na casa de uma integrante do grupo e realizaram "projetos pilotos" dos livros com base em vídeos postados no Youtube e dicas de sites. O objetivo dessa atividade era que o grupo aprendesse como fazer livros artesanais com papelão para poder repassar o tutorial para as crianças. Todos do grupo conseguiram realizar a atividade e concluir que é possível praticar essa atividade em um ambiente escolar. Com a prática surgiram

novas ideias para o formato do livro artesanal e com a ajuda de uma criança de dez anos, conseguimos compreender melhor o que poderia ser interessante para os estudantes. Então, surgiu a ideia de que as crianças iriam escrever histórias para os livros, para que isso incentivasse a autoria e autonomia infantil e para que no final da oficina elas se sentissem privilegiadas por terem seu próprio livro, sendo autoras e editoras dos conteúdos.

Na mesma semana dos testes, houve a segunda visitação a Escola de Educação Básica Augusto Ruschi, na qual conversamos com a professora Angela e com a professora Tânia, as duas do setor pedagógico. Esclarecemos algumas dúvidas e após isso, começamos divulgar o projeto nas turmas do sétimo e oitavo ano da escola. Durante a divulgação, procuramos expor os principais objetivos da oficina e explicamos como seria o processo de criação desse material. Conseguimos em torno de 43 inscritos (apenas dez alunos compareceram à primeira oficina) e o apoio da escola para o fornecimento de materiais utilizados nas oficinas. Como muitos jovens não possuem o hábito de ler, encontramos certa dificuldade durante a divulgação do projeto, pois muitos alunos associam o livro a algo tedioso.

Para melhor nos organizarmos, tanto em relação às oficinas quanto a criação do manual e das vídeo-aulas, elaboramos um cronograma de atividades do grupo, no qual é descrito o que cada integrante faria ao longo do período em que o projeto acontecesse. Pesquisamos e criamos os conteúdos que foram repassados nos encontros em formatos de slides, de forma que procuramos simplificar a linguagem acadêmica para que os estudantes do ensino fundamental pudessem compreender o processo editorial em sua totalidade.

Na semana seguinte, começamos o projeto editorial e o desenvolvimento do roteiro de vídeo-aula com o objetivo de fortificar a ideia do manual, compreender o público-alvo e a função social dessa publicação. Primeiro, discutimos sobre a ideia central do manual, após isso, começamos a escrevê-lo, concomitantemente com o roteiro de vídeo-aula e a pesquisa de identidade visual do Kit para o Professor.

As oficinas foram todas programadas anteriormente por meio de sequências didáticas, na qual descrevíamos os materiais necessários, o ambiente em que seria realizada a atividade e o passo a passo das explicações sobre os processos editoriais. E também fizemos uma divisão do tempo para cada explicação com o

intuito de respeitarmos o horário da saída dos alunos.

A oficina de Criação de Originais teve como objetivos: promover a autoria infantil, gerar a interação dos alunos através da atividade em grupo, incentivar a criatividade e promover a autoria e autonomia dos estudantes, valorizar a liberdade de expressão, estimular a criatividade, proporcionar o conhecimento da estrutura de narrativa e de conto. O principal obstáculo foi preparar a oficina para os estudantes que ainda não conhecíamos, pois não sabíamos como eles poderiam nos recepcionar. Outra dificuldade se deu em relação a não sabermos o número exato de crianças que compareceriam no primeiro dia. Nessa oficina, houve primeiramente a criação do personagem central que iria estar presente em todas as histórias. Os alunos escolheram o nome, o sexo, a cor do cabelo, a cor dos olhos e a raça da personagem e mostraram-se empolgados nessa atividade. Após isso, os estudantes começaram a escrever as histórias em grupo. Foram criadas três histórias, mas como os autores da terceira história não compareceram aos demais encontros resolvemos fazer o livro somente com os originais dos participantes que continuaram assistindo as oficinas.

Esta oficina foi dividida em dois dias, pois os alunos solicitaram mais tempo para escreverem as histórias. Então, no segundo dia os alunos formaram grupos para continuar a história que iniciaram na aula anterior. As histórias começaram a se desenvolver depois que cada grupo ficou em mesas separadas e a distração do grupo parou ao iniciarem o debate para a criação da história. Notamos a partir dessa segunda etapa, que os alunos possuíam dificuldades para escrever de acordo com a ortografia correta.

No encontro posterior, levamos as histórias produzidas (manuscrito) pelos alunos no formato Word (digitado), com o intuito de pouparmos tempo e de que os alunos pudessem ter mais contato com os softwares de edição de texto. A Oficina de Seleção de Originais/ Revisão / Preparação de Originais/ Registro de Obra tinha os seguintes objetivos propostos previamente: exercer a revisão do texto, evitar alguns erros comuns de língua portuguesa e promover a criticidade em relação ao original. Os alunos conseguiram compreender o processo pré-diagramação do livro e esclareceram dúvidas sobre a seleção de originais. Além disso, puderam perceber a importância da revisão do texto e do estudo em língua portuguesa.

Alguns estudantes criaram textos com conteúdos machistas e ofensivos em relação a professores da escola, para solucionarmos o problema durante o período destinado para a revisão conversamos com o aluno que escreveu a história e pedimos para que ele refletisse sobre a desigualdade de gênero e as ofensas expostas no texto. O aluno removeu os fragmentos ofensivos do texto e modificou a parte da história em que reproduzia o discurso machista e opressor. Uma das dificuldades mais notável ao longo do processo foi a de que alunos não possuíam muito conhecimento sobre softwares de edição de texto, mais especificamente o **BR.Office** e o **Word**.

Na oficina de Projetos de Edição, foi criado o projeto gráfico e o projeto editorial do livro. Os alunos observaram os projetos de livros impressos disponíveis na biblioteca da escola conforme os conceitos apresentados anteriormente, e decidiram em grupos, por meio de votação os elementos editoriais e gráficos.

A oficina de Diagramação foi dividida em duas partes: a introdução à diagramação e a segunda reservada à diagramação das histórias criadas pelos alunos. Para o primeiro encontro sobre diagramação, havíamos planejado utilizar o software livre **Scribus**, mas ao tentarmos instalar o programa nos computadores não conseguimos devido ao fato do instalador não ser executável em sistemas operacionais de **Linux Educacional**. Então, para não perdermos o tempo da oficina, improvisamos a diagramação no **BR.Office**. Como resultados alcançados, podemos dizer que os alunos desbravaram o software e conheceram ferramentas que eles desconheciam para a formatação de texto. Assim, acreditamos que esta oficina não serviu somente para a diagramação do livro, mas para os alunos aprenderem a como formatar os trabalhos escolares. O que percebemos é que muitos alunos apenas copiam e colam o trabalho, não se dando ao trabalho nem de retirar os **hiperlinks** dos conteúdos da internet. Dessa forma, os alunos dão mais atenção ao texto, pois ao formatarem o arquivo acabam fazendo uma segunda leitura.

Na oficina de Montagem, foram feitas as capas artesanais com papelão, deixamos o tema livre para que cada aluno criasse a arte que desejasse. Para isso, eles tinham a disposição tinta guache, tesoura, papelão, lápis, pincel, giz de cera, canetinhas e lápis de cor. A junção da capa com o miolo impresso que foi diagramado na oficina anterior ocorreu por meio da costura com barbante. Os

estudantes fizeram quatro furos no papelão e no miolo e depois costuraram com a linha para poder unir as duas partes.

Depois de terem o livro pronto, os alunos aprenderam a como divulgá-lo em mídias convencionais e digitais. Durante a oficina de Divulgação foi realizado um pequeno lançamento em forma de Varal Literário no pátio da escola. O planejado era que o lançamento acontecesse durante o intervalo, mas como naquele dia a escola encerraria o turno mais cedo, eles mudaram de estratégia, procuraram um lugar de visibilidade pelo pátio, e definiram o corredor perto do refeitório como ponto-chave para atrair a atenção do público. Os livros ficam pendurados com prendedores de roupas em um varal de barbante amarrado a dois pilares da área da escola. Enquanto havia a exposição, os alunos apresentavam o projeto e tiravam as dúvidas dos estudantes, professores e funcionários da comunidade escolar.

6. RESULTADOS ALCANÇADOS

Podemos citar como resultados tangíveis a descentralização da palavra, pois os alunos contribuíam com os conteúdos expostos nas oficinas, proporcionando assim, um conhecimento de via de mão dupla. Através da participação dos alunos, podemos considerar o presente protagonismo dos estudantes, que se mostravam entusiasmados com as votações e discussões propostas.

No início das oficinas, perguntamos aos estudantes se eles sabiam o que fazia um produtor editorial e se sabiam da existência de um curso na universidade federal na cidade em que residia, a maioria dos alunos desconhecia. Então, como segundo resultado atingido, é possível elencar o reconhecimento do curso de Comunicação Social – Produção Editorial, da Universidade Federal de Santa Maria.

A primeira etapa do processo editorial em que os alunos mais se aprofundaram foi à seleção de originais, no caso, a criação de originais que conferiu a eles a experiência de autoria. Concomitante ao incentivo da leitura, conseguimos motiva-los a lerem e a relatem suas experiências literárias. Além disso, todas as oficinas tiveram a promoção do debate e a troca de ideias a partir das diferenças como instrumento pedagógico.

Ao fim do processo, concluímos que os alunos adquiriram conhecimento

sobre o processo editorial e suas etapas. E também notamos que o trabalho em grupo possibilitou a interação entre os estudantes, que inicialmente mostravam-se tímidos. Por meio desse processo de aprendizagem e pelos seus resultados, podemos mencionar a aproximação da academia e da sociedade. E ao fim, conseguimos por meio das oficinas concretizarmos nossas ideias para a criação do Manual do Professor.

Como resultados intangíveis, podemos mencionar que ambicionávamos atingir um número maior de alunos participantes das oficinas e não atingimos a quantidade de histórias que pretendíamos, pois o livro teria três contos, porém os integrantes de um dos grupos não compareceram aos demais encontros e a história não foi publicada.

7. INDICADORES DE AVALIAÇÃO UTILIZADOS

Os indicadores de avaliação estavam presente em todas os encontros com os alunos, pois ao final de cada oficina eram relatados pelos estudantes comentários sobre as atividades e durante a oficina também obtínhamos o feedback deles.

Durante a oficina final, aplicamos um questionário aos quatro alunos que estavam presentes. Através de suas respostas, concluímos que todos puderam compreender com clareza os conteúdos ministrados nas oficinas. Eles mencionaram a criação de originais e a elaboração da capa como suas atividades favoritas, enquanto a diagramação foi apontada como a atividade de maior dificuldade, embora tenham afirmado que conseguiram aprender um pouco mais sobre as ferramentas do **Microsoft Word**. Segundo os alunos, os oficineiros tinham bom domínio do conteúdo, e nossa média de nota final, considerando as oficinas como um todo, foi 9,5. Todos os estudantes se mostraram interessados na ideia de continuar produzindo livros.

Os professores que prestigiaram a atividade de lançamento do livro mostraram-se entusiasmados e elogiaram nosso trabalho, dialogando com os alunos sobre as histórias e sobre o processo de produção da obra. O diretor da escola também foi muito receptivo, afirmando que a escola pretende dar especial incentivo ao letramento e inclusão literária dos estudantes.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho colaborativo, foi possível constatar resultados construtivos, tais como a motivação e o protagonismo por parte dos alunos, o desejo de querer aprender os conteúdos e de aperfeiçoar a escrita. Eles gostaram da experiência de autoria infantil e mostraram-se proativos com as atividades propostas. Com entusiasmo, os estudantes conseguiram a atenção da comunidade escolar para divulgar os trabalhos realizados nas oficinas. Assim, é possível constatar que a divulgação sobre o papel do produtor editorial surtiu bons efeitos. E que o ecossistema comunicativo que desejávamos implantar na escola já está enraizado na mesma e nos novos propagadores da produção editorial através das práxis educomunicativas desenvolvidas pelo Programa EDUCOM UFSM, desde 2009.

Enfrentamos poucos problemas em relação ao projeto, o que mais se destacou foi a escola ter estrutura física (laboratório de informática), mas os alunos não dispunham de conhecimento sobre o Word, o que dificultou o ensino da diagramação. Mas vemos que esta dificuldade foi vencida, pois todos os alunos conseguiram desempenhar essa etapa do processo editorial e que servirá para formatação de futuros trabalhos escolares.

Percebemos que obtivemos mais resultados positivos, tais como o protagonismo social por parte dos alunos, o desejo de querer aprender os conteúdos e escrever obras.

Na última oficina, notamos o desejo dos alunos continuarem o projeto, quando uma aluna perguntou se continuaríamos as oficinas no ano seguinte. Ao explicarmos que não seríamos mais oficineiros, mas que a escola possui planos de investir na criação de uma editora escolar, a menina se propôs a participar do futuro projeto.

O incentivo pela leitura mostrou-se como um resultado atingido quando propomos a criação de uma lista de livros sugeridos e os alunos contribuíram com suas experiências de leitura.

Os alunos gostaram da experiência de autoria infantil e mostraram-se proativos quando se propuseram a fazer um exemplar para a biblioteca da escola. Com entusiasmo, os estudantes conseguiram a atenção dos membros da comunidade

escolar e divulgaram os trabalhos realizadas nas oficinas.

Assim, é possível notar que a socialização do papel do produtor editorial surtiu efeito. E que o ecossistema comunicativo que desejávamos implantar na escola já está enraizado nos novos propagadores da produção editorial através das práxis educomunicativas.

Concomitante a isso, conseguimos por meio das oficinas concretizarmos nossas ideias para a criação do Manual do Professor. E acreditamos que a experiência na Escola de Educação Básica Augusto Ruschi nos possibilitou compreender os verdadeiros valores da Educomunicação, pois foi possível por em prática a teoria que aprendemos na disciplina de Projeto Experimental de Produção Editorial em Educação.

Portanto, é possível defender com Rosa (2015), a educomunicação como um direito humano e alternativo a democratização da comunicação, no caso desse trabalho, a democratização dos processos editoriais.

9. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emmanuel. **A construção do livro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

BRITO, Tatiana Feitosa de. **O livro didático, o mercado editorial e os sistemas de ensino apostilados**. Brasilia: Centro de Estudos da Consultoria do Senado Federal, 2011. Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/textos-para-discussao/td-92-o-livro-didatico-o-mercado-editorial-e-os-sistemas-de-ensino-apostilados>

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica**. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/43579/47201>

INAMORATO, Andreia. **Recursos educacionais abertos no Brasil**: o estado da arte, desafios e perspectivas para o desenvolvimento e inovação. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MULLER, Leandro. **Como editar seu próprio livro**. São Paulo: Prestígio, 2009.

ROSA, Rosane. Direito Humano a Educomunicação: uma alternativa a democratização da comunicação. In. **Educação e Comunicação para os Direitos Humanos**. RADATZ, V. (Org.) Ijuí: Ed.Unijuí, 2015.

SANTANA, B. ROSSINI, C. PRETO, N. **Recursos Educacionais Abertos: Práticas Colaborativas**. Disponível em: <http://www.livrorea.net.br/livro/livroREA-1edicao--mai2012.pdf>

SILVA, Ana Lúcia Gomes da. **Leitura e escrita: processos de autoria e co-autoria**. In: Tabuleiro de Letras, ano 1, nº 2. Bahia: Uneb, 2008. Disponível em: <http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_02/pdf/artigo_vol02_02.pdf>.

SOARES, Ismar. **Educomunicação: um campo de mediações**. São Paulo: Comunicação e Educação, 2000. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934/39656>.

•● AS AUTORAS ●•

Maura da Costa e Silva é Formada em Comunicação Social - Produção Editorial pela Universidade Federal de Santa Maria. Possui interesse nas seguintes áreas de pesquisa: História do Livro e da Leitura, Produção Editorial e Convergência, Design Editorial. Atualmente, cursa Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: maura.c.silva@gmail.com.

Raquel Scremin é Graduada em Comunicação Social com habilitação em Produção Editorial na Universidade Federal de Santa Maria, tendo apresentado como trabalho de conclusão de curso (TCC) a monografia "Possibilidades para o Produtor Editorial na Educação: Estudo de caso da EDUMIX – Editora Aberta". Técnica em Comunicação pelo Instituto Estadual de Educação Visconde de Cairu. Atua nas áreas de Comunicação e Educação (Educomunicação) desde de 2011. Colabora em diversos Projetos e Programas de Extensão pela Universidade Federal de Santa Maria. Foi monitora do Programa Mais Educação, operacionalizado pela Secretaria de Educação Básica (SEB), por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação nas escolas E.E.E.B. Santos Dumont, E.M.E.F. Expedicionário Weber (Santa Rosa) e E.E.E.B. Augusto Ruschi (Santa Maria). Foi Estagiária na 8ª Coordenaria Regional de Educação em Santa Maria, através da Secretaria da Educação do estado do Rio Grande Sul. Atualmente cursao Mestrado Profissional Tecnologias Educacionais em Rede da UFSM, e atua como Produtora Editorial, Educomunicadora e Freelancer. E-mail: raquelscremin@gmail.com.

Rosane Rosa é Drª. Em Ciências da Informação e da Comunicação pelo PPGCOM da Universidade Feral do Rio Grande do SUL (UFRGS). Profª. do Dpto. de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-graduação em Comunicação e do Programa Interdisciplinar Tecnologias Educacionais em Rede da UFSM. E-mail: rosanerosar@gmail.com.

PARTE III

EDUCOMUNICAÇÃO E DIVERSIDADE NOS PROCESSOS EDUCATIVOS EM COMUNIDADES

A voz da e na periferia: as experiências do Blog Mural e do Nós, Mulheres da Periferia

Regiany Silva de Freitas
Vagner de Alencar Silva

1. INTRODUÇÃO

A ocupação de lugares de poder na sociedade tem relação intrínseca com a possibilidade da fala. Isso quer dizer que ter mais voz é também ter mais representação. Relação esta em que se relacionam os conceitos de maioria e minoria. Segundo Sodré (2009, p. 11): "Em Kant, maioridade é Mündigkeit, que implica literalmente a possibilidade de falar. Münd significa boca. Menoridade é Unmündigkeit, ou seja, a impossibilidade de falar. Menor é aquele que não tem acesso à fala plena, como o infans".

A definição de minoria para Sodré está ligada à voz qualitativa, ou seja, em um sistema democrático no qual a maioria decide quantitativamente, contraditoriamente, a minoria tem a possibilidade de se fazer ouvir, mas, na perspectiva qualitativa. Por isso, Sodré coloca a minoria como um lugar simbólico de transformação e negociação das relações hegemônicas.

As vozes que, ao longo da nossa história, foram silenciadas por interesses políticos, econômicos e/ou culturais, ocupam esse lugar da minoria, aqueles que vivem à margem das instâncias de poder e em embate contínuo por transformação social. No Brasil, consideramos minorias, os negros, os povos indígenas, as mulheres, os homossexuais etc.

Neste relato de experiência buscamos mostrar como o Blog Mural e o coletivo Nós, Mulheres da Periferia estão contribuindo para a representação da periferia e da questão de gênero. Na impossibilidade da fala, suas histórias são contadas por um outro, que, distante do contexto e realidade das periferias e das mulheres, constroem imagens estereotipadas que reforçam preconceitos e representações distorcidas. E ora, suas histórias não são sequer contadas.

2. BLOG MURAL

Com quase cinco anos de atuação, o Mural é um blog de notícias independente e colaborativo na cobertura jornalística de bairros da periferia da cidade de São Paulo e Região Metropolitana. O projeto surgiu em 2010 a partir de um projeto multimídia que formava e treinava "correspondentes comunitários": estudantes de jornalismo, jovens, blogueiros ou não, com alguma experiência em jornalismo,

residentes da periferia da cidade de São Paulo. O projeto foi idealizado pelo jornalista Bruno Garcez, após receber uma bolsa do Knight International Journalism Fellowships, programa oferecido pela organização ICFJ (International Center for Journalists). Em 24 de novembro de 2010, o Mural passa a ser hospedado no portal online da **Folha de S. Paulo**, fazendo parte de seu conteúdo exclusivo, sob coordenação da jornalista Izabela Moi[1].

Ao longo desse período, foram publicadas mais de 1.000 reportagens sobre os mais variados temas, da falta de investimento público a manifestações artísticas e culturais, da sobra de vagas em escolas técnicas a mobilizações de moradores para a criação de unidades básicas de saúde.

Atualmente participam do blog cerca de 40 "muralistas" – como são batizados os correspondentes – que precisam residir na região a qual vai cobrir. O "olhar de dentro" de cada muralista é o principal diferencial da iniciativa, que busca descobrir "os pontos cegos" na cobertura da Grande São Paulo. O que possibilita dar voz aos moradores e a estas regiões, que muitas vezes não ganham espaço na cobertura dos veículos tradicionais. Isso porque a imprensa paulistana ainda concentra sua atenção ao que acontece no **centro**, ou seja, nos bairros mais privilegiados da cidade, esquecendo-se, ou simplesmente ignorando, as **bordas**. Além disso, quando as regiões periféricas ganham espaço no noticiário, geralmente é retratada com estereótipos de classe, raça, gênero, e as pautas costumam reproduzir temáticas relacionadas apenas à pobreza e violência.

O Mural vem se constituindo como um espaço de referência na cobertura da periferia em São Paulo. Prova disso, é o reconhecimento recebido tanto no meio jornalístico e acadêmico quanto pelos movimentos e coletivos periféricos. A parceria com a Folha ainda se mantenha, embora o blog esteja caminhando para se tornar uma organização independente, com site próprio[2] e alguns projetos em andamento como a Expo Mural, o Meu Mural e o Mural nas Escolas.

Essas ações "off-line", que também podem ser consideradas educomunicativas, afinal, buscam ampliar o diálogo com os moradores dos bairros cobertos, impulsionando mais participação desses atores. O blog Mural já publicou mais de

1 Saiba mais sobre a história do projeto: http://mural.blogfolha.uol.com.br/projeto_mural/.

2 O site está em construção em: http://agenciamural.com.br/.

1.000 histórias, conta com mais de 7.800 seguidores no Facebook e mantem ainda outras redes sociais como Twitter e Instagram.

3. NÓS, MULHERES DA PERIFERIA

Dos encontros que se deram na rede de correspondentes comunitários do Blog Mural nasceu o coletivo Nós, Mulheres da Periferia[3]. O grupo é formado por nove mulheres jovens, com formação em jornalismo e design, moradoras de diferentes regiões periféricas da cidade.

Todas como muralistas já escreviam sobre seus bairros. Em março de 2012, algumas das atuais integrantes do coletivo foram convidadas pela então editora do blog, Izabela Moi, para escreverem juntas um artigo para a coluna "Tendências/ Debates" do jornal **Folha de S. Paulo**, em comemoração ao dia da mulher sobre o que é ser uma mulher moradora da periferia.

A proposta foi aprovada e em 7 de março de 2012 o artigo de nome "Nós, mulheres da periferia" foi publicado e alcançou grande repercussão, tanto entre os leitores assíduos do jornal, quanto entre os coletivos de periferia e as mulheres moradoras das margens da cidade, que quase nunca se viam representadas e puderam se enxergar nas histórias e retratos que construíram o artigo[4].

A partir daquele momento, iniciou-se, então, um processo de pesquisa e consolidação do coletivo, que, hoje, tem a proposta de, além de mostrar a insistente questão de desigualdade de gênero, problematizar acerca dos preconceitos e estereótipos limitadores que se cruzam com as questões de classe social e raça, muito presentes em razão da geografia das residências das mulheres moradoras das bordas da cidade.

O grupo nasceu oficialmente em março de 2014, com um evento realizado na Ação Educativa[5]. No início, o grupo teve uma atuação mais intensa nas redes sociais,

3 Acesse em: http://nosmulheresdaperiferia.com.br/.

4 A publicação pode ser acessada em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/29772-nos-mulheres-da--periferia.shtml.

5 A Ação Educativa, Assessoria, Pesquisa e Informação é uma ONG que desenvolve iniciativas nos campos educacional, cultural e da juventude. Na ocasião, foram reunidos cerca de 60 convidados, na sua maioria mulheres, com uma mesa de debate sobre moradia e um sarau temático. Na mesa estiveram presentes mulheres que foram entrevistadas para as primeiras reportagens do site, que tiveram como tema a questão de moradia.

principalmente no Facebook, que conta hoje com mais de 9 mil "fãs". Em maio de 2014, foi lançado o site, como um portal de notícias de, sobre e para mulheres da periferia. O canal conta com reportagens especiais de temas relevantes, como moradia, trabalho doméstico, raça, além de seções como agenda, serviços e um espaço para publicação de crônicas e poesias das leitoras e das integrantes do grupo chamado: nossas vozes.

A principal missão do conteúdo publicado é fomentar o papel de protagonismo das mulheres moradoras da periferia, produzir informação livre de estereótipos e dar voz e relevância para histórias que rotineiramente são negligenciadas e/ou deturpadas pela grande mídia. Hoje o site conta com mais de 20 mil visitantes únicos e cerca de 53 mil **pageviews**.

Para além da atuação online, o coletivo procura ocupar os espaços de discussão e reflexão sobre mulher, periferia e mídia, participando de mesas de debate sobre o assunto em universidades, eventos de comunicação, atividades culturais nos bairros, escolas da periferia etc.

Nesse ano de 2015 o coletivo foi contemplado pelo edital do VAI da secretaria de cultura de São Paulo, com um projeto chamado "Desconstruindo Estereótipos", que prevê a realização de 12 oficinas em associação de mulheres de bairros periféricas para discutir mídia e mulheres com as moradoras das regiões. E além de refletir, a proposta é fazer com que essas mulheres se apropriem das ferramentas midiáticas, como o texto e a fotografia para produzir suas próprias histórias. O resultado do projeto será uma exposição multimídia com os produtos criados e assinados por elas mesma.

> "Somos maioria. Somos minoria. Estamos à margem da cidade e da mídia. Somos pobres, pretas, brancas, periféricas. Migrante, nordestina, baianinha, quilombola, indígena. Somos Nós, Mulheres da Periferia!" (Trecho do Manifesto do coletivo).

4. CONSIDERAÇÕES

O trabalho realizado tanto pelo Blog Mural quanto pelo coletivo Nós, Mulheres da Periferia tem contribuído para o fortalecimento da representação da periferia e da questão de gênero, contribuindo ainda para ampliar a conscientização sobre

o papel de cada morador e moradora da periferia por meio de canais que buscam, sobretudo, promover a cidadania e quebrar os estigmas em torno dos territórios periféricos e da mulher.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOG MURAL, Folha de S. Paulo. **Projeto Mural**: Disponível em: http://mural.blogfolha.uol.com.br/.

MOI, Izabela. Periferia no centro. **Revista ESPM de Jornalismo** (edição brasileira da Columbia Journalism Review), 2014. Disponível em: http://www.espm.br/download/2012_revista_jornalismo/Revista_de_Jornalismo_ESPM_9/Revista/assets/basic-html/page134.html.

SODRÉ, Muniz. **Por um conceito de Minoria**. In: BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel (orgs). Comunicação e cultura de minorias. São Paulo. Paulus, 2009. cap. 1, p. 11-25.

•● O/A AUTOR/A ●•

Regiany Silva de Freitas é graduada em Design Digital pela Faculdade Impacta de Tecnologia, especialista em Mídia, Informação e Cultura na USP. É correspondente comunitária de Cidade Tiradentes no Blog Mural e integra o coletivo Nós, Mulheres da Periferia. E-mail: regianysilva.mural@gmail.com.

Vagner de Alencar é jornalista graduado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestrando pelo Programa de estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É autor do livro "Cidade do Paraíso – Há vida na maior favela de São Paulo" e correspondente de Paraisópolis no Blog Mural. E-mail: vagnerdealencar.mural@gmail.com.

Do cotidiano à redação: o processo educomunicativo na produção de pautas da Revista Se Liga

Eveline Teixeira Baptistella
Antonia Alves Pereira

1. INTRODUÇÃO/ A REVISTA SE LIGA

A Revista Se Liga é um projeto de extensão do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Mato Grosso – Campus Alto Araguaia. Ela surgiu em 2011, a partir de uma proposta de discentes do curso, que queriam colocar em prática o aprendizado teórico. Apoiado por professores, o projeto já passou por três reformulações editoriais.

Desde 2014, a publicação ampliou a prática educomunicacional ao abrir o processo de produção para alunos das redes pública e particular de ensino das cidades de Alto Araguaia (MT) e Santa Rita do Araguaia (MS), que antes participavam apenas de algumas discussões. Hoje, a Revista Se Liga conta com uma equipe coordenada por uma professora de Jornalismo e outros seis gestores – entre eles, professores, alunos ou egressos dos cursos de computação e jornalismo.

Estas pessoas atuam como mediadores do trabalho de produção da revista que é totalmente desenvolvido por cerca de 40 estudantes, com idades entre 12 e 16 anos. Para produzir a revista, os adolescentes passam por oficinas com diversos temas como redação, edição de imagens, fotografia e reportagem, entre outras.

Numa região onde os meios de comunicação locais são poucos – há apenas uma emissora de TV e duas rádios em Alto Araguaia – e os espaços para expressão do público jovens menores ainda, graças à proposta educomunicativa, a Revista Se Liga se constitui como um veículo em que os adolescentes podem discutir e comunicar sua realidade, anseios e ideias.

A reunião de pauta é um elemento crucial desse processo, pois é o momento em que eles começam a entender a educomunicação na prática e descobrem sua autonomia intelectual como autores da publicação.

A Revista Se Liga tem 32 páginas e já teve três edições publicadas, sendo que apenas duas foram impressas. A edição mais recente, de novembro de 2014, teve tiragem de 2.000 exemplares. Justamente para contemplar os interesses dos jovens, não há seções fixas. Essa edição tratou de temas como preconceito (marginalização de dois bairros da cidade), educação (falta de livros didáticos nas escolas), comportamento (**bullying**), esporte (prática da educação física na vida dos adolescentes e capoeira e tecnologia (games). Também trouxe espaço para

poesia, arte e paródia. Para o ano de 2015, a proposta é fazer uma edição **on line** e outra impressa.

2. A PAUTA NA REVISTA SE LIGA

A reunião de pauta da Revista Se Liga começa depois de uma reunião introdutória, na qual os participantes mais antigos do projeto recepcionam os novos integrantes e a publicação é apresentada. Depois, os adolescentes recebem a missão de pensar em assuntos que gostariam de ver nas páginas da revista e trazer as propostas no encontro seguinte.

Esta orientação já abre novos horizontes para os estudantes: eles são apresentados às possibilidades infinitas que a observação do cotidiano traz para o desenvolvimento de uma visão crítica e da expressão dos jovens. Neste momento, muitos alunos chegam a questionar os professores se podem abordar qualquer assunto que queiram.

Por isso, a turma é apresentada aos conceitos do jornalismo diário, que ajudam a esclarecer o papel da pauta e a importância do olhar deles para a abordagem dos temas a serem tratados na Revista Se Liga.

> O pauteiro é o "pensador" por excelência, aquele que na imensidão dos acontecimentos na sociedade capta o que pode ser transformado em reportagem. Este trabalho vai além da seleção dos assuntos do dia (BARBEIRO; LIMA, 2003, p. 65).

Traquina (2005) define uma série de critérios para que um fato se torne notícia. São eles: morte, notoriedade, proximidade, relevância, tempo, novidade, notabilidade, conflito e infração. Estes critérios podem aparecer simultaneamente ou de forma isolada em uma notícia.

No entanto, como se trata de uma publicação que, até agora, teve apenas edições anuais é preciso que os alunos encontrem temas não factuais, as chamadas "pautas frias", já que a publicação nem sempre acompanha o tempo da notícia. Por exemplo, uma pauta que trate de um buraco na rua deve ser transformada em notícia e publicada antes que o problema seja resolvido. Do contrário, perde seu valor jornalístico.

Nesse ponto, a sociologia do cotidiano funciona como uma inspiração à percepção social dos estudantes, pois contribui para encarar a própria rotina como um campo fértil de temáticas.

> O quotidiano – costuma-se dizer – é o que se passa todos os dias, no quotidiano nada se passa que fuja da ordem da rotina e da monotonia. Então o quotidiano seria o que no dia a dia se passa quando nada parece se passar. Mas só interrogando as modalidades através das quais se passa o quotidiano – modalidades que caracterizam ou representam a vida passante do quotidiano – nos damos conta de que é nos aspectos frívolos e anódinos da vida social, no "nada de novo" do quotidiano, que encontramos condições e possibilidades de resistência que alimentam sua própria rotura. (PAIS, 2002, p. 30)

Assim, os jovens participantes da Revista Se Liga valorizam a própria realidade e encontram novas formas de expressão. É muito comum que, ao se verem, pela primeira vez, com a oportunidade de lançar temas, os alunos se mostrem surpresos. Alguns afirmam que não estão acostumados a "serem ouvidos".

Ao contrário das reuniões de pauta usuais, onde cada um deve trazer sua proposta pronta e viabilizada, passando por um julgamento imediato que se traduz ou não em aprovação, na Revista Se Liga os jovens apresentam ideias que são debatidas livremente e elaboradas em grupo, num refinamento até a definição da abordagem e formato a serem dados ao tema proposto. Assim, não há pauta rejeitada ou simplesmente solicitada pelos editores.

Após a apresentação e discussão dos temas, os alunos são levados a debater sobre a adequação jornalística do material. O formato que será dado à pauta já é decidido em conjunto durante a reunião. Dependendo do tema, o trabalho será transformado em reportagem, reportagem fotográfica, notícia ou enquete, por exemplo.

> Poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de 'estórias', 'estórias' da vida, 'estórias' das estrelas, 'estórias' de triunfo e tragédia. Será apenas coincidência que os membros da comunidade jornalística se refiram às notícias, a sua principal preocupação, como 'estórias'? (TRAQUINA, 2005, p. 21).

Os jovens se enxergam, então, como observadores sociais e narradores com um papel bem definido em seu grupo de convívio: verbalizar o que se passa no

cotidiano de outros tantos adolescentes como eles, que não encontram espaço de expressão na sociedade. As histórias – ou estórias, como diz Traquina (2005) – passam a ser entendidas como ferramentas de transformação social, criando uma nova atitude de ser/estar no mundo.

3. PAUTA E EDUCOMUNICAÇÃO: DIÁLOGOS INTERDISCURSIVOS

É nesse processo colaborativo de construção de pautas que se dá o diálogo intencional com o paradigma da Educomunicação entendido como o conjunto das ações que levam a um planejamento processual capaz de criar e fortalecer ecossistemas comunicativos que melhoram as relações interpessoais (SOARES, 2001, p. 43).

Ao se apropriarem das técnicas jornalísticas, de maneira especial, da concepção de pauta, os adolescentes utilizam os recursos tecnológicos como instrumentos que auxiliam no processo de aprendizagem. Situação que se dá coletivamente, já que se organizam em equipes para a apuração jornalística propriamente dita. Esse processo se dá ao longo das reuniões semanais, o que promove amadurecimento dos assuntos que estão sendo discutidos, pois os mesmos ficam um tempo em depuração enquanto os adolescentes participam de oficinas sobre as temáticas a serem abordadas e sobre as técnicas jornalísticas, tais como: entrevista, reportagem, produção de notícias, dentre outras.

Assim, sentem-se protagonistas de sua própria história, da história que estão apurando a partir das pautas. Seu olhar atento para o assunto a ser investigado, coloca-os num patamar de destaque, uma vez que assumem o compromisso de serem "como antenas" e porta-vozes de seu cotidiano. É essa compreensão de sua participação no processo educomunicativo que leva a Revista Se Liga a ser paradigmática na região de Alto Araguaia, abrindo espaço para que adolescentes se tornem protagonistas e produtores culturais.

Conforme o processo educomunicativo vai se desenrolando, a voz desses adolescentes torna-se mais presente em sua própria escola através da construção do jornal mural que articula o saber aprendido na revista com o olhar de repórter atento ao que acontece na unidade escolar.

Enquanto paradigma de atuação, a Educomunicação proporciona a criação de um ambiente acolhedor que se pauta no diálogo e na aceitação das vozes de todos os atores sociais envolvidos na ação. É dessa forma que as relações interpessoais vão sendo valorizadas e criando o ecossistema comunicativo aberto, dialógico e interdiscursivo (SOARES, 1999). Isso porque a proposta se desenvolve através das áreas de intervenção capazes de levá-los à apropriação do que é apresentado numa postura de proatividade.

Assim, as áreas educomunicativas desenvolvidas durante o processo editorial da Revista Se Liga levam esses atores sociais a cultivarem sua própria criatividade. Isso pode ser observado na área de "expressão comunicativa através das artes" – vivenciada a partir de oficinas como a de jogos virtuais, a grande paixão da maioria – e da criação de pequenos jogos e enigmas que vão sendo compartilhados entre eles em redes sociais (**Whatsapp** e **Facebook**).

As áreas de "mediação tecnológica e de gestão da comunicação" tem dado o toque às ações do projeto de extensão, pois os mediadores abrem espaço para que os adolescentes aliem o conhecimento que já trazem aos novos que são adquiridos nas oficinas propostas. Dessa forma, eles vão percebendo que são produtores de cultura e que seu olhar para um determinado assunto é tão importante quanto o olhar de um repórter de um determinado veículo de comunicação convencional.

Assim, seu compromisso com a pauta assumida é levado a sério e a cada informação apurada, esses repórteres mirins são orientados por jornalistas – docentes e estudantes do Curso de Jornalismo – para que a responsabilidade social e ética dê o tom do processo editorial da revista.

4. CONSIDERAÇÕES PROCESSUAIS

Dito isto, registra-se que o processo de produção de pautas na Revista Se Liga se dá atendendo ao paradigma da Educomunicação ao abrir espaço para que os atores sociais envolvidos na proposta tenham "vez e voz". Ao sentir que seu olhar é aceito como parte integrante do processo editorial, eles passam a se expressar com mais segurança, a dialogar e a decidir sobre ações e atividades do grupo a partir de argumentos mais sólidos.

Assim, o grupo vai dando respaldo às atitudes individuais, bem como às posturas coletivas em vista das decisões coletivas, tomadas ou redimensionadas ao longo processo. Um cuidado que os gestores têm é para que a participação de todos seja igualitária e que não haja ciúmes quando um determinado adolescente demonstra muita proatividade. Assim, valoriza-se a criatividade trazida pelo adolescente a partir de seus talentos, mas sempre demonstrando que aqueles que quiserem criar algo também podem fazê-lo, e que a partir da ideia, do vídeo, dentre outros, socializados, é o grupo que está ganhando como um todo.

5. REFERÊNCIAS

BARBERO, H.; LIMA, P. R. **Manual de Radiojornalismo**: produção, ética e internet. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.

PAIS, J. M. **Sociologia da vida cotidiana**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

SOARES, I. O. **Caminhos da Educomunicação**. São Paulo: Salesianas, 2001.

SOARES, I. O. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Educação e Arte**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 19-74, jan. 1999.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.

•● AS AUTORAS ●•

Eveline Teixeira Baptistella é Professora e pesquisadora na Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), Doutoranda em Estudos de Cultura Contemporânea, Mestre Estudos de Cultura Contemporânea (UFMT), especialista em Didática do Ensino Superior (UNIC) e graduada em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo (UFJF). E-mail: evelineteixeira@unemat.br.

Antonia Alves Pereira é Professora e pesquisadora na Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), Diretora de Comunicação da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom), pesquisadora do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE-USP). Mestre em Ciências da Comunicação (ECA-USP), especialista em Educação a Distância (Senac-RJ), graduada em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo (UFMT). E-mail: antoniaalves@unemat.br.

Um clique, dois cliques, três cliques: o uso de telefones celulares como proposta educomunicativa com jovens de comunidade popular

Romulo Tondo

1. INTRODUÇÃO

A construção do conhecimento no século XXI está para além da educação formal. O conhecimento é (re)construído e circula para além dos muros da escola, em nosso caso, e em muitos outros, ele ganha a comunidade, a interação entre os sujeitos e também como essas pessoas consomem e trabalham as questões relacionadas às mídias, seja o jornal, a televisão, a internet e como vem apropriando dos dispositivos móveis, em especial os telefones celulares, em suas ações cotidianas. Como proposta de ensino e aprendizado oportunizado pela e através da mídia, decidi trabalhar com o uso do telefone celular[1] e a captação de imagens por educandos de uma escola rede pública da zona oeste de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul. Essas atividades, em formato de oficina, ocorreram na escola Anita Garibaldi, uma escola de ensino fundamental e médio pertencente à 8ª Coordenadoria da Educação (8ª CRE). A escola encontra-se no limite geográfico de dois bairros populares da cidade e os educandos da escola Anita Garibaldi são provenientes desses dois bairros. A oficina foi planejada e desenvolvida em três módulos no turno da tarde, nos períodos das aulas de Língua Portuguesa/ Literatura Brasileira e História, onde os educandos seriam sensibilizados a trabalhar com a educação para as mídias, e posteriormente, capacitados a trabalhar com técnicas de captação de imagens em seus telefones celulares. Para ter uma melhor compreensão do impacto da mídia na vida desses educandos, antes das oficinas, foi aplicado um questionário sobre o nível de consumo midiático pelos jovens dos dois primeiros anos do ensino médio da escola, que atualmente encontra-se em fase de implementação dos níveis de ensino médio: primeiro ano, segundo ano e terceiro ano. Ao promover a inclusão das séries de ensino médio na escola, as turmas apresentam em média 23[2] educandos cada uma delas. Dessa forma, foi possível formar uma única turma com todos os estudantes do ensino médio da escola para o desenvolvimento da atividade pedagógica com uso de telefones celulares. A oficina teve como proposta norteadora a educomunicação, ou seja,

1 Essa oficina faz parte da proposta metodológica da investigação em andamento, em nível de mestrado em Comunicação, com os jovens moradores do bairro Jardim Aurora e o consumo de telefones celulares por esses na construção e manutenção de suas redes de afinidade, principalmente no que tange as afetividades dos jovens com o telefone celular e a partir do mesmo.

2 Durante o ano de 2014, referente a aproximação com os jovens do Jardim Aurora, tive a oportunidade de conviver com 43 educandos e 5 educadores da escola Anita Garibaldi.

nas atividades propostas, os jovens foram instigados a propagar a visão que possuem da comunidade através da captura de imagens que lhes resgatam algum sentimento proveniente do pertencimento desta comunidade. Nessa perspectiva, o telefone celular é compreendido como um Dispositivo Híbrido Móvel de Conexão Multirredes (LEMOS, 2007), caracterizando-se como um "dispositivo" porque é um artefato, uma tecnologia de comunicação; "híbrido" por agrupar as funções de um telefone, um computador, câmera de foto e de vídeo, processador de texto e GPS; "móvel" porque podemos carregá-lo para todos os lados e funciona por redes sem fio digitais, ou seja, de "Conexão"; e por fim "Multirredes", podendo empregar diversas redes, tais como **bluetooth**, infravermelho, internet e redes de satélites. Ao mesmo tempo em que torna-se uma tecnologia afetiva (Lasen, 2004) capaz de despertar e apresentar os afetos cotidianos experimentados por estes jovens.

2. O PRIMEIRO CLIQUE: A EDUCOMUNICAÇÃO COMO ENQUADRAMENTO

Para o desenvolvimento das oficinas, os educandos envolvidos na atividade foram sensibilizados a trabalhar com a Educomunicação, que consiste em uma proposta pedagógica que utiliza os meios de comunicação para o desenvolvimento da educação. Segundo Donizete Soares (2006), o neologismo educomunicação é mais que a simples junção da educação com a comunicação. O pesquisador aponta para a existência de uma relação entre as duas áreas, favorecendo esta interface e na construção e elaboração de uma ação. Desta forma, a educomunicação reconhece todo o empoderamento do sujeito gerada através da educação para os meios, favorecendo o diálogo entre atores envolvidos sempre de forma horizontal e plural, onde todos podem colaborar a partir de suas próprias experiências de vida. Nas experiências de Soares (2006) a educomunicação:

> Trata-se, então, de um espaço no qual transversa saberes historicamente constituídos. Como um tabuleiro no qual se lançam pedras para, com elas, construir grandes lances – assim se apresenta esse novo campo. Não importa a origem das peças, assim como não se privilegia quem possa colocá-las ali. Seja qual for o tipo ou a forma de conhecimento, o campo não somente tem condições de recebê-lo, mas, sobretudo, de promover o diálogo com ele e dele com os outros. Isto é: se há – ou tem de haver – algo que particulariza, caracteriza ou é específico desse campo chamado de Educomunicação é a sua capacidade de entrecruzar saberes, promovendo

> a interlocução ou a conversa entre os que constroem e/ou se utilizam desses saberes. (SOARES, 2006, p. 3)

Levando em consideração tais aspectos da educomunicação, foi articulado um conjunto de ações que culminaram no aprendizado multidisciplinar dos participantes da oficina que articulou as seguintes áreas de conhecimento: educação, comunicação, cultura, família, sociedade, direitos, mobilização e participação comunitária. A principal ideia desta oficina foi utilizar as técnicas e as linguagens comunicacionais, principalmente o uso do telefone celular para captura de imagens estáticas, para inseri-los em um ambiente de produção de informação que pudesse ser compartilhado com suas redes, seja no ambiente comunitário ou até mesmo com suas redes sociais digitais, para que seus olhares pudessem estar (des)conectados as suas redes.

Ao longo das atividades desenvolvidas na oficina, os jovens foram instigados a trabalhar com a comunicação comunitária, mostrando as pluralidades e o diferencial daquele espaço comunitário, dessemelhante, muitas vezes, da visão apresentada pela mídia santa-mariense. Sendo assim, os participantes da oficina refletiram sobre a mídia, a vida na escola e no ambiente comunitário, além de produzir imagens que estivessem interligadas à comunidade, captadas através de fragmentos da realidade comunitária, levando em consideração as vivências em sociedade, favorecendo desta forma a troca de saberes entre os oficineiros e os adolescentes, culminando em uma ação educomunicativa que visou a compreender o olhar e sentimento destes sujeitos pela comunidade em que vivem.

3. O SEGUNDO CLIQUE: A CÂMERA FOTOGRÁFICA E A CONEXÃO COM O OLHAR

A lente da câmera fotográfica do celular, capaz de capturar a imagem estática e em movimento, é tida aqui como uma extensão do olhar. Apropriamo-nos das ideias dos pesquisadores Marshall McLuhan (2007) e Amparo Lasén (2004) para compreender este **gadget** eletrônico, principalmente da lente, como sendo capaz de auxiliar na percepção que os jovens possuem da comunidade em que convivem com sujeitos que muitas vezes não são provenientes de suas relações sociais. É na perspectiva proposta por McLuhan (2007) que:

> É a continua adoção de nossa própria tecnologia no uso diário que nos coloca no papel de Narciso da consciência e do adormecimento subliminar em relação às imagens de nós mesmos. Incorporado continuamente tecnologias, relacionando-nos a elas servomecanismos. Eis por que, para utilizar esses objetos-extensões-de-nós-mesmos, devemos servi-los, como a ídolos ou religiões menores (MCLUHAN, 2007, p. 64).

Da mesma forma, a socióloga Amparo Lasén (2004) acredita que os usuários dos telefones celulares desfrutam de uma relação com seus aparelhos, isto porque possuem uma relação intrínseca da comunicação humana, e ao mesmo tempo pelo fato que os celulares estão próximos dos usuários, tornando-se uma "extensão do corpo humano, ao mesmo tempo em que se estendem e aumentar as suas capacidades" (LASEN, 2004, p. 1), favorecendo, desta forma, uma afetividade que os sujeitos nutrem com os dispositivos. Segundo a autora, os telefones celulares não são somente uma extensão de seus proprietários, mas também "um elemento importante para a construção e manutenção de grupos e comunidades" (LASEN, 2004, p. 1). Esta noção proposta por Amparo Lasén vem a contribuir de Castells, Fernández-Ardèvol, Qiu e Sey (2007) que apontam que a câmera fotográfica presente nos celulares tornou-se alvo de constantes críticas sobre a proposição e utilização destes recursos por sujeitos em diferentes partes do mundo. Os autores trazem três exemplos de ações que ocorreram no Japão com a popularização deste gadget, mas que pode ser observado em qualquer país inserido no mercado de bens de consumo. O primeiro deles é a utilização da câmera para tirar foto das peças íntimas das mulheres que utilizam saias ou até mesmo em casas de banhos públicas sem autorização destes sujeitos. O segundo foi o que chamado "digital shop-lifting" (CASTELLS ET AL, 2007, p. 118), em outras palavras, a utilização da câmera fotográfica para captar imagens de produtos que possuem direitos autorais. Segundo os autores, a maioria das vezes, foi utilizada para fotografar o conteúdo das revistas afetando, desta forma, na vendagem das mesmas. A terceira e última é a utilização da câmera do celular como prática ofensiva: "usá-la como uma ferramenta de coerção, muitas vezes acompanhada de atos de violência" (CASTELLS ET ALL, 2007, 118).

Esta última prática envolvendo a câmera do celular também pode ser vista por inúmeras vezes em espaços escolares brasileiros, preocupando não somente os diretores, professores, mas também os familiares de muitos jovens com relação

a prática da violência dentro do espaço escolar ou em suas imediações. A prática desta violência, o bullying, era filmada, e posteriormente, enviada em poucos minutos para a rede do agressor através dos recursos tecnológicos disponíveis no aparelho.

4. O TERCEIRO CLIQUE: O SENTIMENTO PELA E COM A TECNOLOGIA

Trabalhar com emoção ou qualquer forma de sentimento com jovens não é uma tarefa fácil, em determinados momentos é gratificante ver o adolescente encontrar nos exemplos trabalhados algo que lhe identifica, no entanto, também é nossa tarefa, como pesquisadores, compreender o "estar" adolescente na sociedade contemporânea que é algo extremamente ocioso, tendo em vista que a "adolescência e juventude se estendem a todos aqueles que vivenciam a experiência de estar em algum lugar entre a infância e a vida adulta" (ROCHA e PEREIRA, 2007, p. 21). Muitos adolescentes são vistos como imaturos para assumir responsabilidades e, por isso, não são compreendidos por seus pais. Em nossas ações, buscamos compreender este jovem em toda sua potencialidade, vigor e angústias, principalmente ao que diz respeito aos suas relações com a comunidade e a mídia tradicional. As discussões foram, por muitas vezes, acaloradas e possível compreender no discurso de muitos adolescentes sobre a negligência com que a mídia vem tratando recentes acontecimentos na comunidade, mostrando somente o lado negativo de ser morador deste bairro. Tendo em vista os usos do celular por grande parcela destes jovens, houve a capacitação sobre fotografia e lhes foi incumbida à missão de mostrar a visão que eles possuem da comunidade para outras pessoas, principalmente aqueles que não vivem na comunidade.

Nesta perspectiva do celular como mediador das emoções, apropriamo-nos da visão da socióloga Amparo Lasén que percebe os telefones celulares como "objetos que mediam a expressão, apresentação, experiência e comunicação de sentimentos e emoções" (LASEN, 2004, p. 1) por parte daqueles que utilizam tal tecnologia. Mas, o uso do celular como tecnologia afetiva está para além da interação na rede mundial de computadores, ela encontra-se no conteúdo com que o usuário deposita dentro do dispositivo, elencando uma série de ações que fazem com que o aparelho seja visto como uma extensão do seu cotidiano, contendo fotografias, anotações, músicas, informações de contatos e outras formas

de resgate e personificação do celular como algo pessoal. Para a pesquisadora, "o uso do telefone celular também facilita a redefinição dos códigos de interação humana", exemplo disto é a crescente utilização dos celulares dentro de espaços coletivos como ônibus, praças e parques, tanto por jovens como adultos. Anteriormente, algo que era visto como grosseiro, hoje é tido como algo inerente da comunicação via celular. Outro fato que caracteriza o uso do celular para fins de afetividade é utilização dos recursos fotográficos. Nas palavras de Lasén, os celulares contribuem para:

> manter um registro e compartilhar um momento de celebração comum, tais como festas, noites fora, e aniversários. Outro exemplo de imagens tiradas com câmeras do celular, que contribuem para sustentar os relacionamentos são fotos de lugares e objetos com um interesse particular para os usuários ou para alguém que eles conhecem, como um bom restaurante italiano no caminho do trabalho para mostrar ao marido; ou um par de sapatos em uma vitrine para mostrar a um amigo (LASÉN, 2004, p. 3).

Ser jovem nesta comunidade não é diferente tendo em vista que a prática fotográfica pode ser observada também em momentos anteriores a realização das atividades da oficina.

5. OLHARES (DES)CONECTADOS: A FOTOGRAFIA E A CONSTRUÇÃO DE OLHARES COMUNITÁRIOS

A experiência da (des)construção midiática possibilitou que os educandos tivessem a possibilidade de pensar e sistematizar um olhar da comunidade do Jardim Aurora, atualmente, alvo de inúmeras retratações de violência e descaso com os próprios moradores da localidade. Para esses jovens, a mídia acaba deturpando a imagem dos moradores e da própria histórico de habitação e construção dos sonhos das pessoas que lá vivem. Como recorte, mostramos algumas das imagens captadas por estes jovens tendo como enquadramento: a paisagem urbana em constante construção, tendo em vista que o Jardim Aurora é uma apropriação das terras do Estado e ainda existem famílias buscando um espaço para a construção de suas casas.

Fotografias 1, 2 e 3: As imagens acima apresentam os moradores do bairro Jardim Aurora em alguns momentos cotidianos. O trabalhar realizando a pintura de uma madeireira, a jovem caminhando em direção a parada de ônibus e o idoso regressando a sua casa após realizar compras no mercado da comunidade.

Fotografias 4 e 5: A busca pelo melhor enquadramento e por um olhar diferenciado está na proposta elaborada pelo jovem fotógrafo ao realizar a sua proposta de imagem deitado na rua ou agachado.

Fotografias 6 ,7 e 8: As imagens apresentam o olhar dos jovens da escola, espaço onde convivem com seus educadores e colegas. Na maioria das vezes, a escola também é o ponto de encontro desses jovens para a construção e manutenção de suas redes de afinidade.

Fotografias 9, 10 e 11: Apresentam o olhar dos jovens sobre o descaso com a própria comunidade. Em partes do governo da creche da comunidade e dos próprios moradores ao deixarem resíduos em locais desapropriados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educomunicação como proposta de aproximação com os jovens do Jardim Aurora serviu como um ponto de partida para reflexões que envolvam a troca de saberes de forma horizontal. Nesta oficina de fotografia, não foi diferente, investigador e educandos foram responsáveis por trocarem experiências sobre conhecimentos distintos, porém complementares para a execução das ações. A (des)construção da mídia e a captação das imagens com o olhar desse jovem sobre as práticas cotidianas na comunidade foram imprescindíveis para a construção

da etnografia do consumo de smartphones, através dos usos e apropriações, em desenvolvimento pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, sob orientação da professora doutora Sandra Rubia da Silva. Dessa forma, a oficina serviu não somente como uma aproximação com a comunidade, mas também na manutenção e aperfeiçoamento daquilo que como investigador acho importante, o retorno do conhecimento para a comunidade. Capacitar e formar cidadãos críticos também são tarefas dos Comunicadores Sociais, apesar de muitos estarem ligados a organizações privadas e comerciais, existem aqueles, assim como eu, que buscam na Ciência e na divulgação da mesma uma forma de melhorar as ações cotidianas. Sendo assim, a oficina serviu como elemento de tensionador para desconstruir o que a mídia santa-mariense vem apresentando em suas construções sobre a comunidade e ao mesmo tempo mostrar que os jovens das comunidades que compõem a escola Anita Garibaldi estão engajados na construção do seu olhar do bairro e das ações comunitárias. A partir desta oficina, outras mais foram apresentadas aos jovens, e a participação dos professores em programas como o "Mais Educação" e o "Escola Aberta", programas governamentais que apoiam a construção coletiva por seus estudantes.

Para os educandos da Anita Garibaldi e aos professores os co-criadores desta iniciativa, fica aqui meu agradecimento e um até logo.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel; FERNÁNDEZ-ARDÈVOL, Mireia; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Mobile Communication and Society**: a global perspective. Cambridge: MIT Press, 2007.

LASEN, Amparo. **Affective Technologies**: emotions and mobile phones. Surrey: The Digital World Research Centre, 2004. Disponível em: <http://goo.gl/xJyzbO> 22. jun. 2014

LEMOS, André. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, vol. 4, nº 10, 2007.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MILLER, Daniel. **Consumo como cultura material**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul/dez. 2007.

ROCHA, Everardo; PEREIRA, Claúdia. **Juventude e Consumo**: um estudo sobre comunicação na cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

SOARES, Donizete. **Educomunicação – O que é isto?** Disponível para acesso em: <http://goo.gl/x3o5IK> Acesso em: 29. Mai.2014.

•● O AUTOR ●•

Romulo Tondo é Jornalista (UFSM) e Especialista em Políticas e Intervenção em Violência Intrafamiliar (Unipampa). Discente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM (Poscom), integrante do grupo de Pesquisa Consumo e Culturas Digitais, coordenado pela professora Sandra Rubia da Silva. Bolsista Capes. E-mail: romulotondo@gmail.com.